

VI. ANEXOS

Índice dos Anexos	Pág.
Índice de Tabelas e Quadros	3
Anexo A – Desenvolvimento de temas abordados em II.1.1	5
Anexo A1 – Breve resenha histórica de algumas drogas	5
Anexo A2 – Tipologias de substâncias psicoactivas	6
Anexo A3 – Diferenciação entre uso, abuso e dependência	8
Anexo A4 – Dados epidemiológicos relativos à toxicodependência	11
Anexo B – Desenvolvimento de temas abordados em II.1.2	13
Anexo B1 – Modelos e teorias de mudança relacionados com a área do tratamento da toxicodependência	13
Anexo B2 – Dimensões da recuperação	17
Anexo B3 – Diversos contextos para a recuperação	18
Anexo C – Acerca do Desafio Jovem	26
Anexo C1 – Apresentação do Desafio Jovem	26
Anexo C2 – Um dia típico em Castanheira do Ribatejo	28
Anexo C3 – Versículos bíblicos que fundamentam a acção do Desafio Jovem	30
Anexo C4 – As fases do programa do Desafio Jovem	38
Anexo D – Desenvolvimento de temas abordados em II.3	42
Anexo D1 – Técnicas desenvolvidas para fomentar a conclusão dos tratamentos	42
Anexo D2 – Aspectos relevantes para a discussão da espiritualidade/ religiosidade	48
Anexo D3 – Guião de um inquérito não aplicado neste estudo	53
Anexo E – Guião utilizado nas entrevistas realizadas	54
Anexo F – Transcrição das entrevistas	58
Entrevista 1 – Actual utente, seis meses de programa	58
Entrevista 2 – Actual utente, sete meses de programa	69
Entrevista 3 – Actual utente, onze meses de programa	81
Entrevista 4 – Ex-utente, graduado há dezassete anos	95

Entrevista 5 – Ex-utente, graduado há sete anos	113
Entrevista 6 – Ex-utente, graduado há dezasseis anos	123
Entrevista 7 – Director dos Cafês Convívio	134
Entrevista 8 – Psicóloga Clínica do Desafio Jovem	145
Entrevista 9 – Conselheiro na Castanheira do Ribatejo	151
Glossário	161
Anexo G – Análise de conteúdo das entrevistas	166
Anexo G1 – Amostra de Actuais Utentes	166
Anexo G2 – Amostra de Utentes Graduados	180
Anexo G3 – Amostra de Técnicos	195
Anexo H - Referências bibliográficas	207

Índice de Tabelas e Quadros	Pág.
Tabela 1 – Critérios de diagnóstico para Abuso de Substâncias	9
Tabela 2 – Critérios de diagnóstico para Dependência de Substâncias	10
Quadro 1 – Prevalência do consumo de drogas em três populações portuguesas: população geral, escolar e reclusa	12
Tabela 3 – Os 12 passos dos Alcoólicos Anónimos	20
Tabela 4 – Guião da entrevista realizada à amostra de actuais utentes do Desafio Jovem	54
Tabela 5 – Guião da entrevista realizada à amostra de utentes graduados do Desafio Jovem	55
Tabela 6 – Guião da entrevista realizada à amostra de técnicos do Desafio Jovem	56
Tabela 7 – Apresentação geral (actuais utentes)	166
Tabela 8 – Passado de consumos (actuais utentes)	167
Tabela 9 – Consequências positivas e negativas dos consumos (actuais utentes)	167
Tabela 10 – Experiências prévias de tratamento (actuais utentes)	168
Tabela 11 – Razões para adesão ao programa (actuais utentes)	169
Tabela 12 – Factores relacionados com a permanência no programa (actuais utentes)	170
Tabela 13 – Objectivos (actuais utentes)	171
Tabela 14 – Previsão de necessidades futuras (actuais utentes)	172
Tabela 15 – A espiritualidade do programa ajudou-o? (actuais utentes)	174
Tabela 16 – Qualidades pessoais empregues no tratamento (actuais utentes)	174
Tabela 17 – Fontes de energia, coragem e força (actuais utentes)	175
Tabela 18 – Satisfação na forma como tem lutado (actuais utentes)	175
Tabela 19 – Desejos para a instituição (actuais utentes)	177
Tabela 20 – Fontes de esperança para o futuro (actuais utentes)	178
Tabela 21 – Apresentação geral (utentes graduados)	180
Tabela 22 – Passado de consumos (utentes graduados)	180

Tabela 23 – Consequências positivas e negativas dos consumos (utentes graduados)	181
Tabela 24 – Experiências prévias de tratamento (utentes graduados)	182
Tabela 25 – Razões para adesão ao programa (utentes graduados)	183
Tabela 26 – Factores relacionados com a permanência no programa (utentes graduados)	185
Tabela 27 – Objectivos durante o programa (utentes graduados)	188
Tabela 28 – A espiritualidade do programa ajudou-o? (utentes graduados)	188
Tabela 29 – Qualidades pessoais empregues no tratamento (utentes graduados)	190
Tabela 30 – Fontes de energia, coragem e força (utentes graduados)	190
Tabela 31 – Razões para ter concluído o programa (utentes graduados)	191
Tabela 32 – Satisfação na forma como lutou contra as drogas (utentes graduados)	191
Tabela 33 – Desejos para a instituição (utentes graduados)	192
Tabela 34 – Valorização do presente (utentes graduados)	193
Tabela 35 – Fontes de esperança para o futuro (utentes graduados)	194
Tabela 36 – Apresentação geral (técnicos)	195
Tabela 37 – Porque trabalha com o Desafio Jovem (técnicos)	195
Tabela 38 – Desejos para a instituição (técnicos)	196
Tabela 39 – Factores que influenciam a conclusão do programa (técnicos)	197
Tabela 40 – Sinais de sucesso potencial (técnicos)	199
Tabela 41 – Satisfação com a ajuda que presta (técnicos)	199
Tabela 42 – Como tenta fomentar a conclusão do programa (técnicos)	200
Tabela 43 – Características pessoais e fontes de força para ajudar (técnicos)	203
Tabela 44 – Papel desempenhado pela espiritualidade (técnicos)	204
Tabela 45 – Factores centrais para a conclusão do programa (técnicos)	205
Tabela 46 – A melhorar no futuro (técnicos)	205

Anexo A - Desenvolvimento de temas abordados em II.1.1

Anexo A1 – Breve resenha histórica de algumas drogas

A exposição seguinte da história da heroína e das substâncias a partir das quais esta se deriva (o ópio e a morfina) cumpre propósitos ilustrativos para ideias que são comuns à utilização de drogas no seu sentido mais geral. Apresenta-se a heroína dada a sua relevância actual a nível da toxicodependência no nosso país (Instituto da Droga e da Toxicodependência [IDT], 2007a). A extensão da utilização da *cannabis* e dos seus derivados poderia constituir um motivo para se argumentar a favor da sua inclusão nesta apresentação, no entanto a prevalência do consumo da *cannabis* como droga primária pelos indivíduos que buscam tratamento no nosso país é relativamente baixa, pelo que, no sentido deste trabalho, esta droga toma um carácter de menor importância (Feijão, 2004; IDT, 2007a). De forma semelhante, também para a cocaína, cujo consumo actual é extremamente preocupante em países como os EUA (Cornish & O'Brien, 1996) e cujas tendências de consumo na Europa e em Portugal se encontram numa fase crescente (Feijão, 2004), se poderia justificar uma exposição histórica deste género. Assim, e tendo em conta que, relativamente aos consumos problemáticos recentes em Portugal, a cocaína surge muitas vezes associada à heroína (IDT, 2007a), serão também introduzidos alguns comentários relativos à história da cocaína.

A heroína sintetiza-se a partir da morfina, que por sua vez se deriva do ópio. A extracção do ópio realiza-se por segregação directamente de uma planta designada *Papaver somniferum*, ou papoila do sono, que aparentemente teve origem na região do actual Médio Oriente. Após esta substância ter sido difundida pela Europa, Hipócrates menciona a sua prescrição no século V a.C.. Cerca de dois mil anos mais tarde, em 1563, também Garcia da Orta se referiu à utilidade medicinal do ópio, numa altura em que o interesse Europeu pelas suas propriedades começou a ressurgir. Entretanto, na China, onde foi introduzido por volta do século VIII, o ópio foi utilizado como tratamento para a disenteria e até como substituto de alimentos em períodos de fome. Fumar ópio era, nesse país, um hábito bastante difuso e aceite no século XVII. O seu baixo preço e abundância levariam aos problemas sociais que originaram as tentativas chinesas de o banir, iniciadas no século XVIII. O esforço chinês de controlar esta droga conduziria eventualmente às Guerras do Ópio (1839 e 1856), pois a Coroa Britânica enviou a sua armada para a costa do país asiático, em reacção à ordem chinesa de que os países estrangeiros entregassem o seu ópio (Cury, 2000; Ferreira-Borges & Filho, 2004b).

No início do século XIX, Friedrich Serturner extraiu quimicamente a morfina a partir do ópio e as suas propriedades analgésicas levariam à sua administração em doses elevadas aos soldados envolvidos na guerra civil americana (1861-65) e na contenda franco-prussiana (1870-71), facto que resultou eventualmente na primeira vaga de criminalidade associada à obtenção de droga. A morfina, que foi descoberta na Alemanha, chegou a ser “apelidada como o ‘medicamento de Deus’ por ser um dos estupefacientes mais activos que existe e um produto de aplicação médica de grande utilidade pela sua segurança efeitos [sic] e eficácia” (Ferreira-Borges & Filho, 2004b, p. 10). Nesta época, e de forma paralela, é em 1859 que Albert Niemann isola o princípio activo da planta da coca, ou *Erythroxylon coca*. Surge a cocaína, que durante as décadas seguintes foi comercializada com vários propósitos medicinais, desde a anestesia local ao tratamento para perturbações digestivas, e que representou um ingrediente principal de diversos produtos como o Vinho de Coca Mariani e a conhecida Coca-Cola. Nesta altura, a cocaína chegou inclusivamente a ser recomendada por Freud para a desabituação de dependentes de morfina (Ferreira-Borges & Filho, 2004b).

Posteriormente, quando um pesquisador inglês, C. R. Wright, sintetizou a heroína a partir da morfina em 1874, já a dependência de morfina se tinha tornado um grande problema social. No entanto, a ingenuidade relativamente a esta nova droga exemplifica-se com o facto de que, em 1900, nos EUA, chegaram a ser enviadas pelo correio doses gratuitas de heroína aos dependentes de morfina, visto que na altura se considerava a heroína um medicamento eficaz para a resolução da dependência de morfina (Ferreira-Borges & Filho, 2004b).

Apesar das perspectivas iniciais associadas aos benefícios decorrentes e à utilidade de todas estas substâncias, o passar do tempo demonstrou o perigo que realmente representam para a saúde e bem-estar individual e social. De facto, o início do século XX marcou o momento de transição relativamente à aceitação da utilização de heroína e cocaína, levando a que muitos toxicodependentes, para obterem as drogas de que necessitavam, recorressem a mercados ilegais que ainda hoje alimentam este problema. Em 1914, os EUA proibiram a venda da maioria das substâncias psicoactivas, apesar de que até aos anos ’40 se podia adquirir a cocaína em farmácias europeias, onde esta ainda era considerada uma droga legal (Ferreira-Borges & Filho, 2004b).

Anexo A2 – Tipologias de substâncias psicoactivas

Para simplificar a compreensão do fenómeno da toxicodependência, cuja complexidade se exemplifica pela quantidade de substâncias psicoactivas actualmente existentes e pelas diversas formas nas quais estas se têm classificado, descrevem-se três

formas distintas de agrupar as diferentes drogas. Existem inúmeras formas de as classificar e agrupar (Cury, 2000; Schuckit, 1995), que incluem a sua categorização de acordo com a sua proveniência, tendo em conta os seus efeitos psicoactivos ou dependendo do carácter legal que determinada legislação lhes atribui.

Por um lado, de acordo com Ferreira-Borges e Filho (2004b), a história das substâncias psicoactivas é atravessada por três períodos distintos, nos quais se podem distinguir as suas origens e a sua forma de produção, e esta distinção resulta em três conjuntos: substâncias naturais, semi-sintéticas ou sintéticas. A primeira fase histórica da utilização deste tipo de químicos foi marcada pela utilização exclusiva de substâncias psicoactivas naturais (plantas e os seus derivados directos – e.g., coca, *cannabis*, cafeína, nicotina, álcool, ópio, cocaína e morfina) e, seguidamente, o segundo período teve início com o século XIX, no qual surgiu a utilização de substâncias psicoactivas semi-sintéticas. Nessa etapa os princípios activos eram sintetizados com base em derivados de plantas (e.g., a heroína). O aumento progressivo dos conhecimentos científicos e químicos levariam ao terceiro e último período, que teve início entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Desde então começaram também a ser utilizadas substâncias psicoactivas sintéticas (i.e., totalmente fabricadas em laboratório sem a presença de precursores vegetais) como, por exemplo, a fenciclidina (ou PCP), o *ecstasy*, diversos fármacos morfínomiméticos e as benzodiazepinas (Ferreira-Borges & Filho, 2004b), resultando no actual fenómeno das chamadas *designer drugs*, especialmente consumidas em ambientes de música de dança frequentados maioritariamente por jovens.

Por outro lado, diferenciar as substâncias psicoactivas relativamente aos seus efeitos sobre o sistema nervoso central (SNC) também pode resultar na distinção de três categorias, de forma que os compostos químicos que nelas se englobam podem ser descritos como psicodélicos, psicoanalépticos ou psicodislépticos, respectivamente (para uma explanação abrangente dos efeitos das diversas drogas, ver Patrício, 1997, pp. 79-105). Grosso modo, as drogas psicodélicas (e.g., ópio e seus derivados, determinados fármacos morfínomiméticos, benzodiazepinas) têm um efeito depressor sobre o SNC, as psicoanalépticas representam substâncias estimulantes do SNC (e.g., cocaína e os seus derivados, *ecstasy*, nicotina, cafeína) e, por último, as drogas psicodislépticas (e.g., derivados e homólogos da *cannabis*, PCP) têm um efeito perturbador do SNC. Existem substâncias, como o álcool e algumas drogas sintéticas, que podem ter efeitos diferentes dependendo das quantidades e condições nas quais são ingeridas e da personalidade do consumidor, no entanto importa explicitar que a

pureza das drogas adquiridas na rua é incerta, pelo que os efeitos de qualquer droga podem variar (Patrício, 1997).¹

Como se exemplifica no Anexo A1, ao longo da história e em regiões diferentes do globo, as perspectivas sobre as substâncias psicoactivas têm sido diversas e em diferentes contextos sociais a sua utilização tem sido proibida, aceite ou encorajada, pelo que a diferença entre legalidade e ilegalidade de uma substância psicoactiva depende de um conjunto de factores sociais, culturais, etc.. Contudo, esta distinção não tem um carácter puramente dicotómico visto que não se restringe às substâncias em si mesmas. Na realidade podem ser imputados diferentes tons de legalidade à forma como as substâncias são produzidas e comercializadas, às quantidades e objectivos com que se transportam e às quantidades e circunstâncias nas quais são consumidas. A actual legislação portuguesa no que diz respeito a drogas exemplifica este facto² (Ribeiro, 2004), expondo uma terceira forma de classificação das substâncias psicoactivas, de acordo com a legalidade/ilegalidade de determinados aspectos da sua utilização, prevista pela lei vigente num determinado contexto.

Anexo A3 – Diferenciação entre uso, abuso e dependência

Por *utilização* podem entender-se as experiências de consumo iniciais, que poderão ou não levar a consumos subsequentes, e também a utilização apropriada de determinadas substâncias (e.g., álcool como desinfectante). Por sua vez, o abuso e a dependência, que representam formas de consumo problemáticas, constam como categorias de diagnóstico no DSM-IV (*American Psychiatric Association* [APA], 1994/1996; Schuckit, 1995), com base no qual o *abuso* pode ser diagnosticado dependentemente da presença de um ou mais dos critérios indicados (ver a Tabela 1), enquanto o diagnóstico de *dependência* depende da presença de pelo menos três critérios mais específicos ao longo de um mesmo período de 12 meses (ver a Tabela 2), naquilo que “constitui um diagnóstico mais fiável e válido que o do abuso” (Schuckit, 1995, p. 6).

A dependência engloba um padrão de auto-administração repetitivo que geralmente gera tolerância, síndromes de abstinência e comportamentos compulsivos de consumo e que

¹ Existem alguns dados contraditórios em relação a esta categorização. Schuckit (1995) utiliza determinadas designações de forma marcadamente diferente da que aqui se apresenta (e.g., depressores do SNC) e sugere mais categorias relativas aos efeitos das drogas (ver Schuckit, 1995, p. 10-12).

² Actualmente em Portugal, a legislação em vigor desde 2001 estipula que só se aplicam sanções punitivas em último caso ao consumo e à posse (em pequenas quantidades que se considera serem para consumo próprio) de determinadas substâncias (e.g., a heroína, a cocaína, a *cannabis*, etc.). No entanto, são incondicionalmente condenáveis a sua venda, produção e posse para tráfico (Poiars, 2004). Enquanto isto, são conhecidas as restrições contextuais à utilização de determinadas quantidades de álcool (e.g., conduzir com mais de 0,5 g/L).

persiste apesar do impacto negativo dos consumos sobre várias esferas da vida do indivíduo (APA, 1994/1996), mas as perspectivas existentes acerca da dependência não se esgotam nesta definição. Por exemplo, Cury (2000), Miguel (2006) e Schuckit (1995) descrevem a dependência psicológica e a dependência física como partes complementares e distintas daquilo que pode representar uma *necessidade*.

Tabela 1

Crítérios de Diagnóstico para Abuso de Substâncias (DSM-IV)

-
- | | |
|-----------|---|
| A. | Padrão desadaptativo da utilização de substâncias levando a défice ou sofrimento clinicamente significativo, manifestado por um (ou mais) dos seguintes sintomas, ocorrendo durante um período de 12 meses: |
| 1) | Utilização recorrente de uma substância resultando na incapacidade de cumprir obrigações importantes no trabalho, na escola ou em casa (por exemplo, ausências repetidas ou fraco desempenho profissional relacionado com a utilização de substâncias, suspensões ou expulsões escolares relacionadas com a substância; negligência das crianças ou deveres domésticos) |
| 2) | Utilização recorrente da substância em situações em que esta se torna fisicamente perigosa (por exemplo, guiar um automóvel ou trabalhar com máquinas quando diminuído pela utilização da substância) |
| 3) | Problemas legais recorrentes, relacionados com a substância (por exemplo, detenções por comportamentos desordeiros relacionados com a substância) |
| 4) | Continuação da utilização da substância apesar dos problemas sociais ou interpessoais, persistentes ou recorrentes causados ou exacerbados pelos efeitos da substância (por exemplo, discussões com o cônjuge sobre as consequências da intoxicação; lutas físicas) |
| B. | Os sintomas nunca preencheram os critérios de Dependência de Substâncias, para esta classe de substâncias. |
-

Tabela elaborada com base no Mini DSM-IV (APA, 1994/1996).

Tabela 2***Crêterios de Diagnóstico para Dependência de Substâncias (DSM-IV)***

Padrão desadaptativo da utilização de substâncias levando a défice ou sofrimento clinicamente significativo, manifestado por tr s (ou mais) dos seguintes sintomas, ocorrendo em qualquer ocasião, no mesmo período de 12 meses:

- 1) Tolerância, definida por qualquer dos seguintes:
 - a) Necessidade de quantidades crescentes de substância para atingir a intoxicação ou o efeito desejado
 - b) Diminuição acentuada do efeito com a utilização continuada da mesma quantidade de substância
- 2) Abstinência, manifestada por qualquer dos seguintes:
 - a) Síndrome de abstinência característica da substância (referência aos critérios A e B para abstinência de substâncias específicas, constantes no Mini DSM-IV)
 - b) A mesma substância (ou outra relacionada)   consumida para aliviar ou evitar os sintomas de abstinência
- 3) A substância é frequentemente consumida em quantidades superiores ou por um período mais longo do que se pretendia
- 4) Existe desejo persistente ou esforços, sem êxito, para diminuir ou controlar a utilização da substância
- 5)   dispendida grande quantidade de tempo em actividades necessárias   obtenção (por exemplo, visitar vários médicos ou conduzir para longas distâncias) e utilização da substância (por exemplo, cadeia de fornecedores) e   recuperação dos seus efeitos
- 6) São abandonadas importantes actividades sociais, ocupacionais ou recreativas devido à utilização da substância
- 7) A utilização da substância é continuada apesar da existência de um problema persistente ou recorrente, físico ou psicológico, provavelmente causado ou exacerbado pela utilização da substância (por exemplo, utilização de cocaína apesar da existência de uma depressão induzida pela cocaína ou manutenção do consumo de álcool apesar do agravamento de uma úlcera devido ao consumo deste)

Tabela elaborada com base no Mini DSM-IV (APA, 1994/1996).

Anexo A4 – Dados epidemiológicos relativos à toxicodependência

Estima-se que, em todo o mundo, 200 milhões de pessoas tenham consumido alguma droga entre 2001 e 2002, valor que representa cerca de 3,4% da população mundial (Feijão, 2004) e estes consumos são responsáveis por cerca de 25000 mortes por ano, somente nos EUA (Sindelar & Fiellin, 2001). Há mais de uma década, nesse país, cerca de 640 mil pessoas consumiam cocaína semanalmente (Cornish & O'Brien, 1996) e existia aproximadamente um milhão de dependentes de heroína (O'Brien, 1994).

Em Portugal, apesar do número de mortes ser quase insignificante em comparação com o mesmo valor para os EUA³, em 2001, as percentagens da população nacional que tinha consumido drogas ao longo de toda a vida eram de 7,6% para a *cannabis*, 0,9 % para a cocaína, 0,7% para os opiáceos (a grande maioria tendo consumido heroína) e 0,7% para o *ecstasy*, valores que estão acima das mesmas percentagens a nível mundial (Feijão, 2004; IDT, 2007a). Também em 2001, 2,5% dos portugueses tinha consumido alguma droga nos últimos 30 dias (Balsa et al., 2001, cit. por IDT, 2007a). Estes valores agravam em populações escolares e reclusas (ver Quadro 1).

Já em 2006, registaram-se cerca de 40000 pessoas em tratamento para a toxicodependência em Portugal, das quais 4228 estiveram em comunidades terapêuticas. Entre a população em tratamento nesse ano, a percentagem de indivíduos infectados com o VIH situava-se entre os 11 e os 22%, enquanto 3 a 9% sofria de Hepatite B, 42 a 54% de Hepatite C e 0,4 a 3% de tuberculose (IDT, 2007a).

A droga que mais se consome no mundo e em Portugal, no sentido da definição de droga avançada no capítulo II.1.1, é a *cannabis*, que se destaca com prevalência de consumo muito superior à das outras substâncias nos estudos epidemiológicos (Feijão, 2004; IDT, 2007a), mas os estudos de indicadores indirectos relacionados com a procura de tratamento e com óbitos indicam que, a nível nacional, a heroína surge como a droga central dos consumos problemáticos, muitas vezes associada à cocaína ou base de cocaína (para uma explicação acerca da base de cocaína [*crack* e *freebase*], ver Cornish & O'Brien, 1996), demonstrando o potencial nocivo destas drogas (IDT, 2007a).

³ Em 2006 houve 216 mortes directamente relacionadas com o consumo de droga em Portugal (IDT, 2007a), número que é um pouco inferior à média dos últimos 9 anos (≈ 245 , valor calculado com base no Quadro 27 apresentado pelo IDT, 2007b, p. 47; os valores apresentados correspondem à quantidade de resultados positivos em exames toxicológicos que determinam se o defunto tinha recentemente consumido alguma droga).

Quadro 1. Prevalência do consumo de drogas em três populações portuguesas: população geral, escolar e reclusa.

População geral, entre os 15 e os 64 anos, em 2001		
Consumo:	Ao longo da vida (%)	Últimos 30 dias (%)
Qualquer droga	7,8	2,5
Cannabis	7,6	2,4
Heroína	0,7	0,1
Cocaína	0,9	0,1
Populações escolares em 2003^a e 2006^b		
Consumo:	Ao longo da vida (%)	Últimos 30 dias (%)
Qualquer droga	17,7 ^a	-
Cannabis	15,1 ^a	8,2 ^b
Heroína	1,8 ^a	1,4 ^b
Cocaína	2,6 ^a	1,6 ^b
^a valores referentes a alunos de 16 anos no ano de 2003.		
^b valores que se referem a alunos do 6º, 8º e 10º anos no ano de 2006.		
População reclusa em 2001		
Consumo:	Ao longo da vida (%)	Em reclusão (%)
Qualquer droga	62,3	47,4
Cannabis	56,5	38,7
Heroína	46,9	27,0
Cocaína	45,6	20,1

Quadro elaborado com base no Relatório Anual de 2006 (IDT, 2007a).

Anexo B - Desenvolvimento de temas abordados em II.1.2

Anexo B1 – Modelos e teorias de mudança relacionados com a área do tratamento da toxicodependência

Inicialmente, no presente anexo, referem-se alguns modelos e teorias da mudança relacionados especialmente com a mudança incremental, nomeadamente mencionando-se a noção da auto-eficácia (Bandura, 2003) e diversos modelos de fases de mudança. Seguidamente desenvolve-se um pouco o conceito da mudança transformacional e menciona-se o processo de *deriva*. Finalmente, apresenta-se uma descrição do processo de conversão religiosa/espiritual, tendo em conta o contexto da instituição em estudo.

Os toxicodependentes poderão perspectivar a sua recuperação como um acontecimento impossível ou extremamente improvável. Uma vez que diversos grupos de ajuda-mútua, de entre os quais se contam o Desafio Jovem e diversos grupos de 12-passos (ver Anexo B3) fomentam que o indivíduo aceite as suas limitações, reconhecendo que a mudança está, em grande parte, fora do seu próprio controlo, mas que o poder de Deus é suficiente para apoiar qualquer mudança, a entrada dos toxicodependentes neste tipo de grupo poderá aumentar a sua auto-eficácia. Estes grupos reflectem a crença de que a vontade e o poder de Deus mudam o indivíduo, que deve assumir simultaneamente a responsabilidade pelos seus actos (Laudet, Magura, Cleland, Vogel & Knight, 2003). Ao aceitar a perspectiva destes grupos, os toxicodependentes deverão sentir-se mais capazes de conseguir efectuar as mudanças necessárias para recuperar, caso não se acomodem somente à expectativa de uma intervenção divina que não implica a acção do próprio indivíduo (Bandura, 2003).

Scheier e colegas (Scheier, Wrosch, Baum, Cohen, Martire, Matthews, Schulz & Zdaniuk, 2006) adicionam a este pressuposto teórico que, para além da percepção de que a recuperação é possível, os indivíduos têm que valorizar a sua recuperação no sentido de alterarem o seu comportamento para a alcançarem. A valorização dos objectivos pelos quais se luta implica ter um propósito pelo qual a pessoa se envolve activamente na sua vida. Os objectivos podem ser valorizados em si mesmos (e.g., concluir um programa de recuperação porque o deseja concluir) ou podem ser instrumentais para alcançar outros objectivos (concluir o programa porque se deseja modificar o estilo de vida ou porque existe uma identificação com os valores da instituição que o promove [Scheier et al., 2006]).

Em segundo lugar, existem diversos modelos de fases de mudança (White & Kurtz, 2006) e alguns são apoiados por uma quantidade de dados empíricos (Simoneau & Bergeron, 2003). De uma forma geral, as fases que este tipo de modelos descrevem, iniciam-se com o

reconhecimento dos problemas causados pelos consumos e da necessidade de mudar, e com a crença de que a mudança é possível. Seguidamente, surge o interesse e o desejo de obter ajuda para mudar, e a prontidão para entrar num processo formal que oriente a mudança. Por último, é tomado um compromisso com determinado plano de mudança e executam-se determinadas acções que ajudam a cumprir esse plano, após o que o indivíduo consegue reconhecer nele mesmo, de forma estável, uma identidade sóbria (Joe, Broome, Rowan-Szal & Simpson, 2002; Simpson & Joe, 1993). Dando um exemplo concreto, no seu trabalho relacionado com comunidades terapêuticas, De Leon (1996, cit. por Joe, Simpson, Broome, 1998, e cit. por Simoneau & Bergeron, 2003) foca seis fases de pré tratamento (negação, ambivalência, motivação extrínseca, motivação intrínseca, prontidão para a mudança e prontidão para o tratamento) e quatro relacionadas com as experiências dentro do tratamento (desintoxicação, abstinência, continuação e integração, e mudança de identidade).

O modelo transteórico da mudança comportamental de Prochaska e DiClemente (Prochaska, DiClemente & Norcross, 1992; DiClemente, 2003), também conhecido simplesmente por “modelo das fases de mudança”, é certamente o mais conhecido (Simoneau & Bergeron, 2003). Este modelo postula a existência de 5 fases, complementadas por processos distintos que representam experiências e actividades internas ou externas do indivíduo. As diferentes fases denominam-se por pré-contemplação, contemplação, preparação para a acção, acção e manutenção da mudança (Prochaska et al., 1992; DiClemente, 2003). Os processos permitem que o indivíduo progrida ao longo das fases através da mudança de afectos, pensamentos, comportamentos ou relações associados a problemas particulares ou a padrões de vida, podendo ser representados por intervenções específicas para fases de mudança diferentes. De forma específica, os processos cognitivos/experienciais (e.g., aumento da consciência; reavaliação do *self* e do ambiente) podem ser eficazes com pessoas que se encontram nas fases de pré-contemplação e/ou contemplação e processos do tipo comportamental (e.g., condicionamento, controlo de estímulos, contingências de reforços) aparentam ser mais apropriados quando se trabalha com indivíduos nas fases de preparação, acção e/ou de manutenção (Prochaska et al., 1992; DiClemente, 2003).

Independentemente do modelo no qual nos baseamos para enquadrar as fases de mudança, a progressão até à recuperação estável não representa um decurso linear, apesar de ser possível que determinado indivíduo transponha sucessivamente as diversas fases. Como já vimos, é comum que os indivíduos não recuperem à primeira tentativa, pelo que se considera este movimento de *reciclagem* como uma oportunidade de aprendizagem para o indivíduo,

que dessa forma poderá obter resultados melhores na sua próxima tentativa. A tentativa anterior falhada possibilita a correção de determinados aspectos, uma vez que o indivíduo possui agora algumas informações acerca do que pode correr mal (Prochaska et al., 1992; DiClemente, 2003).

A mudança transformacional, por sua vez, representa um tipo de experiência que demarca quem o indivíduo era antes e quem é depois, constituindo “um dos mecanismos mais dramáticos e menos compreendidos da mudança humana” (White, 2004, p. 461). Os seus componentes principais englobam uma crise pessoal – geralmente denominada de “bater no fundo” ou “crise existencial” – e uma experiência subsequente de descontinuidade e renovação, resultando numa mudança radical e positiva da identidade do indivíduo. Estes componentes ocorrem em simultâneo com determinadas fases, nas quais se incluem: um período de isolamento numa altura de descontentamento profundo; uma exposição a uma mensagem de esperança; a ocorrência de uma experiência reveladora; a validação da experiência; e a entrada numa comunidade de apoio à nova identidade. A mudança transformacional é repentina, extremamente vívida e positiva, e envolve mudanças profundas e permanentes na identidade do indivíduo, sendo validada e mantida pela entrada numa comunidade de experiências e/ou de convicções partilhadas. Tem sido notado que este tipo de mudança se sucede de duas formas distintas, uma que decorre de uma nova revelação ou consciência interna e outra que aparenta ser direccionada por uma força exterior que actua sobre o *self*. Dado o seu passado rico como caminho para a recuperação das dependências, as experiências de mudança transformacional, que podem ocorrer em contextos de conversão religiosa/espiritual ou em contextos seculares, comprovam que qualquer pessoa pode mudar (White, 2004; White & Kurtz, 2006).

Por outro lado, a iniciação de recuperação através de um processo de deriva representa uma redução gradual dos consumos que decorre das circunstâncias e não da escolha consciente do indivíduo, nem de um acontecimento memorável que altere significativamente as suas atitudes, crenças e/ou expectativas. Nestas situações, que podem resultar de um processo desenvolvimental de maturação ou de uma mudança de ambiente, o consumidor simplesmente “segue a corrente” para longe do meio e do consumo de drogas (White & Kurtz, 2006). É provável que este tipo de mudança ocorra mais facilmente em indivíduos que ainda não desenvolveram problemas de toxicodependência, visto que a capacidade de “ir com a corrente” indica a existência de uma perturbação associada aos consumos de menor gravidade, que não afecte a vida do consumidor da mesma forma como o que se constata que ocorre com toxicodependentes (ver Tabela 2 em Anexo A3).

Por último, Cook (1988) revê alguns trabalhos relativos à conversão religiosa, aplicando-os à mudança que ocorre em comunidades terapêuticas baseadas no Modelo de Minnesota (relacionado com a filosofia de 12-passos; ver Anexo B3). Visto que tanto o programa do Desafio Jovem como aquele que se desenvolve em comunidades baseadas no Modelo de Minnesota orientam a mudança dos seus utentes baseando-se na apresentação, e vivência ou tentativa de vivência diária, de sistemas de crenças fixos, abordam-se aqui alguns dos dados presentes nessa revisão.

Algumas noções indicadas por Jerome Frank (1961, cit. por Cook, 1988) e Mahon (1973, cit. por Cook, 1988) alertam-nos para o perigo de possíveis tentativas de manipulação que possam ocorrer em contextos de comunidades terapêuticas para a recuperação da toxicod dependência. Dois factores levam a crer que este não representa o objectivo, nem a realidade, do que se passa no Desafio Jovem.

Em primeiro lugar, a adesão ao programa é mediada por um período mais ou menos extenso que, geralmente, tem uma duração mínima de cinco semanas, no qual o modelo terapêutico e a filosofia (digamos mesmo, fé) da instituição e do seu programa são apresentados ao futuro utente, a quem, obviamente, cabe a decisão e a motivação necessárias para aderir. Esse período de pré-tratamento serve como uma fase de conhecimento de, e preparação para, o programa, capacitando o futuro utente para uma tomada de decisão consciente (ao melhor das suas habilidades, dada a circunstância em que se encontra) acerca da adesão, ou não, ao programa. Em segundo lugar, a instituição tem uma política de “portas abertas” tanto a nível de permitir que os seus utentes abandonem o programa quando quiserem (não implicando que os directores e conselheiros das comunidades não tentem ajudar a que os utentes não desistam devido a intenções derrotistas ou precipitadas), como ao nível de expor completamente todo o trabalho que realiza com as pessoas que ajuda.

Segue-se um aspecto importante da revisão efectuada por Cook (1988). A conversão foi definida por William James (1902, cit. por Cook, 1988) como “o processo, gradual ou súbito, através do qual um *self* dividido e conscientemente errado, inferior e infeliz, se torna num *self* unificado e conscientemente certo, superior e feliz, como consequência da sua maior aceitação de realidades religiosas [ou espirituais]” (p. 744). Adler e Hammett (1973, cit. por Cook, 1988) demonstram outra compreensão do processo de conversão ao aplicarem as noções de *crise*, *conversão* e *formação de culto* à mudança experimentada por toxicod dependentes em tratamentos baseados na fé. Para Adler e Hammett (1973, cit. por Cook, 1988), a crise representa uma condição de instabilidade gerada pelos problemas associados à toxicod dependência, a conversão corresponde ao processo de adopção de um

sistema de crenças e valores novo (partilhado pelo grupo que fornece o tratamento) e a formação de culto designa a frequência desse grupo, que estabelece e confirma a segurança que o indivíduo deriva do seu novo sistema de crenças.

Notam-se algumas semelhanças entre estas noções de conversão e o processo de mudança transformacional descrito por White & Kurtz (2006), no sentido em que ambos os processos envolvem, de certa forma, a adesão individual a um novo sistema de crenças, que ocorre numa altura de crise e culmina com a entrada numa comunidade de fé partilhada. Desta forma, pode compreender-se a mudança transformacional como apenas um tipo de conversão, distintivo por representar um processo repentino e invulgar. Estudos futuros poderiam estudar a mudança em contextos específicos, como o tratamento para a toxicodependência em programas espiritualmente orientados, partindo de uma perspectiva de integração de modelos de conversão (englobando a mudança quântica e processos de conversão mais progressivos) e de modelos de mudança mais tradicionais como os modelos de fases de mudança mencionados neste anexo. É opinião da autora desta tese que estudos desta natureza resultarão em modelos mais completos e, conseqüentemente, mais verosímis, acerca dos processos de mudança envolvidos na reabilitação das dependências que ocorre em programas baseados na fé.

Anexo B2 – Dimensões da recuperação

De forma geral, a recuperação de perturbações mentais foi definida como um processo que capacita as pessoas a viver, trabalhar, aprender e participar completamente na sua comunidade, tendo esperança de conduzirem uma vida com propósito (Galanter, 2007; Laudet, 2007). Recentemente, diversos autores têm discutido a definição de recuperação relativamente à área das dependências (Laudet, 2007; *The Betty Ford Institute Consensus Panel* [TBFICP], 2007; White, 2007; White & Kurtz, 2006) e têm surgido várias definições, cuja apresentação ultrapassa o objectivo deste trabalho.

A dificuldade em definir a recuperação está relacionada com as diversas percepções da natureza da toxicodependência (bem como de quaisquer dependências de substâncias psicoactivas). Definir a recuperação depende da forma como se entende a perturbação em causa. Se concordamos que a toxicodependência afecta e se desenvolve com base em determinados factores (e.g., socioeconómicos), esses mesmos factores serão o fundamento para a definição de recuperação da toxicodependência, e também para a perspectiva acerca de como se inicia e mantém (Laudet, Morgen & White, 2006; White & Kurtz, 2006). Visto que existem múltiplos caminhos para a recuperação, os intervenientes neste campo tendem a

perspectivá-la de formas bastante distintas pois as suas concepções do problema da toxicodependência também variam. Numa revisão informal de artigos relacionados com a recuperação, Laudet (2007) indica que os pesquisadores compreendem geralmente a recuperação em termos da abstinência de substâncias psicoactivas, demonstrando estar em concordância com o paradigma prevalente neste campo, que se foca na patologia.

Não obstante, existem dados que sugerem que definições deste tipo permanecem incompletas. Por exemplo, uma perspectiva acerca da recuperação bem disseminada nesta área entende-a como envolvendo mais do que a mera abstenção do consumo, dando importância a uma transição psicossocial que engloba uma melhoria mais global da saúde de quem recupera (Laudet, 2007; Patrício, 1997, 2006; Poage, Ketzenberger & Olson, 2004; Ravenna, Hölzl, Costarelli, Kirchler & Palmonari, 2001; TBFICP, 2007; White & Kurtz, 2006; White & Whithers, 2005). Na sua discussão de diversas dimensões da recuperação, White & Kurtz (2006) referem as recuperações baseadas na abstinência, as que são baseadas na moderação e ainda as recuperações assistidas pela medicação, que representam diversos *estilos* de recuperação válidos (Patrício, 1997, 2006; White & Whithers, 2005).

A recuperação encerra também outras dimensões, que incluem a sua *abrangência*, *profundidade*, *estabilidade*/durabilidade e *terminus* (ou conclusão), e ainda duas que dizem respeito ao *contexto* – auto-ajuda, ajuda-mútua e tratamentos profissionais (ver Anexo B3) – e ao *enquadramento* – religioso, espiritual e secular – nos quais a recuperação se inicia. Em termos de abrangência, a recuperação pode envolver a saúde química primária, a saúde química secundária e ainda a saúde global, e a sua profundidade pode ser parcial, total ou enriquecida. As dimensões de estabilidade/durabilidade e de término da recuperação dizem respeito, respectivamente, à relação entre a quantidade de tempo que é necessário um indivíduo passar em recuperação para se poder afirmar que é provável que vá continuar nesse estado, e à possível passagem para um estado *recuperado*. Relativamente a este tópico, alguns autores consideram que o indivíduo está recuperado ao fim de cinco anos de recuperação contínua, uma vez que as percentagens de recaída a partir dessa marca temporal equivalem ao risco que pessoas que nunca tiveram perturbações relacionadas com o consumo correm de as virem a desenvolver (para uma discussão aprofundada das diversas dimensões da recuperação ver White & Kurtz, 2006).

Anexo B3 – Diversos contextos para a recuperação

Este anexo desenvolve-se com base na tipologia indicada por White e Kurtz (2006) relativamente aos contextos nos quais a recuperação se pode processar, que exemplifica a

existência de diversos caminhos para a recuperação. Descrevem-se os contextos de auto-ajuda, ajuda-mútua (ou entreaajuda) e tratamentos profissionais. É necessário referir inicialmente que o desenrolar da recuperação e os tratamentos aplicáveis dependem muitas vezes da substância que o indivíduo consome.

Recentemente tem-se vindo a notar o número elevado de pessoas que recuperam utilizando exclusivamente o seu capital de recuperação (e.g., apoios familiares), ou seja, através da auto-ajuda, e este fenómeno, que aparenta ser a via mais comum para a recuperação, tem sido descrito de várias formas (e.g., remissão espontânea, recuperação natural). A auto-ajuda representa um caminho para a recuperação que não depende do envolvimento em algum tipo de assistência específica (White & Kurtz, 2006).

A recuperação natural é especialmente viável para pessoas com menor vulnerabilidade pessoal, menores taxas de comorbilidade, que sofrem de problemas de gravidade menor e que usufruem de capitais de recuperação maiores (incluindo níveis mais elevados de apoio familiar e social), e existem dois padrões de recuperação natural: um que corresponde a um processo de *maturação* associado ao assumir de responsabilidades e papéis de adulto no início desta idade, e outro que corresponde normalmente a idades mais elevadas e se relaciona com a acumulação de consequências negativas devido aos consumos. A prevalência da recuperação através da auto-ajuda decresce na proporcionalidade inversa da duração e gravidade dos problemas de consumo (Laudet, 2007; Simpson, 2004; White & Kurtz, 2006).

Enquadrando-se num dos tipos de assistência específica, os tratamentos oferecidos por organizações de ajuda-mútua encontram-se bem disseminados. Este tipo de associação, que actualmente desempenha um papel importante no tratamento para o abuso de substâncias, teve um grande impulso a partir de 1930 com o advento dos Alcoólicos Anónimos (AA), a posterior proliferação de “grupos de 12-passos” (i.e., inspirados nos 12 passos que representam o fundamento do tratamento proposto pelos AA; ver Tabela 3) e o surgimento de comunidades terapêuticas a partir dos anos ‘60 (Atkins Jr. & Hawdon, 2007; Ferreira-Borges & Filho, 2004a; White & Kurtz, 2006). Os AA representam o exemplo mais conhecido deste tipo de organização e a sua história encontra-se bem documentada (Laudet, 2003; White & Kurtz, 2006). Actualmente existem cerca de 100 mil grupos espalhados por, pelo menos, 150 países, congregando mais de 2 milhões de membros, para além de que há um quarto de século atrás já se contavam pelo menos 250 tipos de grupos semelhantes aos AA (e.g., Narcóticos Anónimos cujo foco é sobre drogas) que começaram a surgir após o seu início em 1935 (White & Kurtz, 2006; Yancey, 1983).

Diversos autores referem mecanismos terapêuticos específicos às abordagens de 12-passos, que têm sido amplamente estudadas (Cook, 1988; Shearer, 2007; White, Laudet & Becker, 2006; White & Kurtz, 2006). Esses mecanismos envolvem, entre outros, a aquisição pelo indivíduo de um novo conjunto de atitudes e o seu envolvimento num sistema de apoio social abrangente e que promove relações estruturantes. Os 12-passos dos AA representam o fundamento de inúmeros grupos de ajuda-mútua. A vertente espiritual que lhes está associada tem sido amplamente estudada e reconhecida (Cook, 1988; Laudet, 2003; Galanter, 2006; Galanter, 2007; Galanter, Dermatis, Bunt, Williams, Trujillo & Steinke, 2007; Shearer, 2007; White & Whithers, 2005; Yancey, 1983).

Tabela 3

Os 12 passos dos Alcoólicos Anónimos

-
1. Admitimos que éramos impotentes sobre o álcool – que as nossas vidas se tinham tornado impossíveis de gerir
 2. Viemos a acreditar que um poder maior do que nós mesmos nos poderia restaurar a sanidade
 3. Fizemos a decisão de entregarmos a nossa vontade e as nossas vidas aos cuidados de Deus como nós o entendíamos
 4. Fizemos uma análise e um inventário moral destemido de nós mesmos
 5. Admitimos perante Deus, para nós mesmos e a outro ser humano a natureza exacta dos nossos erros
 6. Estávamos totalmente prontos para que Deus removesse todos esses defeitos de carácter
 7. Pedimos-Lhe humildemente que removesse as nossas falhas
 8. Fizemos uma lista de todas as pessoas a quem tínhamos feito mal e dispusemo-nos a redimir os nossos erros com todas elas
 9. Redimimo-nos directamente com essas pessoas onde quer que fosse possível, excepto quando fazê-lo significaria magoá-las ou a outros
 10. Continuámos a fazer o nosso inventário pessoal e quando estávamos errados admitíamo-lo prontamente
 11. Procurámos melhorar o nosso contacto consciente com Deus como O compreendíamos através da oração e da meditação, orando somente pelo conhecimento da sua vontade para nós e pelo poder para a cumprir
 12. Tendo tido um acordar espiritual como um resultado destes passos, tentámos levar esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todos os nossos assuntos
-

Adaptado do *site* dos AA (*Alcoholics Anonymous*, s.d., *The Twelve Steps of Alcoholics Anonymous*)

As principais barreiras mencionadas relativamente ao envolvimento em grupos de 12-passos passam, fundamentalmente, pelo seu aspecto espiritual, mas também pela noção de que este tipo de grupos se encontra associado a problemas de consumo mais graves (Laudet, 2003). O facto de que nem todos os indivíduos obtinham bons resultados, ou desejavam participar em grupos de 12-passos, contribuiu para o surgimento de abordagens de entreaajuda alternativas, explicitamente religiosas ou seculares (White & Kurtz, 2006), e para o surgimento de algumas comunidades terapêuticas (Cook, 1988). De entre as associações mencionadas por White e Whithers (2005) conta-se o *Teen Challenge* (nome original do Desafio Jovem) que surgiu inicialmente em 1961 nos EUA. Como no caso do Desafio Jovem, diversas organizações de entreaajuda baseadas na fé oferecem tratamentos em comunidades terapêuticas (e.g., Vida e Paz) e esta modalidade representa uma forma generalizada de tratamento para a toxicodependência (Ravenna et al., 2001).

O modelo de Minnesota, mencionado no Anexo B1, constitui um exemplo de comunidades terapêuticas de ajuda-mútua que se encontra bem disseminado no mundo. O objectivo principal das comunidades terapêuticas relacionadas com o Modelo de Minnesota é aculturar os seus utentes à filosofia subjacente aos grupos de 12-passos e fomentar que frequentem as reuniões desses grupos, de forma a manterem a recuperação após deixarem a comunidade (Cook, 1988; Galanter, 2006).

Alguns profissionais acautelam acerca das limitações e dos perigos do envolvimento em organizações de entreaajuda, fundamentando-se na sua falta de profissionalismo (i.e., a inexistência de apoio empírico para a eficácia desses grupos e a falta de qualificação profissional do seu *staff*), no risco que os seus membros correm de ficarem demasiado dependentes do grupo ou de receberem maus conselhos de outros membros, e numa noção de que a utilidade destas organizações se restringe à fase inicial da recuperação ou ao consumo de uma única substância (Patrício, 1997; Laudet, 2003).

No entanto, a eficácia das associações de ajuda-mútua tem também sido referida (Galanter, 2006). Independentemente da organização na qual o indivíduo participa, o seu envolvimento activo em grupos de entreaajuda aumenta a probabilidade de se manter abstinente (Atkins Jr. & Hawdon, 2007) e, apesar de haver indícios mistos, alguns resultados de estudos (relativos ao tratamento da dependência de drogas psicoanalépticas) têm demonstrado que a participação nestes grupos pode ser mais influente para a recuperação do que determinados tratamentos profissionais como a prevenção de recaída ou a terapia cognitiva (Shearer, 2007). Para além disto, diversos membros de organizações de 12-passos avaliaram a sua participação nesses grupos como bastante ou extremamente importantes para

a sua recuperação (Galanter et al., 2007), o que sugere a utilidade e beneficência deste tipo de organização.

Finalmente, mencionam-se alguns tipos de tratamentos profissionais e algumas das técnicas utilizadas actualmente neste campo. Existe uma quantidade de técnicas psicoterapêuticas específicas para o tratamento das dependências (Sindelar & Fiellin, 2001) e diversos factores dificultam a sua eficácia (ver White & Kurtz, 2006, p. 36). É comum os indivíduos só recuperarem após várias tentativas e tratamentos, evidenciando a existência de um efeito cumulativo que potencia a mudança (Prochaska et al., 1992; DiClemente, 2003; White & Kurtz, 2006). De facto, o tratamento para a toxicodependência representa um processo complexo e contínuo no qual é necessário envolver e manter os toxicodependentes, encorajando-os ao seu cumprimento (Shearer, 2007; Simpson, 2004).

As intervenções e técnicas existentes englobam diversas abordagens: farmacoterapia; aconselhamento profissional; intervenções focadas na melhoria motivacional; técnicas de Exposição a Estímulos (*Cues*); técnicas de Prevenção de Recaídas; técnicas que implicam a gestão de contingências; e intervenções adaptadas da Terapia Cognitivo-Comportamental, da Terapia de Apoio Expressiva (*Supportive-Expressive Therapy*) e da Terapia Interpessoal (Sindelar & Fiellin, 2001; Shearer, 2007; Woody, 2003).

A farmacoterapia engloba a utilização de substâncias que bloqueiam os receptores opiáceos (tornando os consumos subsequentes de droga inúteis) e a sua utilidade é específica à dependência de heroína ou de outros opiáceos. Geralmente são utilizados fármacos morfínomiméticos – como a metadona e o levo-alfa-acetil-metadol (ou LAAM), que têm efeitos agonistas (i.e., semelhantes à droga que substituem no sentido em que estimulam os receptores opiáceos, no entanto os seus efeitos são mais duradouros e menos intensos), ou a buprenorfina cujos efeitos são agonistas e antagonistas – ou fármacos exclusivamente antagonistas (i.e., somente bloqueiam os receptores opiáceos sem os estimular), dos quais o naltrexone representa o melhor exemplo. A metodologia de administração depende do tipo de fármaco utilizado (para uma explanação aprofundada deste tipo de terapia ver Patrício, 1997, pp. 183-197 e Schuckit, 1995, pp. 365-375).

Por enquanto ainda não existem abordagens farmacológicas inequivocamente úteis para o tratamento da dependência de cocaína e de outros psicoanalépticos (Shearer, 2007), apesar da existência de alguns dados favoráveis (O'Brien, 1994) e de indicações auspiciosas de futuras inovações (Sindelar & Fiellin, 2001).

Existem intervenções não farmacológicas alternativas para o tratamento deste tipo de toxicodependente e também de outros utilizadores de substâncias psicoactivas para as quais

existem farmacoterapias úteis. O aconselhamento, por exemplo, representa uma técnica cujas características são heterogêneas e variáveis. A assistência prestada por grupos de entreajuda emprega frequentemente este tipo de técnica (Sindelar & Fiellin, 2001), que engloba características de abordagens psicoterapêuticas humanistas como a empatia (Ferreira-Borges & Filho, 2004). De facto, a relação terapêutica, que representa em si mesma um componente terapêutico dos tratamentos, desempenha um papel fundamental para a obtenção de resultados favoráveis também no tratamento de perturbações relacionadas com consumos excessivos (Laudet, 2003; Simpson, 2004).

Fundamentadas neste tipo de abordagem centrada no cliente foram desenvolvidas técnicas psicoterapêuticas de melhoramento motivacional, especificamente para o tratamento de perturbações relacionadas com o consumo de substâncias. O objectivo destas abordagens centra-se em não confrontar directamente a resistência que o cliente possa demonstrar, compreendendo empaticamente e tentando resolver de uma forma subtilmente directiva a ambivalência deste em mudar o seu comportamento, em entrar, ou em aderir a um determinado tratamento. Miller e Rollnick definiram as Entrevistas Motivacionais – que representam provavelmente o tipo mais conhecido de terapias de melhoramento motivacional – como “um método directivo e centrado no cliente de melhoramento da motivação intrínseca para a mudança através da exploração e resolução da ambivalência” (cit. por Shearer, 2007, p. 44). Os componentes elementares das Entrevistas Motivacionais incluem empatizar, desenvolver discrepância entre as auto-imagens do cliente incompatíveis com a que tem de si mesmo enquanto consumidor, evitar-se confrontar a sua resistência e apoiar-se a sua auto-eficácia. Estes componentes processam-se através de questões abertas, de escuta activa, de afirmações e de resumos (Shearer, 2007).

Por sua vez, as intervenções comportamentais baseiam-se em perspectivas de condicionamento clássico ou de condicionamento operante. O condicionamento clássico postula que o estímulo que antecede o reforço potencia o comportamento e a sua aplicação abrange a compreensão do fenómeno da recaída. No contexto da toxicodependência, os estímulos externos e internos prévios à utilização (*cues*) associados repetidas vezes aos efeitos do consumo de drogas (prazer sentido após a utilização) começam a gerar a resposta condicionada (o comportamento de consumo [Siegel, 2005]).

Têm sido utilizadas determinadas técnicas baseadas nesta teoria. Por exemplo, a Exposição de Estímulos (*Cues*) na qual se expõem repetidamente os clientes a estímulos associados ao consumo sem que possam consumir droga, na tentativa de extinguir a associação (O'Brien, 1994; Shearer, 2007). Desenvolvimentos recentes sugerem que

possibilitar que o toxicodependente consuma quantidades muito pequenas da droga seja uma potente forma de o ajudar a controlar os seus comportamentos, pois a resposta fisiológica imediata a pequenas doses da substância pode servir, sob condições naturais, como um estímulo para o consumo de doses maiores (ver Siegel, 2005). Também a Prevenção da Recaída, cujo objectivo é estabilizar e manter os novos padrões comportamentais adquiridos com o tratamento (Simpson, 2004), se baseia no condicionamento clássico. As principais técnicas que emprega incluem o treino de técnicas de *coping*, de resolução de problemas para lidar com o desejo de consumir e com potenciais lapsos nos quais consuma, e de técnicas de assertividade para recusar drogas (Shearer, 2007).

A noção de condicionamento operante postula que o reforço imediato do comportamento de consumo de drogas (comportamento operante) influencia a probabilidade de ocorrência desse comportamento. Neste sentido, foram desenvolvidas diversas técnicas de gestão de contingências para enfraquecer e extinguir a potência do reforço do comportamento dito *adictivo*. Actualmente, nos EUA, recomenda-se a implementação de abordagens de gestão de contingências em programas de tratamento. Um exemplo concretiza-se na abordagem de reforço comunitário, na qual o terapeuta deve identificar comportamentos específicos do paciente cujo reforço compita com o reforço obtido pelos consumos. O objectivo consiste na utilização das relações familiares e sociais, e das actividades recreativas e ocupacionais do cliente, para que este sinta satisfação com um estilo de vida incompatível com o consumo (Shearer, 2007).

O outro tipo de abordagem de gestão de contingências concretiza-se na entrega de vales aos toxicodependentes por estes se manterem abstinentes – facto comprovado através de amostras de urina – e a sua eficácia depende de factores como a qualidade e quantidade da recompensa (e.g., dinheiro, vales) e o intervalo da recompensa (imediata, na semana seguinte, etc.). É de notar a recente utilização combinada de ambas estas técnicas. Nesta modalidade, o toxicodependente recebe incentivos (normalmente um vale que pode corresponder a bilhetes para os transportes públicos, servir para comprar equipamento de desporto, ajudar a pagar despesas habitacionais, etc.) por se manter abstinente (como medido por testes de urina), por conseguir um emprego ou por realizar determinadas actividades socialmente apropriadas. O valor dos incentivos aumenta progressivamente caso o toxicodependente não manifeste comportamentos prejudiciais (e.g., ter um teste de urina positivo, faltar a consultas). Numa situação dessas o valor dos vales regressaria ao zero e a progressão recomeçaria (Sindelar & Fiellin, 2001). De facto, esta abordagem conjunta tem sido referida como o melhor

tratamento existente, especialmente no caso da dependência de cocaína e de psicoestimulantes (Shearer, 2007).

Existe ainda um grupo de psicoterapias, criadas primariamente para o tratamento da depressão e/ou da ansiedade, que foram adaptadas ao tratamento das perturbações relacionadas com o consumo de drogas e que englobam a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), a Terapia de Apoio Expressiva (*Supportive Expressive Therapy*) e a Terapia Interpessoal (Woody, 2003).

O objectivo principal da TCC expressa-se na reestruturação das cognições que influenciam a manutenção do consumo de drogas, incluindo elementos técnicos como a análise funcional, o treino de técnicas de prevenção de recaída adaptadas ao indivíduo, a monitorização dos pensamentos relativos à droga, a identificação de situações de elevado risco para a recaída, a administração de “trabalhos de casa” e a prática de capacidades durante as sessões (Shearer, 2007).

Outra abordagem psicoterapêutica compreende a toxicodependência como um resultado de problemas de relacionamentos interpessoais. A Terapia Interpessoal foca-se, por conseguinte, nos relacionamentos e experiências do indivíduo (Shearer, 2007).

Por sua vez, a Terapia de Apoio Expressiva (*Supportive Expressive Therapy*) examina a forma de comunicar do toxicodependente e foca os assuntos relacionais problemáticos que este aborda, cujas dificuldades se devem aos seus consumos (Shearer, 2007).

Um dado a favor deste último conjunto de técnicas, como a TCC, consiste nos melhores resultados que obtêm neste tipo de tratamento os pacientes que sofrem de outras perturbações comórbidas com as suas perturbações de consumo (Woody, 2003).

Anexo C - Acerca do Desafio Jovem

Anexo C1 – Apresentação do Desafio Jovem

O Desafio Jovem é uma instituição sem fins lucrativos que nasceu nos EUA, inicialmente através do trabalho desenvolvido desde 1958 pelo Pastor David Wilkerson nos “guetos” de Nova Iorque, cujo objectivo era orientar a recuperação e reinserção social de jovens toxicodependentes e que resultou na criação do *Teen Challenge*. Os serviços e a filosofia dessa organização cristã alargaram-se a outras cidades, e também a outros países, com o apoio de diversas associações independentes, pelo que, actualmente, o *Teen Challenge* representa uma organização reconhecida pelos governos de diversos países devido ao seu êxito no tratamento da toxicodependência (Desafio Jovem, s.d., A Origem do Desafio Jovem). Em Portugal, o Desafio Jovem foi legalmente constituído em 1981, e surgiu no nosso país em 1978, através da compra de uma quinta em Fanhões que viria a ser a sua primeira comunidade terapêutica (Desafio Jovem, s.d., O Desafio Jovem em Portugal).

De forma a alcançar os seus objectivos, que englobam essencialmente a prevenção primária, secundária e terciária da toxicodependência, o Desafio Jovem oferece programas distintos (e.g., Cafés Convívio ou centros de atendimento nos quais se acompanham toxicodependentes e as suas famílias, centros de recuperação ou comunidades terapêuticas, prevenção escolar) cujo reconhecimento tem merecido o apoio e a cooperação oficial de diversos organismos (e.g., o Instituto da Droga e da Toxicodependência, o Ministério do Trabalho e da Solidariedade, o Ministério para a Qualificação e o Emprego). O Desafio Jovem alcançou o estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) em 1990 e possui actualmente seis centros – Fanhões, Salvaterra de Magos, Lourel, Castanheira do Ribatejo, Cucujães e Alter do Chão – que, no seu total, têm capacidade para receber cerca de 166 utentes num mesmo período de tempo (Desafio Jovem, s.d., Comunidade Terapêutica).

As comunidades terapêuticas do Desafio Jovem representam centros licenciados pelo Serviço de Prevenção e Tratamento da Toxicodependência (SPTT) desde 1996/97 e, realçando a dimensão deste trabalho, desde a inauguração do centro de Fanhões até 2002, as admissões nestes centros totalizavam 2899 utentes, dos quais somente cerca de 26% completaram o programa com sucesso. Estudos mencionados no *site* do Desafio Jovem, e cujas referências não são fornecidas, indicam ainda que a taxa de sucesso (i.e., não recaída), para indivíduos que deixaram as suas comunidades terapêuticas (há pelo menos dois anos) se encontra entre os 80 e os 90% (Desafio Jovem, s.d., Grau de Sucesso do Programa do Desafio Jovem entre 1978 e 2002).

É nestas comunidades terapêuticas que a instituição pretende facultar aos seus utentes as condições necessárias ao desenvolvimento de competências psicossociais e profissionais que lhes facilitem uma integração efectiva na sociedade. Actualmente, o centro de Fanhões, que também é a sede da instituição, já não funciona como uma comunidade terapêutica (ou centro de recuperação) sendo agora um espaço vocacionado para a reinserção social dos utentes que completam o programa de reabilitação da instituição em qualquer outro dos seus centros (Desafio Jovem, s.d., Fanhões – Comunidade de Inserção).

De acordo com as declarações presentes no dossier da instituição (ver Fidalgo, 2000), o programa de recuperação, que se desenrola nas suas comunidades residenciais de estada prolongada, pretende apresentar aos seus utentes alternativas para as suas vidas, que lhes permitam viver e não somente sobreviver na actual sociedade. Neste processo, o utente é objecto de uma abordagem holística e centrada no indivíduo, na qual se encara a sua vertente espiritual como a base para o seu relacionamento consigo próprio e com os outros. Para além da liberdade da droga, a instituição pretende que os seus utentes reorganizem os seus estilos de vida, encontrando um modelo de vida que lhes permita viver de forma mais equilibrada, ajustada à realidade, com uma melhor inserção social e um relacionamento mais adequado consigo próprios, com os outros e com Deus, para o que os ajuda a reencontrar o seu lugar económico, social, afectivo e emocional na sociedade.

A entrada para as comunidades terapêuticas precede-se, na grande maioria dos casos, por um período no qual o futuro utente é acompanhado num dos centros de atendimento da instituição (ou Cafés Convívio). Os Cafés Convívio existem no nosso país há cerca de 25 anos e constituem um local informal de atendimento gratuito a toxicodependentes e às suas famílias. O primeiro contacto sério com a instituição desenrola-se normalmente nestes centros de atendimento, cujos utentes recebem ajuda em regime ambulatorio, sendo muitas vezes abordados por cooperadores dos Cafés Convívio nas ruas e nos locais onde consomem (este procedimento da instituição baseia-se em determinados princípios bíblicos [Sociedade Bíblica de Portugal, 1968, Marcos 16:15-20]; ver Anexo C3). Neste espaço os utentes são incentivados a reduzir os seus consumos e são-lhes marcadas entrevistas avaliativas com o grupo clínico do Desafio Jovem, pelo que o processo de admissão aos centros de recuperação da instituição avançará à medida que o utente compareça nas sessões. Existem Cafés Convívio a funcionar por todo o país e o Desafio Jovem faculta um curso de formação aos seus cooperadores, prestando apoio e acompanhamento quando solicitados (Desafio Jovem, s.d., Cafés-Convívio).

Anexo C2 – Um dia típico em Castanheira do Ribatejo

Apesar de que cada comunidade individual do Desafio Jovem tem liberdade para estabelecer o seu próprio ritmo e as suas prioridades, de acordo com as necessidades dos seus utentes e com o parecer do seu director (logicamente, desde que dentro dos parâmetros estabelecidos pela filosofia da instituição), no sentido de dar uma ideia geral das possíveis vivências nas comunidades do Desafio Jovem, ficciona-se aqui um dia típico na comunidade terapêutica de Castanheira do Ribatejo, localizada na grande Lisboa, para o que se efectuaram várias visitas à comunidade e uma entrevista informal realizada com o director do centro.

São 06h30m da manhã e um grupo de homens, algo ensonados, reúne-se de mãos dadas e olhos (quase sempre) fechados, alguns ainda pouco habituados a estas experiências, outros com maior desvelo e prática. Fala, ou ora, um dos mais antigos residentes da comunidade, que já se encontra nela há cerca de 10 meses, pedindo a um Deus que não se vê, mas que se presente cada vez mais, que abençoe o dia que está a começar, a cada um dos seus colegas e a cada um dos cooperadores da comunidade, ao director e a todas as pessoas que se encontram associadas ao Desafio Jovem. Os outros concordam, abanando a cabeça, dizendo “améns” tímidos. Trata-se da oração de intercessão realizada todas as manhãs, de forma rotativa, por um ou dois dos quartos da comunidade.

Às 07h00m quebra-se o silêncio lá fora, quando se começam a ouvir, vindos dos outros quartos que não estavam “de serviço”, resmungos de homens respeitadamente obrigados a deixar o sono. De facto, é difícil quebrar o hábito de não ter hábitos... em menos de 30 minutos os cerca de 20 utentes da comunidade conseguem reunir-se na capela, com o conselheiro que se encontra de serviço nesse dia, para a primeira actividade matinal⁴. Cerca de uma hora depois, por volta das 8h30m, os utentes (ou alunos, como são chamados nestas comunidades) são orientados na sua leitura diária da Bíblia, de forma a que aprofundem o seu conhecimento da Palavra de Deus, de quem Ele é e de o que Ele pretende.

Às 09h00m, após a “refeição espiritual”, chega a altura de alimentar também o corpo com o pequeno-almoço. Alguns utentes que necessitam de medicamentos recebem-nos nesta altura. Após cerca de 30 minutos existe uma nova reunião na capela, para ser realizada a área académica – são estudos pessoais e aconselhamento individual nos quais se abordam questões de carácter (como a ira ou o amor e a auto-estima) através da leitura de livros pessoais e da Bíblia, da realização de trabalhos que abordam essas questões, e do estudo orientado por uma

⁴ Às segundas e sextas-feiras esta actividade é um culto, enquanto nos outros dias da semana representa oração.

série de currículos criados para o efeito (Batty, 1978/1988, 1978/1997; Melo & Marques, 2006, 2007).

A meio da manhã é distribuída uma peça de fruta a cada residente. Quando se aproxima o meio dia, enquanto cerca de metade dos utentes sai da capela para o amplo recinto da comunidade, agora inundado de sol, a outra metade permanece na capela para uma aula em grupo. O tema da aula define se os utentes que ficam a assistir às mesmas são os que se encontram nas fases mais avançadas do programa ou os que recentemente deram entrada no mesmo, sendo que aqueles que são dispensados das aulas aproveitam o ar livre para desenvolver actividades agropecuárias, de floricultura, de artesanato e de manutenção da comunidade, como limpeza e reparações.

O almoço quebra essas actividades somente por volta das 13h00m, em resposta ao pedido efectuado pelos utentes numa reunião comunitária, de forma a que possam assistir à parte final do noticiário ficando a saber as novas desportivas do mundo exterior. O regresso à manutenção do centro e às actividades exteriores, desta vez com a participação de todos os utentes, inicia-se por volta das 14h00m, naquilo que se designa como a “área laboral” do programa. Esta é quebrada a meio da tarde para uma nova peça de fruta. Às 18h45m inicia-se a actividade da noite que, tal como a primeira da manhã, varia de acordo com o dia da semana⁵, e às 20h00m é concedido um tempo livre aos utentes, que pode ser aproveitado nas diversas actividades de lazer disponíveis (como a leitura, a socialização, os jogos desportivos ou de sala) ou então através do estudo, uma vez que a actividade académica é também composta por testes periódicos que avaliam o progresso dos utentes nas diversas áreas temáticas que nela se abordam. Perto das 21h30m tem lugar uma ceia, que se segue pelo recolher às 22h00m. Às 22h30m é suposto que a comunidade se encontre novamente em silêncio.

Esta rotina não é rígida, apesar de se tentar que seja cumprida tanto quanto possível. Existem dias da semana específicos para a prática de actividades desportivas (nomeadamente as segundas e sextas-feiras), para além de que uma vez por mês, na quinta-feira que procede

⁵ Às segundas-feiras fazem-se pequenos grupos de aconselhamento. Às terças-feiras realiza-se um culto no qual o pregador é o director da comunidade. Quartas-feiras são dias de estudo bíblico, no qual um colaborador apresenta um determinado tema. Neste dia os utentes já integrados numa igreja local têm a possibilidade de ir a essa igreja assistir e participar nas actividades que nela se desenvolvam. Às quintas-feiras este tempo é reservado para a realização de reuniões comunitárias, nas quais estão geralmente presentes todos os residentes. A reunião comunitária representa um tempo no qual se apresentam novos utentes ao grupo e, de resto, pode ser utilizada da forma que o grupo quiser, existindo a liberdade para que se apresentem sugestões e pedidos específicos, e servindo para a resolução de problemas e como um “termómetro” do ambiente no centro quando necessário – nestas reuniões existe sempre um moderador, geralmente o director do centro. Às sextas-feiras este tempo é livre ou então reservado para o estudo.

ao segundo domingo de cada mês, é efectuado um dia de jejum. Este inicia-se na quarta-feira anterior às 21h00m, altura na qual é realizada a ceia. Nesses dias especiais, às 22h30m inicia-se uma vigília, na qual todos os residentes da comunidade permanecem em oração em conjunto até às 00h00m/00h30m.

No dia seguinte, a alvorada é às 08h00m, altura na qual se faz um primeiro culto que normalmente conta com a participação de membros da Operação Josué (uma intervenção evangelista do Desafio Jovem). Segue-se um intervalo de cerca de trinta minutos que antecede o segundo culto, o qual costuma contar com a presença do actual director do Desafio Jovem. Às 12h00m é servido um chá quente e é feita nova pausa, que é quebrada às 13h00m, altura na qual os utentes fazem um culto na capela sem a presença de qualquer dos cooperadores da comunidade, apesar de esse culto ser preparado previamente com a assistência e orientação do director da comunidade.

Enquanto se desenrola o “culto dos alunos”, como é designado, a equipa dos cooperadores reúne-se, usufruindo também de um tempo conjunto que serve para partilha e para reforçar as relações de amizade entre eles. Das 14h00m às 16h00m realiza-se uma reunião comunitária focalizada explicitamente sobre o dia de jejum, de forma a compará-lo com os anteriores e a pôr em perspectiva o que Deus tem vindo a fazer desses tempos. Às 16h00m faz-se a quebra de jejum – apesar de que nenhum dos utentes é obrigado a jejuar, sendo somente incentivados e motivados a participar visto que o jejum representa uma prática aconselhada na Bíblia (Sociedade Bíblica de Portugal, 1968, Mateus 9:14-17; ver Anexo C3). Às 17h00m existe um tempo livre, geralmente ocupado a jogar à bola, e às 19h00m é feito um jantar especial na capela, ao qual os residentes devem comparecer bem vestidos.

Importa referir que todos os dias existe, logicamente, tempo separado para os banhos, que são diários e obrigatórios para todos os residentes, e para a higiene pessoal, para além da realização de telefonemas (nos casos dos utentes que já se encontram autorizados a tal), da recepção de visitas e de reuniões específicas e que se demonstrem necessárias.

Anexo C3 – Versículos bíblicos que fundamentam a acção do Desafio Jovem (mencionados em todo o trabalho)

Nota: Este anexo incluiu-se no sentido de facilitar a consulta dos fundamentos teológicos da acção da instituição estudada. Pretende-se facultar um acesso fácil às referências indicadas de forma a permitir uma maior compreensão das verdades que guiam o programa do Desafio Jovem. O aprofundamento do estudo dos fundamentos da instituição servirá para revelar

factores importantes relacionados com o seu programa, permitindo uma compreensão mais completa e, conseqüentemente, mais válida, acerca desses fenómenos. Estudos subsequentes poderiam averiguar, por exemplo, o relacionamento da motivação, em todas as suas dimensões, (ver capítulo II.3.1), com a aceitação destas crenças, ou a sua evolução com a maior ou menor implementação das verdades bíblicas mencionadas pela parte dos técnicos. Estes factos justificam a extensão das passagens bíblicas transcritas, que se consultaram na edição revista e corrigida pela Sociedade Bíblica de Portugal (1968) da tradução de João Ferreira de Almeida da Bíblia para português.

I Coríntios 12:4-11 – “(4) Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. (5) E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. (6) E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo, em todos. (7) Mas, a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil. (8) Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra de sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; (9) E a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, dons de curar; (10) E a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas. (11) Mas um só é o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente, a cada um, como quer.”

I João 1 – “(1) O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida (2) (Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificámos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada); (3) O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão connosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho, Jesus Cristo. (4) Estas coisas vos escrevemos, para que o vosso gozo se cumpra. (5) E esta é a mensagem que dele ouvimos e vos anunciamos: que Deus é luz e não há nele trevas nenhuma. Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos e não praticamos a verdade. (7) Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado. (8) Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. (9) Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça. (10) Se dissermos que não pecámos, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós. – I João 2:1-2 – (1) Meus filhinhos, estas *coisas* vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado

para com o Pai, Jesus Cristo, o justo; (2) E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas, também, pelos de todo o mundo.”

I Pedro 5:1-4 – “(1) Aos presbíteros que estão entre vós, admoesto eu, que sou, também, presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há-de revelar: (2) Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado *dele*, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; (3) Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho; (4) E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória.”

II Coríntios 5:17-21 – “(17) Assim que, se alguém *está* em Cristo, nova criatura *é*: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. (18) E tudo *isto provém* de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo, por Jesus Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação; (19) Isto é, Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação. (20) De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos, *pois*, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus. (21) Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.”

Actos 2:1-6 – “(1) E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; (2) E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. (3) E foram vistas, por eles, línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. (4) E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. (5) E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. (6) E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua.”

Actos 2:16-18 – “(16) Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: (17) E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões e os vossos velhos sonharão sonhos; (18) E também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão”.

Actos 3:1-12, 16 – “(1) E Pedro e João subiram juntos, ao templo, à hora da oração, a nona. (2) E era trazido um varão que, desde o ventre da sua mãe, era coxo, o qual todos os dias punham à porta do templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam. (3) O qual, vendo Pedro e João, que iam entrando no templo, pediu que lhe dessem uma esmola. (4) E Pedro, com João, fitando os olhos nele, disse: Olha para nós. (5) E olhou para eles, esperando receber deles alguma coisa. (6) E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o nazareno, levanta-te e anda. (7) E, tomando-o pela mão direita, *o* levantou, e logo os seus pés e artelhos se firmaram. (8) E, saltando ele, pôs-se em pé, e andou, e entrou com eles no templo, andando, e saltando, e louvando a Deus. (9) E todo o povo o viu andar e louvar a Deus; (10) E conheciam-no, pois era ele o que se assentava, a pedir esmola, à porta Formosa do templo; e ficaram cheios de pasmo e assombro, pelo que acontecera. (11) E, apegando-se o coxo, que fora curado, a Pedro e João, todo o povo correu atônito, para junto deles, ao alpendre chamado de Salomão. (12) E quando Pedro viu isto, disse ao povo: Varões israelitas, por que vos maravilhai disto? Ou, por que olhai tanto para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizessemos andar este homem? (16) E [Deus], pela fé no seu nome [de Jesus], fez o seu nome fortalecer a este que vedes e conheceis; e a fé que é por ele deu a este, na presença de todos vós, esta perfeita saúde.”

Efésios 6:13 – “Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, havendo feito tudo, ficar firmes.”

Filipenses 1:6 – “Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo”.

Hebreus 12:1-2 – “(1) Portanto nós, também, pois que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo o embaraço, e o pecado, que tão de perto nos rodeia, e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta, (2) Olhando para Jesus, autor e consumador da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à dextra do trono de Deus.”

João 14:22-27 – “(22) Disse-lhe [a Jesus] Judas (não o Iscariotes): Senhor, de onde vem que te hás-de manifestar a nós, e não ao mundo? (23) Jesus respondeu, e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele

morada. (24) Quem me não ama não guarda as minhas palavras; ora, a palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou. (25) Tenho-vos dito isto, estando convosco. (26) Mas, aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito. (27) Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.”

Josué 1:8-9 – “(8) Não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes, medita nele, dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele está escrito; porque, então, farás prosperar o teu caminho, e, então, prudentemente te conduzirás. (9) Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não pases, nem te espantes; porque o Senhor, teu Deus, é contigo, por onde quer que andares.”

Marcos 11:20-26 – “(20) E eles, passando pela manhã, viram que a figueira se tinha secado, desde as raízes. (21) E Pedro, lembrando-se, disse-lhe: Mestre, eis que a figueira, que tu amaldiçoaste, se secou. (22) E Jesus, respondendo, disse-lhes: Tende fé em Deus; (23) Porque, em verdade vos digo que, qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito. (24) Por isso, vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis; (25) E, quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai, que *está* nos céus, vos perdoe as vossas ofensas; (26) Mas, se vós não perdoardes, também vosso Pai, que *está* nos céus, vos não perdoará as vossas ofensas.”

Marcos 16:15-20 – “(15) E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura. (16) Quem crer e for batizado será salvo: mas quem não crer será condenado. (17) E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão os demónios; falarão novas línguas; (18) Pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão. (19) Ora o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus. (20) E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com *eles* o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Ámen.”

Mateus 5:37 – “Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque, o que passa disto é de precedência maligna.”

Mateus 6:6-15 – “(6) Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que *está* em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará. (7) E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que, por muito falarem serão ouvidos. (8) Não vos assemelheis, pois, a eles; porque o vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes. (9) Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que *estás* nos céus, santificado seja o teu nome; (10) Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, *assim* na terra como no céu; (11) O pão nosso de cada dia nos dá hoje; (12) E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; (13) E não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amén. (14) Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; (15) Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas.”

Mateus 7:12 – “(12) Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas.”

Mateus 9:14-17 – “(14) Então, chegaram ao pé dele os discípulos de João, dizendo: Por que jejuamos nós e os fariseus, muitas vezes, e os teus discípulos não jejuam? (15) E disse-lhes Jesus: Podem *porventura* andar tristes os filhos das bodas enquanto o esposo está com eles? Dias, porém, virão, em que lhes será tirado o esposo, e então jejuarão. (16) Ninguém deita remendo de pano novo em vestido velho, porque semelhante remendo rompe o vestido, e faz-se maior a rotura. (17) Nem se deita vinho novo em odres velhos; aliás rompem-se os odres e entorna-se o vinho, e os odres estragam-se; mas deita-se vinho novo em odres novos, e assim se conservam.”

Mateus 18:19-20 – “(19) Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai que *está* nos céus. (20) Porque, onde estiverem dois ou três reunidos, em meu nome, aí estou eu no meio deles.”

Naum 1:7 – “O Senhor *é* bom, uma fortaleza no dia da angústia, e conhece os que confiam nele.”

Romanos 3:21-31 – “(21) Mas agora se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas, (22) Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença; (23) Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; (24) Sendo justificados gratuitamente, pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, (25) Ao qual Deus propôs para propiciação, pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; (26) Para demonstração da sua justiça, neste tempo presente, para que ele seja justo, e justificador daquele que tem fé em Jesus. (27) Onde *está*, logo, a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé. (28) Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei. (29) É, porventura, Deus somente dos judeus? E não o é também, dos gentios? Também dos gentios, certamente; (30) Se Deus é um só, que justifica pela fé a circuncisão, e por meio da fé a incircuncisão. (31) Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei.”

Romanos 5:1-11 – “(1) Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; (2) Pelo qual, também, temos entrada, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. (3) E não somente *isto*, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência, (4) E a paciência a experiência, e a experiência a esperança; (5) E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado. (6) Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. (7) Porque dificilmente alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que por um homem bom alguém ouse morrer. (8) Mas, Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. (9) Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. (10) Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus, pela morte do seu Filho, muito mais, estando *já* reconciliados, seremos salvos pela sua vida. (11) E não somente *isto*, mas também nos gloriamos em Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual, agora, alcançamos a reconciliação.”

Romanos 12:2 – “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual *seja* a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

Romanos 13:9-10 – “(9) Com efeito: Não adulterarás; Não matarás; Não furtarás; Não darás falso testemunho; Não cobiçarás; e, se *há* algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo, como a ti mesmo. (10) O amor não faz mal ao próximo. De sorte que, o cumprimento da lei *é* o amor.”

Salmos 34:17 – “Os *justos* clamam, e o Senhor os ouve, e os livra de todas as suas angústias.”

Tiago 2:1-13 – “(1) Meus irmãos, não tenhais a fé do nosso Senhor Jesus Cristo, *Senhor* da glória, com parcialidade. (2) Porque se, no vosso ajuntamento, entrar algum homem com anel de ouro no dedo, com vestidos preciosos, e entrar, também, algum pobre, com sórdido vestido, (3) E atentardes para o que traz o vestido precioso, e lhe disserdes: Assenta-te tu aqui, num lugar de honra, e disserdes ao pobre: Tu, fica aí em pé, ou assenta-te abaixo do meu estrado, (4) Porventura não fizestes distinção dentro de vós mesmos, e não vos fizestes juízes de maus pensamentos? (5) Ouvi, meus amados irmãos: Porventura não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé, e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam? (6) Mas vós desonrastes o pobre. Porventura não vos oprimem os ricos e não vos arrastam aos tribunais? (7) Porventura não blasfemam eles o bom nome que sobre vós foi invocado? (8) Todavia, se cumprirdes, conforme a Escritura, a lei real: Amarás o teu próximo como a ti mesmo, bem fazeis. (9) Mas, se fazeis distinção de pessoas, cometeis pecado, e sois redarguidos pela lei como transgressores. (10) Porque, qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um *só ponto*, tornou-se culpado de todos. (11) Porque, aquele que disse: Não cometerás adultério, também disse: Não matarás. Se tu, pois, não cometeres adultério, mas matares, estás feito transgressor da lei. (12) Assim falai, e assim procedei, como devendo ser julgados pela lei da liberdade. (13) Porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia; e a misericórdia triunfa do juízo.”

Zacarias 4:6 – “(...) Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.”

Anexo C4 – As fases do programa do Desafio Jovem

Nota: Este anexo foi adaptado com base nas informações presentes no *site* da instituição (<http://www.desafiojovem.pt>) e num plano geral das diversas fases gentilmente cedido por um técnico da instituição.

1ª Fase – Orientação

A primeira fase, denominada de *Orientação*, costuma decorrer ao longo de dois meses, durante os quais o residente não tem contacto com o exterior. Esta fase serve especificamente para que o utente se volte para dentro de si mesmo, de forma a que consiga restabelecer uma relação consigo mesmo, aprendendo novamente a identificar e a expressar os seus sentimentos e pensamentos de uma forma eficaz e apropriada, orientando-se e reorganizando-se de uma forma mais benéfica e positiva e aprendendo formas novas de lidar com a pressão. Este representa um período de adaptação no qual o residente não tem contactos com o exterior. Os objectivos desta fase consistem em que o utente:

- Aprenda a obedecer às regras e aos horários da comunidade;
- Aprenda a filosofia do Desafio Jovem no que diz respeito aos problemas de controlo de vida que geram inadaptção social;
- Mantenha uma atitude de respeito relativamente aos seus colegas e monitores;
- Coopere no sentido de estabelecer uma relação de confiança com o conselheiro que lhe for designado;
- Demonstre sempre respeito por todos os meios materiais que lhe forem confiados;
- Seja responsável por todas as suas atitudes;
- Esteja disposto a trabalhar no sentido de uma melhor auto-imagem;
- Se esforce para controlar especificamente possíveis sensações de ira;
- Complete satisfatoriamente todas as tarefas que lhe forem designadas;
- Assista e participe em todas as actividades de grupo realizadas pela comunidade;
- Complete o programa académico que lhe for designado.

Por sua vez, as regras desta 1ª fase incluem que não é permitido ao utente:

- Estar sozinho a circular pela comunidade ou no sector de trabalho;
- Fazer ou receber telefonemas;
- Receber ou enviar correspondência;
- Ter visitas;
- Ausentar-se da comunidade;

- Possuir certos objectos, tais como joalharia, fotografias e música.

Ao completar com êxito os requisitos mencionados, tendo permanecido durante pelo menos 60 dias no programa, o residente será avaliado para determinar a sua passagem à fase seguinte.

2ª Fase – Intermédia

A fase *Intermédia*, na qual se pretende consolidar as estruturas criadas na 1ª fase e preparar progressivamente a retoma pelo utente de contactos com o exterior, é caracterizada pela reconquista gradual de privilégios e pelo consequente assumir de responsabilidades. Os objectivos desta fase englobam que o utente:

- Assuma uma maior responsabilidade em relação à comunidade;
- Aprofunde a reflexão acerca de si mesmo;
- Estabeleça objectivos pessoais (de curto e médio prazo), iniciando acções práticas no sentido de os alcançar;
- Complete satisfatoriamente todo o programa académico que lhe seja proposto;
- Seja pontual;
- Trabalhe as suas relações familiares e com outros significativos;
- Coopere no estabelecimento de uma relação de confiança com todo o pessoal da comunidade;
- Demonstre estabilidade emocional.

Os privilégios do utente nesta fase incluem que este pode:

- Receber ou fazer dois telefonemas por semana;
- Enviar ou receber correspondência;
- Receber visitas;
- Readquirir alguns objectos pessoais;
- Participar em algumas das actividades promovidas pelo Desafio Jovem fora da comunidade.

Novamente, a passagem para a fase seguinte depende de uma avaliação que se segue ao êxito do utente em completar os requisitos indicados, sendo que a permanência nesta fase corresponde a um período mínimo de três meses e meio.

3ª Fase – Avançada

Esta fase engloba uma retoma progressiva, pelo utente, de uma vida no exterior da comunidade. O residente irá, quinzenalmente, passar um fim-de-semana a casa, sendo que na

sua primeira saída será acompanhado pelo seu conselheiro. Nesta fase, é possível aos directores das comunidades, ou aos conselheiros dos utentes, requerer-lhes análises para controlo de consumos. Os objectivos desta fase englobam que o utente:

- Continue a cumprir, de forma autónoma e responsável, todos os requisitos das fases anteriores;
- Demonstre um equilíbrio emocional consistente;
- Continue a demonstrar hábitos de trabalho responsáveis, demonstrando também uma atitude de orientação e de ajuda aos outros residentes;
- Procure (re)construir relações apropriadas com o exterior de forma activa;
- Complete satisfatoriamente todo o programa académico;
- Comece a estabelecer objectivos pessoais (a longo e a curto prazo), iniciando acções práticas de forma a alcançá-los.

Os privilégios cedidos aos utentes nesta fase, englobam que este poderá:

- Passar um fim-de-semana em casa de quinze em quinze dias;
- Receber ou fazer dois telefonemas por semana;
- Receber e enviar correspondência;
- Sair da comunidade para resolver assuntos pessoais, sempre que justifique a sua ausência e que tenha permissão do director da comunidade.

A passagem para a 4ª fase depende da observação destes requisitos, da permanência nesta fase por um período mínimo de três meses e meio e de uma avaliação de passagem à fase seguinte. Esta avaliação engloba que o residente apresente previamente um plano escrito que especifique os seus objectivos para a fase seguinte, tendo em conta a sua reinserção activa na sociedade, e que deverá incluir as suas perspectivas e expectativas a nível académico, laboral, habitacional, familiar e recreativo.

4ª Fase – Reentrada

A fase terminal do programa focaliza especialmente uma reinserção saudável do utente, de forma a que este reencontre o seu lugar na sociedade. Neste sentido, engloba um aumento na frequência das suas idas a casa, que passam a ocorrer de forma semanal, e um aumento do tempo de fim-de-semana, no sentido em que, após decorrido o primeiro mês da 4ª fase, o residente poderá abandonar a comunidade à sexta-feira à noite. Orienta-se o residente na procura de emprego e este poderá assumir funções no mesmo quando tiver completado dois meses e meio na 4ª fase. Nessa altura, o residente poderá imediatamente requerer a sua transferência para um apartamento terapêutico, ou casa de saída, continuando a

ter de comparecer na comunidade para participar em algumas reuniões. Os objectivos específicos desta fase englobam que o utente:

- Seja um exemplo sólido de estabilidade social, emocional, física e espiritual;
- Tome a iniciativa, continuando a reconstruir as suas relações familiares e com outros significativos;
- Continue a solidificar os seus planos e objectivos pessoais;
- Apresente um relatório mensal de auto-avaliação relativamente aos seus progressos e necessidades em várias áreas (laboral, social, emocional e espiritual), definindo também alvos para um futuro a curto prazo.

O fim do programa de reabilitação é atingido com esta fase, quando o residente começar a exercer uma actividade profissional fora da instituição ou se atingir o final do período de internamento. Ao longo de todo o programa de reabilitação, o residente reconquista, progressivamente, os seus privilégios, culminando com o término do programa. Nesta altura, o Desafio Jovem considera que o utente conquistou a sua confiança e o seu respeito, esperando, assim, que com um mínimo de vigilância este saiba assumir as suas responsabilidades com maturidade e gerir o seu tempo.

Estágio

Com a duração mínima de um ano, o estágio tem como principal objectivo o apoio à reinserção socioprofissional do ex-toxicodependente – indivíduo agora reabilitado. Inicia-se em simultâneo com a altura em que é dado por terminado com sucesso o programa de internamento e é caracterizado pela celebração de um compromisso personalizado para com a instituição, através do qual o residente define as suas principais responsabilidades na prossecução dos objectivos anteriormente especificados no seu projecto pessoal de vida. Nos casos em que se justifique, poderá passar a residir num apartamento terapêutico.

O estagiário deverá frequentar as reuniões de “reencontro”, cuja periodicidade é mensal e, até ao sexto mês de estágio, deverá ainda estar presente em todas as reuniões realizadas na comunidade para as quais for solicitado. Esta fase distingue-se de todas as outras pelo facto de o estagiário viver de forma autónoma, sem, contudo quebrar a sua interdependência em relação ao Desafio Jovem.

Anexo D - Desenvolvimento de temas abordados em II.3

Anexo D1 – Técnicas desenvolvidas para fomentar a conclusão dos tratamentos

Como referido no *Enquadramento Teórico* deste trabalho, a formação dos conselheiros – profissionais, semi-profissionais ou voluntários – deve salientar o treino da sensibilidade (não só cultural) e também das diversas técnicas referidas seguidamente, para que possam implementar nos seus trabalhos uma porção das seguintes estratégias, abordagens e intervenções de forma a que, gradualmente, reduzam os casos de insucesso neste tipo de terapia. Existe, de facto, uma necessidade de que se desenvolvam e testem estratégias que facilitem o envolvimento inicial e a retenção nos tratamentos, que previnam a desistência e que incitem, de forma célere, a nova adesão de utentes que possivelmente desistam prematuramente (Ball, Carroll, Canning-Ball & Rounsaville, 2006). Recordando técnicas de elaboração de programas de prevenção de saúde (McKenzie, Neiger & Smeltzer, 2005), a abundância de variáveis potencialmente influentes para a conclusão dos tratamentos indica que se deve estabelecer uma ordem objectiva para a selecção de quais as variáveis a trabalhar e a focalizar através dessas intervenções, pelo que as variáveis alvo devem constituir-se pelas mais acessíveis e alteráveis, e que sejam, simultaneamente, mais influentes para os objectivos propostos (Stotts, Mooney, Sayre, Novy, Schmitz & Grabowski, 2007).

Como exemplo inicial de abordagens criadas para o efeito, Longshore e Teruya (2006) sugerem que a implementação de protocolos que estabeleçam linhas orientadoras gerais para a forma correcta de lidar com a resistência torna-se premente, tanto ao nível dos serviços que referem aos toxicodependentes os centros onde estes podem ser atendidos, como ao nível dos serviços que acolhem e prestam o seu aconselhamento. Por exemplo, ao nível do processo de referência, evitar-se “forçar” um indivíduo resistente a entrar em tratamento – potencialmente arruinando a possibilidade de surgirem os efeitos positivos desejados com o mesmo – e utilizarem-se, alternativamente, técnicas mais subtis de indução e de motivação, poderá não representar uma tarefa demasiado complexa, uma vez que se tenha noção de que nem sempre a confrontação representa uma estratégia benéfica (especialmente a longo prazo e face a indivíduos ambíguos ou renitentes). Longshore e Teruya (2006) também exprimem a opinião de que testar-se a eficácia e a proficuidade desses protocolos, diferenciando os resultados entre clientes resistentes ao conteúdo e clientes resistentes aos processos envolvidos no tratamento, e entre clientes cuja resistência aparenta ser um traço e outros cuja resistência aparenta ser um estado passageiro, poderá proporcionar um refinamento gradual

da forma mais adequada de se lidar com cada tipo de caso com que se poderá posteriormente entrar em contacto.

Outro tipo de técnicas potencialmente úteis, que se relacionam com a indução do paciente ao tratamento – e que, naturalmente, também se localizam temporalmente antes do início do mesmo –, concretizam-se na indução dos clientes relativamente aos papéis que irão desempenhar uma vez que se encontrem em tratamento. Dessa forma, os utentes estarão, prévia e adequadamente, preparados no que respeita às atitudes, percepções, reacções e comportamentos que deverão incorporar ao longo do programa, e facilitar-se-á que estabeleçam expectativas realistas em relação aos conselheiros e ao staff do mesmo, aos futuros colegas e ao próprio programa de tratamento (Simoneau & Bergeron, 2003). No Desafio Jovem, este papel é desempenhado actualmente pelos Cafés Convívio.

Ainda neste sentido, a discussão prévia com o utente de alguns impasses e bloqueios que poderão surgir ao longo do tratamento, como a sua potencial percepção prematura de que este já foi bem sucedido (antes de o ter concluído e das mudanças que efectuou terem sido firmemente consolidadas), poderá evitar que o utente ponha em risco a qualidade, e até mesmo o sucesso, da sua reabilitação abandonando precocemente o programa. Outro elemento relevante deste tipo de técnica concretiza-se num estabelecimento inicial de objectivos, uma vez que fortalece o compromisso com a mudança (Simoneau & Bergeron, 2003) e que, por exemplo, num caso em que o utente pretende abandonar o centro porque “não vale a pena” concluir o tratamento, permite a utilização de um argumento potencialmente válido aos olhos do utente pelo seu conselheiro – uma vez que os desejos e os objectivos apresentados nesse argumento serão os que o próprio utente expressou quando iniciou o tratamento.

Visto que o estabelecimento de objectivos deve ser totalmente efectuado em colaboração com o toxicodependente, regressamos à importância de que o contexto dos centros de tratamento apoie a autonomia dos seus utentes, uma vez que a imposição de mudanças dificilmente produz efeitos tão duradouros e positivos nos indivíduos como mudanças efectuadas de livre vontade, que são voluntariamente integradas na sua personalidade e no seu modo de vida (Longshore & Teruya, 2006). Contextos que apoiam a autonomia facilitam a internalização da motivação e a diminuição da resistência, especialmente quando oferecem um racional para a adopção de determinados comportamentos específicos e quando a tomada de decisões e a “instauração de regras” é efectuada em conjunto com os utentes, não sendo imposta (Longshore & Teruya, 2006). De facto, estas premissas aparentam ser respeitadas no trabalho desenvolvido no Desafio Jovem,

como os fundamentos da instituição atestam (Sociedade Bíblica de Portugal, 1968, I Pedro 5:1-4, Zacarias 4:6; ver Anexo C3). O Anexo C2 ajuda a demonstrar esse facto, em parte, através do relato de que, semanalmente, é realizada uma reunião comunitária na qual os utentes têm espaço e tempo para fazer sugestões e de que, por exemplo, a hora do almoço foi alterada para satisfazer uma sugestão desse tipo.

Como abordámos na *Introdução*, a percentagem de toxicodependentes que chega a aderir a um programa de reabilitação é realmente baixa, pelo que a utilização de contactos telefónicos (Simpson, 2004), e de outros tipos de demonstração de investimento e de preocupação com a vida do toxicodependente, poderão incitar a sua motivação para o tratamento e para que se decida a aderir ao mesmo. Novamente, o trabalho efectuado pelos Cafés Convívio poderá englobar este aspecto, como o responsável geral pelos Cafés Convívio, entrevistado neste estudo, indica (ver Entrevista 7, pp. 139-140, Anexo F).

Para os que aderem, deve ter-se em conta que a fase inicial dos tratamentos é particularmente difícil, sendo associada a auto-representações disfuncionais, a intensas sensações de preocupação, à falta de confiança em relação ao futuro, a sentimentos fortes de perturbação pessoal e ao recurso a estratégias de *coping* não adaptativas. Neste sentido, para minorar as taxas de desistência, é necessário reduzir ao máximo os estados de perturbação vividos pelos toxicodependentes nesta fase (Ravenna et al., 2001). A fase inicial do programa do Desafio Jovem representa um período de tempo no qual o utente não tem contacto com o exterior e no qual deve aderir às regras e tarefas que lhe são estipuladas no programa. Este período é de introspecção, e, em conjunto com o foco espiritual/religioso do programa, estes factos poderão, porventura, aumentar o mal-estar sentido pelo utente nesta fase instável. Apesar disto, a indução que é efectuada previamente à adesão, e o ambiente familiar da instituição, poderão amenizar esses sentimentos.

Assim, as precauções principais dos conselheiros e do *staff* dos programas, especialmente nas primeiras semanas em que o utente se encontra em tratamento, devem incluir o melhoramento do seu bem-estar a todos os níveis, de forma a que – para além do benefício intrínseco de o fazer sentir-se melhor e de melhorar a sua qualidade de vida – este se sinta ajustado e enquadrado no tratamento, e que seja capaz de tirar proveito do tratamento e de atingir os seus objectivos (Bell, Atkinson, Williams, Nelson & Spence, 1996). No entanto, tendo em conta a própria natureza (re)estruturante de um programa de reabilitação relacionado com a toxicodependência – cujos novos utentes estão, na maioria das vezes, habituados a viver num mundo completamente desprovido de regras, de horários, de responsabilidades e de outras recompensas que não as que provêm de estar sob o efeito de

droga – parece inevitável que exista algum nível de desconforto. Apesar disto, os fundamentos da instituição demonstram que os seus técnicos, empenhando-se em ajudar o seu próximo, se esforçam para cumprir estes procedimentos, tratando-os com amor, dignidade e respeito (este procedimento da instituição baseia-se em determinados princípios bíblicos [Sociedade Bíblica de Portugal, 1968, Tiago 2:1-13]; ver Anexo C3).

Este tema encontra-se ligado à necessidade de que se apoie a autonomia do toxicodependente, acautelando acerca do equilíbrio muito refinado que deve existir entre a compreensão empática dos conflitos internos do indivíduo e o apoio que lhe deve ser oferecido no processo de ajustamento à sua nova realidade, mantendo a sua liberdade de escolha inquestionável (Simoneau & Bergeron, 2003). Neste processo, torna-se também relevante ser-se directivo mas não confrontativo e fomentar-se a auto-eficácia, uma vez que a adaptação a um programa estruturado, que tem as suas características e regras próprias, representa um percurso necessário para uma futura inserção num mundo repleto de regras, limites, responsabilidades, dissabores e tentações.

No sentido de aumentar a auto-eficácia e a percepção de competência dos utentes, os conselheiros devem acreditar genuinamente que o utente consegue ter sucesso, exacerbando as forças deste, reforçando os pequenos passos que vão sendo por ele dados e quaisquer mudanças positivas que efectue, levando-o a reconhecer o que já fez e o que ainda necessita de fazer. Naturalmente, este processo implica a monitorização contínua do progresso do utente (Simoneau & Bergeron, 2003).

De facto, há quem considere que a abordagem Rogeriana representa um elemento fundamental, não só do terapeuta, mas também de todo o *staff* do centro (e, até ao ponto em que for possível, dos outros utentes do mesmo), visto que facilita o estabelecimento de uma relação terapêutica forte, positiva e que aumenta a esperança do indivíduo, sem o fazer sentir-se pressionado, nem forçado, a assumir determinadas atitudes, comportamentos ou escolhas (Simoneau & Bergeron, 2003). Torna-se fundamental notar a importância que a qualidade da relação terapêutica assume num processo de recuperação da toxicodependência – trata-se de um processo que implica a reestruturação global de um indivíduo, o que por si só aparenta causar um desconforto substancial, que, para além disso, geralmente usufrui de pouco, ou de nenhum, apoio social e cujo passado relacional terá provavelmente marcado negativamente, desequilibrado ou debilitado as suas capacidades sociais actuais. Adicionando a este facto, o contexto das comunidades terapêuticas implica uma vivência muito próxima, propícia ao desenvolvimento de relacionamentos fortes e marcantes, pelo que a responsabilidade do conselheiro de servir de modelo funcional se torna explícita.

Neste sentido, integrando elementos da Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (2003) e do modelo de vinculação de Bowlby (1988, cit. por Cormier & Cormier, 1997), a capacidade do conselheiro de servir como modelo e como base segura para a exploração do mundo por parte do utente poderá ser fundamental para o sucesso do tratamento. Sabendo que a força e a qualidade da relação terapêutica influenciam a identificação do utente com o seu conselheiro e o nível de proximidade relacional que este é capaz de estabelecer com o mesmo, a importância das qualidades humanas apontadas por Rogers exacerbam-se uma vez mais para as relações de ajuda, desta vez também no caso do tratamento para a toxicodependência.

Englobando a questão da resistência discutida um pouco acima, a motivação assume, como se indica no capítulo II.3.1, em todos os seus contornos, um valor crucial como factor influente para a conclusão, e para os resultados e eficácia dos programas de reabilitação da toxicodependência. Nesse sentido, a noção de que a motivação representa um conceito dinâmico e alterável toma uma importância extrema e a implementação de procedimentos de melhoramento motivacional torna-se quase impreterível (Miller, 1998; Simoneau & Bergeron, 2003; Simpson, 2004).

Para além das entrevistas de indução de papéis já discutidas, incluem-se neste tipo de intervenção a utilização de técnicas bem conhecidas, como as já mencionadas entrevistas motivacionais, e de técnicas mais recentes como, por exemplo, a elaboração de mapas de ligação entre nódulos (*node link mapping*), desenvolvidas por Donald Dansereau e colegas no *Institute of Behavioral Research [IBR]* da *Texas Christian University* (Simpson, 2004).

Os mapas de ligação entre nódulos representam uma ferramenta de visualização conceptual que permite melhorar a comunicação e a resolução de problemas, que contribui para o melhoramento da relação terapêutica e que aumenta a memorização do conteúdo trabalhado em cada sessão, uma vez que reduz a dependência da comunicação exclusivamente verbal e que aumenta o foco atencional dos participantes (Brown, O'Grady, Battjes & Katz, 2004; Flynn, Joe, Broome, Simpson & Brown, 2003; Joe et al., 1998; Longshore & Teruya, 2006; Simpson, 2004; Simpson, Joe & Rowan-Szal, 1997; Simpson, Joe, Rowan-Szal & Greener, 1997; Stotts et al., 2007).

Importa referir que, especialmente nos contactos com os toxicodependentes que antecedem, e os preparam para, o tratamento, a avaliação da fase de mudança na qual se encontram assume uma importância óbvia, uma vez que se encontra estabelecida a utilidade de determinados processos para aumentar a motivação de indivíduos que se encontram em cada uma das fases específicas (Brown et al., 2004). Após essa identificação, focalizam-se,

através das intervenções motivacionais e dos processos adequados a cada fase, os pensamentos e as emoções específicas dos utentes que seja necessário abordar para que avancem ao longo das fases (Longshore & Teruya, 2006).

Em situações nas quais a presença do utente no tratamento depende de alguma forma da coerção (seja esta de cariz legal, familiar, etc.), as técnicas de gestão de contingências referidas no Anexo B3 poderão servir para fomentar a retenção em tratamento apesar da fraca motivação e da elevada resistência em participar e, para além disso, poderão ainda possibilitar uma interiorização das recompensas, de forma a que a presença do utente não seja meramente física e dirigida pelas recompensas materiais, mas que também comece a ser genuína, e que a sua motivação se torne identificada como resposta à sua experiência de novas formas de gratificação. Assumem um papel principal neste ponto as técnicas que incorporam o reforço comunitário e as técnicas tradicionais de reforço (oferta de vales/dinheiro). Este tipo de técnica pode ser utilizada para aumentar a frequência das sessões, a retenção em tratamento e os comportamentos positivos agidos dos utentes. Apesar de geralmente representar um tipo dispendioso de intervenção, é de referir-se que determinadas variações de baixo custo têm demonstrado a sua eficácia, pelo que a utilização da criatividade poderá viabilizar a implementação de projectos deste tipo, juntamente com os benefícios que deles decorrem (Ball et al., 2006; Flynn et al., 2003; Simpson, 2004; Simpson, Joe & Rowan-Szal, 1997; Stotts et al., 2007).

Por último, visto que o principal meio de *coping* dos toxicodependentes se concretizava nos seus consumos até ao momento em que entram em tratamento (que, no caso de programas como o do Desafio Jovem, representa o momento em que deixam de poder consumir), devem ser desenvolvidas as suas capacidades de *coping* de forma a que adquiram capacidades novas e menos prejudiciais. O apoio social representa um apoio face ao stress que é necessário, na maior parte das vezes, (re)activar, dado o isolamento social característico de casos de toxicodependentes, pelo que os programas devem envolver os outros significativos dos utentes ao longo de todo o processo de reabilitação. Poderá ser necessário, para haver algum proveito e até para possibilitar esse tipo de envolvimento, que se treinem as capacidades de comunicação dos utentes, uma vez que influenciam o funcionamento psicossocial e a capacidade de formação de redes de apoio social de que o utente dispõe e, nesse sentido, pode também ser útil trabalhar-se as formas de relacionamento e de socialização do mesmo (Bell et al., 1996). Também deve ser dispendido um esforço no sentido de ajudar o utente a que consiga restabelecer o contacto e uma relação saudável com pessoas que outrora poderá ter ferido, visto que diminuirá os seus sentimentos de culpa e,

consequentemente, o seu nível de perturbação emocional, permitindo que recupere uma valiosa rede de apoio, pelo que também se torna necessário apoiar esses outros significativos de forma a que consigam lidar com a nova pessoa que se está a transformar através do tratamento e que consigam ajudá-la a estruturar-se e a crescer (Simpson, 2004).

De facto, as estratégias de *coping* que a espiritualidade/religiosidade podem fornecer aos indivíduos, poderão representar uma das formas através das quais esses componentes do programa do Desafio Jovem influenciam a retenção dos seus utentes, visto que o processo de conversão pode fornecer aos utentes importantes formas de lidar com o stress e com situações difíceis de enfrentar. No entanto, também é possível que essas estratégias de *coping* tomem uma forma negativa, ou prejudicial, pelo que este tópico deve ser estudado neste contexto para uma melhor compreensão das alterações que o programa do Desafio Jovem implica para quais dos seus utentes. Para além disto, e em adição ao melhoramento social que decorre naturalmente da espiritualidade/religiosidade cristã, o programa focaliza especificamente essa área ao longo da maioria das suas fases, ajudando os seus utentes a restabelecer contacto com o mundo social, com familiares e amigos antigos, etc. (ver capítulo II.2; Anexo C4).

Anexo D2 – Aspectos relevantes para a discussão da espiritualidade/religiosidade

A espiritualidade e a religiosidade constituem dimensões inquestionáveis da vida humana, o que as torna em objectos legítimos para o estudo científico (Hood Jr. & Belzen, 2005; James, 1902 cit. por Miller, 1998; Pargament & Mahoney, 2002; Piedmont, 2005), e têm sido associadas a uma quantidade de resultados positivos de saúde. Por exemplo, a religiosidade tem sido considerada uma das características das pessoas felizes (Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999). Assim, é surpreendente que só nas últimas décadas tenha vindo a ressurgir o interesse científico por este tema no campo do tratamento das dependências, especialmente quando se tem em conta o longo currículo de envolvimento de organizações espirituais/religiosas nesta área (White & Whithers, 2005). De facto, durante a maior parte do século XX, a Psicologia, à semelhança dos outros campos da ciência, não abordou estas questões (Paloutizan & Park, 2005a; Pargament & Mahoney, 2002), o que se poderá explicar, em parte, pela dificuldade que existe em definir e medir a espiritualidade (Laudet et al., 2006; Pargament & Mahoney, 2002), pois “a ciência começa pela definição e observação” (Miller, 1998, p. 979).

O surgimento da psicologia positiva aumentou a atenção prestada à relação entre as crenças e os comportamentos espirituais e religiosos, a ausência de problemas de saúde mental e a existência de estados emocionais e psicológicos positivos (Joseph, Linley &

Maltby, 2006), e também a traços de carácter como o perdão e a gratidão (Boyatzis, 2005), que, entre outros, são conceitos intimamente ligados a algumas das mais difundidas religiões do mundo. Apesar de ser impossível discutir de forma científica a existência real do sagrado – uma vez que não existem instrumentos para medir Deus – podemos, no entanto, aprender de que formas as pessoas se relacionam com o mesmo e que impactos isso tem nas suas vidas (Pargament & Mahoney, 2002).

Pargament e Mahoney (2002) capturaram bem a possibilidade e a importância do estudo da espiritualidade e da religiosidade, indicando que, enquanto os esforços da Psicologia convergem fundamentalmente sobre a tentativa de aumentar o controlo individual das pessoas sobre as suas próprias vidas, continuam a existir aspectos da vida humana que vão para lá do controlo pessoal. Nesse sentido, uma vez que a espiritualidade/religiosidade permitem encontrar formas de dar sentido e de lidar com esse tipo de impotência, a integração das perspectivas, dos métodos e dos valores da Psicologia e da espiritualidade/religiosidade poderão ajudar a melhorar os serviços prestados por ambos os campos, que essencialmente se preocupam com o bem-estar das pessoas com quem contactam. Este tipo de integração poderá preparar o terreno para o desenvolvimento de uma psicologia positiva enriquecida pela espiritualidade/religiosidade.

A partir do último quarto do século passado, o interesse pela espiritualidade/religiosidade começou a ressurgir em todos os campos da ciência e até no público em geral, como mostram muitos artigos dessa época, especialmente no final dos anos '80 e início dos anos '90 (Bergin, 1991; Ozorak, 2005; Paloutzian & Park, 2005; Piedmont, 2004; Zinnbauer & Pargament, 2005). Este interesse renovado deve-se, pelo menos em parte, ao reconhecimento de que esses conceitos usufruem de um carácter central e único ao ser humano (Piedmont, 2005) e, no campo da saúde, o interesse dos próprios pacientes nesses assuntos parece ter desempenhado um papel importante. Jornais americanos indicam que 88% dos doentes nos EUA acreditavam que a espiritualidade/religiosidade e a fé podiam ajudar à recuperação, e que 77% mostraram querer que os seus médicos prestassem atenção às suas necessidades espirituais/religiosas.

Especificamente na área do tratamento da toxicodependência, alguns toxicodependentes em recuperação também indicam que preferiam que o seu programa de tratamento incorporasse a componente espiritual/religiosa (Galanter et al., 2007). Para além disto, a relação existente entre a disseminada modalidade de 12-passos e esses conceitos (ver Anexo B3), e a percepção de que atribuem significado à recuperação, potenciando a sua estabilidade, tem influenciado esse aumento de interesse (Galanter, 2006). Nos EUA, a

Substance Abuse and Mental Health Services Administration (SAMHSA; 2001) tem vindo a apoiar organizações baseadas na fé envolvidas no tratamento para o abuso de substâncias. Uma das formas recomendadas para limitar que o abuso de substâncias e o HIV/SIDA se espalhem consiste no envolvimento de comunidades de fé e de líderes religiosos nestas matérias (SAMHSA, 2001). Uma vez que grande parte da população possui crenças espirituais/religiosas, torna-se evidente a necessidade de estudar e compreender melhor os seus efeitos em diversas áreas dos cuidados de saúde, incluindo em situações de abuso de substâncias (Galanter et al., 2007).

Os resultados de alguns estudos indicam que as crenças espirituais/religiosas dos indivíduos predizem a recuperação (Flynn et al., 2003; Galanter et al., 2007; Polcin & Zmore, 2004), enquanto outros estudos não encontraram essa associação. A variabilidade que se verifica neste tipo de resultados poderá surgir do facto de que não existem actualmente definições universalmente aceites para a religiosidade e espiritualidade (Pardini, Plante, Sherman & Stump, 2000; Piedmont, 2005), apesar de que os indivíduos demonstram conseguir descrever as suas crenças de formas fiáveis, tendo ideias claras acerca do significado destes termos e conseguindo distingui-los de outros conceitos e fenómenos. Na prática, a experiência destes conceitos representa uma das suas mais importantes características, e o facto de que a espiritualidade e a religiosidade são vividas de uma forma subjectiva e individualizada por cada pessoa explica, em parte, a indefinição associada a estes conceitos (Boyatzis, 2005; Galanter, 2006; Pardini et al., 2000; Zinnbauer & Pargament, 2005).

A espiritualidade/religiosidade representam questões culturais complexas e multifacetadas que não podem ser reduzidas a outros fenómenos, e as suas influências repercutem-se a níveis biológicos, afectivos, cognitivos, morais, relacionais, da personalidade, sociais e culturais, para além de que se podem desenvolver e não representam conceitos estáticos (Galanter, 2006; Laudet et al., 2006; Piedmont, 2005; Zinnbauer & Pargament, 2005).

Para além de incluírem níveis de análise distintos, mas relacionados, da vida humana (e.g., as dimensões biológica, social, etc.), estes conceitos estão presentes em diversas culturas localizadas em tempos e espaços diferentes, pelo que, neste contexto, as noções antropológicas de definições *émicas* (i.e., que capturam o significado de um termo dentro de um determinado contexto cultural) e de definições *éticas* (i.e., que permitem a identificação de elementos comuns de um determinado conceito ao longo de várias culturas) tornam-se aplicáveis. Ambas as formas de definição devem ser utilizadas em conjunto para permitir

que, simultaneamente, se atinjam a especificidade e a abrangência convenientes ao progresso do conhecimento. Desligar a definição de um fenómeno das realidades que o criam, quer pela falta de especificidade, quer pela utilização de uma perspectiva demasiado estreita (que não permitisse relacionar cada ocorrência específica desse fenómeno às suas restantes expressões), impediria a produção de conhecimento científico acerca desse fenómeno (Zinnbauer & Pargament, 2005).

A apresentação das diferentes definições que têm sido sugeridas para a espiritualidade/religiosidade ultrapassa o objectivo deste trabalho (para uma leitura mais aprofundada acerca deste tema ver Cook, 2004; Pargament & Mahoney, 2002; Zinnbauer & Pargament, 2005). No entanto, torna-se necessário indicar, pelo menos sucintamente, o que se entende por espiritualidade e por religiosidade (Cook, 2004), por todas as razões explicitadas ao longo deste trabalho em relação à importância da clareza conceptual para a consequente clareza do conhecimento produzido por determinado estudo. Nesse sentido, especificamente em relação à espiritualidade e à religiosidade, torna-se útil basear a perspectiva adoptada no trabalho na compreensão que o próprio grupo estudado tem desses mesmos conceitos (Cook, 2004; Zinnbauer & Pargament, 2005).

O Desafio Jovem é uma instituição cristã de denominação protestante, mais especificamente evangélica, pelo que a sua interpretação de espiritualidade e de religiosidade assume contornos específicos que se relacionam, de certa forma, com a distinção “comum” entre estes conceitos discutida por Zinnbauer e Pargament (2005) e que pode ser compreendida através das noções de religiosidade intrínseca e extrínseca mencionadas por Bergin (1991). Como se refere no capítulo III.3.2, esta noção, da parte da investigadora, desenvolveu-se com base na sua interacção com praticantes da fé cristã, pelo que não se pode concluir que esta definição seja representativa da perspectiva do pessoal da instituição acerca destes conceitos. A investigadora criou um questionário para avaliação dessas percepções, baseado no trabalho de Zinnbauer e Pargament (2005), e que se apresenta no Anexo D3, mas a escassez temporal para aplicação e análise do mesmo impediu a sua utilização.

Neste sentido, enquanto a religião tende a ser perspectivada como algo estático, institucional, *mau*, baseado na hipocrisia e nas aparências, mesmo até descrito como algo desprovido de vida, seco e morto – sendo a religiosidade, numa perspectiva teológica, associada muitas vezes à forma de estar dos fariseus, que foram os principais acusadores de Jesus Cristo –, a espiritualidade tende a ser compreendida como um conceito dinâmico, pessoal, *bom*, genuíno e, de certa forma, vivo (Zinnbauer & Pargament, 2005) – demonstrando as noções teológicas de que Deus é espírito, de que o Espírito Santo está com

os crentes ao longo desta vida para os tornar pessoas melhores e de que a vida eterna será espiritual.

Neste sentido, dado que a espiritualidade também é vivida como um fenómeno social, comum, não inteiramente individual, e que a forma como é vivida pelos cristãos evangélicos depende, em grande parte, dos dogmas expressos na Bíblia e até da forma como cada igreja tende a compreender o que está escrito na mesma, pode-se dizer que, de facto, existem dois tipos de religiosidade – um direccionado para o crescimento pessoal, através da prática dos elementos correspondentes à fé que determinada religião professa, e outro orientado pela obtenção de benefícios materiais e sociais que não se encontrem associados ao crescimento espiritual individual.

Surgem assim os conceitos de religiosidade intrínseca (orientada para o crescimento espiritual) e extrínseca (não orientada para o crescimento espiritual), relatados por Bergin (1991), complementando a noção de que o termo religião é utilizado para referir aspectos organizacionais e o termo espiritualidade para referir aspectos pessoais daquilo que constitui o elemento distintivo destes conceitos – o relacionamento com o divino ou com o sagrado (Paloutzian & Park, 2005a; Pargament & Mahoney, 2002). Neste sentido, a religiosidade intrínseca serviria o propósito de fomentar e alimentar a vida espiritual e a espiritualidade seria o aspecto fundamental da participação religiosa (Laudet et al., 2006).

Anexo D3 – Guião de um inquérito não aplicado neste estudo

1. Classifique em que medida a religiosidade e espiritualidade são partes integrantes do programa do Desafio Jovem. O programa é:

Totalmente religioso e nada espiritual	Mais religioso que espiritual	Tão religioso como espiritual	Mais espiritual que religioso	Totalmente espiritual e nada religioso
1	2	3	4	5

2. Tendo em conta a sua resposta anterior, considera fundamental para o sucesso do programa a componente religiosa/espiritual que indicou?

Não. É desnecessária	É pouco importante	Nem é muito nem pouco importante	É bastante importante	Sim. É indispensável
1	2	3	4	5

3. Qual a sua função nesta comunidade terapêutica? _____

4. Há quanto tempo trabalha na recuperação de toxicodependentes? _____

5. O que é para si a espiritualidade? _____

6. O que é para si a religião? _____

7. Faça corresponder a espiritualidade e/ou a religiosidade à lista de características seguinte, escolhendo o número da opção que lhe parece mais indicada:

1	Nenhuma	2	A espiritualidade	3	São ambas mas mais a espiritualidade	4	As duas igualmente	5	São ambas mas mais a religiosidade	6	A religiosidade
---	---------	---	----------------------	---	--	---	-----------------------	---	--	---	--------------------

- | | | | |
|---|-------|---|-------|
| A. É uma fonte de apoio social | _____ | L. A sua experiência engloba uma | _____ |
| B. É um dom de Deus | _____ | sensação de proximidade com Deus | ----- |
| C. É benéfica | _____ | M. É institucional | _____ |
| D. Serve uma função/um propósito | _____ | N. É relacionada com o sagrado | _____ |
| na vida individual | ----- | O. É uma orientação para a vida | _____ |
| E. É estática | _____ | P. É uma fonte de conflito externo | _____ |
| F. É uma força motivacional | _____ | Q. É objectiva | _____ |
| G. É subjectiva | _____ | R. É uma característica humana natural | _____ |
| H. É pessoal | _____ | S. É maléfica | _____ |
| I. É uma fonte de conflito interno | _____ | T. É baseada na experiência | _____ |
| J. Baseia-se em crenças | _____ | U. Pode ser positiva ou negativa | _____ |
| K. É dinâmica | _____ | | |

Anexo E - Guião utilizado nas entrevistas realizadas

Tabela 4

Guião da Entrevista Realizada à Amostra de Actuais Utentes do Desafio Jovem

Dados demográficos	1. Idade 2. Sexo 3. Habilitações 4. Onde e com quem vivia antes de ingressar no Desafio Jovem?
Razões para adesão	1. Porque entrou para o programa do Desafio Jovem? 2. Como começou a frequentar os Cafés Convívio? 3. Quanto tempo frequentou os Cafés Convívio?
Passado de consumos	1. Que drogas consumia antes de entrar? 2. Há quanto tempo consumia? 3. Quais as maiores complicações na sua vida que pensa terem sido fruto dos seus consumos? 4. O que considera ter aprendido na sua experiência de consumo de drogas? 5. Frequentou outros programas de tratamento? Quantos e quais? Porque não resultaram/porque recaiu?
Razões para retenção	1. Onde vai buscar forças para ganhar esta luta contra as drogas? 2. O que está a ajudar mais para conseguir seguir o programa? 3. O que tem que acontecer para que permaneça nele até ao fim? 4. A fé e a espiritualidade que viveu neste programa ajudaram-no/a de alguma forma? 5. Quais as qualidades pessoais que coloca no seu tratamento para ganhar às drogas? 6. O que lhe dá mais energia, coragem e força para conseguir esta transformação positiva na sua vida? 7. Numa escala de 1 a 10, quão satisfeito/a está consigo mesmo na maneira como tem lutado contra as drogas? Porque não escolheu o número abaixo? O que tem que acontecer para subir meio ponto?
Expectativas para o futuro	1. Se lhe fossem concedidos 3 desejos, o que pedia para o futuro do DJ e de todos os que cá estão ou vão passar? 2. O que pretende atingir ao completar o programa? 3. Como pensa atingir esses objectivos? 4. Imagina-se a manter contacto com a Igreja até quando? 5. O que lhe dá esperança num futuro bom?

Tabela 5***Guião da Entrevista Realizada à Amostra de Utentes Graduados do Desafio Jovem***

Dados demográficos	1. Idade 2. Sexo 3. Habilitações 4. Onde e com quem vivia antes de ingressar no Desafio Jovem? 5. Onde e com quem vive agora?
Razões para adesão	1. Porque entrou para o programa do Desafio Jovem? 2. Como começou a frequentar os Cafés Convívio? 3. Quanto tempo frequentou os Cafés Convívio?
Passado de consumos	1. Que drogas consumia antes de entrar? 2. Há quanto tempo consumia? 3. Quais as maiores complicações na sua vida que pensa terem sido fruto dos seus consumos? 4. O que considera ter aprendido na sua experiência de consumo de drogas? 5. Frequentou outros programas de tratamento? Quantos e quais? Porque não resultaram/porque recaiu?
Razões para retenção	1. Onde foi buscar forças para ganhar a luta contra as drogas? 2. O que o ajudou mais para conseguir concluir o programa? 3. O que teve que acontecer para que permanecesse nele até ao fim? 4. A fé e a espiritualidade que viveu neste programa ajudaram-no/a de alguma forma? 5. Alguma vez recaiu desde que deixou o Desafio Jovem? 6. Como conseguiu recuperar a vontade de não consumir? 7. Onde foi buscar forças para conseguir completar o programa? 8. Porque conseguiu permanecer até ao fim no programa? 9. Quais as qualidades pessoais que colocou no seu tratamento para ganhar às drogas? 10. O que lhe deu mais energia, coragem e força para conseguir esta transformação positiva na sua vida? 11. Numa escala de 1 a 10, quão satisfeito/a está consigo mesmo na maneira como lutou contra as drogas? Porque não escolheu o número abaixo? O que teria de ter acontecido para subir meio ponto?
Expectativas que tinha para o futuro	1. Se lhe fossem concedidos 3 desejos, o que pedia para o futuro do DJ e de todos os que lá estão ou vão passar? 2. Atingiu o que pretendia atingir ao completar o programa? 3. Imaginava manter contacto com a Igreja enquanto estava no programa? 4. O que lhe faz dar valor ao seu presente? 5. O que lhe dá esperança num futuro bom?

Tabela 6***Guião da Entrevista Realizada à Amostra de Técnicos do Desafio Jovem***

Dados demográficos	1. Idade 2. Sexo 3. Habilitações 4. Onde vivia antes de colaborar no DJ?
Razões para adesão	1. Como tomou contacto com o Desafio Jovem? 2. Porque entrou para o programa do Desafio Jovem?
Passado de consumos (se consumia)	1. Como começou a frequentar os Cafés Convívio? 2. Quanto tempo frequentou os Cafés Convívio? 3. Que drogas consumia antes de entrar? 4. Há quanto tempo consumia? 5. Quais as maiores complicações na sua vida que pensa terem sido fruto dos seus consumos? 6. O que considera ter aprendido na sua experiência de consumo de drogas? 7. Frequentou outros programas de tratamento? Quantos e quais? Porque não resultaram/porque recaiu?
Razões para retenção (se consumia)	1. Onde foi buscar forças para ganhar a luta contra as drogas? 2. O que o ajudou mais para conseguir concluir o programa? 3. O que teve que acontecer para que o concluísse? 4. A fé e a espiritualidade que viveu neste programa ajudaram-no/a de alguma forma? 5. Alguma vez recaiu desde que deixou o Desafio Jovem? 6. Como conseguiu recuperar a vontade de não consumir? 7. Onde foi buscar forças para conseguir completar o programa? 8. Porque conseguiu permanecer até ao fim no programa? 9. Quais as qualidades pessoais que colocou no seu tratamento para ganhar às drogas? 10. O que lhe deu mais energia, coragem e força para conseguir esta transformação positiva na sua vida?
Expectativas que tinha para o futuro	1. Atingiu o que pretendia atingir ao completar o programa? 2. Imaginava manter contacto com a Igreja enquanto estava no programa? 3. O que lhe faz dar valor ao seu presente? 4. O que lhe dá esperança num futuro bom? 5. Se lhe fossem concedidos 3 desejos, o que pedia para o futuro do DJ e de todos os que cá estão ou vão passar?
Factores relacionados com a conclusão dos utentes	1. O que faz com que os utentes do Desafio Jovem que completam os seus programas não desistam prematuramente? 2. Que sinais, se algum, considera indicar que um utente tem maior ou menor probabilidade de ter sucesso com o programa?
Formas de fomentar a conclusão	1. Numa escala de um a dez quão satisfeito/a está na forma como ajuda os utentes a lutarem contra as drogas?

... continuação da Tabela 6

2. Porque não escolheu o número abaixo? O que tem que acontecer para subir meio ponto?
 3. Como é que, pessoalmente, tenta fomentar que os utentes concluam o tratamento? O que põe de melhor de si na recuperação destas pessoas? Onde vai buscar forças para ajudar na luta contra as drogas?
 4. Que papel desempenha a espiritualidade na conclusão pelos utentes do vosso programa?
 5. Quais os factores que lhe parecem ser centrais para que uma pessoa conclua com sucesso o tratamento aqui no DJ?
 6. O que ainda quer melhorar no futuro na forma como apoia os utentes, para que cada vez haja mais a terem sucesso?
-

Anexo F - Transcrição das entrevistas

Nota: De forma a tornar mais perceptível a leitura das entrevistas, no final deste anexo é apresentado um glossário (p. 168) que abrange diversos termos, utilizados ao longo das entrevistas. Alguns destes termos relacionam-se com a vida de rua, com a toxicodependência, e com o tratamento da mesma, enquanto outros dizem respeito à cultura cristã evangélica, e as definições apresentadas surgiram da interacção com a população estudada. Em adição, no sentido de manter o anonimato dos entrevistados e das pessoas mencionadas nas entrevistas, somente se registaram as iniciais de todos os nomes referidos.

Entrevista 1 – Actual utente, seis meses de programa

F – Chamo-me F., venho de Cucujães, tenho trinta e cinco anos, tenho... a maior parte da minha vida, se calhar metade... a minha adolescência foi tudo drogas, até ao período adulto... perdi muitos anos, uma vida que “se pudesse voltar atrás”, como se costuma dizer... o passado não se pode mudar, mas o futuro posso. Então é isso que tenho tentado desde que conheci o Desafio Jovem e Deus, e é isso que eu tenho estado a tentar fazer na minha vida, tentar mudar o meu presente e o meu futuro. Há pessoal aqui do Desafio Jovem que tem sido uma grande bênção para mim. Posso dizer que foi através deles e da oportunidade que Deus me deu também na vida, apesar de já ter adquirido, pronto, estive mal... já estive para... mesmo... um quarto isolado, doenças infecto-contagiosas, estive com tuberculose e com princípios de anemia, os médicos também diziam que, pronto, já não conseguiria viver, e graças a Deus que me deu essa oportunidade... falhei com Ele, falhei com Ele... prometi-Lhe que se saísse dali com vida, se conseguisse sobreviver àquilo que não me meteria mais nas drogas, que seria fiel. Não cumpri, Deus cumpriu com a parte Dele, como cumpre sempre e eu, mais uma vez, falhei... os médicos depois nem se acreditavam, passado, não é, de eu ir lá ao consultório, e eles nem se acreditavam que era eu, que... através de uma senhora que me deu esperança também, que era da Operação Josué, estive no Joaquim Urbano no Porto durante um ano, lá internado, num quarto de fase terminal... aonde, pronto, depois de conhecer essa pessoa que me levava lá, tinha lá uma capelazinha, ela muitas vezes dizia-me “pede a Deus que Ele ajuda-te e tu vais ver que vais conseguir vencer esta fase da tua vida, vais ver que Deus te vai dar uma oportunidade de tu viveres”. Eu ia todas as manhãs com ela lá, ela vinha, lá me conseguia convencer e eu ia com ela para lá... e orava... realmente, pronto, agora depois de eu conhecer Deus como tenho conhecido, lembro-me muito dessa

altura. Na altura não dei grande importância a isso, mesmo depois de sair de lá e de estar bem, nunca dei importância a isso, voltei outra vez para as drogas até vir agora para aqui, e isso foi em 2003... eu depois saí de lá, tornei a recair, tornei a consumir, tornei a meter-me nas mesmas coisas, a roubar, a viver na rua, a fazer tudo e mais alguma coisa... a magoar muitas pessoas, a... eu não tinha consciência do que fazia, mesmo... uma coisa mesmo... fora de... do qual me envergonho muito, do que fiz... e pronto, tive oportunidade de entrar aqui para o Desafio Jovem, estou cá há cerca de seis meses, de conhecer esta família, que para mim é uma família, que me tem dado um amor que... nunca o recebi... nem da minha própria família... aceitem-me da maneira como me aceitaram, incentivem-me mesmo por vezes eu sendo ingrato com eles, porque eles só tentaram-me ajudar e eu por vezes... meto em causa, porque foram muitos anos de rua, ham, muitas coisas que se adquiriram, muitos hábitos. Depois tornamo-nos pessoas orgulhosas, até pessoas com dificuldade em confiarmos nos outros, em dialogarmos, em expormo-nos, até... percebes, os nossos problemas, as nossas coisas que nos... então, por vezes é complicado eles lidarem com a gente, percebes, estou a falar no meu caso, principalmente o meu caso. Primeiro que começasse a confiar em alguém, ainda hoje em dia tenho um bocado de dificuldade em confiar mesmo. Pronto, confio em Deus, tenho uma relação boa com Ele, uma relação íntima... é eu e Deus só... isso também, por vezes precisamos um bocado terra a terra, ou seja, alguém visível e com quem nos momentos mais complicados possamos também deitar um bocado para fora, e também conviver, e aceitarmos uma opinião se essa pessoa pode-nos ajudar neste... é assim, essas pessoas têm-se disponibilizado, o meu conselheiro e o director, têm sido... e as famílias, têm sido uma família como nunca tive. Tenho que agradecer a Deus a oportunidade que me deu. Pedi-lhe perdão por aquilo que fiz... fiz muita coisa de mal... mas graças a Deus Ele me tem ajudado a superar isso.

Entrevistadora – Então... e antes de ter entrado para o programa, frequentou algum Café Convívio?

F – Sim, eu estive em 2003, eu ia a um Café Convívio em São João da Madeira, que foi mais ou menos quando abriram o centro em Cucujães. Nessa altura tive oportunidade de lá ir, mas não cheguei a dar entrada no Desafio Jovem, porque, pronto, fui lá duas ou três vezes, as pessoas tentaram-me fazer ver mais ou menos... acho que foi 2003 ou antes até, não estou bem certo em datas, mas sei que foi na altura em que abriu lá um centro em Cucujães. E então, pronto, a partir daí sabia que havia o Desafio Jovem mas nunca me disponibilizei para

entrar. Entretanto tinha um irmão que também era toxicodependente que entrou para o Desafio Jovem, ele é que entrou em 2003 para o Desafio Jovem, foi para Alter e esteve lá durante oito meses, não acabou o programa, mas pronto. Agora está arrependido, diz ele que se fosse agora cumpria o programa, e esse meu irmão também me incentivou agora antes de eu entrar para cá. Foi através dele que eu, pronto, que me ajudou a entrar para cá, não é, conheci gente lá do centro de Cucujães, entretanto fui lá preencher as entrevistas e isto e aquilo... mas Cucujães era ali muito próximo de onde eu, prontos, nasci, de onde eu conhecia ali, pessoas que todas conhecia, pessoas que, prontos, digamos que se queria mudar de vida, não podia ter aquilo... aquelas pessoas como amizade, como amigos. Tenho-os no meu coração a todos, se eu os puder ajudar, puder incentivar a eles de mudar de vida incentivo, mas para eu conviver com eles assim diariamente, não... ainda não me sinto com força para isso. Muito menos sozinho... então a ideia agora é continuar cá por baixo a minha caminhada adiante... com Deus e com esta família que é o Desafio Jovem.

E – Então e antes de entrar no Desafio Jovem vivia onde?

F – Vivia na rua... vivia na rua, habitava... várias fases da minha vida, pronto, houve alturas que trabalhava, assim não aquele trabalhar certo, pessoas que precisavam disto ou daquilo iam-me dando trabalho conforme necessitavam, mas prontos, não fazia descontos nem essas coisas, era só mesmo para chegar ao fim do dia e ter dinheiro para o consumo e essas coisas, não é, e outras alturas era estacionar carros, a viver em casas abandonadas, fez-se um pouco de tudo isso... roubar, enganar as pessoas, sei lá, um monte de coisas pelo qual já me arrependi e tenho pedido a Deus que me perdoe por isso.

E – F., se não é indiscrição, ham... que drogas consumia antes de entrar?

F – Pois... drogas, tudo o que fosse... cocaína, heroína, haxixe, álcool...

E – Consumia há quanto tempo?

F – Sim, já consumo há uns anos largos. Ao certo ao certo, não sei, mas comecei a consumir assim, mesmo agarrado, sei lá, depois de vir da tropa, devia ter vinte. Já consumia antes, mas agarrado, agarrado foi mesmo mal saí da tropa, fiquei mesmo...

E – E ao dizer agarrado, era...

F – Dependente todos os dias...

E – Mas relativamente a que substância?

F – De heroína, principalmente da heroína.

E – Para além daquilo que já me tem vindo a falar, quais é que foram as maiores complicações na sua vida que pensa terem sido fruto dos seus consumos?

F – Complicações tive bastantes... é assim, perdi confiança, perdi amigos, perdi... perdi tudo... perdi se calhar amor por mim mesmo... amor por mim mesmo... sei lá, perdi esses valores todos, os valores... valores e... dignidade. Cheguei ao ponto de, sei lá, de ter que fazer mal às pessoas, pronto, passava pela cabeça, precisava daquela necessidade e fazia qualquer coisa para obter aquilo. Nem que para isso tivesse que roubar, como cheguei a roubar... a minha falecida mãe, acamada, roubava-lhe o ouro... roubar a minha família... amigos convidavam-me para... viam que eu tinha necessidade para comer ou para beber e eu se visse alguma coisa pousada roubava e já nem comia, assim ele se distraísse que eu...

E – Hum... e o que considera ter aprendido na sua experiência de consumo, o que é que pensa que pode ver de positivo...?

F – Positivo... se calhar... estou a começar a ver o amor que Deus tem por nós, porque eu acho que é mesmo uma coisa sem palavras... é difícil de explicar, o amor que Deus tem mesmo por nós... depois de tudo o que eu fiz, dificilmente... só Deus mesmo para perdoar e para nos dar uma oportunidade desta maneira, porque, não sei, é difícil de perdoar e eu não sei se conseguiria. Por muito forte que estivesse espiritualmente, por muito que... eu não sei se conseguiria perdoar a alguém o mal que eu mesmo fiz... ou seja, tudo o que eu fiz, à família, às pessoas de fora, a todas as pessoas... ham... é complicado. Daí vê-se o amor de Deus por nós, por nós todos.

E – Antes de ter frequentado o Desafio Jovem frequentou outros programas de tratamento?

F – Sim... frequentei, não foi bem um programa, tive que frequentar uma comunidade por, fui obrigado. Ou ia para uma comunidade ou ia preso, então fui obrigado a estar um ano numa comunidade.

E – Qual era?

F – Pronto a Domus Fraternitas, mas... é assim, conforme estava eu estava um grupo de jovens também, todos obrigatoriamente. Ninguém estava ali de livre vontade, éramos... foi-nos imposto. “Ou vais para ali ou vais para a cadeia”, então... cadeia não... optei por lá ir, eu e mais um grupo, no qual, pronto, éramos um grupo todos da mesma zona e então não existia regras... existia regras, mas praticamente a gente é que fazia as regras e andávamos com aquilo à nossa maneira. Aprendi algumas coisas, não vou dizer que não, mas... aí se calhar... se não formos a fazer as coisas pela nossa iniciativa de querermos mudar... é complicado. Temos que cair na realidade e dizer “pá, estou farto disto, ainda quero ter uma vida nova”... pedi mesmo a Deus que me ajude e tem-me ajudado.

E – Hum-hum. Onde vai buscar forças para ganhar esta luta contra as drogas?

F – Tem sido através de Deus, das pessoas que Ele usa, ou seja, Deus e Desafio Jovem, o pessoal que aqui trabalha, esta família que tem sido mesmo qualquer coisa de extraordinário para mim. Tem sido mesmo, mesmo... posso agradecer a Deus e a eles. Primeiro Deus, depois eles... por me darem o que eu realmente precisava, amor, carinho... tem sido mesmo qualquer coisa que me tem tocado muito, que me tem ajudado a eu abrir o meu coração e a renová-lo e restaurá-lo... era o que eu precisava, tinha um coração um bocado... já congelado, já mesmo de pedra. Dificilmente me tocavam ou dificilmente alguém me dizia alguma coisa... e Deus e estas pessoas têm sido mesmo importantes para mim, estou muito grato pelo que eles me têm feito.

E – O que é que considera que o está a ajudar mais para seguir o programa...? Naquelas alturas em que, eu não sei se alguma vez lhe passou pela cabeça desistir ou sair...

F – Sim, sim, sim...

E – O que é que fez com que ficasse?

F – Foi Deus, a Palavra... a Palavra de Deus... e, como eu te estava a dizer as pessoas aqui também. Tiveram algumas conversas comigo, conselheiros, directores, pessoas mais maduras... pessoas mais maduras que têm feito e têm ensinado que realmente a gente precisamos de mudar algumas áreas da minha vida, como o carácter e como eu te estava a acabar de dizer... somos, por norma, pronto, falo por mim... eu era muito orgulhoso, por muito mal que estivesse e quando me diziam as coisas, mesmo que fossem para meu bem, eu interpretava aquilo de uma forma pouco... e pronto... fazer as coisas à minha maneira, querer... e então aqui tenho trabalhado nisso e tenho obtido bons resultados. Dia após dia, prontos, não penso que é tudo também de uma vez, ainda não estou... preciso de trabalhar várias áreas ainda, bastantes... mas estou contente com a minha mudança. Estou muito contente com a minha mudança, porque já vejo frutos disso, ou seja, já estou a obter alguns frutos dessa minha mudança. Vejo a realidade de uma forma mais adulta, mais consciente das coisas, com convicção do que realmente quero... com esperança de obter a vida eterna, que é o que Deus nos propõe fazer quando nos tornamos homens de Deus.

E – Então, portanto, quando pensa em desistir são essas coisas que o fazem ficar...?

F – Sim. Temos que lutar e pensar no amor de Deus, porque é mesmo assim. O que Jesus fez por nós, pela remissão dos nossos pecados, pela nossa vida... não precisava fazer aquilo, fez para que a gente pudéssemos estar aqui agora, então por muito mal que nos façam a gente deve perdoar. Se fomos perdoados porque é que não podemos perdoar os outros? E então seguir em frente, por muito que nos custe. O princípio pode ser doloroso mas o fundo das coisas será bom.

E – O que é que pensa que tem que acontecer para que permaneça no programa até ao fim?

F – É assim... acho que temos que dar tempo ao tempo porque as... falo por mim, a gente quando larga, entramos para o programa, eu quando entrei para o programa, ao princípio era só com ideia de deixar a droga e deixar um pouco a vida por lá. Depois de entrar para o programa e começar a conhecer a Palavra de Deus e o que Deus é capaz de fazer nas nossas vidas, aí já comecei a meter outros objectivos. Então, como comecei a ver mudança na minha vida comecei a pensar doutra forma, através de Deus e através da Palavra, e assim, dia após dia, claro que eu tenho de dar o passo... devagar, mas como eu estava a dizer, por vezes queremos tudo... pensamos muito em valores materiais e queremos isto e aquilo e

esquecemo-nos de, ou seja, do que com Deus, o gozo que temos, a paz, coisas mais importantes na nossa vida do que valores materiais ou coisas do género. Ou a questão de andarmos bem, sentirmo-nos bem, termos gozo no que fazemos, termos... sei lá. É difícil até, por vezes, explicar o que eu tenho sentido ultimamente, acho que nunca... a não ser em miúdo, quando tinha cinco ou seis anos... sentir-me leve por dentro, andar bem comigo mesmo, com as pessoas em meu redor... andar com... com importâncias se o outro tem ou deixa de ter, se eu tenho um carro ou o outro não tem. Pá, claro que é importante a gente ter ambição de certas coisas, mas com o tempo... por vezes, nós, pronto, toxicodependentes, ou os alcoólicos, ou isto ou aquilo, quando vimos para uma comunidade metemos muito em causa, “ah, ainda agora deixei isto já quero um carro, já uma casa, já quero um cão”, há tantas coisas mais importantes do que valores materiais... as coisas que com o tempo virão. Deus suprime tudo, até porque Ele diz “se vocês me souberem pedir eu vos darei”.

E – E nesse sentido, portanto, o que é que terá que acontecer para que permaneça até ao fim no programa?

F – Acho que temos que nos empenhar e temos que manter uma mudança na nossa vida, teremos que aceitar Deus, ou seja, teremos que nascer de novo. Deixarmos as coisas velhas para trás... “eis que tudo se fez novo”. É assim, nascer de novo, temos que aceitar Jesus como nosso Salvador. Acreditar que ele realmente ressuscitou dos mortos para nos salvar. Isso eu acho que é importante, porque se estamos aqui só para fazer o programa, para passar dias, acho que...

E – Nesse sentido a espiritualidade que viveu aqui tem-no ajudado de alguma forma?

F – Sim, sim, sim. Claro que sim, claro que sim.

E – Quer desenvolver?

F – É um bocado como eu te estava a dizer. Se a gente estamos com ideias de mudar, e acreditarmos na Bíblia, na Palavra de Deus, e acreditarmos no que Deus é capaz de fazer por nós, se abrimos a porta para que ele possa trabalhar na nossa vida, abrimos o nosso coração, aí sim... e arrependermos do que fizemos e do que fazemos, lá está, em oração, ao ler a Palavra, meditarmos, para cairmos em nós... que é algo superior. Vemos o outro superior a

nós, amarmo-nos uns aos outros, ajudar as pessoas... porque sem ter a tal paz, tal gozo... é qualquer coisa extraordinária para quem experimenta isso e acho que vale a pena, e aí até esquecemos a culpa. Já não pomos em causa, se vamos consumir ou se não vamos, agora ponho em causa o meu caminhar... o meu caminhar. E tentar melhorar nos meus erros, se acho que isto não está bem feito, vou tentar melhorar nesta área, tentar ser mais perfeito. É como eu estava a dizer, ninguém é perfeito, mas tentarmos sermos homens dignos, honestos, ê pá... acho que se o mundo fosse um pouco assim não se passavam metade das coisas que se passam. Quem está um pouco atento ao mundo, a pobreza que há, a fome, as guerras, tudo... porquê? Porque nós homens somos realmente muito egoístas e pensamos muito em nós, em valores materiais. Esquecemo-nos um pouco de Deus, do que Jesus fez por nós, daquilo que nos tentou incentivar, daquilo que nos tentou ensinar... o que nos leva por vezes a cairmos num mundo complicado onde é difícil se viver, a não ser que estejam mesmo firmes na Palavra e com alguns objectivos, ou seja, vivermos num corpo, como Deus diz, a igreja, onde nos possamos fortalecer para vencermos as adversidades que vêm à nossa vida, e eu estou convencido disso.

E – Quais são as suas qualidades pessoais que tem colocado no seu tratamento para ganhar às drogas?

F – As qualidades...? É assim, as qualidades... quando vim para aqui, poucas qualidades tinha, ou nenhuma. Eu era uma pessoa que tinha uma auto-estima muito em baixo, achava-me que não era capaz de fazer nada nem tão pouco, e vá, pronto, a gente temos todos caracteres pessoais e essas coisas... ia ali para a capela e então... era complicado. Daí eu dizer que estou muito grato com o trabalho que têm feito comigo, porque eu punha em causa, eu não queria fazer nada, “eu não sou capaz”, “mas agora vou fazer isto?”, e... até, pronto, com o tempo começaram-me a incentivar e a explicar-me o que... “ê pá faz, porque isto é uma maneira de tu aprenderes”, e então comecei-me a incentivar e a pedir a Deus que me ajudasse, e Deus, pronto, tem-me ajudado. Eu tenho feito esses trabalhos, tem-me ajudado muito bem, através da Palavra, através desses trabalhos, através das pessoas, do testemunho de certas pessoas que me davam, pessoas que eram como eu, outros piores, outros melhores, cada um com a sua maneira, e foram-me incentivando o que Deus tinha feito na vida deles. Essas pessoas para mim tornaram-se como... um testemunho vivo onde eu pudesse ser capaz... “vou ouvir, porque não tem necessidade de me estar a mentir”... “se já passei por tanta coisa, não consegui fazer as coisas da minha maneira, vou tentar a fazer as coisas de

outra maneira, agora, vou tentar que me deixem moldar, que me deixem ver o outro lado, não tenho nada a perder, estou numa situação...” tentar pelo outro lado, pelo outro caminho, e então procurar esse caminho. Qualidades, como eu te estava a dizer, estou a adquirir algumas, é pá, algumas que as quero manter, como a honestidade, sinceridade, essas coisas. Humildade. Amor. Essas coisas... porque não é fácil. Não é fácil. É complicado, como a Bíblia diz, amar os nossos inimigos. É um pouco complicado, mas devemos-o fazer, com o treinamento, com dia-a-dia, nas nossas obras, nas nossas amizades, no que pudermos. Até mesmo pessoas que não conhecemos, devemos ter amor por elas. Mesmo que saibamos que elas não estão bem, mas devemos amá-las na mesma e tentar ajudá-las. Acho que isso é um trabalho que nos compete. Se me fizeram isso comigo, tenho por obrigação fazer pelos outros.

E – O que é que lhe dá mais energia, portanto, situações ou pessoas ou coisas, que lhe dão mais energia, coragem e força para conseguir esta transformação positiva na sua vida?

F – ... energia...? O que me dá mais energia, pronto, é Deus, Deus dá-nos energia para isso, mas o que me leva a eu caminhar é estar a ver mudança e querer mais. Querer ser mais perfeito, querer... ver... pronto, é como eu te estava a acabar de dizer, ver o testemunho de algumas pessoas. Ver que conseguiram vencer, que são pessoas dignas, pessoas que têm a sua família, pessoas que... claro, o passado já passou, são pessoas novas, caminho assim, conseguiram, e isso dá-me força, ver nessas pessoas a maneira como elas são, a maneira como elas lidam, a maneira como vivem... a maneira como me ajudaram. Isso torna-se um incentivo para mim, para todo o caminhar, percebes, isso torna-se um incentivo. Leva-me muitas vezes a pensar, “pá, aquela pessoa conseguiu”... o director, o V., conselheiros, o C., outros mais... pá, são um testemunho vivo, testemunho com o qual lido todos os dias. E vejo, a maneira como eles lidam com todos nós, mesmo errando e fazendo isto, aquilo, o carinho, o amor que eles têm por nós, a maneira como lidam connosco, isso para mim torna-se um incentivo, percebes? Torna-se um incentivo porque começo a pensar “pá, isto é uma coisa que eu quero ter!”, “é uma coisa que eu quero ter em mim”, “quero ser assim”. Mesmo que não consiga chegar a pastor, mesmo que não consiga, é pá... mas... no caminho de Deus, ser uma pessoa digna, uma pessoa que saiba estar, uma pessoa que saiba encaminhar, uma pessoa que possa ajudar outra pessoa. Continuar o programa, o programa não é só o programa de um ano, o Desafio Jovem, o programa é para toda a vida. O programa é... caminhar sempre na direcção de Deus, convicto do que quero realmente. Convicto de manter esta minha mudança,

convicto de querer ir mais além, de aprender mais, de saber mais e meter em prática tudo o que aprendo no dia-a-dia. Não é só o saber, ir à Bíblia ler, ou saber o versículo, ou saber isto, não, no dia-a-dia, com as pessoas, a minha maneira de ver é pô-lo em prática. Não me interessa saber muito da Bíblia e não a pôr em prática.

E – Numa escala de um a dez, quão satisfeito estás consigo mesmo na maneira como tem lutado contra as drogas?

F – Nove... estou surpreendido. Estou mesmo surpreendido... pronto, como eu te dizia. Quando entrei, isso, pronto, as coisas velhas já passaram mas por vezes também é bom sentir, eu pensar, ainda penso muitas vezes e acho que isso me faz bem, da maneira como eu estava... da maneira como eu entrei aqui para o centro e da maneira como estou. Dá para eu ver os degraus que subi. Pronto, não sou perfeito, tenho muita coisa onde possa trabalhar, mas em relação a drogas acho que subi... numa escala muito grande.

E – E é por essa razão que não escolheu o número abaixo?

F – Sim.

E – E o que teria que acontecer para subir meio ponto?

F – Acho que... há um versículo que diz “todo aquele que está em pé, que se previna para não cair”. É assim, eu também não vou estar a dizer que estou... estou convicto do que quero realmente, mas como até há bocado te disse, acho que ainda tenho que subir esse meio ponto.

E – Se lhe fossem concedidos três desejos, o que é que pedia para o futuro do Desafio Jovem e de todos os que cá estão ou que ainda irão passar?

F – Três desejos...? Eu tenho desejado todo o melhor para o Desafio Jovem, e que seja suprimido todas as necessidades, tanto físicas como em todos os aspectos. Acho que já te disse, o Desafio Jovem é uma família para mim, eu pediria tudo do melhor que há mesmo. Que Deus dê tudo do melhor para que, e que possa abençoar dia após dia todos os Desafios Jovens em geral e especialmente também para que se possa fazer trabalho nas ilhas, nos Açores, que está muito complicado também por lá porque há muitos jovens... que também

haja disponibilidade para conseguir abrir lá um centro, acolher gente, para que se possa abençoar essa gente... em Angola também... pá, que se possa reconstruir mais centros, que o Desafio Jovem cresça mundialmente, porque acho que precisamos... todos precisamos de mais Desafios Jovens e de pessoas que estão ligadas ao Desafio Jovem... Cafés Convívio... todas as pessoas em geral. Que seja possível isso para que se possa salvar almas, salvar vidas, que se possa tirar pessoas da escuridão, que se possa dar oportunidade a mais pessoas para que possam realmente conhecer Deus... ver o propósito que Deus tem para cada um de nós. Que esse propósito seja concretizado.

E – E o que é que pretende atingir ao completar o programa?

F – É assim, eu... como te estava a dizer, o programa é para toda a vida... os meus alvos era ficar a servir na Operação Josué, ou servir o Senhor no... pronto, vou continuar a lutar por isso, para que consiga continuar no programa, continuar no caminho do Senhor, seguir em frente, e aposto nisso. Se não for para a Operação Josué, servir na igreja, o Café Convívio, mas servir a Deus. Quer dizer, poder dar algo de mim, fazer algo como já fizeram por mim.

E – Mas no início, quando entrou, os seus objectivos, pelo que já me disse, eram outros, certo?

F - Não, os meus objectivos quando entrei era estar aqui se calhar meio ano ou deixar as drogas e abalar... mas entretanto, pronto, vim, comecei a conhecer a Palavra do Senhor, comecei a aceitar Jesus como meu Salvador... nasci de novo, entretanto agora quero continuar em frente. Quero continuar em frente, quero poder ajudar outras pessoas como fui ajudado. Quero ser um bom testemunho, quero ser uma pessoa que possa ser um incentivo para que outras pessoas queiram também seguir o meu exemplo, conhecer Deus... ter Jesus na vida deles. É algo incomparável, é uma coisa... só sentindo mesmo. Acho que... que devo ser um incentivo para com os outros. Da maneira como me ajudaram a mim, também tenho que ajudar os outros para que eles possam arrepender-se do mal que fizeram e ter uma nova vida, ser novas criaturas.

E – E como pensa atingir esses objectivos?

F – Melhorando dia após dia, sentir-me capacitado... Deus me dará forças para isso, como tem dado, e me ajudará a ultrapassar tudo... Ele sabe qual é o meu desejo, a minha vontade...

E – Tenciona manter contacto com a igreja até quando?

F – Manterei contacto com a igreja, sim, a igreja é importante, a igreja é o corpo...

E – O que é que lhe dá esperança num futuro bom?

F – Melhor é o fim do que é o princípio, não é? Eu já estou a obter algumas coisas de que me tenho agradado, estou a sentir algo na minha vida que nunca senti e isso tem-me incentivado. Tem-me incentivado eu a caminhar cada vez mais, com Deus.

E – Para além das respostas que deu às perguntas que lhe fiz, gostava de dizer mais alguma coisa?

F – Acho que já disse mais ou menos tudo, mas pronto, posso dizer... quero agradecer, pronto, a ti especialmente, por este bocadinho que tivemos... foi porreiro. Sempre que é para falar da Palavra de Deus, está-se bem... gostava de agradecer, como já disse, especialmente... ham... a esse agradeço todos os dias, mas nunca é demais, a Deus pela oportunidade que me deu de poder mudar a minha vida e pelas oportunidades que me tem dado e continuar a caminhar, e poder ser uma bênção para outras pessoas. Agradecer especialmente ao Desafio Jovem, pela oportunidade que me deu de estar aqui, e através do Desafio Jovem vir a conhecer Deus. Foi nesta família que me tem acolhido, que é a minha família... pelo amor que me deram, por tudo o que me têm feito... a minha verdadeira família. E o meu verdadeiro Pai que é Deus. Acho que não há palavras para explicar tudo o que Deus tem feito por mim. Todas as oportunidades que me tem dado. Acho que cabe-me a mim, agora, ser testemunho disso, poder incentivar outros a vir a ter e a conseguir alcançar objectivos novos. Terem uma vida digna de viver. Penso que é tudo o que tenho a dizer.

Entrevista 2 – Actual utente, sete meses de programa

JE – O meu nome é J. E., ham, eu antes de entrar para o Desafio Jovem, eu já conhecia Jesus até antes de entrar para o Desafio Jovem, eu fui criado na Escola Dominical... ham, depois na

minha adolescência eu tinha ideia que Deus era para os velhos e para os fracos e não é assim, mas a minha ideia na altura era assim e... como eu pensava assim afastei-me um pouco de Deus, fui-me afastando ao ponto de, pronto, cair no mundo das drogas e tudo mais... tive três anos de consumo de heroína, ham, depois consegui-me curar, nessa altura já estava, já devia ter para aí, sei lá, vinte e poucos anos... ham, consegui-me curar da heroína, graças a Deus nunca mais peguei na heroína, mas como me afastei de Deus, ham, não tive força e não foi a heroína, foi a cocaína a seguir e o meu grande problema foi com a cocaína. Ham... graças a Deus eu tenho uma família cristã, que muitas das vezes me dizia, “J., entrega a tua vida a Deus, entrega a tua vida” e... pronto, eles foram uma grande ajuda para mim nesse aspecto. Entretanto depois eu casei, ham, tenho uma filha que vai fazer catorze anos, mas derivado às drogas houve um divórcio. Graças a Deus eu sempre consegui proteger a minha filha desse mundo, não é, a minha filha nunca me viu consumir, nunca me... pronto, eu graças a Deus nunca cheguei ao ponto de roubar ou... eu andei muitos anos a traficar e também foi o meu grande mal, foi traficar cocaína e o consumo era muito grande. Como disse, depois divorciei-me, ham... fui morar sozinho e desde '99 até agora entrar para o centro, morei sozinho e foi aí que comecei a adquirir muito mais, ham, porque nós morando sozinhos criamos maus hábitos, ham... envolvi-me com uma pessoa, neste caso a pessoa com, a minha namorada, também consumia cocaína e então foi... escusado será dizer que foi uma desgraça não é? A nossa vida foi feita de altos e baixos, ham... posso dizer que... na altura o que me fez começar a traficar e tudo foi o dinheiro. Como morava sozinho, embora sempre trabalhei, o dinheiro era uma coisa que me fazia falta e é o dinheiro que nos alicia muitas das vezes, e eu fui enganado por isso. Mas o dinheiro roubou-me a felicidade toda, e a droga também, não é, ham... eu há sete meses atrás, sensivelmente, antes de entrar para o centro, eu estava numa situação já... estava a entrar num esforço muito grande... a cocaína estava, até a alma me estava a roubar, muito sinceramente... estava a dar cabo de mim a droga, estava a roubar o melhor que eu tinha dentro de mim. Ham... e eu fui um dia à igreja, por iniciativa minha... pertença à ABLA, ali em Polima, o pastor C. C.... ham, e eu fui assistir a uma reunião, a um culto... ham, e nessa reunião eu acho que a pregação, aquilo foi... acho que era certinha só para mim. Eu absorvi toda aquela pregação, ham... e a pregação, eu nunca mais me vou esquecer, era acerca daquilo que Deus faz connosco quando nós abrimos o nosso coração para Ele... aquilo que Deus, aquilo que Deus nos transforma, nos dá, tudo o que Ele é para nós, não é, quando nós nos propusermos a isso. Ham, então foi aí, desde esse dia, e a minha família também já me tinha, já tinha falado comigo acerca disso, mas foi nesse dia que eu me propus a mudar de vida, só que eu precisava de ajuda, sozinho eu não ia conseguir. Então eu

tenho um irmão, um irmão mais novo, que ele esteve na Operação Josué aqui há uns anos bons atrás, ele falou-me do Desafio Jovem. Falou-me disto, que isto é um sítio não só para largar as drogas, mas um sítio onde se pode ter um verdadeiro encontro com Deus, um sítio onde eu posso crescer espiritualmente, ham... um sítio onde eu me posso encontrar e conseguir... ham... voltar a ter aquelas coisas boas que eu tinha. Encontrar, ir buscar o que há de melhor de mim, não é, pronto, as qualidades de carácter que nós precisamos para ser mais parecidos com Deus e tudo o mais e então pronto, há sete meses que eu estou aqui, sensivelmente.

Entrevistadora – Quais são as suas habilitações literárias?

JE – Eu tenho o sétimo ano.

E – Como começou a frequentar os Cafés Convívio? Frequentou os Cafés Convívio antes de entrar?

JE – Yah, yah, estiva na Marques da Silva. Na altura o meu Café Convívio estava fechado na minha zona... eles estavam numa renovação daquilo, restaurar aquilo, então eu entrei pela Marques da Silva. Quem me acompanhou foi o M. J., lá era ele que me recebia e a L.... ham, pessoas maravilhosas a quem eu devo muito também e que me ajudaram bastante, que levaram comigo nessa altura. Eu estive sensivelmente um mês a frequentar a Marques da Silva antes de entrar.

E – Portanto, durante cerca de quanto tempo é que consumiu?

JE – Cocaína?

E – Sim.

JE – (Assobia)... é pá, para aí doze anos. Doze anos. Mas... ao princípio era uns cheiros de coca, com muito ectasy à mistura, que eu sempre... o meu mal sempre foi as anfetaminas, speeds e coiso... sempre gostei disso, e então... mas sensivelmente nove anos aí, mesmo a sério, cocaína, muito tráfico e consumo. Yah. Com a heroína foi para aí dois anos e pouco, não sei se chegou aos três, foi assim uma coisa... mas foi algo que eu, como não era uma

droga que eu, que me aliciasse muito... pronto, eu até foi derivado a... pronto, sem culpar ninguém não é, mas na altura no emprego que eu tinha havia duas pessoas que consumiam heroína, e eu olha, pronto, deixei-me ir, por culpa minha, não é, deixei-me ir, e então... foi até eles deixarem de trabalhar comigo. Na altura pedia ajuda, também, mas curei-me em casa, heroína, e foi uma coisa que desde sempre, graças a Deus não... como se costuma dizer na gíria, não era muito a minha praça (risos), não gostava muito da heroína. Cocaína, por sua vez, é uma droga semelhante à droga... semelhante àquelas substâncias que eu gostava, que eu sempre gostei dos speeds, não é, das anfetaminas... e a droga assemelhava-se muito a esse tipo de substância e então foi a minha desgraça, foi a cocaína.

E – Só para perceber um bocadinho melhor, portanto, a forma de consumo era injectável, era...

JE – Nunca injectei nada, graças a Deus, nem cocaína nem heroína, ham... sempre tive, graças a Deus, eu acho que Deus já nessa altura me ajudava nesse aspecto, sempre tive, não sei se poderei dizer controle, não é, mas, pronto, nunca me injectei. Eu ao princípio... a heroína sempre a fumei, a cocaína comecei por cheirar e depois fumá-la também, não é, fumar a coca. Mas, não... na rua sempre cheirei. Quando saía, quando ia trabalhar, ham... nunca levava coca para fumar, levava coca para cheirar e fumava a coca em casa, em ambientes fechados. Na rua sempre cheirei. Injectar nunca injectei nada, graças a Deus.

E – Quais foram as maiores complicações na sua vida que pensa terem sido fruto dos seus consumos?

JE – Foi na heroína, quando eu consumia heroína, infelizmente, ham, eu contraí a hepatite C, e isto é um episódio bonito na minha vida porque foi a primeira vez que eu meti Deus à prova a sério na minha vida... ham, eu como contraí hepatite C, como se sabe hoje em dia tem tratamento mas não é uma coisa que tem cura, à vista dos médicos. É uma coisa como o HIV, é uma coisa que fica, não é, e eu... foi uma das coisas das quais me deixou muito desgostoso foi contrair esse tipo de doença... fiquei desiludido comigo próprio e tal, mas graças a Deus houve um dia... e isto, já agora, um pouco antes de entrar para o centro, houve um dia que eu estava a estudar a Bíblia e encontrei uma passagem, que é em Mateus 8:17, salvo erro, que Jesus tinha levado todas as nossas doenças na cruz do Calvário, não é, e que Ele tinha-nos lavado, tinha-nos purificado com o seu sangue, não é? Pá eu tinha aceitado Jesus e digo assim

“então se eu sou Teu filho, porque razão eu hei-de ter esta doença?”, “Se tu és Deus cura-me disto”, “cura-me que eu acredito, se tu és Deus, cura-me”. E olha, eu... ham... sabes que Deus ouviu-me? Não só ouviu-me mas curou-me. Graças a Deus eu fui curado da hepatite C, ham, eu ao princípio, as primeiras análises que eu tirei eu pensei, “não, isto não pode ser, meu”... e eu fiz essas análises e a seguir fui fazer outras a outro consultório, foi mesmo “não, isto não pode ser, não pode estar certo”, e estava certo! Deus curou-me... graças a Deus, foi a primeira vez que meti à prova mesmo, e Ele provou o poder que Ele tem, não é, o poder que há no nome de Jesus e então isso deu-me muita força para fazer esta caminhada no Desafio Jovem, para me entregar a Ele não é...? No que diz respeito à cocaína, a cocaína é uma substância que não... não ressacamos a coca. Ela não, eu nunca injectei, portanto, nunca há uma ressaca viva como a heroína. É muito mais psicológica... ham... quando é consumida com frequência ataca o sistema nervoso, cria muita depressão, esgotamentos, fobias, paranóias e tudo mais. Ham, graças a Deus eu... posso dizer graças a Deus e levanto muitas vezes as mãos para o céu porque embora eu possa ter tido alguns momentos menos bons, ham, não digo de isolamento, mas aqueles momentos que precisamos de estar sozinhos, eu diria que até era derivado à cocaína, ham...aqueles momentos estilo... não só porque derivado à situação em que me encontrava, não é, mas graças a Deus a cocaína nunca me trouxe grandes males... não, assim, no que diz respeito a... que levasse a minha vida, que visse a minha vida assim mesmo... que me marcasse negativamente, ou doenças ou alguma coisa. Agora foi só a heroína e graças a Deus, Deus curou-me disso. Yah.

E – O que considera ter aprendido na sua experiência com o consumo de drogas?

JE – Muitas lições de vida. Muitas lições de vida porque nós quando levamos, a ver se eu me consigo explicar, nós quando... acima de tudo eu acho que as pessoas quando começam a consumir é algo... ou umas para se afirmarem perante as outras ou para preencher alguma coisa na nossa vida, algum vazio, alguma coisa... e eu tive um pouco dessas duas e o consumo... como é que eu hei-de explicar isto, a ver se eu me consigo explicar... o que é que leva as pessoas a consumirem, não é?

E – Não, a pergunta é mais no sentido de o que considera que aprendeu, portanto, o que é que de positivo pode tirar da sua experiência...

JE – Ora, positivo, que eu possa tirar... que nós não somos nada... e que isto deu para ver uma coisa, que não dá para viver sem Deus. Nós fazendo as coisas à nossa maneira, muitas das vezes, embora possamos ser pessoas com capacidades, ham... pá, sem Deus não vale a pena. Positivo, positivo não tenho tirado assim muita coisa, a não ser as lições de vida... um gajo aprende é com os erros, não é? Mas enquanto vida de consumos, é pá é uma vida de desgraça, é uma vida de ânsia, é uma vida de... é uma prisão, ao fim e ao cabo, percebes? Portanto eu não vejo até assim... assim grandes coisas de positivas nisso... vejo mais até é negativo porque é uma coisa que rouba, rouba-te a vida, é uma coisa que te fica estagnada a tua vida, não é, muitas vezes leva-te a fazer coisas que nunca irias fazer se não andasses no consumo, atitudes e... e reacções e até modos de vida, mesmo. Portanto acho que tem muito mais negativo do que positivo, positivo acho que, pronto, aprendi com os erros que cometi, percebes, é o que eu posso... e... deu para ver que sem Deus, sem Deus, ham... pá, não somos nada, não somos mesmo nada.

E – Frequentou outros programas de tratamento?

JE – Nunca, é a primeira vez que estou numa comunidade.

E – Onde vai buscar forças para ganhar esta luta contra as drogas?

JE – Em Deus. Ham... principalmente em Deus, porque eu vim mesmo aqui para o Desafio Jovem foi para ter um verdadeiro encontro com Deus, para entregar a minha vida a Deus, porque... embora eu andasse desviado eu já... pronto, já conhecia este Deus, não é, embora nunca tivesse tido uma experiência mesmo a sério, eu já conhecia este Deus, ham... então foi... é Deus. A minha filha também, que me ajuda, tem-me ajudado bastante, a minha família, mas Deus principalmente.

E – Então e o que é que o está a ajudar mais para conseguir continuar no programa, portanto, apesar de...

JE – Das dificuldades?

E – Sim.

JE – É esse propósito que Deus tem para a nossa vida, sabes? É isso que me está a fazer continuar, ham... deixa-me dizer-te que o programa não é nada fácil, ham... também se fosse fácil, não teria sabor no fim, não é, porque as coisas fáceis não sabem a nada. Não é fácil, mas vale a pena, mas vale a pena.

E – Quando diz que não é fácil, em que sentido é que se está a referir?

JE – Eu falo por mim... falo por mim, ham, eu nunca tinha estado numa comunidade... não é fácil viver em comunidade. Em primeiro lugar, porque eu tenho um feitio, tu tens outro... enquanto se misturam vinte ou trinta pessoas numa comunidade, percebes, cada um com o seu feitio, cada um com o seu modo de vida, percebes, são pessoas que vieram da prisão, ou pessoas que moraram na rua, ou pessoas mal tratadas, ou pessoas, percebes? Há pessoas muito angustiadas, há pessoas amarguradas, há pessoas que vieram aqui mesmo só para tirar a ressaca e se irem embora, percebes? Quando misturas essas pessoas todas, há que conseguir um equilíbrio para te poderes dar bem com toda a gente, inclusivo contigo mesmo, para poderes fazer este percurso, não é, para continuares aqui, para te manteres aqui. Não é fácil. Depois eu consumia... a minha droga era feita de emoções altas, é a cocaína, querias altas emoções e eu vim para a um sítio que... pronto, eu... temos aquela rotina diária, estás a ver? Foi muito, ainda hoje em dia é-me muito difícil habituar-me... é o levantar, vamos à capela, saímos, almoço, vamos trabalhar, pronto, eu... percebes? É aquela rotina... mas também para nos habituar, não é, a sermos pessoas responsáveis e tudo o mais. Ao fim e ao cabo, nós, ham, como é que eu te hei-de explicar, conseguimos encontrar e ser pessoas com tal responsabilidade, que nós nunca teríamos lá fora, coisas que já nos passavam ao lado, percebes? E então, ham... mas não é fácil, não é nada fácil, porque depois tens as leis do centro, nós somos habituados aqui a ser obedientes a certas regras e leis e tudo... e não é fácil, isso também não é fácil, porque estamos com muita pessoa aqui, cada um com o seu feitio, não é, cada um com o seu ponto de vista, há pessoas que vêm para aqui com, eu não vou dizer novidade nenhuma, há pessoas que vêm para aqui para ter um encontro com Deus, outras porque são obrigadas a vir, outras para tirar a ressaca, percebes, cada um tem o seu ponto de vista... e nós, cada pessoa tem que, se vier para aqui com um propósito, tem que encontrar um equilíbrio. Não é? Arranjar maneira de se dar bem com toda a gente e poderes fazer o teu programa com sucesso, não é, ham... e a coisa mais importante deste programa é o nosso crescimento espiritual. Este é o fundamento principal do programa, não é largar as drogas, que as drogas podíamos tê-las largado lá fora, em casa, com medicação ou sem

medicação, mas aqui, ham... principalmente ter um encontro verdadeiro com Deus e espiritualmente e... moldar o nosso carácter que era coisas que nos passava já bastante ao lado. Yah. Não é fácil, mas vale a pena. Yah... não é fácil mas vale a pena. O programa é feito de fases, são fases que se conquistam ao longo dos meses, somos avaliados sempre todos os dias, temos um conselheiro como tu sabes, não é, e somos sempre avaliados, conforme as nossas atitudes e a nossa postura perante as pessoas e o programa, na área laboral, na área espiritual, e social, aí vamos evoluindo, percebes? Yah.

E – E o que é que o ajuda mais para, mesmo quando vêm esses pensamentos de desistir... eu creio que possa já ter vindo algumas vezes...

JE – (Assobia). Yah, várias vezes, já pensei várias vezes em desistir, ham...

E – O que é que o ajuda mais para continuar?

JE – É esse propósito com Deus... ham... em primeiro lugar, eu não quero voltar à vida que eu tinha, eu gostava de ser o J. E. que Deus quer que seja, que eu seja, não é...? Eu, embora a consumir, eu graças a Deus, sempre fui um bom pai, um pai presente, embora já separado da mãe da minha filha, sempre estive presente com a minha filha, mas... ham... depois... deu-me uma branca, perdi-me... qual é a pergunta?

E – Portanto, a questão é o que é que lhe ajuda mais para conseguir continuar apesar das dificuldades?

JE – Ah, yah. É Deus, é a minha vontade de vencer na vida... é... sabes que até aqui nós começamos muita coisa e não acabamos nada, percebes, desistimos a meio de muita coisa... e, pá, e eu propus-me a acabar, não na carne, naquela “vou conseguir, vou conseguir”, não, mas meti o propósito no meu coração, ê pá, e é Deus, é Deus. Porque eu acredito que Deus tem um propósito para cada um de nós, não é, e eu quero alcançar isso, quero alcançar isso sem dúvida nenhuma.

E – E o que terá que acontecer para que permaneça no programa até ao fim?

JE – O que é que vai ter que acontecer? Em primeiro lugar, eu meto sempre Deus ao barulho, percebes, porque eu estou aqui só apenas por causa disso... porque é Deus, porque, ê pá é chegar-me cada vez mais a Deus, é isso basicamente... é chegar-me cada vez mais a Deus porque é isso que me vai dar balanço depois lá para fora, percebes? Porque nós lá fora a vida não é nada fácil, as lutas que temos cá dentro vamos ter outras lá fora, não é, e nós podemos ir lá para fora e podemos até ser pessoas que não nos drogamos, eu posso até nunca mais pegar na droga, ê pá, mas eu vejo as pessoas lá fora, mesmo antes quando eu... antes de eu entrar para aqui, mesmo as pessoas que não consumiam... ê pá é uma vida... uma vida sem Deus é uma vida de tanta ralação meu... as pessoas vivem angustiadas a pagarem as rendas, a pagar as letras do carro, é a fazerem isto e aquilo e vivem sufocadas no consumismo, tudo mais... e depois... pá não têm um escape, percebes? Eu acho que o melhor escape que podemos ter é Deus, porque embora eu possa ir lá para fora e tenha que ir pagar a letra do carro, eu tenho que pagar a renda da minha casa, eu tenho que comer e vestir, eu tenho a minha filha, e tenho isto e tenho aquilo, mas com Deus ao meu lado, não é? Pá... pá, vai ser tudo muito diferente, vai ser tudo muito mais fácil, percebes? Por isso a minha luta cá dentro e a minha permanência cá dentro é com Deus, quero-me chegar cada vez mais a ele, para poder ter uma vida vitoriosa lá fora, estás a ver, ser um cristão de sucesso em todas as áreas da minha vida, yah.

E – Portanto, considera que a fé e a espiritualidade que tem vivido aqui o têm ajudado de alguma forma?

JE – Yah!

E – Quais as suas qualidades pessoais que coloca no seu tratamento para ganhar às drogas?

JE – Como assim, desculpa?

E – Portanto, que qualidades suas é que tem empregue no tratamento para conseguir ganhar esta luta?

JE – Ê pá, é força de vontade, determinação, ham... domínio próprio, também, auto-controlo, porque já muitas vezes, pronto, já me ocorreu ir-me embora, porque eu olho-me ao espelho e estou mais gordinho, estou mais bonito e mais coisa “ah, eu oriento-me lá fora agora, é

trabalhar e com isto e com aquilo, já não consumo, estou fixe” e tal, mas tenho-me auto-controlado estás a ver, para permanecer aqui. Ê pá e determinação, ham, para alcançar o objectivo que me propus alcançar, não é, que é acabar o programa e servir a Deus porque é, também é uma coisa que eu... eu não sei o que é que Ele tem para mim, mas se estiver no meio disso, yah. É isso.

E – E o que é que lhe dá, que situações, pessoas ou coisas lhe dão mais energia, coragem e força para conseguir esta transformação na sua vida?

JE – Olha, eu leio bons, eu gosto muito de ler... é a Bíblia e ler bons livros, ham... tenho-me aconselhado com pessoas, ham... com mais maturidade espiritual, percebes? Yah, basicamente é isso, ê pá eu leio muita livro, leio muito a Bíblia, gosto de ler bons livros, estás a ver e isso tem-me ajudado bastante. Isso são as minhas principais ferramentas. E também a ajuda da minha filha, que a minha filha é que me telefona, a minha filha, ham... eu quando entrei para aqui ela não sabia que eu consumia... sempre a tentei proteger, mas fui obrigado a ter uma conversa com ela antes de entrar para aqui, disse “que o pai precisava de ajuda” e tudo o mais... então ela quando me telefona para aqui está-me sempre a dar força, percebes? E isso tem sido uma ferramenta usada nas mãos de Deus, também ela tem sido usada. A minha filha nunca me abandonou, infelizmente eu tenho visto aqui casos dentro de pessoas que não têm família, que não têm quem os ajude, eu graças a Deus tenho... ham, e Deus tem usado muito a minha filha para... para eu conseguir, estás a ver, vencer esta batalha. Ela escreve-me sempre com um incentivo, sempre “pai, estou aqui quando vieres”, “vai ser tudo como era dantes, à maneira”, “estou aqui, sou tua filha, eu adoro-te, és o melhor pai”, pá, isso dá-me muita força, sabes... é sabermos que estamos aqui, estamos fechados, estamos um bocado abstraídos do que se passa lá fora, mas dessa maneira conseguimos saber que as pessoas que estão lá fora estão a torcer por nós, percebes? Isso dá-me muito ânimo e muita força. Depois é os livros, eu gosto muito de ler... eu curto ler bons livros e a Bíblia, principalmente, que é o nosso manual de instruções. Yah.

E – Numa escala de um a dez em que um seria “absolutamente nada” e dez seria, “pá, não há melhor”, quão satisfeito está consigo mesmo na maneira como tem lutado contra as drogas?

JE – Ham... bem, até aqui... isso é uma pergunta muito fácil de responder, sabes porquê? Porque eu estou fechado num casulo... não há aqui drogas dentro, percebes? A minha maior

luta vai ser quando eu sair daqui... porque aqui não há drogas, não há... o que eu vejo, vejo pela televisão só (risos). Portanto, pá... a nossa vida aqui dentro, no que diz respeito a drogas, estamos bastante protegidos. Sentimo-nos, eu sinto-me com bastante força... assim que cá chegamos nós assentamos os pés na terra, não é, e vimos que, fazemos uma retrospectiva da nossa vida, não é, um balanço... desde o momento que começámos a consumir até aqui... com episódios tão negativos e tão maus na nossa vida que nós não queremos mesmo voltar às drogas, mas a minha luta vai ser lá fora. Portanto, eu estou numa escala, sei lá, eu diria oito. Oito, não é, porque eu sinto-me com força, mas... tenho medo de dizer dez, porque a minha luta vai ser lá fora, lá fora é que eu... vou ver mesmo se o J. E. tem força ou não, não é... mas dou um oito, com toda a certeza.

E – Então e se lhe fossem concedidos três desejos, o que é que pedia para o futuro do Desafio Jovem e de todos os que cá estão ou que ainda irão passar?

JE – Ora, em primeiro lugar, não era que acabassem com sucesso, mas que... quando eu digo acabar com sucesso era que entregassem todos a vida a Deus, não é? Acima de tudo que pudessem entregar as suas vidas a Deus, que deixassem Deus liderá-las que iriam ser as pessoas mais felizes do mundo... é isso que eu desejo a todos, a todas as pessoas que aqui passem. Muita força, a todos os alunos, não é, para esta jornada e o último desejo, também, é para directores e famílias, para esta maravilhosa gente que dá a vida por nós, percebes? Que podiam estar cá fora com os seus trabalhinhos, chegar às seis ou sete da tarde, estarem com as esposas e com os filhos em casa, descansados, e estão a levar aqui com uma mão cheia de amadores que não é nada fácil... percebes? Então eu queria que Deus, ham, o meu desejo é que Deus supra todas as necessidades deles, meu, que lhes dê sabedoria e força e que os restaure e que os renove dia-a-dia... que renove a sabedoria deles dia-a-dia para nos poderem encaminhar, porque... porque é através deles que Deus, não é, vai fazendo a obra em nós. Porque eu tenho a felicidade de já ter conhecido Deus, mas há muita gente que conhece Deus desde o momento em que vem para aqui, não é, e conhece Deus através destas famílias. E então, é esse o meu desejo também, o meu terceiro desejo é que Deus lhes dê muita sabedoria a eles, não é, para... para que continuem este grande trabalho é... que eu estou muito grato a eles. Yah. Eles têm ganho muitas pessoas para Deus, eles “à pala” de darem as suas vidas neste trabalho têm servido muita gente e eu creio que Deus não se irá esquecer deles. Tanto eles como o pessoal do Café Convívio... a minha gratidão é toda para eles porque não há

dúvida que fazem um excelente trabalho e o meu desejo é esse, é para que Deus supra todas as suas necessidades. Yah.

E – O que é que pretende atingir ao completar o programa?

JE – O que é que eu pretendo atingir? Em primeiro lugar quero completar o programa e a seguir fico à espera do que é que Deus quer de mim, percebes? Eu tenho uma área profissional, não é, mas eu não sei se a vou exercer quando sair daqui... tinha uma empresa de jardinagem, paisagista e tudo o mais... mas eu não sei se irei exercer isso, não é? Os meus planos e coisa, é pá eu deixo isso tudo na mão de Deus, porque eu gostava de servir a Deus, percebes? Eu gostava muito de música, gostava de aprender música, ham, curtia entrar no louvor de uma igreja, uma coisa qualquer, pá... o futuro a Deus pertence. Yah.

E – E como é que pensa atingir esses objectivos, apesar de que ainda sejam pouco específicos, mas...?

JE – Ê pá... eu, como é que eu... vou buscar cada vez mais a Deus, estás a ver, eu acho que só assim... porque eu tenho uma área de trabalho definida, pronto, que é a área da jardinagem, agora no que diz respeito ao espiritual, servir a Deus, pá eu vou buscando cada vez mais a Deus para que esteja sensível à sua voz, ao seu querer, percebes? Pá e... vou buscá-Lo cada vez mais para também ser obediente e confiar Nele, porque Ele como nosso melhor amigo, nós temos que fortalecer a nossa amizade com Ele, não é, é isso que eu quero fazer, e o que é que Ele quer de mim. Percebes? Portanto é buscá-Lo cada vez mais, não é, para ter direcção da parte Dele. Yah.

E – Imagina-se a manter contacto com a igreja até quando?

JE – Desde sempre... quero continuar, quero continuar na igreja, eu quando sair daqui quero frequentar a minha igreja, aliás eu já tinha frequentado também, e quando sair daqui vou frequentar a igreja da minha localidade e quero-me inserir, não é, na minha igreja. Quero fazer trabalho no Café Convívio, quero como eu fui servido poder servir hoje também, a ajudá-los, percebes? Encontrar uma resposta para a vida deles, estás a ver, e... e Deus, através de mim, que eu consiga trazer muitos também à salvação e, percebes? Yah, e inserir-me na igreja e tudo o mais... yah.

E – Por último, o que é que lhe dá esperança num futuro bom?

JE – O que é que me dá esperança... pá, eu meto sempre Deus ao barulho. A minha esperança é Ele... porque eu já vi, eu tenho trinta e seis anos, eu já vi que sem Ele, não vou muito longe, percebes? As minhas ideias, a minha vontade, as minhas vontades, os meus prazeres e os meus desejos só me deram uma vida de altos e baixos, percebes, não é tudo más recordações, tenho recordações boas pelo meio, mas sem dúvida que com Deus, pá, vou ser muito mais feliz e a minha esperança está toda Nele. Eu deposito toda a minha esperança e confiança Nele. Yah. Como, pá... às vezes não é fácil, também não é fácil ser cristão, mas Ele já me deu provas que posso confiar Nele... que viver com Ele é uma vida muito mais próspera, muito mais feliz, muito mais alegre e descansada e tranquila, estás a ver, e então toda a minha esperança é depositada Nele. Yah.

E – OK, para além das respostas que me deu às perguntas que lhe fiz gostava de dizer mais alguma coisa?

JE – Ê pá, gostava de dizer, para já muito obrigado por me dares esta oportunidade de exprimir o que eu estou a viver, o que eu estou a passar e quero expressar a minha gratidão ao pessoal do Desafio Jovem e dos Cafés Convívio, que continuem, estão no bom caminho... eu agradeço-lhes bastante e de certeza que Deus não se irá esquecer deles. Que continuem assim, pá, obrigado. Yah.

Entrevista 3 – Actual utente, onze meses de programa

A. M. – Chamo-me A. M., tenho 54 anos, apesar de não parecer, ham, e antes de vir para aqui, este é o décimo segundo mês, tenho andado embarcado. Sou marinheiro, ando nos navios de cruzeiros, sou um oficial menor. Antes de vir para aqui tive problemas com a heroína e etc., etc. Agarrei-me à heroína e... já me tinha agarrado antes, já tive problemas em tempos que lá vão, sei o que é droga desde miúdo, mas sempre me aguentei, não é, sempre consegui fazer uma vida de... juntar as duas coisas, digamos assim e como andava lá fora e o andar lá fora as coisas proporcionavam-se de uma maneira completamente diferente... ham, prontos, mas entretanto tive outra vez uma recaída, portanto há coisa de dois com um, três anos talvez, para aí, e houve uma altura que eu me estava a sentir muito mal, já estava mesmo em baixo e conheci uma amiga minha que me apresentou um pastor, que é o pastor C. P.,

ham, e eu fui falar com ele, não é, conversámos, eu nem sabia quem ele era, nem conhecia o Desafio Jovem nem nunca tinha ouvido falar do Desafio Jovem, nem num pastor nem nada disso. Foi-me apresentado, tivemos uma conversa e ele fez-me a proposta, digamos assim, de eu entrar no programa. E eu pensei, repensei, e assentei na ideia e comecei a fazer os preparativos, digamos assim. Nunca tinha ido a um Café Convívio, mas nunca fui a um Café Convívio, frequentei a igreja duas, três vezes antes de ir para o programa, a minha igreja neste caso, que é a minha igreja agora e comecei o programa. Entrei em Salvaterra, ham... sei lá, não fazia ideia nenhuma como era o programa, como era isto, entrei, ressaquei, estive quinze dias, um mês para aí mal, entretanto estive lá dois meses e meio e depois fui transferido para a Castanheira e estou aqui na Castanheira, não é? Portanto, será, resumindo, sei lá, o passado e talvez o presente, não é? Ham... portanto, sei lá, a droga foi um estilo de vida que eu tive, fazia daquilo quase como que absolutamente normal, nunca fui, digamos, assim... fui ao fundo do poço em termos monetários e em termos de relações, etc., etc., não tenho família, não tenho ninguém, vivo sozinho... ham, perdi tudo o que tinha.

Entrevistadora – Antes de entrar vivia sozinho?

AM – Sim, vivo sozinho. Em termos familiares não tenho ninguém, sou sozinho. Ham, fiquei sem nada, tudo o que tinha vendi, percebes, carros, motas, ham, valores pessoais também... até estava num patamar bastante elevado e inclusive até o emprego perdi, porque era suposto embarcar em Agosto e eu em Agosto não estava bem e nem respondi aos telefonemas, nem a nada, não respondia a nada... a situação já estava mesmo má... entretanto acabei por não ir, não é, não embarquei... entretanto também me surgiu esta oportunidade de vir para o Desafio Jovem. A empresa, e eu ainda tive coragem de lá ir, fui lá e a empresa negou-me, disse que não me davam mais emprego porque eu tinha feito a asneira que fiz, não é? Não foi lá, em termos profissionais não foi, foi só porque não fui na altura em que devia ter ido e não respondi aos telefonemas, etc., etc., ham... e entretanto aquilo ficou por aí. Habilitações, tenho o nono, não está completo, o antigo quinto... acho que me faltava matemática ou qualquer coisa assim do estilo. Em termos profissionais nunca me foi assim, digamos que exigido, ou não foi bem necessário. Já tive vários empregos, outras situações, mas desde que me meti na vida marítima... também andei na pesca do bacalhau, por mais incrível que pareça, andei logo uns cinco anos, em Terra Nova, no Canadá, na Gronelândia, aquela coisa toda, quando era mais novo, ham... mas foi coisa que não me agradou e deixei aquilo e nunca mais lá pus os pés. Entretanto surgiu uma oportunidade dos navios de passageiros onde eu me

aguentei mais tempo. Portanto eu já tenho quinze anos bem largos de navios de passageiros, com alguns interregnos, não é. Tipo uma vez estive cá cinco anos em Portugal, uma outra vez estive dois anos, agora já cá estou há dois. Então... mas nem sempre tive problemas com droga, não é. O álcool nunca tive problemas com álcool... ham, o meu problema é sempre, foi sempre... prontos era a heroína e era a cocaína, etc., etc.

E – E a forma de consumo era fumar, ou...

AM – Ham, tive uma fase que injectei mas depois parei e nunca mais. Era fumado. Ham, a branca já tive todas as situações que se possa imaginar de branca, já passei por aquela fase dos ácidos, já estou a falar nos anos '70 e sessentas, portanto tudo o que é... o que é produtos ilícitos eu praticamente conheci todos, não é? (risos) Houve aquela fase que nós tivemos cá em Portugal, a nossa, a minha geração, ham, eu tenho 54 como já disse, ora, eu comecei para aí com 18 anos, 17, para aí coisa do estilo, e em África. Eu vivi também em África muitos anos. Ham, e entretanto... pronto, fiz daquilo tipo estilo de vida, normal... era uma coisa perfeitamente normal... até começar a ter a consciência e a realidade do que era mesmo chegar ao fundo do poço, não é, em termos de estar agarrado e etc., etc., não é, fisicamente e espiritualmente e o caneco, uma pessoa fica toda baralhada. Pronto, ham, o que é que eu posso dizer mais...? Entretanto foi assim, prontos, entretanto surgiu-me esta oportunidade e eu vim para aqui para o programa, iniciei o programa, entrei em Junho de 2007. Entrei por Salvaterra e entretanto continuo no programa, não é? O programa, se formos a ver em termos de papéis, digamos assim, será doze meses, não é? Mas eu penso que o programa é sempre para toda a vida, é sempre... ham, e eu agora estou numa fase mais de reinserção, digamos assim, porque aconselhado pelo meu conselheiro, que é o director aqui do centro neste caso, agora que é o V. e era outro conselheiro, ele agora não está cá, que é o S., foi para o Lourel, foi transferido, que me aconselharam a eu tentar a minha empresa, se era isso que estava no meu coração. Por mais engraçado que pareça há coisa agora de relativamente pouco tempo eu fui lá, pronto, fui a casa, passei o fim-de-semana em casa, também já estou na fase em que tenho fins-de-semana, ham, não vou mais como o que queria porque financeiramente não estou bem. Tenho casa ainda, tenho um apartamento, foi o que me restou, tenho um apartamento na margem Sul, todo mobilado... não estou a usufruir dele... ham, então fui lá e por mais incrível, eu até dizia aqui e partilhava aqui com o conselheiro e com os colegas e com os alunos que se aquilo acontecesse era um milagre. E fui lá e a companhia aceitou-me outra vez, portanto eu estou numa situação de “stand by”, digamos assim. Estou em fase de

espera para poder embarcar outra vez. Portanto é mais ou menos assim que a cena se proporcionou, não é, e estamos cá.

E – Quais é que foram as maiores complicações na sua vida que pensa terem sido fruto dos seus consumos?

AM – Eu penso que não foram complicações, pá, eu não... acho que foi mais a atracção pelo que é ilegal do que propriamente...

E – A questão não era bem no sentido de porque é que começou a consumir, era mais no sentido de que complicações pensa que aconteceram por causa de ter estado nas drogas...

AM – Ah, as complicações que tive foi ter perdido... sei lá relacionamentos com pessoas, com a família, neste caso por acaso já não existem, os meus pais já faleceram, ham... não vou dizer que faleceram por causa disso, mas uma das grandes causas foi essas más vidas... talvez parte do lado da minha mãe... ham, foi ter perdido por exemplo o emprego, já mais que uma vez, foi ter tido situações, ter e estar em situações monetárias bastante complicadas... o ter ficado sem nada, o ter perdido tudo, o chegado à fase das dívidas, não é, ainda tenho agora, por exemplo, tenho dívidas... grandes. Ê pá e no fundo, no fundo, eu mesmo, não é? Eu mesmo, eu próprio o que é que eu levei daí? Não levei nada! Não... chegando agora à realidade, não é, olhando para trás eu vejo que realmente... o que é que houve, não é? Não houve nada... houve desgraça e houve... (suspiro) não houve nada, pronto, no fundo é isso.

E – Nesse caso, se alguma coisa, o que é que considera ter aprendido, ou o que é que de positivo acha que essa experiência lhe trouxe?

AM – Não, o positivo, positivo... positivo... é estranho estar a dar uma resposta destas, porque positivo eu não vejo nada positivo naquilo... a euforia do momento? Chamemos-lhe assim, talvez fosse bom na altura, não é? Não vou dizer que não, porque na altura em que eu usei, em que eu usufruí das drogas e não só, dos prazeres que a droga trazia, eu vivia muito na luxúria, no prazer... eu não vou dizer que na altura não fosse bom, eu tirei partido disso não é, tirei... e na altura deu-me gozo e deu-me situações que, não é que eu não vá esquecer, mas deu-me situações que eu sei que foram boas... ham... agora, revendo essa fase toda da

minha vida, porque isto foram situações esporádicas, não foram constantes, não é... tive fases em que estava bem e depois houve fases em que estava mal, portanto não foi uma situação desde o início até agora sempre seguida, não é, houve altos e baixos. Hoje eu reconheço que... que aquilo no fundo não passou tudo de uma ilusão, não é, foi um perder de tempo, possivelmente.

E – Frequentou outros programas de tratamento antes de vir para o Desafio Jovem?

AM – Não, tive foi desintoxicações, por intermédio do CAT. A soro, em Gondomar, no Pinto Coelho, através do CAT, já há uns tempos. Consegui... eh, consegui, estive lá uma semana a soro, em princípio, fisicamente, saí de lá curado, não é? A ressaca, não sentia nada, e logo fui trabalhar, e saí logo de Portugal e estive logo não sei quantos anos outra vez, (suspiro) sem consumos exagerados, digamos assim. Não estive em mais nenhum programa, não. Portanto, só desintoxicações, chamemos-lhe assim... já, também nunca quis metadona, estive há pouco tempo com o Subutex antes de vir para o Desafio Jovem, pelo CAT, e é só, pronto. O Subutex também não deu resultado, também quebrei e entretanto eu era para embarcar, a minha psicóloga até queria que eu fizesse o desmame embarcado que ela arranjava para ali uma maneira qualquer de eu levar os Subutex e não sei quê, não sei quê, mas entretanto eu recaí e... também já sabia que vinha para aqui, em princípio e esperei e aguentei até vir para aqui para o programa do Desafio Jovem.

E – E onde vai buscar forças para ganhar esta luta contra as drogas?

AM – Ê pá, as forças que eu estou a ganhar agora presentemente é o relacionamento que eu tenho com Deus... porque tirando isso não estou a ver mais nada. Porque nós aqui no centro, no programa... não era bem assim que eu queria usar o termo, mas nós estamos numa cúpula... eu considero isto aqui uma cúpula, porque nós aqui não nos falta nada, nós aqui temos tudo, não temos ambientes nocivos, não há tabacos, não há influências, não há nada, portanto... a luta vai ser quando nós sairmos daqui e quando começarmos a ter fins-de-semana, eu já tive essa prova... a primeira vez que saí daqui sozinho e fui a casa, etc., e encontrei amigos e etc., e etc., e etc. e aí a luta é que está aí. E então eu vi... por acaso até é um amigo meu que está a consumir, e foi um grande amigo meu e foi com ele com quem eu tive estes problemas, duma das vezes, e ele continua na mesma situação e eu vejo diferenças em mim... no relacionamento que eu tive com ele, não é nada do que era, percebes? Eu vejo

que há qualquer coisa completamente diferente em mim. Tanto que eu até estive pouco tempo com ele, a conversa não me interessou e eu arranquei, fui-me embora. Mas a luta está aí e não é nada fácil... não é nada fácil, sei lá, e eu encontro forças em Deus... e refugio-me aí...

E – O que é que o está a ajudar mais para conseguir seguir o programa?

AM – O que é que me está a ajudar mais...? Essa não estou a perceber bem...

E – Portanto a questão é o que é que o ajuda... eu penso que já tenha havido alguma situação em que tenha pensado desistir...

AM – Sim! Já, já.

E – Então o que é que o ajudou a não fazer isso?

AM – Pá o que me ajudou foi eu ter a consciência que possivelmente não estaria seguro ainda, percebes? Não... quando eu tive a ideia de abandonar, não é, já tive essa ideia... já tive. Porque eu também nem nunca pensei que fizesse o programa, para ser sincero. Um dia iniciei o programa, depois de me ter passado aquela fase da ressaca e não sei quê, não sei quê, ham... eu não estava com a ideia, aliás, eu não pensava chegar onde cheguei... portanto ao outro lado... mas o engraçado é que cheguei, não é? E...

E – Como?

AM – Pá, como? Como, é uma luta do caneco! É orando, é pedindo a Deus, é... é isso tudo. E é ter a certeza, ou pelo menos a desconfiança, digamos assim, que lá fora é uma luta e que se nós não tivermos nada para nos agarrarmos muito facilmente a gente... a gente cai. Não é essa a minha perspectiva agora... porque eu agora sinto-me... sinto-me diferente e sinto-me forte em certas coisas... e já tive a prova, já tive a prova. Não quer dizer que depois lá fora, no dia-a-dia e numa vida fora daqui completamente diferente desta, que as coisas, ham... possam ser melindrosas, não é, mas eu penso que... é pá, eu agora, na situação que eu estou, acho difícil. Mesmo muito difícil. Aliás, nem é vontade minha, nem pouco mais ou menos.

E – O que é que tem que acontecer para que permaneça no programa até ao fim?

AM – É uma insistência da nossa parte... é o querer saber mais, é o querer entrar dentro da... do Espírito, sei lá, do Espírito de Deus, querer alcançar mais... não é uma questão de, não vou levar isso para o lado da protecção, de estar assim protegido... é, no fundo também é, mas e no fundo é querer acabar, sei lá, não querer desistir, porque nós enquanto estamos aqui no programa temos tido muitos... vai acontecendo durante o tempo todo, não é, desde o início até ao fim, até onde eu estou e há uns que vão-se embora, há outros que ficam... uns com mais tempo, outros com menos tempo. É os testemunhos... e isso a mim é uma coisa que me faz um bocado de confusão... confusão no bom sentido, não é, porque os testemunhos a mim marcam-me muito, porque às vezes nós temos dúvidas... “então mas será, não será, mas é assim, mas a gente pede e as coisas acontecem”, porque às vezes estamos um bocado na dúvida... e então, ham, sei lá... os testemunhos a mim dão-me uma força muita grande, para ser sincero, dão-me muita força os testemunhos. Quando eu vejo que as pessoas realmente aconteceu algo de diferente nas vidas deles e algo mudou, e é isso que me incentiva a continuar e é isso que me dá forças para continuar... é uma das razões que me dá, a mim pelo menos é, porque me dá grande força para continuar e pelo menos para chegar... porque no fundo, eu se for a ver bem já estou a acabar o programa não é? Pelo que, doze meses, segundo o que... parece-me que é assim. Mas como eu também já tinha dito ao início o programa é para sempre.

E – Então a fé e a espiritualidade que viveu neste programa ajudaram-no de alguma forma?

AM – Sim, sim. Sim ajudaram então, ajudaram não, têm ajudado sempre, senão também o que é que estava aqui a fazer? Tentava se calhar era... já estou bem, estou curado, não tenho ressacas, não estou a dar na fruta... não é? Vou-me mas é embora, vou-me fazer à vida. Portanto, há, realmente há... é aí, no fundo é a base, no fundo é a base, não é, porque senão já não fazia sentido estar aqui.

E – E quais foram as suas qualidades pessoais que colocou no seu tratamento para conseguir ganhar às drogas?

AM – Ah, as minhas qualidades... as minhas qualidades pessoais foi o meu sentido de responsabilidade e a maturidade e etc., porque eu... a droga a mim só me fez foi perder o sentido da responsabilidade, não é, e os relacionamentos e etc., e no fundo foi isso que me motivou, “não, então mas se eu já fiz asneira, vou deixar de fazer as asneiras outra vez”.

Também já não sou nenhum miúdo, também já não tenho idade para andar a brincar, é pá e tenho é que assumir as responsabilidades outra vez, não é meter as responsabilidades de lado e deixa andar o barco, percebes?

E – O que é que lhe dá mais energia, coragem e força para conseguir esta transformação positiva na sua vida, portanto situações, pessoas, coisas...?

AM – No fundo é aquilo que eu já disse, a mim o que me está a dar coragem e o que me dá força e o que me incentiva é os testemunhos, não é? Isto, fazendo um apanhado. Os testemunhos a mim dão-me uma força enorme. E o conhecimento que eu tenho tido da realidade, não é, pessoas que eu conheci desde que aqui estou que eu não conhecia... nem nunca... se me contassem e se me falassem dantes, há um ano atrás, de situações que eu estou a viver agora eu não, não... não, nem pouco mais ou menos, não é? Então mas agora estão-me aqui a contar histórias? Percebes? Mas não é isso, não foi isso que me aconteceu, o que me aconteceu é que eu... aquilo que eu estou a viver agora no presente faz... faz sentido, e sinto que há mudanças e pelo menos eu, eu estou mudado. E é o testemunho, o testemunho a mim dá-me uma força enorme.

E – Então e numa escala de um a dez, em que um seria “nada satisfeito” e dez seria “não posso estar mais satisfeito”, quão satisfeito é que está consigo mesmo na forma como tem lutado contra as drogas?

AM – Nove.

E – E porque não escolheu o número abaixo?

AM – Ê pá... porque foi assim, saiu-me... (risos) não faço ideia, saiu-me...

E – Pois, mas porque razão sente que... portanto, porque razão valoriza a forma como tem lutado contra as drogas?

AM – Ê pá, todo um processo que eu iniciei até agora, eu tenho essa consciência... um processo que eu iniciei, que eu assumi o compromisso de vir para o Desafio Jovem e para o programa, portanto são doze meses é um ano, é muito tempo, eu tenho essa consciência.

E – O que é que teria que acontecer para se sentir ainda mais satisfeito? O que é que teria que acontecer para subir meio ponto, por exemplo?

AM – Essa agora... essa pergunta agora é assim um bocado... assim de repente o que é que eu... o que é que poderia acontecer? Sinceramente, não estou a ver... continuar como estou, possivelmente, não?

E – OK... se lhe fossem concedidos três desejos o que é que pedia para o futuro do Desafio Jovem e de todos os que cá estão ou irão passar?

AM – Ê pá, olha eu posso desejar ao Desafio Jovem é que esta instituição tenha anos e anos e anos de vida e que continue a fazer o que tem feito até agora, e aqueles que cá estão que consigam fazer o programa e que consigam acreditar em Deus e que consigam fazer uma vida boa na sociedade, inseridos na sociedade sem problemas, ê pá, seja lá do que for, de álcool, de drogas, seja lá do que for... sexo, o caneco... tudo o que é... pronto, o que é mau, digamos assim. Ham, e que haja mais pessoas, ham... a realizar o trabalho que eles estão a realizar, não é, em termos de conselheiros, cooperadores, directores, pastores, que saiam que haja fruto... daqui, de nós, alunos, não é? Neste caso somos nós. No fundo, no fundo, se formos a ver bem, todos nós viemos de... tirando excepções não é, há casos que não vieram das drogas não é? E nem sequer tão pouco passaram pelo programa, e hoje fazem parte do Desafio Jovem. Temos várias situações, mas talvez 90/95%, não sei, não posso estar agora a fazer com percentagens, mas se calhar foi tudo o que passou pelo programa, não é? Portanto é isso que eu posso desejar e é isso que tenho no coração, que isto continue como instituição e cada vez melhor, não é, cada vez tenha mais força para poder ajudar quem realmente necessita, seja lá a situação que for. Ham, sim, no fundo é isso.

E – E o que pretende atingir ao completar o programa?

AM – Ê pá, o que eu pretendo atingir ao continuar no programa é continuar no estado em que eu estou espiritual, é eu continuar a acreditar em Deus, é eu refazer a minha vida, é eu conseguir a partir daqui ter uma vida sem... sem, pá, vícios, sem tretas, não é, ter mais maturidade, ter mais segurança... ê pá, e ser verdadeiro, sei lá, não vir com aqueles truques e com aquele... com aquela, como nós aqui usamos muito este termo com o “jogo de

cintura”... com aquelas vidas antigas, não é, é ter um caminho com Deus e isto é o que eu posso... o que eu sinto e o que eu pretendo, não é? Eu sei que vou ter dificuldades nisso, ainda agora tive esse aconselhamento com o meu conselheiro, estive quase duas horas a ser aconselhado por ele, precisamente por isso. Porque em termos de emprego eu possivelmente vou-me afastar de igreja e vou-me afastar de muita situação, não é? Como eu estou sete meses, o meu contrato é sete meses e estou sete meses fora do país, eu já te disse que trabalho em navios de cruzeiro, não sei, posso ir para as Caraíbas, posso ir para o Alasca, posso ir para o Mediterrâneo, já estive nesses sítios todos, pá e eu ando no navio, é um ambiente de trabalho, percebes, não... não há igrejas, durante sete meses estou ali, não é? É completamente diferente se eu vivesse aqui no dia-a-dia, não é? Portanto vai ser uma luta que eu vou ter, vai ser uma luta constante e eu só tenho é que comer e aguentar, percebes?

E – Como é que pensa atingir esses objectivos que tem colocado?

AM – O que eu penso é continuar a acreditar em Deus e ter os meus momentos de oração, os meus momentos devocionais e não fugir daí... porque, possivelmente, fugindo daí as coisas começam a ir para caminhos que se calhar já não interessam, não é? No fundo é isso, resumindo... é manter, é continuar a manter aquilo que eu aprendi aqui e aquilo que eu tenho em mim, aquilo que nasceu em mim, novo, não é? Eu nasci de novo... apesar de ter cinquenta e quatro anos, não é, eu nasci de novo, e então tenho é que manter isso. Tenho que manter isso, no fundo é isso.

E – No seu caso, tendo em conta também o seu trabalho, que está bastante tempo fora, imagina-se a manter contacto com a igreja?

AM – Pois, isso é uma das dificuldades que eu possivelmente irei ter... porque se eu for, ponhamos a hipótese de eu ir, porque eu vou em princípio. Porque foi uma coisa que eu sempre desejei, foi uma coisa que eu sempre... é o meu trabalho, digamos assim, e em termos profissionais não temos muita opção aqui no nosso país, em Portugal, é difícil, é difícil... os empregos não são fáceis e eu tendo uma oportunidade, uma segunda oportunidade que a empresa me deu, não é, e isto é, para mim foi um milagre... e eu vou agarrar isto, em termos profissionais, vou agarrar este emprego... não, já não estou a pôr sequer a situação monetária, não é, porque a situação monetária é... é boa, não tem nada que ver com as situações aqui em empregos normais, não tem nada a ver, mas prontos eu também tenho uma situação um

bocado coiso de dívidas, e isto também é bom para eu conseguir liquidar essas dívidas, digamos assim. Pá e eu vou tentar... claro que eu igreja ali vai ser complicado... por acaso tive esse aconselhamento com o V. agora há dois dias e falou-se nisso... pá, nem que eu, nem que eu quando estou em terra, porque são navios de cruzeiros, os navios de cruzeiro todos os dias estão em terra... depende de que zona é que eu irei andar, não sei, que eu já corri o mundo quase todo, mas se eu andar nos Estados Unidos, por exemplo, eu quando estiver em porto e quando estiver a minha folga vou... vou tentar ir a uma igreja evangélica e vou tentar procurar porque os Estados Unidos, eu sei... eu falo inglês, não tenho um inglês correcto mas falo assim... tenho um inglês suficiente para ir e para me aperceber do que é que se passa e do que é que não se passa. Portanto... e vou tirar os meus momentos eu a bordo, não é? Porque fora do trabalho, fora do horário de trabalho, tenho os meus momentos de descanso, digamos assim... o navio tem capela, só que é uma capela... só que, prontos, será um capelão? Porque eu estou a falar num navio com quarenta e sete raças diferentes... por acaso os meus marinheiros, os marinheiros que trabalham para mim, digamos assim, são indonésios ou são filipinos e os filipinos 90% são cristãos... os indonésios 90% são muslims, são muçulmanos. Portanto há ali um conflito de ideologia. E depois tenho sul-africanos, canadianos, portugueses, e tal, eu vou tentar... sei lá, da melhor maneira manter o meu seguir como eu estou agora... o melhor que posso, que poderei fazer, não é? Também não vou fazer daquilo, agora um... sei lá, um pavão, uma coisa... não, é um emprego como outro qualquer, é a minha situação profissional, o que não quer dizer que possa acontecer uma outra situação de um momento para o outro, não é, enquanto aqui estou, até mesmo depois de sair daqui... falei disso ao meu conselheiro, eu disse “ê pá eu estou sempre pronto a sugestões e a aconselhamentos”, e ainda por cima de pessoas sábias e de pessoas com uma experiência... e com uma fé que não tem nada a ver com a minha, porque pessoas com muitos anos já de fé, e é bom a gente ouvir, é bom a gente ouvir aconselhamentos desses, para nos encaminharmos.

E – Então e o que é que lhe dá esperança num futuro bom?

AM – Ê pá, o que é que eu digo à esperança? A esperança tenho a esperança. É que eu tenho mesmo esperança, aliás eu estou mesmo sólido na esperança, a esperança deixou de ser esperança, eu estou convicto que vai ser bom! Porque, é mesmo, é mesmo assim. Eu agora vou este fim-de-semana vou a casa e estou assim um bocadinho coiso, porque ir a casa e tal, vou ter com o meu pastor e há um evento qualquer na minha igreja Sábado à noite, não sei o que é mas ele gostava que eu fosse lá e nós até vamos falar um com o outro porque não temos

tido assim muito relacionamento, eu com ele e ele comigo, mas... não é... não se proporciona, prontos e vamos falar até do meu futuro e eu possivelmente... porque eu quando entrei para o programa e quando eu conversei com ele... ele fez o programa, não sei se o conheces, o C. P., é uma pessoa impecável, uma pessoa impecável, ele fez o programa já há muitos anos, ham, hoje é pastor, tem o dom da palavra, eu gosto de ouvi-lo... e ele também me falava nisso, no futuro e eu dizia-lhe “oh pastor C. P., isto é assim, eu não vou para outro lado da minha situação profissional”, “não, não, logo se vê o que é que vai acontecer”... mas naquela altura eu estava fora do... prontos, mas tudo bem, eu fui aceite e... mas isto vem a propósito de quê, vem a propósito de que eu estou sempre sujeito a... claro que estou sempre aberto a ideias diferentes.

E – OK. Para além das respostas que deu às questões que eu coloquei, gostava de adicionar mais alguma coisa?

AM – Ê pá o que é que eu posso dizer mais? Olha, só posso dizer é que eu seja um exemplo para os outros e... tenho sido um exemplo, porque também já... quem está aí já testemunharam e já disseram que eu tenho sido um exemplo, no aspecto de quê? Pá, uma pessoa com as situações que eu tenho, não tenho ninguém, não tenho... ê pá não tenho nada, e completamente coiso, eu tenho-me aguentado firme e a minha convicção é forte e eu, pá, não desisto. Vou até ao fim. Pelo menos que eu sirva de exemplo para os outros, não é? E enquanto são novos e enquanto têm tempo que acreditem naquilo que lhes está a acontecer e olhem para aqueles que têm uma certa idade, que é o meu caso, não há aqui muitos... por acaso até está aí um mais velho do que eu, ham, prontos, não interessa agora as razões que ele tem, quais são os problemas dele, mas que olhem para nós como um exemplo, não é? E que vejam, “ê pá, se eu tenho agora a oportunidade de estar bem, vou agarrá-la com unhas e dentes, não vou deixar andar, andar, andar para um gajo chegar à idade” que eu tenho, por exemplo, e acontecer-lhe o que me aconteceu, não é? Que seja um exemplo, sei lá. O que é que posso dizer mais? No fundo é isso. Porque eu também sou sincero e também digo, isto não é fácil, ê pá, não é fácil. Eu tenho assistido a montes de situações de pessoas que não conseguem, pá há montes de razões diferentes umas das outras, não dá agora para a gente estar aí a falar nisso, mas, ê pá, eu acho que as pessoas quando vêm e quando conhecem e quando cá estão, que tenham realmente consciência da realidade e que agarrem e que aproveitem, porque é bom... e aquilo que a gente andava a fazer e aquilo que a gente passou, ê pá, nunca nos levou a lado nenhum, só nos levou foi à desgraça, não é? Seja lá o que for.

Seja a roubar, seja a drogar, seja a... seja o que for. Ê pá a gente só andou... no fundo é tudo ilusões, é tudo uma ilusão pá... prontos pá, não vou estar a pôr agora em termos, era a idade, porque era assim, porque era assado... pá, eu penso que é agarrar a oportunidade. É agarrar a oportunidade porque as oportunidades também não vêm assim quando a gente quer, não é, portanto a gente tem que ter cuidado com isso e ter a consciência que quando temos uma oportunidade é agarrá-la, pá. E eu tenho essa consciência, tenho essa consciência agora, agarrar a oportunidade e acreditar em Deus e... pá, e orar e pedir a Deus, um gajo que não está a compreender mas a gente pede... isto também fazia-me uma grande confusão! Eu ao princípio isto fazia-me uma confusão que não te passa pela cabeça... pá eu sou sincero, eu entrei para aqui com a idade que tenho, e eu nunca tive um relacionamento com Deus, eu nunca li uma Bíblia. Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, eu sabia o que era uma Bíblia, como é óbvio, não é, mas prontos, eu nunca tinha lido uma Bíblia, nunca tinha... costumavam-me perguntar e a minha resposta era sempre aquela “ê pá, sou um cristão, não sou praticante”, não é... eu agora hoje já vejo a coisa de uma outra maneira, não é, mas sei lá, a resposta que me surgia na altura era sempre essa. E então, ham... ê pá, eu quando entrei isto fez-me confusão ao princípio... é que sinceramente... ê pá... mas prontos, claro que as coisas entretanto mudam, não é, mudam e as pessoas começam-se a aperceber, quando querem perceber e quando querem realmente que aconteça qualquer coisa de novo. Foi o que me aconteceu, penso eu, pá. Quem venha e quem esteja que continue e que aproveite, e que tire o melhor e que saia daqui completamente diferente daquilo que era. É o meu desejo, no fundo é esse. Não vou dizer que estou aqui, não vou dizer que estou aqui para servir, mas até, ham, em termos futuros, quem sabe se eu não vou servir a Deus? Mas quem sabe? Ainda foi o que eu disse há bocado, quem sabe se há aí uma porta para mim e eu não estou à espera, percebes? E eu por acaso até já se me pôs isso na mão... apareceu-me na mão, para ir para os navios evangelizar. Coincidência! Eu sou marinheiro, venho aqui parar e depois passados uns dias aparece-me um panfleto na mão, “mas que é isto?”. Percebes? Será que eu não serei uma ferramenta na mão de Deus neste aspecto? Sabe-se lá, não é? Portanto no fundo é isso. Eu continuo na luta, continuo na luta, não é fácil, já disse e torno a dizer, não é nada fácil... mesmo agora, eu sinto-me firme, mas tenho alturas que... eu vou-me abaixo... vou-me abaixo, começo com pensamentos, não é pensamentos de voltar à droga, não, isso por acaso, graças a Deus, não tenho nada disso, nem pensamentos, nem... é o querer fazer a minha vida, percebes? Que é isso muitas vezes que nos leva a meter o pé na argola. Nós temos tido aqui exemplos desses, até, pá, amigos meus que criámos aqui laços de amizade aqui no programa, ê pá e o que eu até tinha... acreditei e acreditava neles e eles falharam não é? Falharam,

prontos, falharam no aspecto de não acabarem o programa e de se iludirem com... ê pá, com promessas, “ê pá, não, eu vou lá para fora que já tenho trabalho pá”, “já nem estou a rressacar, já estou bem pá” coiso... “e pá, fulano vai-me dar trabalho e fulano até tenho onde ir dormir”... e eu até tenho casa, eu por exemplo até tenho casa, tenho um apartamento ali na margem Sul, está fechado. Eu chego ali, abro a porta e entro, tenho lá tudo. É meu. Percebes, portanto eu nesse aspecto até poderei ser um privilegiado, digamos assim, apesar de não ter dinheiro, apesar de ter dívidas, eu estou aqui há um ano, nunca tive um tostão de ninguém. Nem da Segurança Social nem de ninguém. Nunca me faltou nada! Nunca me faltou nada, e é aquilo que eu costumo dizer ao pessoal, não tenho aquilo que eu quero, mas tenho aquilo que preciso. Estou aqui à quase um ano, não tenho nada da Segurança Social, a Segurança Social falhou comigo, porque vieram com uns argumentos que eu devia ter entrado pelo CAT e que o CAT é que devia ter-me encaminhado, não sei quê, não sei quê, pá, eu sinceramente não sei porque eu é a primeira vez que estou neste programa, é a primeira vez que venho para aqui, venho encaminhado pelo pastor e entrei, portanto não sei de nada, mandei os papéis para a Segurança Social, diz que não paga e que não paga e que não paga, e não paga! E não me pagou. Portanto eu estou aqui sem um tostão, percebes, e nunca me faltou nada. Portanto, a situação não é fácil, não é? Mas lá está, onde eu queria chegar é que eu tenho casa e eu saio daqui vou para casa, pá, mas dormir na rua não durmo, não é? E depois o dia-a-dia o come e não come, talvez depois se oriente... mas orientas-te como? Se não tiveres trabalho, se não tiveres nada? Qual é a tendência, para quem já andou no submundo? A tendência é ires lá outra vez, “ê pá, não tens aí nada para um gajo fazer aí umas curvas e coiso?”, e a coisa até surge, não é? E então tu comesas a fazer dinheiro, o dinheiro que é para tu comeres... mas depois comesas a... possivelmente, quando comesas a lidar outra vez com as cenas e comesas a coiso... estás a ir por um mau caminho, quer dizer, não te vai levar a nada, de certeza absoluta. Vai-te levar outra vez é à... àquela história do costume. Prontos, e então o que é que acontece? Eu às vezes via aqui a malta e a malta iludia-se um bocado com isso... “já tenho emprego, tenho isto, tenho aquilo”, e depois entretanto era tudo tanga, quer dizer, acabavam por ir e afinal não era bem isso, era mais aquela vontade outra vez de voltar ao que era... e é o que, prontos, é o que eu já te disse e torno a dizer, ê pá, é... é agarrarem-se, é agarrarem-se e lutarem e tentarem uma vida completamente diferente, e em todos os aspectos. Percebes? No fundo, no fundo, resumindo e concluindo é isso. Pá, porque isto... é o que eu estava-te a dizer, isto também me fez confusão ao princípio e nos primeiros meses eu também me ia abaixo... tive alturas que, pá eu queria-me era... mas, prontos, parece que, parece não, havia mesmo, havia algo que me fazia “não, deixa-te estar mas é sossegado”.

Percebes? Está o diabo está a puxar para um lado e Deus está a puxar para outro. “Não deixa-te estar mas é sossegado e deixa-te mas é de pensamentos marados e que não levam a lado nenhum”... é isso, pá, é isso, no fundo é isso. Porque nós todos... todos nós pá, para já somos humanos e nunca deixamos de ser humanos e todos nós temos tendências a... para o prazer... é o prazer da carne, é o prazer disto, é o prazer daquilo... é mesmo assim, somos nós, é a nossa natureza, somos humanos. Ê pá e se nós não temos um propósito, se nós não temos um... ê pá a gente desvia-se. Desvia-se. Porque hoje em dia tu sabes que a sociedade é tudo... ê pá, é só meter coisas na carola às pessoas. É tudo, pá os prazeres, é a desbunda, é o... é os valores, é... etc., etc., etc., e etc., etc., etc. Ê pá e as pessoas são fracas. As pessoas vão e caem e vão por esses caminhos. Se nós não tivermos onde nos agarramos, eu penso que é muito mais difícil a gente segurar-se. Estou a falar do que sinto e do que realmente... do que eu sinto, não sei se os outros pensam assim, também não me está a interessar muito agora, (risos). Mas é assim.

Entrevista 4 – Ex-utente, graduado há dezassete anos

Entrevistadora – Para iniciar gostava que me dissesse a sua idade, as suas habilitações, onde e com quem vivia antes de ingressar no Desafio Jovem, onde e com quem vive agora...

J. A. – OK. Pronto, ham, tenho 48 anos e comecei por entrar no mundo das drogas numa altura em que houve uma mudança no nosso país a nível político. Portanto coincidiu com '75, passado mais um pouco houve um “boom” de despertar para a liberdade e então houve uma enchente de querer consumir... foi o que aconteceu na altura, não é, na altura... era... estava na moda, digamos assim... e queria conhecer aquilo, o que é que se passou, o que é que não se passou, pronto...

E – Que idade tinha na altura?

JA – Saí há dezassete anos, já estou como o Guterres, mais milhões menos milhões, não é, andei para aí dezasseis anos metido naquilo, tinha... vinte e pouco, sei lá, dezoito anos, vinte anos para aí... uma coisa assim... ham... aquilo era tudo muito agradável naquela altura, pronto, era uma sensação diferente era... nunca pensava no pesadelo que se iria tornar, ham... morava com os meus velhotes, estava a estudar, entretanto depois comecei a trabalhar na alfândega e ganhava já bom dinheiro quando... me vou afundando cada vez mais...

afundando, afundando... as drogas têm sempre uma continuidade mais crescente a nível de vício e mais prejudicial a nível de saúde e de ficar agarrado, ham, e dei por mim na necessidade de fazer alguma coisa... e então conheci, indicaram-me o programa de recuperação no Desafio Jovem. Comecei por vir ao Café Convívio, em que entrei em contacto com a Palavra de Deus não sabendo o que era, entrei em processo de admissão fazendo análises, num psicólogo, entrevista, conheci alguém do centro e habilitei-me a fazer o programa de recuperação. Entrei em '89 para o programa, em Outubro se não estou em erro...

E – Mas frequentou o Café Convívio durante quanto tempo?

JA – Frequentei o Café Convívio da Marques da Silva durante pelo menos dois meses, naquela altura as admissões eram muito mais complicadas e havia um tempo de espera muito superior. Frequentei o Café Convívio, dei entrada para o programa, muito fragilizado, sem objectivos, sem alvos nenhuns, ham, desesperado e querendo mudar mesmo completamente... eu acreditava que tinha que viver um outro estilo de vida... não... eu não podia andar a viver com os braços completamente picados, não podia andar a viver com dois dias do mês com o salário, depois os outros vinte e nove ou trinta dias do mês a vender e a traficar e a roubar e... quer dizer não tem nexo de vida, não é, não fazia sentido. Ham, até porque eu estudei, tenho praticamente o décimo segundo ano e sabia que as pessoas quando nascem não têm que forçosamente andar a viver mal, as pessoas têm que ter alguns objectivos na vida e têm que ter alguma vontade de querer evoluir como ser humano e então... busquei um processo de recuperação e entrei num centro...

E – E portanto vivia com quem antes de ingressar no Desafio Jovem?

JA – Vivia com os pais.

E – E agora onde vive e com quem?

JA – Agora casei, depois de ter saído do programa casei, vivo com a minha esposa, não temos filhos, estamos casados há dezasseis anos e... e graças a Deus. Nunca mais consumi, nunca mais fumei, bebo o que tenho que beber à refeição e pronto... tenho um grupo de amigos que se pode considerar excelentes pessoas porque têm valores morais altamente, baseados na

Palavra de Deus e isso para mim é uma mais valia para alguém se fundamentar num estilo de vida saudável, porque o homem precisa de ter o seu... círculo social rodeado de amigos para as alturas boas e para as alturas más e em que as nossas emoções não se baseiam em fumar agora um charro ou mandar agora um chuto... pronto, tudo mudou... o passado, aquilo que parecia um grande obstáculo e um grande pesadelo... passado um ano, ano e meio, acho que estive mais algum tempo no programa, acho que estive perto de dois anos ou dezoito meses ou o que é que foi, ham... em dezoito meses, Deus... mudou a paisagem toda. Eu consegui observar que havia pessoas bonitas à minha volta, consegui observar que podia ser um homem válido para a sociedade, eu costumo dizer a título de brincadeira que nesta altura o meu problema não é a droga, mas são os drogados, no sentido de ter que contribuir forçosamente também para os ajudar, não é? Porque, pelo testemunho, pela experiência, pelas situações, e então... considero-me talvez um instrumento para... para entrar nalguns terrenos, nalguns corações e poder de certa maneira, pela vontade de Deus, dar a volta àquilo, a essa gente.

E – Se não é indiscrição, antes de entrar que drogas é que consumia?

JA – As drogas que eu consumia... ham... começando numa escala de um a dez... consumi talvez de um a dez, não é, experimentei todas praticamente.

E – Mas o grande problema qual era?

JA – O grande problema é que no mundo das drogas a gente começa sempre a subir mais um bocadinho... o grau de dependência, começa a ser cada vez mais necessário experimentar drogas cada vez mais fortes, não é, isto é... é simples, a gente começa pelas mais fracas como uma erva, como o haxixe, passamos depois para a parte mais química a nível dos “Rohypnóis”, drogas que hoje já não existem a nível de comprimidos que era os “Mandrax”, os “Somniums”, é pá, tanta coisa a nível de comprimidos, não é? Depois damos um saltinho, talvez mais agressivo, para a zona dos alucinogénicos, que é os LSD, os ácidos, essa coisada toda e depois mergulhamos mais a fundo no mundo das injectáveis... começando talvez pela heroína, que é uma droga doce, simpática, suave, e depois espontaneamente provando também cocaína que é uma droga acelerativa, muito espreitar e muito querer consumir cada vez mais, ou seja, a cocaína é talvez a droga talvez... quanto a mim mais destrutiva, porque exige muito do nosso... ou seja, nós exigimos muito dela e ela exige muito de nós, é uma

droga muito, muito agressiva, tens que consumir muito porque ela dá um “flash” espectacular e depois é... percebes? Mas pronto, a caminhada vai por aí, vai por aí, não é, pelas mais fracas...

E – Mas no seu caso específico, portanto, quando entrou o grande problema em parar de consumir era que droga? Todas?

JA – Não, porque depois há umas que... por exemplo, há uma altura da vida em que elas são principais, não é, e depois conforme vamos caminhando elas tornam-se irrelevantes e as outras é que se tornam principais... ou seja, a heroína depois tornou-se a principal delas todas, não é, a heroína tornou-se a principal delas todas. Eu lembro, quando entrei no centro, estava a consumir cerca de três gramas por dia. A nível monetário era muito dinheiro... tinha que ter o suficiente para vender, consumir, e ganhar dinheiro para depois ir comprar outras cinco ou outras dez para depois tornar a consumir e a vender e depois esse ciclo assim, não é, ham... heroína é a droga... que... enquanto a cocaína arrasa muito, percebes, a heroína é uma droga que cativa, é doce, é melosa é... percebes? Basicamente a heroína foi a mais... a mais agressiva, a mais destrutiva...

E – Hum-hum... portanto a razão de entrar para o centro...

JA – Sim, sim...prontos, o entrar não tem a ver só com droga, tem a ver já com um estilo de vida que está completamente perdido, percebes, e nós temos que optar por... ou continuamos aqui e demoramos mais cinco ou dez anos e acabou-se ou então optamos por mudar de vida e esquecer aquele namoro todo e partir para uma nova aventura... não tem só a ver com drogas porque... por exemplo há drogas que nem sequer dá para viciar, por exemplo um alucinogénico é uma droga que não dá para viciar, porque quando estás viciado, estás internado no Júlio de Matos... com um trauma irreversível, percebes, que é uma droga que causa disfunções nas células cerebrais que... não dá para viciar, pronto, quando chegas ao ponto de estar viciado... acabou, pronto, e ficas, ficas a pedir num sinal, tipo no Júlio de Matos ou assim uma coisa qualquer, tipo aqueles “vegetais”... mas a heroína foi talvez a droga mais difícil de combater.

E – Quais é que foram as maiores complicações que pensa terem ocorrido na sua vida por causa do consumo de drogas?

JA – Eu acho que, não querendo espiritualizar isto, eu acho que sempre, Deus teve um pouco a sua mão na minha vida, percebes? Nunca fui preso, nunca estive assim à beira de uma “overdose”, ham, o mais complicado na minha vida foi talvez o relacionamento familiar que se criou, não é? Ham... eu vi a minha velhota muita vez, ham... quase a ficar-se, com nervos e princípio de ataque cardíaco... o ambiente em casa tornou-se frio, insuportável, não é? Nós tornamo-nos aquele tipo de pessoas que se vamos num lado do passeio a família, os vizinhos e... passam todos para o outro lado porque não se querem cruzar connosco... isso talvez foi o que mais me marcou. Tornamo-nos um bicho no meio de uma sociedade, talvez tenha sido isso...

E – Então e o que é que considera ter aprendido na sua experiência de consumo de drogas? O que é que de positivo pensa que pode tirar...

JA – Nós aprendemos sempre, mesmo com as coisas más nós aprendemos, não é? De positivo? Ham... sei lá... se eu fosse um pintor famoso ou se eu fosse um escritor famoso, talvez a experiência com os ácidos tivesse uma coisa muito bonita para relatar... se bem que as sensações não se conseguem relatar, não é, elas acontecem no imaginário, não conseguimos retratar isso numa tela, pintura, nem num livro, não é, mas por exemplo a nível de drogas, as drogas alucinogénicas transpõem-nos para um mundo irreal que é uma coisa... impressionante, não é? Não sei se consigo dar uma ideia, não foi o meu caso, mas há casos em que alguém se manda duma janela dum oitavo andar pensando que consegue voar normalmente como um pássaro. Está claro que o fim é terrível, não é, mas eu lembro-me de ter... eu lembro-me de desatar a rir por uma coisa insignificante, porque as células decompõem-se, tu estás a olhar para aquilo (apontou para uma cesta de verga), as células decompõem-se e então tu tens um mundo de cor, ham, movimento, de alucinação em que as coisas transcendem-se e encolhem-se assim como estás a olhar para esta mala e ela, se tu a fixas... isto não se consegue bem descrever a nível de palavras, e muito menos a nível de outra coisa qualquer mas, a mala, se tu estás a olhar para ela, ela fala contigo, ela mexe-se, ela levanta, ela baixa, ela encolhe, ela estica e tu estás a olhar para aquilo... quer dizer... não percebes como é que aquilo está a acontecer... quer dizer, aquilo provoca-te uma reacção no cérebro de tal maneira, ou na vista, de tal maneira incrível que tu ficas maravilhado com aquilo... as luzes... aparecem-te luzes como tu nunca viste, os sons, por exemplo, eu lembro-me de uma vez estar a injectar uma anfetamina, um produto branco tipo coca mas

assim, mais a nível farmacêutico, não tão natural mas mais a nível farmacêutico, em que, por exemplo, se tu riscas um fósforo, ou estavas numa casa de banho a picar e puxas o autoclismo e o som era assim, por exemplo tu riscas um fósforo e “fshhiu, fshhiu, fshhiu, fshhiu, fshhiu” e parecia-te que o som se espalhava assim pela casa de banho, percebes e isto... está claro que em palavras não se consegue descrever bem, é uma sensação e, eu vou repetir, é sempre difícil conseguir descrever uma sensação, mas cheguei à conclusão que as drogas alteram o estado psíquico, visual, auditivo, de memória... percebes aquilo... ham... faltam palavras para descrever as coisas, não é, mas são experiências que elas nos dão, a nível de experiências, em que... não as arranjas noutra coisa qualquer, não é... por muito que tu te embrenhes num estudo, sei lá, numa ciência, numa engenharia, numa informática, porque tudo em que tu te embrenhes não vais ter aquela experiência, porque ela entra-te dentro do cérebro e o que está cá dentro a gente não sabe... altera a percepção de uma maneira incrível, não é, uma coisa impressionante... talvez o mais positivo tenha sido isso, por isso é que, não há dúvida que alguns cientistas para perceber e tentar evoluir um bocado a ciência e... e saber quais são os efeitos daquilo nesse sentido, porque de resto é sempre degradativo. De resto, ham, as coisas tornaram-se tão negras... tão podres, tão sem jeito, tão miseráveis que de positivo não se tira nada dali...

E – E antes de ser o tratamento com o Desafio Jovem frequentou outros programas de tratamento?

JA – Não. Nunca tinha... tinha ido uma vez às Taipas, mais a velhota, já em estado mesmo, ham... tentar acabar com o problema, tentar arranjar uma solução... pronto, mas a coisa não deu porque aquilo era assim muito... sei lá, muita consulta, muito medicamento, e não funcionou... e então apareceu-me um rapaz que tinha feito o programa. Um amigo de infância, em que foi lá a casa e usou uma terapia de choque. Sentou-me à mesa com os meus pais, com o pai e com a mãe, ele, eu e... declaradamente falou... sabes quando nós, quando vimos do centro a gente vem muito cheios da unção de Deus e da graça de Deus, não é, e quem passou por aquilo é muito frontal e muito directo, chamo àquilo terapia de choque... e então meteu tudo na mesa, ham... como ela era. O meu estilo de vida, ele retratou o meu estilo de vida em cima da mesa ao pé dos meus pais, qual seria a finalização das coisas, como é que se estava a viver na altura, as mentiras, os roubos, contou tudo o que eles sabiam também, só que nunca tinha sido falado tão abertamente, não é? E vamos supor que iniciámos um pacto quase de Varsóvia, que, pronto, a partir de agora esta é a linha de avançar para um

processo de recuperação. O factor determinante e decisivo no meio da minha recuperação foi a minha mãe nunca me ter abandonado no Café Convívio... se era à Terça ela ia comigo, se era ao Sábado ela ia comigo, se eu não aparecia para ir ela ia à minha procura para ir e depois lá me encontrava e lá íamos, e lembro, lembro claramente que se houve algum dia em que eu faltei foi precisamente porque ela também não foi... de resto, sempre estiveram ali, sempre estiveram ali, sempre estiveram ali... isso foi extremamente importante. A partir daí começou tudo. Começou todo um processo de recuperação.

E – Onde foi buscar forças para ganhar a luta contra as drogas?

JA – Ham... costuma-se dizer que tem que se ter muita vontade, não é, tem que se ter muita força de vontade, é o que as pessoas dizem, “ah, tiveste que ter muita força de vontade para vencer”, não é, geralmente as pessoas dizem isso... eu não me lembro, eu vou ser muito sincero, eu não me lembro de ter muita força de vontade. A sério, não me lembro... lembro-me doutros factores. Lembro-me de estar na capela do Desafio Jovem à noite... várias noites seguidas a ressacar e a chorar sozinho, e eu lembro-me nessas noites de estar a pedir a Deus, sem o conhecer de lado nenhum, na minha pouca fé, na minha incredulidade até, e pedir “ê pá, Deus... preciso” ou “estou completamente angustiado”... lembro-me disso assim, quer dizer, não sei se a força de vontade foi minha ou se foi novamente a graça de Deus que se foi aproximando e foi-me dando essa força de vontade, não é... mas começou por aí. Lembro-me claramente disso, não me lembro de dizer assim “ah, eu vou conseguir”, “eu vou vencer”, “eu vou ser assim”, não me lembro nada disso. Lembro-me de estar a chorar, de estar com dores nos rins, de estar a pingar do nariz, de estar com um sistema nervoso muito alterado... percebes? E eu lembro-me de estar, claramente, mas isto lembro-me claramente, de estar deitado até no chão da capela de Fanhões, à noite, sozinho e pedia para que Deus me ajudasse, não só numa noite mas várias noites seguidas. Isso lembro-me claramente, não é, e creio que toda a força de vontade que houve aí foi Deus que pegou em mim e me foi levantando a pouco e pouco.

E – E o que é que o ajudou mais para conseguir concluir o programa?

JA – Ham... o que me ajudou mais... este programa é muito, ham, é muito apelativo, não é? Este programa é muito... excelente. E há uma coisa que eu uma vez percebi que era assim, ham, quem acaba um programa do Desafio Jovem não se torna um ex-toxicodependente, não

é? Tu entras como toxicodependente, mas, para mim, na minha maneira de ver as coisas, não acaba como um ex-toxicodependente, acaba como um filho de Deus, não é, e quando nós temos a percepção de que somos filhos de Deus há uma responsabilidade espiritual muito grande sobre a nossa vida, ou seja, as drogas ficaram muito para trás, percebes? Não sei se estou a fazer-me compreender, não é, as drogas foi alguma coisa que nos levou até ali mas depois, de um momento para o outro, tudo se transformou. Há uma série de, a necessidade de aprender quem somos, porque estamos, porque fazemos, o que queremos fazer, o que devemos fazer, o que devemos aprender, em que já não tem muito a ver com drogas, tem a ver com uma mudança e um novo nascimento, se é que a gente pode falar assim e ir buscar alguma coisa à Bíblia, em que tudo mudou... eu vou-te dar um exemplo, percebes, às vezes pedem-me para dar testemunho numa igreja e eu vejo-me aflito para dar testemunho... e tenho testemunho para dar, tenho, fogo, eu tenho... eu lembro-me de estar a destilar supositórios para picar... se calhar um toxicodependente hoje em dia não sabe destilar um supositório para picar e eu lembro-me disso, não é, eu lembro-me de estar em barracas à luz duma vela a fazer um caldo... eu lembro-me de estar, por exemplo, à procura de agulhas porque a minha seringa tinha a agulha torta ou partia-se e precisava de arranjar uma agulha num lado qualquer... eu lembro perfeitamente, tenho testemunho para dar, percebes? Mas como tudo mudou tão radicalmente e como o coração fica tão cheio do Espírito de Deus e como há uma necessidade tão grande de falar a Palavra de Deus eu não consigo dar bem um testemunho, porque depressa começo a ministrar, começo a pregar porque... pronto, porque é assim... as coisas mudaram de tal maneira que... ham... a grande força que me ajudou a vencer no programa conforme tu disseste é... foi mesmo uma nova identidade.

E – Então e o que é que teve que acontecer para que permanecesse até ao fim? Houve alguma situação... algo que, a partir daquele momento “ê pá eu não vou desistir”?

JA – Isto, a gente pode, talvez, agrupar as pessoas em vários grupos, não é? Há uns que querem ser vencedores, há outros que querem experimentar a vitória mas não ser vencedores, há outros que querem... e eu decidi respeitar a filosofia do programa e decidi...

E – Desde antes de entrar?

JA – Sim, sabes, eu sou uma pessoa que quando ponho uma coisa gosto de terminar, não é, pá, em várias áreas da minha vida, não gosto de deixar as coisas a meio, e decidi que, quando entrasse, iria permanecer até ao fim, não é? Eu tive várias quebras com o meu conselheiro

porque eu achava que devia vir a casa naquela altura... passado oito meses no programa... “pá ó C. pá, então oito meses de programa, então não posso ir a casa?” e tal, “pá tem calma, ainda não estás preparado ainda”, coiso e tal... e era um conflito que eu tinha com ele, mas ainda assim respeitava, “pronto, está bem, OK...”. Eu lembro-me de estar uma vez no centro a chorar porque para mim era injusto não poder vir a casa ainda. No entanto, nada disso me levou a desistir, ê pá, pronto, passei aquelas lágrimas, passei algumas quezílias com ele...

E – Mas nunca houve alturas de pensar em desistir?

JA – Penso que não... se houve, não posso ser preciso nisso, mas se houve foi muito ao princípio....

E – E o que é que o ajudava a focar-se naquilo que tinha decidido anteriormente?

JA – Eu acho que os conselheiros lá têm um papel determinante na vida das pessoas, sabes, os monitores, os conselheiros do Desafio Jovem, à semelhança do que se faz aqui [no Café Convívio], nós andamos com eles nas mãos, e oramos, e damos um abraço, e “anda cá, não penses assim” e tal, “amanhã vais pensar doutra maneira”... esta conversazinha assim miudinha então, acho que eles são especialistas nisso, percebes? Acho que eles gastam-se e empenham-se e fazem tudo por tudo para tentar mostrar a coisa da maneira mais positiva, à luz da Palavra e tentar elucidar-nos para... eu penso que foi isso, talvez nalgumas conversas assim com o conselheiro que ele tenha mostrado por A mais B que era mais positivo ficar do que abandonar.

E – Então, nesse sentido, considera que a fé e a espiritualidade que viveu nesse programa o ajudaram de alguma forma, a nível de permanecer, a nível de concluir o programa?

JA – Sim. Sabes, não só a fé e a espiritualidade, mas toda a doutrina do Desafio Jovem apontam sempre para novos alvos, novos objectivos, ham, promover a vida humana, valorizar as nossas ambições, não é? Por isso um aluno que entra lá vai caminhando na fé, na espiritualidade, tudo bem, tem que ser assim, não é, porque é sempre uma mais valia, mas toda a doutrina do Desafio Jovem tem a ver com “tu ainda podes ser um homem valente”, “tu ainda podes ter a tua casa”, “tu podes ter o teu emprego”, “tu podes ter a tua mulher”, “tu podes ter os teus filhos”, e isto, parecendo que não, são coisas que o diabo roubou durante o

tempo de droga, não é, o tempo da toxicodependência, e agora aquilo começa tudo a aparecer devagarinho como uma semente e vai tudo nascendo devagarinho, não é? Pá, não é fácil alguém que entra debilitado fisicamente e emocionalmente e com a vida sem emprego e todo roto e sujo, começar outra vez a sonhar naquelas coisas... o que é certo é que eles começam a injectar isso, a injectar quer dizer, começam a semear esses novos valores “ê pá tu podes ser um homem de família”, “tu ainda podes ter os teus pais de volta”, “tu podes ter os teus grandes amigos”, e isso desperta, isso juntamente com a fé e a espiritualidade, isso desperta o desejo de querer... pronto, isto há dias estava aqui a partilhar a Palavra e disse que quando estive no centro, passado algum tempo quando passou a ressaca começou a chover e eu comecei a cheirar... “ê pá, mas, cheira-me a terra!”... eu disse “ê pá, mas eu estou vivo!”, ou seja, a gente passa de um estado de completa dormência, não é, e completa inactividade, para um estado outra vez de viver com um fôlego, pronto, em direito à idade que temos naquela altura, ou seja, nós temos uma vontade muito grande de viver outra vez, não é? Está claro que a fé e a espiritualidade, as aulas, o ensino, o estudo bíblico, vêm complementar tudo isso... ou tudo isso vem complementar, pronto, isto aqui depois é um bocado também... ou tudo isso vem complementar a fé e a espiritualidade e o ensino, é uma coisa ou outra assim.

E – Alguma vez recaiu desde que saiu do programa?

JA – Não.

E – Onde foi buscar forças para completar o programa?

JA – Já falámos disso... acerca do querer começar e do querer acabar as coisas. Acerca destes objectivos todos de querer novamente ser um homem de valor na sociedade.

E – Considera, nesse sentido, que as forças vieram de si próprio? De dentro de si, dessa decisão de querer completar aquilo que tinha começado? Foi...

JA – Sim...

E – Foi uma força interior?

JA – Não... a gente não está presos no centro, a gente torna-se um bocado, não independentes, mas dependentes de Deus, não é, enquanto dantes éramos dependentes das drogas, agora tornamo-nos dependentes de Deus e quem está sensível e quem está atento às pregações, ao estudo, porque aquilo é bombardeado todos os dias, diariamente no centro, quem está atento a isso e quem mistura a fé com a Palavra, vai-se apercebendo que há um caminho pela frente para percorrer, quer dizer, não há necessidade nenhuma de voltar atrás... aparece uma força que não te sei explicar se vem de mim, se é Deus que coloca em mim, quer dizer, ham... ou eu não percebi bem a pergunta, mas pronto, a questão... onde é que vou buscar a força para vencer, onde é que vou buscar a força para terminar, não é?

E – Sim.

JA – Eu acho que, comigo, na minha opinião de ver tem a ver com ter começado o programa, querer acabar o programa, não é? Durante este entretanto, durante este intervalo entre o começou e o acabou, há uma série de, como eu disse há bocado, de sonhos que vão aparecendo, há mensagens que nos vão dando acerca de o que... eu fui um rapaz que depois de sair do centro nunca larguei uma igreja nem nunca larguei o Café Convívio. Eu estive aqui perto de 15 anos a trabalhar no Café Convívio. Parei, voltei agora outra vez, ou seja, isto à conclusão de que é fruto de muita coisa que foi semeada durante o tempo do programa, percebes? Estou a falar daquilo que falei há bocadinho, não ter saído como um ex-toxicodependente mas ter saído como um filho de Deus. Portanto, eu uma vez li num livro uma coisa espectacular que é assim, nós não somos seres carnis a viver uma vida espiritual mas somos seres espirituais a viver uma vida carnal, ou seja, a nossa essência não tem que ver com a carne, tem a ver com o espírito. Quando a gente percebe isso tudo à nossa volta também se transforma, quer dizer, o propósito de andarmos aqui não é andarmos, não na carne, não é, não há necessidade de andar em quezílias, em guerras, em falta de perdão, em falta de amor, na cobiça, no ódio, na ganância, não tem a ver com isso... o facto de nós andarmos aqui tem a ver com uma vida espiritual em que devemos fazer precisamente o contrário, o amar, o perdoar, o dar, o abençoar, o abraçar, o beijar, não é? E quando nós percebemos isso... e o Desafio Jovem, toda a essência, todo o cerne, toda a espinha medula do Desafio Jovem consiste nisso, no levantar um homem espiritual, percebes? Quando isso se levanta e quando nós temos clareza disso, as coisas transformam-se por elas próprias... um pouco por vontade nossa, um pouco maior pela vontade de Deus, mas tudo se vai transformando.

E – E quais é que foram as suas qualidades pessoais que colocou no tratamento para ganhar às drogas?

JA – Bom, a perseverança, a determinação e coisas assim desse género, quer dizer... ham, a confiança em Deus, porque sabia que se estivesse perto Dele, embora não O conhecesse muito, sabia que ali estavam os princípios que eu desejava para a minha vida. A gente está a falar talvez de princípios ainda, em que a coisas também não estão muito bem definidas, não é, por exemplo, esta pergunta na altura, no tempo e no espaço em que eu estava a vivê-la, não estava muita coisa definida, não é? Mas, eu para mim a determinação e a perseverança... e o respeito. Eu interpretei aquele programa com um respeito muito grande, percebes? Para mim, o facto de ouvir, por exemplo... não é meter os outros de parte e sublevar este, mas para mim ouvir o J. M. a pregar, aquilo mexia-me de uma maneira incrível... que dizer, eu tinha o desejo de um dia ser como o J. M.. Isto é daquelas coisas, é como o outro “olha, queria ser aviador como o meu pai”, pronto, uma coisa assim do género. Porque aquilo fascinava-me... a maneira como ele conseguia entrar no meu coração, não é, e eu sabia que não entrava só no meu, mas entrava em todos os que estavam ali, de uma maneira ou de outra ele ia lá... não era ele que ia lá mas era a Palavra de Deus falada pela boca dele que ia lá... aquilo fascinava... aquilo dava uma sensação de respeito perante aquela gente. Percebes? Dava uma sensação, assim “pá, esta gente, ham... são psicólogos, são médicos, são pastores, são doutores, p’ra mim, esta gente é tudo”, porque eles conseguiam desmembrar, eles não mas a Palavra de Deus falada pela boca deles, conseguiam desmembrar-me todo, percebes? Eu ficava nu praticamente... “fogo, como é que este gajo, nunca me conhece de lado nenhum, consegue entrar ali” e coiso e tal... e conseguia respeitar isso. Para mim o facto de ter um respeito muito grande por eles, por uma série de gente ali fez com que também tivesse uma ambição de ser como eles ou de tentar imitá-los, se é que a gente pode imitar alguém, porque ninguém imita ninguém, ninguém substitui ninguém. Deu-me essa vontade, percebes, e tudo isso, contribuiu...

E – Numa escala de 1 a 10, quão satisfeito está consigo mesmo na maneira como lutou contra as drogas, em que 1 seria nada satisfeito e 10 seria o máximo?

JA – Se o objectivo da pergunta for só responder em relação às drogas, dou dez. Nunca tive anseio nem de fumar, nem injectar, nem traficar...

E – E porque razão não escolheu o número abaixo? Por causa disso?

JA – Porque estamos a falar especificamente em relação às drogas, não estamos a falar em relação a outros objectivos, estamos a falar só, exclusivamente em lutar contra as drogas... eu acho que, não querendo ser orgulhoso nem me querendo gabar, acho que estou com muita consciência em relação ao não consumir, ao não voltar a esse... estou com uma firmeza muito grande nesse sentido. Estamos a falar especificamente em relação às drogas, se calhar há outras partes mais frágeis na minha vida...

E – E o que teria que acontecer, para além da escala ter que ir até aos onze, o que teria que ter acontecido para subir meio ponto?

JA – Ê pá, não sei como é que vou responder a essa pergunta, não sei... eu apanhei uma consciência muito grande de não voltar às drogas, não é, e decidi de maneira nenhuma... “pá olha, acabou, não quero nada contigo”, não é, e quando a gente decide “não quero nada contigo”, “não quero mesmo nada contigo”, quer dizer, “não te quero ver, não te quero telefonar, não te quero falar, não quero o teu retrato, não quero as tuas cartas, não quero nada contigo”, e eu quebrei esse namoro com a heroína e com a cocaína... não quero nada com elas, zanguei-me com elas, fiquei... percebes? Não sei se isso responde, se não responde, ou seja, fiquei de tal maneira magoado com toda aquela vivência, senti-me defraudado, roubado, injuriado, humilhado...

E – Portanto se a escala fosse até onze era um onze...

JA – Era um onze, se fosse até doze seria doze percebes porque, decididamente, não quero nada com drogas. Cheguei a um ponto em que, pá, se tiver que ajudar um toxicodependente e ele estar aqui dentro a mandar um caldo ou a fumar um charro, estou na boa com ele, e se aquele fumo tiver que me passar pelo nariz só para falar com ele por causa dele ter que mudar de vida, na boa. Se ele me pedir para acender, se calhar, o isqueiro debaixo da colher para lhe fazer o caldo, desde que consiga demovê-lo, na boa, mas tudo o que é em relação a drogas comigo, acabou. Ficámos zangados, percebes? Não sei se... mais directo que isto, ham, é difícil.

E – OK. Se lhe fossem concedidos três desejos o que pedia para o futuro do Desafio Jovem e de todos os que lá estão ou que irão passar?

JA – Certamente que os meus três desejos não se comparam em nada com os três desejos da liderança do Desafio Jovem, não é, eles devem ter desejos muito maiores, não é? Quanto a mim, desejo que eles permaneçam sempre na linha e no objectivo que têm vindo a trilhar até aqui e que nunca saiam dos princípios da Palavra de Deus, se bem que as coisas têm que ser moldadas por causa dos governos e dos investimentos e da maneira como eles têm que gerir as quintas, mas um dos desejos que eu tinha era que eles nunca saíssem do propósito divino que está sobre aquela gente. Isso é um. O segundo era talvez que, que o coração dos governantes se pudesse sensibilizar em relação ao trabalho na toxicodependência feito por eles, olhando para os testemunhos que eles têm feito ao longo de trinta anos, que quando se reúnem, se todos estivessem lá, era uma boa fatia dos toxicodependentes de Portugal que já estavam recuperados e certamente alguém tinha que dar atenção ao trabalho que foi ali desenvolvido. Porque parece hoje que apesar de trinta anos e que apesar de tanto fruto que aquilo deu, parece que a nível de governo hoje em dia continua tudo adormecido e tudo insensível e tudo de pé atrás perante aquela terapia, percebes? Enquanto no fundo são eles que estão a dar cartas em Portugal... o terceiro desejo... tu és pior que a fada madrinha, ofereces logo três desejos de uma vez... vamos à frente.

E – OK. Ham, atingiu o que pretendia atingir ao completar o programa?

JA – Como o programa se baseia muito na área espiritual e como nós depois temos também a... fazer parte dessa visão, essa pergunta é muito extensível. Se atingi o que eu pretendia... sendo eu um homem espiritual, ham, nós nunca atingimos o que pretendemos, porque sendo um homem cristão, não é, o cristianismo não é... apesar de nós podermos tirar muitos cursos bíblicos e sermos muito teólogos, o cristianismo tem sempre mais um bocadinho para ensinar e mais um bocadinho para dar, não é, portanto nós nunca atingimos o que... não é, ainda que eu saiba amar muito, ainda que saiba perdoar muito, ainda que consiga amar mais e ainda que consiga perdoar mais, não é, consoante as circunstâncias, consoante os momentos, consoante o que me aparecer pela vida. Nós como homens de Deus, estou em crer que nunca vamos atingir, não é, a Bíblia diz que “aquele que em vós começou a boa obra...”, não é, e eu entendo que Deus começou uma boa obra no momento em que eu entrei no centro do Desafio Jovem, e isto conectando uma coisa com a outra, ham, “... a aperfeiçoará até ao dia da vinda

de Jesus Cristo”, ou seja, por mais oitenta anos que eu viva, ou mais cento e oitenta anos ou mais duzentos e oitenta anos, possivelmente nunca vou atingir aquilo que queria, não é, porque o cristianismo torna-nos a vida muito fácil e torna-nos a vida muito difícil ao mesmo tempo. Fácil porque tudo o que era mau acabou por se esbater e desaparecer, não é, e difícil porque há uma série de coisas que nós queremos fazer e às vezes não conseguimos... no sentido de inter-ajuda, no sentido de contribuir. Portanto, vai ficar a cinquenta por cento, atingi o que queria a nível de recuperar de drogas e doutros vícios e de ficar bem sucedido perante o programa do Desafio Jovem, e os outros cinquenta por cento não atingi como homem de Deus, porque há muita coisa para trilhar, ainda há muita coisa para ministrar, ainda há muito coração para conhecer a Deus.

E – Na altura em que estava no programa imaginava-se a manter contacto com a igreja?

JA – Eu percebi a realidade do programa um bocado cedo, percebi que ia estar sempre ligado a uma... aliás, eu percebi que se quisesse ter sucesso com o programa tinha que estar muito ligado a uma vertente espiritual, não é, percebia isso. Eu percebi que quando saísse do programa, possivelmente se não frequentasse uma igreja ou um Café Convívio possivelmente tinha oitenta por cento de possibilidades talvez de cair outra vez, não é, eu percebi isso. Embora não tivesse a dimensão do que isso envolvia, não é, o facto de ir a um culto, o facto de ir a dois cultos, o facto de ir a um seminário, embora não tivesse essa noção, eu percebi cedo que se largasse a vertente espiritual ia cair.

E – O que é que lhe faz dar valor ao seu presente?

JA – O que me faz dar valor ao meu presente...? Ham... o meu presente pode-se basear em várias áreas, não é, como homem, como filho, como marido, como ministro da Palavra de Deus, o que me faz dar valor é... saber que no fundo não tendo muito na minha vida, ham, pela graça de Deus agora posso contribuir para vida de alguém, ou seja, isso para mim é muito valioso. Em termos práticos, possivelmente quando estava no mundo das drogas ter uma conversa contigo era impossível, não é, porque não tinha palavras, não tinha tema, não tinha assunto, porque não tinha visão, porque não tinha noção, não é, ou seja, tudo o que foi colocado na minha vida, tudo o que foi colocado no meu coração, isso dá-me valor para o meu presente. Por exemplo, hoje sou confrontado com, por exemplo, pessoas mais velhas que eu em que me vêm desabafar problemas que eu nunca tive na vida, mas compreendo e as

peessoas vêm com confiança e vêm com intimidade, não é, e isso é muito importante para mim, ou seja, saber que as pessoas podem compartilhar os seus problemas e não só isso... saberem que estão a ser ouvidas, saberem que dali pode vir uma palavra de Deus, dali pode vir uma resposta de Deus, isso para mim é muito valioso. Como marido, pá, dá-me um gozo incrível saber que sou fiel à minha mulher, não é, não me canso de dizer que ela é bonita, mas pronto, não me canso de dizer que ela é bonita, não me canso de dizer que a amo, não me canso de tentar dar-lhe o melhor. Como filho não me canso de andar com os meus pais “ao colo”, no bom sentido da palavra, de lhes telefonar, de chegar a casa, meter algum dinheiro, de levá-los às compras, de levá-los a passear... percebes, tudo isto que não tinha na vida, isso para mim hoje é muito valioso. Talvez para outras pessoas que não tiveram estes problemas não seja, talvez sejam coisas banais e triviais, mas para mim tudo isso é muito valioso no meu presente, no meu modo de vida. Por exemplo quando estou com algum moço e consigo fazê-lo entrar no processo de recuperação, penso que já tinha falado nisto, e acompanho-o no centro, depois vejo ele vir a casa... quando eu estive no centro, estive no centro como conselheiro, tive lá um aconselhado que era um rapaz que tinha uma perna mais curta que a outra, até por causa de um problema no fémur, e isto andava assim há uma carrada de anos e a minha guerra com ele foi de o levar a um processo de médico, de lhe marcar uma operação para ele levar um transplante de fémur, percebes, e eu andei quase um ano naquilo e conseguimos. O rapaz foi operado, hoje... ele andava assim (mimetiza coxear) hoje coxeia um bocadito, quando eu vejo o gajo “tão ó marreco, como é que é” e tal e coisa, e isso para mim é extremamente valioso, percebes, porque vejo que tive mão ali, percebes, porque possivelmente com o relaxe dele, possivelmente com o desinteresse dele pela vida, se calhar hoje ainda era capaz de ser um rapaz que andava ali a “mancoxar”. Pá, lembro-me de ter um aconselhado que não via as filhas há um porradão de tempo e nós tivemos uma luta incrível à procura de telefones, de contacto, de não sei quê e de não sei quê, e depois ao fim de uma série de tempo, portanto o homem aterrou e ao fim de uma série de tempo encontrou as filhas. Hoje tem o seu trabalhinho, tem uma casinha, pá, e isto para mim... pronto agora já não faz vir as lágrimas aos olhos porque já estou um bocado, prontos as coisas já passaram e tal, mas na altura estavam frescas e eu parecia a minha mulher, uma “Maria Madalena” a chorar e tal... percebes, isto para mim é extremamente valioso no meu presente, estas coisinhas dão-me um ânimo incrível. Uma vez eu lembro-me de estar no centro, eu estava de serviço e às onze da noite estava a fazer a papelada, que a gente todos os dias tem que fazer a papelada do dia, o relatório do dia, tal e coiso, pá e eu estava desanimado com aquilo... estava cansado do centro, estava uma série de situações que não estava a compreender e recebo um telefonema

àquela hora de uma mãe de um moço aconselhado meu que era do Algarve, não é, a dizer que “era só para agradecer, oh senhor J. A. muito obrigado por aquilo que fez do meu filho, ele está tão bom” e tal e coiso, ê pá, àquela hora, e aquilo foi uma chapada de Deus incrível... assim “e caneco, fogo, um gajo queixa-se, queixa-se, queixa-se” e este telefonema apareceu-me aqui a esta hora assim daquela maneira... ê pá e eu fiquei ali sozinho, talvez com as lágrimas nos olhos e tal mas aquilo foi de tal maneira importante na minha vida que me deu para avançar mais um bocadinho. Se calhar no dia a seguir era capaz de desistir do ministério percebes, mas aquilo veio... ou seja, foi como se Deus reparasse nisso, percebes, foi como se eu soubesse “ê pá Deus não ‘tá distraído também às minhas preocupações e aos meus, às minhas paranóias, Deus ‘tá no controle disto tudo”. Todos esses esforçozinhos, percebes, ham, essa migalhinha aqui, esse bocado do maná ali, uma codorniz a fugir pelo deserto acolá e tal, tudo isso percebes, tem-me dado um... tem sido muito bom. E o estar aqui a trabalhar agora [no Café Convívio] tem-me derretido o coração de uma maneira incrível, eu tenho andado a dormir mal... e a minha mulher já me conhece e “foste para o Desafio Jovem outra vez, pronto, já sei que estás aí com pregações na cabeça e coiso, o que é que vais dizer ao H., o que é que vais dizer ao outro e o que é que... já, já sabia!”. E é verdade, isto mexe tudo comigo, percebes, eu entendo isto como um homem espiritual e tudo isto, todas estas coisinhas, ham... mexem comigo. Há dias levei uma chapada do Senhor aqui, assim, pronto. Tinha acabado de tomar banho, de pôr perfume e tal, aquelas mariquices, e venho aqui e dou um abraço num gajo qualquer aí, ê pá, não sei se foi o A., se foi o M., aqueles que cheiram... com aquele cheiro característico da rua, “snif” e eu cheirei aquilo... e Deus disse-me logo assim, “ê pá, J., tu já nem conheces os cheiros”... ê pá, porque o pessoal está todo preocupado em meter perfume e coiso e tal e depois chega aqui e apanha com aquilo, eu disse “ê pá, afinal o que é que eu ando a pregar, o que é que eu ando a fazer, onde é que tem estado a minha paixão?”, isso mexeu comigo... pronto, uma palmada assim do género... como outras que também aparecem, se tivéssemos mais tempo a gente ia comentando isso, mas uma série de situações assim...

E – Hum-hum... O que é que lhe dá esperança num futuro bom?

JA – O que é que me dá esperança num futuro bom... eu acho que um futuro bom depende somente da graça de Deus... essa é a esperança que... “no qual estamos ancorados e no qual estamos arraigados”, conforme diz o apóstolo Paulo. Eu acho que um futuro bom é sempre quando estamos perto do Senhor, ham, intimamente ligados com Ele. Essa é a grande

esperança num futuro bom. Porque sempre que a gente se... todos nós temos crises de leituras e de oração, não é, e eu noto na minha vida quando estou menos empolgado na oração, ou quando estou menos empolgado na leitura, ou quando estou mais distraído, o meu futuro não é tão bom. Também não estamos a falar de futuro de sair agora o euromilhões ou do futuro de ter agora um emprego garantido, estou a falar do futuro emocional e do futuro de satisfação íntima, percebes? E um futuro bom para mim, e coloco-me neste campo, num campo de realização pessoal, um futuro bom para mim tem a ver com estar, ham, arraigado no Senhor, não é, aquele cantinho a sós, aquele momentinho a sós, aquela sensação de ter... com esperança... a ver se consegues perceber isto, ter com esperança um bloco de notas à cabeceira... com esperança de um momento para o outro Deus dizer assim, “olha J., escreve isto”. E isso acontece-me tanta vez. Sei que, quando estou muito ligado a Ele, acontece. Aí Deus dá-me qualquer coisa que eu logo levanto-me, acendo a luz, “tac tac tac tac tac tac tac tac, pronto, vou-me deitar”, não é, até pode ser que não consiga dormir, passado um bocadinho “olha, acrescenta isto” e “pim pim pim pim”, percebes... e isso para mim é um futuro bom, é sentir-me satisfeito. Satisfeito comigo, saber que estou satisfeito com Deus e saber que isso depois repercute-se na vida dos outros inevitavelmente, não é? Na maneira como olhamos, na maneira como sorrimos, na maneira como falamos... é como se Deus fluísse constantemente. E isso é um futuro bom. Se calhar para outros era sair o euromilhões e ir para a Suíça ou, sei lá, ou lá para a Andorra ou lá para os Alpes, também gostava, mas estamos também limitados a este tema. Há um que dizia assim, “um futuro bom para mim é, eu sou uma pessoa humilde”, isto é uma história, “sou uma pessoa humilde e um futuro bom para mim é ter, por exemplo, uma pequena quinta, um pequeno carrão, um pequeno avião, um pequeno iate”, porque ele diz que era humilde e era tudo pequenino. Então o futuro bom dele era esse, percebes, queria muita coisa, muita coisa. Mas um futuro bom é, basicamente é a gente sentir-se satisfeitos com Deus, com os outros, e esperar que Deus vá falando.

E – OK... e para além das respostas que deu às perguntas que eu coloquei gostava de mencionar mais alguma coisa?

JA – Queria desejar as maiores felicidades ao Desafio Jovem, se isto fizer parte de alguma estatística e se contribuir para ser aprovado em orçamento de estado, queria desejar as maiores felicidades e dizer que o país conta com eles.

Entrevista 5 – Ex-utente, graduado há sete anos

R. L. – Chamo-me R. L., tenho o segundo ano, ou seja o segundo ano do preparatório antigo, era casado, hoje sou divorciado, tenho uma filha com doze anos... ham, tive um passado com drogas, comecei com drogas leves, não muitos anos, para aí de vinte e dois anos, portanto três para os vinte e dois. E são... dezassete, dezanove anos de drogas duras. Com quarenta anos vi-me numa situação sem saída, praticamente, onde recorri à ajuda de pessoas e onde me surgiu o Desafio Jovem e eu dei um passo e comecei o programa do Desafio Jovem onde estive quinze meses, estive mais um ano em estágio, quatro anos a servir a Deus em Fanhões na área laboral, a trabalhar com as mãos que é o que eu sei fazer. Eu acredito que há um tempo para tudo e então depois saí, vim cá para fora fazer uma vida secular, trabalhar com um crente também, com pessoas crentes. O meu patrão é crente e os meus colegas, somos todos pessoas que passámos pelo programa, e tenho ali grandes amigos. Tenho quarenta e sete anos de idade. Antes de entrar vivia com o meu pai e mais dois toxicodependentes que eram os meus irmãos, que também fizeram o programa. Eu fui o segundo a entrar para o programa, primeiro entrou o meu irmão C., para a Castanheira, entretanto através do V. V., o director da Castanheira, eu entrei para Alter do Chão e depois eu mais o meu irmão C. fomos buscar o outro nosso irmão mais novo, que esteve em Salvaterra. O N. saiu, mas depois teve uma recaída e hoje está bem, fez duas vezes o programa. Estamos no caminho, com lutas e com esforço... o programa é um ano, mas depois para moldar o carácter é toda a vida. Às vezes há aquela máxima que nós somos pessoas de risco, mas eu não considero isso... eu acho que eu hoje sei o que é que não quero... eu hoje sei o que é que não quero e eu não quero voltar às drogas. Quero sentir-me bem no meio das pessoas, quero que as pessoas digam, “olha eu tenho confiança naquele homem”, é isso que eu quero. É um dos grandes objectivos que eu tenho... apesar de eu ser um crente com sete anos e às vezes duvidar, não é duvidar, é pôr em causa muitas coisas, mas Deus logo a seguir... surpreende-me com coisas que eu logo a seguir digo assim, “não, de facto, isto é mesmo assim”. Eu digo muitas vezes que comecei a viver depois dos quarenta anos, e é verdade, estou a falar da área espiritual e também da minha parte espiritual porque isto é um bocadinho também só da minha vida... muita coisa tem acontecido na minha vida em sete anos. Mudei muito em sete anos... eu era um homem que o que era verdade hoje, já amanhã já não era, era mentira... isso é uma vida que... só por pena é que às vezes me davam trabalho ou diziam “olha anda ali comer qualquer coisa”, ou “anda ali beber um copo”... é que era mesmo assim, não duvides.

Entrevistadora – Antes de frequentar o Desafio Jovem foi aos Cafés Convívio? Como é que entrou para lá?

RL – Como já disse, o C., o meu irmão C. que era o meu irmão... dos três era o do meio, eu era o mais velho, era o C., depois era o N., ele foi para a Castanheira, ham... entretanto o meu pai faleceu, que nós vivíamos todos com o meu pai lá em casa, ham, eu vi-me assim um bocado num beco sem saída... depois na altura comuniquei para o centro para dar a notícia que o meu pai tinha falecido... para o meu irmão C. saber, não é, porque a gente era essa a comunicação que tínhamos com ele. Acho que isto foi mesmo obra de Deus, quem me atendeu o telefone foi o V. V., o director... eu lá, eu dei a notícia, sim senhor, mas ele a seguir perguntou-me como é que eu estava, eu disse que estava a consumir... que a minha vida estava no fundo do poço... ele perguntou-me se eu podia comparecer na igreja, antigamente o CRC, o Centro de Renovação Cristã era na igreja da Encarnação, “ah, e tal, para a gente falar um pouco”, não é... eu fui lá, fui pedir ajuda e ele encaminhou-me para o Café Convívio da Marques da Silva. Praticamente estive muito pouco tempo lá, lembro-me das pessoas que lá estavam, dos conselheiros de mesa, das pessoas que lá estavam lembro-me, mas, ham, eu acho que eu devo ter sido das entradas mais rápidas do Café Convívio, estive lá cinco dias. Devo ter sido mesmo... porque a minha atitude era mesmo de pedir ajuda, eu estava mesmo convicto daquilo que queria, mesmo... era mesmo aquilo que eu queria.

E – E frequentou outros programas antes do Desafio Jovem?

RL – Não.

E – Se não é indiscrição, que drogas consumia antes de entrar?

RL – (suspira) Eu era heroína... cocaína não era muito dado à cocaína. Era mesmo mais heroína, consumi de tudo, mas era mesmo mais heroína. Eu era mesmo viciado era na heroína. Estive três anos nas drogas leves, cerca de dois com drogas das ditas duras à mistura, e estive dezanove anos a consumir drogas duras. Vinte e dois anos ao todo, mas não foram seguidos, havia daquelas paragens muito curtas que a gente até se ilude, mas depois voltamos lá na mesma...

E – Quais as maiores complicações que pensa terem sido fruto dos seus consumos?

RL – O meu casamento... foi por água abaixo, ficou desfeito... de facto é uma coisa boa, porque surgiu dele, tive um fruto muito bom que é a minha filha, mas durou muito pouco tempo porque as drogas não... não larguei as drogas e a minha ex-mulher nunca esteve numa atitude de me ajudar, e então, o casamento durou muito pouco, durou sete anos... o fruto foi a minha filha que eu ainda hoje estou a reconquistar, não é, e... acho que foi o ponto mais... que me mandou mais abaixo, foi esse, porque eu construí a minha vida, tinha uma família formada, tinha uma casa, um carro e perdi tudo isso, perder a minha família foi mau, não é? Pá, só que nunca consegui largar aquilo... aquilo que construí em sete anos ficou destruído.

E – Isso foi pouco antes de entrar para o programa?

RL – Não, depois ainda estive mais dois anos em casa do meu pai, e depois foi como já te contei, fui já directamente ao Desafio Jovem porque o meu irmão estava na Castanheira.

E – E o que vê de positivo que possa retirar da sua experiência com as drogas, portanto, o que considera ter aprendido com essa experiência?

RL – Eu só me meti na droga porque aquilo de facto é bom... mas aquilo não me ensinou praticamente nada. Aquilo não traz nada... não me trouxe nenhum discernimento. Desculpa lá, mas algo de positivo não consigo ver. A gente quando consumia até tinha aquele... aquela lucidez para conseguirmos fazer as coisas, mas depois quando a ressaca voltava, aquilo era... pronto... e depois era ir à procura e ir orientar-se para consumir de novo. Quando a droga era boa, estava o problema resolvido por mais um bocadinho, o problema maior era quando a droga não prestava... mas realmente a droga é boa, quer dizer, há aquele pessoal que se mete e não gosta e então larga, mas é muito raro.

E – Onde foi buscar força para ganhar a luta contra as drogas?

RL – Quando fui pedir ajuda eu pus na cabeça que tinha que ter um objectivo... tomei uma atitude, e no Café Convívio falava-se muito, e ainda hoje se fala, em dar o passo certo, “Deus faz mas nós também temos que fazer a nossa parte”, e eu acho que isso encaixou... era mesmo aquilo que eu queria e hoje acho que o fruto está à vista. Não quer dizer que não

tenho que continuar a lutar, não por ter vontade de consumir ou o que seja, mas a Palavra de Deus avisa quem está de pé para se cuidar para não cair e eu acredito nisso.

E – Então e pensa que foi aí buscar forças, à sua decisão?

RL – Sim, fui lutando e lutando, fui andando para a frente, até que chegou uma altura prontos, deixei de ter aquelas atitudes, aquelas coisas... a droga rouba-nos muito essas coisas, e ainda hoje eu estou a moldar o meu carácter, não é? Estou no sítio que gosto, estou com as pessoas que gosto, sinto-me bem com o pessoal que serve a Deus e que Deus pôs no meu caminho também...

E – O que o ajudou mais para conseguir seguir o programa?

RL – Eu tinha um objectivo que era a conquista da minha filha, não é, e eu fui traçando, porque eu acho que eu para ter a minha filha bem, eu para fazer a minha filha feliz e estar com ela, “tenho que ficar bem primeiro”, não é, se não, não valia a pena... e pronto, porque eu também tinha esse objectivo e fui sempre lutando. “Eu vou ficar bem, que é para a miúda ver que de facto, tudo aquilo que se passou comigo, eu hoje estou a tentar”, não é, porque a gente nunca apaga por completo o passado... nunca apagamos por completo, mas apagamos um bocadinho, mudamos, e eu queria que ela olhasse para mim e também se orgulhasse um bocadinho em mim e que visse em mim, “não, de facto o meu pai, por aquilo que passou, mas hoje é uma pessoa que é presente”, não é, antes foi ausente mas agora é presente, mudou, e isso interessa-me. Pronto, reconquistar a minha filha e depois o objectivo de acabar o programa. De acabar alguma coisa na vida, que eu até ali (risos), nunca tinha acabado nada. Aprendi que tinha que de facto ter objectivos na vida e que tinha que os concluir e este do programa eu tracei-o assim, “vamos lá acabar isto”. E o que aconteceu é que, de facto, eu entrei, estive lá um ano, fiz um ano de estágio e depois estive quatro anos em Fanhões nas oficinas, e só depois eu saí.

E – Teve que acontecer alguma coisa para que permanecesse no programa até ao fim? Mesmo apesar dos pensamentos que penso que possam ter vindo, por vezes, de desistir?

RL – Pronto, como eu te disse ainda há bocado, eu já naquela altura sabia o que eu não queria... e o que eu não queria mesmo era voltar às drogas. Às vezes vinha-me à cabeça, de

facto, vinha-me à cabeça esse pensamento e eu então eu tinha que me definir, porque... de facto, se queria ver o fim das coisas, percebes, chegar ao fim, e é muito bom concluir as coisas, é muito bom mesmo. Eu não podia continuar a ter uma vida daquelas e de facto eu estava no sítio certo para mudar de vida... era aquele lugar, era aquela gente é que me podiam ajudar. Eu na altura... e aliás, eu acho que ainda hoje é... ainda hoje eu digo às pessoas que se há lugar para dar a volta e vencer às drogas e outros problemas, é no Desafio Jovem. Se bem que nem sempre foi fácil... foi-me muito difícil receber Jesus, sabes? Eu estive cinco meses para receber Jesus... talvez um bocado porque eu via aquelas pessoas que recebiam logo assim repentinamente e depois não permaneciam... fui observando, fui-me fortalecendo e então depois aí sim. É que às vezes aquela ânsia de às vezes a gente querer ser logo, e “conhece o Senhor” e “vamos embora, vamos para a frente” e acontece aquilo tudo assim, parece que nos estamos a meter numa coisa sem estar cientes do que estamos a fazer... eu tive que me fortalecer antes para depois poder fazê-lo, não me sentia uma pessoa saudável, não estava mesmo nada bem. Pronto, eu na altura em que entrei pesava cinquenta e quatro quilos, mal conseguia andar, isto é para tu veres como eu estava fisicamente...

E – Considera que a fé e a espiritualidade que viveu no programa o ajudaram de alguma forma, na altura para concluir o programa e ainda hoje em dia?

RL – Claro, claro... pois foi mesmo em fé que eu concluí o programa. Porque eu não conseguia nada daquilo... eu antes de entrar era como aquele pessoal que não conhece e às vezes dizia-se “ah eu tenho a minha fezada”, “eu acredito em Deus mas eu tenho a minha fezada”... eu também brincava com os evangélicos, passava pelas igrejas e metia-me com as pessoas... é verdade! Eu tinha isso tudo enraizado na cabeça não é, custou-me um bocado a sair. Como as drogas, isso também custa a sair. Por isso é que concluí, foi na fé... tive que ter fé para acreditar em Jesus Cristo e ser baptizado no Espírito Santo. Prontos, depois Deus foi-me ajudando, não é. Para além disso eu para alcançar aqueles objectivos eu tive que ter fé... eu tinha que ter fé para alcançar aqueles objectivos e isso fez-me andar muito, muito para a frente. Fez-me caminhar bem e, pronto...

E – Alguma vez recaiu desde que deixou o Desafio Jovem?

RL – Não.

E – Porque conseguiu permanecer no programa até ao fim, portanto, apesar das situações difíceis que foram surgindo...?

RL – Porque eu acho que a realidade de vida que eu ia ter, era aquela que eu queria... era uma realidade de vida diferente, uma vida com Deus é totalmente diferente da vida que nós tínhamos. Eu comecei a ser uma pessoa mais ponderada, uma pessoa mais calma... uma pessoa que sabe ouvir... só que isso tudo fez-me permanecer, porque eu estava a aprender e estava-me a inserir bem naquilo que estava a aprender, era aquilo mesmo que eu queria. E isso fez com que eu levasse o programa até ao fim, além do objectivo de começar e acabar uma coisa. Mas depois o trajecto, eu vi que de facto era aquilo que eu queria e isso fez com que eu permanecesse... apesar daquelas coisas que tu há bocado mencionaste e com muita perspicácia, porque... há alturas que nós estamos mesmo numa de ir embora, porque aquilo é uma coisa forte, muito forte mesmo... derivado à vida que nós levámos. Falta sempre coisas, vem sempre coisas à mente, mesmo que tu não queiras elas aparecem e tu tens que ter muita força para permanecer. Isso de eu querer mudar de vida e ter uma realidade de vida diferente, ter objectivos, foi o que me fez permanecer. Deu-me essa força para eu continuar.

E – Que qualidades pessoais é que empregou no seu tratamento para ganhar às drogas?

RL – Pá, eu sempre, se calhar é capaz de ser um bocado... (risos) as pessoas às vezes riem-se porque eu digo que sou simpático... eu sou uma pessoa simpática, eu sei as minhas qualidades, ham... sou uma pessoa simpática e além disso eu gosto de ajudar. Depois de eu ter passado aquele período muito mau que foi o período da ressaca, e pronto, e fisicamente eu estava muito debilitado e depois comecei a ganhar forças, eu era uma pessoa muito pronta para ajudar. É uma grande qualidade que eu tenho. Pronto e as pessoas viam em mim essa qualidade e fez com que eu também... cada vez mais andasse e... e permanecesse. Era um dos grandes objectivos, era esse. Pronto e era uma qualidade que eu tinha. Apesar de às vezes também me estriar muito no meu entendimento, porque cada caso é um caso e as pessoas não são todas iguais e nós também não gostamos às vezes de ouvir aquilo que ouvimos, como as outras pessoas não gostam de ouvir aquilo que a gente diz, e às vezes havia aqueles confrontos, mas eram resolvidos... falávamos uns com os outros, e era isso que eu (risos) não, praticamente não tinha nada dessas coisas... “quais dás o braço a torcer”, “quais vais pedir desculpa”, e ali não, ali de facto as coisas funcionavam assim. A gente chamava as

peessoas, eu chamava a pessoa, ele chamava-me a mim e a gente conversava e as coisas ficavam bem.

E – E que coisas, pessoas ou situações lhe deram mais energia, coragem e força para conseguir esta transformação positiva na sua vida?

RL – O meu conselheiro... o meu conselheiro foi a pessoa que... o director, o próprio director do centro. Mesmo que, eu não fui uma pessoa de dar muito trabalho, mas eles observam, não é...? Nós não estamos a ver que eles estão a observar mas eles observam, então às vezes chamavam e diziam “olha, não faças isto assim, assim” e eu vi de facto que o que eles diziam que era para o meu bem. E foram as pessoas que me ajudaram mais... o meu conselheiro então, era uma pessoa espectacular nesse aspecto... “oh R. vê lá, olha, não faças isso, isto não é assim”, e eu meditava e... ia lá, com dificuldade porque ninguém gosta de ouvir às vezes aquelas orelhadas... mas, tipo, quer dizer, aquela orelhada tipo conselho, que nós vemos que é assim, “não, este rapaz está a dizer isto, então se ele está a dizer isto é porque é para meu bem... não é para eu andar aqui feito... feito tolo e com orgulho”.

E – Actualmente isso ainda lhe dá energia, coragem e força para...?

RL – Sim, às vezes o C., o meu patrão, puxa-me à razão, também chamo a atenção muitas vezes ao C., porque às vezes há coisas que ele está a fazer que não se está a perceber como às vezes há coisas que eu estou a fazer que não se está a perceber... como às vezes os meus colegas de trabalho... as coisas funcionam assim e eu hoje também sou um bocado assim, muito, e aprendi isso no Desafio Jovem. Porque nós no Desafio Jovem aprendemos a dizer não e aprendemos a ouvir não. E isso é muito importante mesmo... aliás, a Palavra ensina-nos, não é o Desafio Jovem, é a Palavra que nos ensina, “sim, sim, não, não”⁶. A Palavra é que nos ensina isso. (risos) Eu acho que estou a falar bem!

E – Numa escala de um a dez quão satisfeito está consigo mesmo na maneira como tem lutado contra as drogas? Um seria “nada satisfeito” e dez seria “não podia estar mais satisfeito”.

⁶ Referência ao versículos bíblico que se encontra em Mateus 5:37 (Sociedade Bíblica de Portugal, 1968; ver Anexo C3).

RL – Eu acho que dez! Eu acho que é a nota máxima, mesmo, eu tenho feito uma luta constante... não só comigo mas também pelas outras pessoas que vêm ao Café Convívio, porque eu acho que não é... a droga faz-nos sofrer tanto... e a mim faz-me confusão, e eu ainda há bocado mencionei isso, a Palavra diz “quem está de pé cuide-se para não cair”, mas às vezes a mim faz-me confusão que há pessoas que vão lá mesmo direitinho, saem do programa e vão lá mesmo direitos... a primeira coisa que fazem é meterem-se outra vez na droga... e isso faz-me confusão. Portantos, e eu luto, eu luto contra isso. Por isso é que eu digo que dez é o valor. Tenho mesmo lutado contra isso.

E – Porque é que não escolheu o número abaixo?

RL – O número abaixo também pode ser... o nove também pode ser, porque está muito próximo do dez... nós às vezes há aquelas falhas, nós temos falhas, não é recaídas, mas temos falhas, vêm carneirinhos ao pensamento... mas escolhi porque eu acho que o dez é o adequado. Porque eu me tenho esforçado bastante... e depois é assim, há uma coisa que... aqueles anos todos que eu estive no Desafio Jovem, praticamente nós estamos numa redoma de vidro. Eu até chamo ao Desafio Jovem as urgências de um hospital... porque qualquer coisa que nos aconteça e nós temos ali as pessoas à mão... pessoas que servem a Deus que nos podem ajudar. E tu vens cá para fora, tudo isso ficou para trás. Tens que ser tu, com aquilo que aprendeste, agora a lutar. Por isso é que eu... esse dez está aplicado porque eu tenho feito... tenho lutado, com às vezes, com algumas falhas porque nós somos falíveis, não é?

E – E nesse sentido, para além da escala ter que ir até dez e meio, o que é que tinha que acontecer para subir meio ponto?

RL – Agora é que me fintaste! O que é que teria que acontecer? Eu não te consigo dizer o que é que teria que acontecer. Porque eu acho que, de facto, Deus tem um propósito para a minha vida, não sei qual é, ninguém sabe... mas não estou agora a ver. Não te vou estar a mentir, aliás, é mesmo assim, não consigo responder. Se calhar um dia mais tarde sou capaz de te dizer, “olha, está aqui o meio ponto percentual, foi isto que aconteceu”, mas agora não estou a ver...

E – Se lhe fossem concedidos três desejos o que é que pedia para o futuro do Desafio Jovem e para todos os que lá estão ou irão passar?

RL – Como eu... permaneci, eu gostava que as pessoas fossem, não igual a mim, não é, mas que fossem um bocadinho como eu, que permanecessem. Ham, porque é assim, nós acabamos o programa, temos escolhas. Fazemos escolhas... temos opções. Há aquele pessoal que não se mete na droga, mas deixa de frequentar a igreja, ou começa a fumar mas não se mete na droga. Eu, se calhar, se toda a gente que fez o programa do Desafio Jovem fosse assim, fumasse, mas que tivesse Deus, estás a perceber, e que fosse capaz de nunca mais se meter nas drogas, o tabaco podiam fumar à vontade, mas que tivessem Deus e... que nunca mais se metessem na droga, era uma satisfação enorme para mim. Todo esse pessoal que fez o programa... eu acho que o tabaco é um mal menor no meio disto tudo, mas que não largassem Deus da mão, que permanecessem em Cristo Jesus e que nunca se metessem mais na droga... eu acho que iriam ter uma vida muito mais saudável, muito mais paz. É a maneira como eu vejo as coisas e era assim... aliás, o meu desejo principal é esse. É um dos meus desejos também que Deus cada vez mais abençoe aquela casa, porque aquilo de facto é mesmo a solução para a vida das pessoas. Quer dizer, que Ele continue a abençoá-los e que a união de Deus caia sobre todos aqueles líderes, o pastor J. M., o C. D., todos os directores dos centros, que Deus os abençoe e dê cada vez mais discernimento e forças para continuar à frente, porque de facto eles são mesmo homens de Deus, e valentes. Também é esse um grande desejo que eu tenho. Falta um... e agora? Há de certeza, mas agora não me está a ressaltar nada...

E – Se mais tarde se lembrar pode sempre continuar a resposta... atingiu o que pretendia ao completar o programa?

RL – Atingi aquele objectivo que era acabar o programa, mas não atingi aquilo que eu queria, aquilo que eu queria era muito mais, não é? Era ter uma vida com Cristo Jesus, permanecer com Cristo... o programa... eu continuo a dizer que o programa é para toda a vida. As pessoas não se podem iludir que o programa é um ano, ou quinze meses... não, o programa é toda a vida. Nós temos uma luta, mesmo depois de acabar o programa do Desafio Jovem, que acaba por ser um discipulado, para mim pelo menos foi um discipulado, eu aprendi muito da Palavra de Deus... não sou uma pessoa que mencione assim versículos a torto e a direito

como menciona um pastor, mas sei muita coisa da Bíblia. Pronto e... e é assim. Acho que não tenho mais nada para dizer quanto a isso.

E – OK. Imaginava-se a manter o contacto com a igreja enquanto estava no programa?

RL – Sim, um dos meus grandes objectivos era vir a frequentar uma igreja...

E – Desde o início, desde que entrou?

RL – Não, desde aquela altura em que eu recebi o Espírito Santo. É como eu te disse, eu não fui logo daquelas pessoas que... tive aquele espaço de tempo para o receber e para perceber de facto se era aquilo mesmo que eu queria para a minha vida. Mas eu, por exemplo, hoje sou colaborador do CRC, frequento a igreja desde que saí do programa... estive aquele tempo no Alentejo, cada vez que vinha a Lisboa era ao CRC que eu ia porque foi lá que, de facto, eu recebi a ajuda... pronto, e era... e hoje estou, congrego aquela igreja e sou uma pessoa que frequento os cultos.

E – O que é que lhe faz dar valor ao seu presente?

RL – Os amigos... Deus dá-me um grande valor ao meu presente, mas principalmente... eu acho que a amizade conquista-se e não se conquista de um pé para a mão nem de um momento para o outro, mas temos que trabalhar muito para conquistar os amigos e eu tenho feito isso e eu dou muito valor a isso. E também dou muito valor porque Deus deu-me discernimento para conquistar a minha filha, que era uma coisa que eu... o tal, um dos grandes objectivos que eu tinha, Deus tem posto homens e mulheres que me têm ensinado a conquistar a minha filha e eu dou muito valor a isso. Acho que... não tenho assim muito mais para te dizer, mas olha que os amigos é... é um dos grandes... um dos meus grandes objectivos e eu quando sou amigo, sou amigo a sério. Eu não sou só amigo pela metade, eu sou mesmo... sou mesmo um amigo a sério. Eu às vezes quando estou a falar disto emociono-me um bocado porque era uma coisa que eu não pensava na velha vida, “o que é isso, amigos?”... na velha vida se tu tivesses eram todos teus amigos, se não tivesses as pessoas escorraçavam-te. Tu não davas valor à amizade... e hoje não. Hoje tu dás muito valor à amizade. E eu dou.

E – E o que é que lhe dá esperança num futuro bom?

RL – Ham, constituir uma família. Eu tenho em mente constituir uma família, ter a minha mulher e um filho... constituir família! Pelo menos eu não me considero um homem velho, nem usado! Como eu te disse ainda há bocadinho, eu só comecei a viver depois dos quarenta e... ham... eu acho que mesmo a nível de saúde. Eu a nível de saúde até me sinto bem... como eu te disse entrei no programa com cinquenta e poucos quilos, só para tu teres a noção, a saúde não era muita... pronto e eu cá estou na luta... mas também sei que... que tenho que ter a pessoa certa ao meu lado. Eu acho que para sermos dois em um, nós temos que... aliás, o homem e a mulher têm que se completar e eu acho que eu tenho que ter a pessoa certa. Se só porque eu quero constituir uma família vou arranjar uma mulher e depois vou-me dar mal... é a mesma coisa que eu estive aqueles cinco meses à espera para ser baptizado no Espírito Santo. Tem que ser... não, eu hoje em dia sou muito ponderado com respeito a isso. Já chega de sofrer. O sofrimento que seja um sofrimento mais saudável agora, porque nós todos os dias sofremos. Por isto ou por aquilo... até a crescer.

E – Para além das respostas que deu às perguntas que lhe fiz, tem mais alguma coisa que gostasse de acrescentar, ou?

RL – Pá, ham... que Deus abençoe esta casa. Porque eu acho que estes Cafés Convívio fazem muita, muita falta... para tirar esse pessoal que não conhece Deus dessa vida de miséria, dessa vida de drogas, que não leva a lado nenhum. Eu sou um testemunho vivo que o nosso Deus é um Deus de milagres. É a única coisa que eu quero acrescentar. Que saia muito fruto deste Café Convívio e dos outros todos, porque de facto Deus é a solução e é a única coisa que eu quero acrescentar.

Entrevista 6 – Ex-utente, graduado há dezasseis anos

J. G. – Eu chamo-me J. G., tenho trinta e oito anos... ham... antes de entrar no Desafio Jovem vivia com a minha mãe na Ajuda e tenho o nono ano. Conheci o Desafio Jovem através de uma pessoa amiga da minha mãe, que é tia do director do Desafio Jovem e no meio de tanta coisa que eu já tinha tentado, disse que era mais uma... pá, e não valia de nada, não havia razão para não tentar outra vez, e então avancei para o Desafio Jovem.

Entrevistadora – Frequentou os Cafés Convívio antes de entrar?

JG – Frequentei o Café Convívio da Marques da Silva.

E – Quanto tempo lá esteve?

JG – Ham... cinco meses... quatro, cinco meses, dos quais três foi a brincar, depois estive um mês e pouco, teve que ser mesmo, tive que me decidir e comprometer por aí.

E – E como é que começou a frequentar os Cafés Convívio?

JG – Ia com a minha mãe, à Terça e ao Sábado. Ao princípio era sempre sobre chantagem, só ia se houvesse alguma coisa para consumir, e isto foi os tais três meses que eu andei a brincar. Íamos com essa senhora nos primeiros tempos para nos podermos ambientar... tomar um bocado conhecimento do que era Café Convívio, para não irmos um bocado assim à deriva. Nunca tínhamos ouvido falar de Café Convívio, Desafio Jovem, Deus, o que é isso? E depois a partir daí comecei a frequentar o Café Convívio mas numa base muito... muito leve... uma coisa muito... ia por, “é mais uma... é mais uma tentativa”. Foi nessa base que eu comecei a frequentar o Café Convívio e conheci o Café Convívio.

E – Se não é indiscrição, que drogas consumia antes de entrar para o Desafio Jovem?

JG – Antes de entrar para o Desafio Jovem? O percurso? Dos doze para os treze anos, ham, comecei a fumar umas ganzas... pá uma coisa muito... porque também pensei em largar a escola, uma coisa muito frequente naquela altura, o pessoal novo pensar em trabalhar e arranjar um trabalhito e não sei quê... porque como era de famílias pouco abastadas via os outros com dinheiro e queria acompanhá-los. Dos doze para os treze, treze para os catorze andei ali nas ganzas, e tal. Depois das ganzas deixarem de ser aos fins-de-semana, passou a ser todo o dia, a toda a hora, até que chegou a uma altura que me foi oferecido dentro do grupo em que eu estava inserido, dentro daquele grupo com que a gente se identifica e... que, pá, a droga é para sermos iguais a eles, só assim é que nos conseguimos relacionar. Há alguém dentro do grupo mais espevitado, há sempre um, que nos apresenta uma coisa... diferente, que a gente depois passamos a dar o nome do padrinho, que nos baptizou e tal, e é o padrinho. E essa coisa diferente foi a heroína... pá e a heroína... podem-me chamar louco,

mas se calhar, ham... a heroína é boa. É claro que é bom, é a verdade... passou a ser uma vez hoje, uma vez de tempos a tempos até que chegou uma altura que, quando eu dei por mim, a heroína estava a fazer parte integrante da minha vida e muito mais a tomar conta dela...

E – Isso foi com que idade?

JG – Ham, por volta dos dezassete... dezasseis dei as primeiras chinesas, que era o fumar na prata e tal... ham, dezasseis, dezassete... dezoito anos... foi três anos que andei eu a conseguir controlar a heroína. Mas depois a heroína deu-nos a volta, não é, porque dá sempre a volta, e passou a heroína a tomar conta de mim. Daí vem um monte de situações complicadas... é o desleixe de largares trabalho, dependeres da heroína para te levatares... qualquer coisa, a heroína tem que estar presente. Antes de... antes de eu me levantar, antes de eu me deitar, antes de eu dar um passo para ir tomar um café com os amigos, porque, pá, o meu estado normal, ou o estado normal de um heroinómano é consumir e depois fazer. Daí, então depois ao ficar dependente, foi um passo muito pequeno. Entretanto entrei na tropa, na escola de marinha, faço o curso de fuzileiros...

E – A consumir lá dentro?

JG – A consumir lá dentro, quando acabo o curso de fuzileiros que é feito... foi uma coisa que eu gostei bastante, mas sempre debaixo do efeito... e não sei porquê mas consegui sempre manter o vício, porque conseguia traficar lá dentro e então dava para sustentar-me... e então consegui fazer o curso de fuzileiros. Cheguei a um estado muito, muito debilitado... já tinha acabado o curso para aí há três meses, começam os meus problemas com droga. Tenho três deserções seguidas... tenho três deserções seguidas, a última das quais com polícia naval, ham, vieram-me buscar a casa, fui presente a tribunal, estive preso em prisão militar, não tem nada a ver com prisão cá fora... entretanto dentro dos fuzileiros conheço um comandante que o filho dele teve também um problema com a heroína, e esse comandante propõe-me uma junta médica. É se calhar a minha salvação de não ter ficado na tropa para o resto da vida, naquela altura fazia-se muito tipo casar com a tropa. Se calhar hoje ainda lá estava ou se calhar nem estava cá... ele propôs-me uma junta médica e na altura havia um médico muito conhecido que era o Dr. C.... e fui a uma junta médica onde consegui dar o salto de dentro da tropa. Começo outra vez o Café Convívio que é esse mês e meio que eu fiz mesmo a sério, porque eu fiz um interregno... estive lá mas sem compromisso, depois de sair

da junta médica, ou pela junta médica é que entro outra vez, mas determinado, isto com vinte e dois anos, em '92. É reiniciado o processo do Desafio Jovem e entro para o centro.

E – Quais foram as maiores complicações na sua vida que pensa terem sido fruto dos seus consumos?

JG – Eu nunca fui pessoa de me meter em grandes problemas... fugia um bocado dos problemas. Eu era um bocado reservado e fugia um bocado dos problemas. O único problema que não devia ter acontecido e aconteceu foi dentro da tropa... foi na marinha, foi o problema que já expliquei... foi o grande problema... porque, pá, há aquelas coisas, aqueles roubos de esticção, aquelas coisas assim, mas isso nunca foram coisas que tivessem trazido consequências... nunca foi nada que fosse, pronto, declarado à polícia, nem que a polícia tenha andado atrás de mim, nem doenças nem nada disso.

E – O que considera ter aprendido na sua experiência com drogas? O que é que de positivo pensa que pode tirar dessa passagem?

JG – É assim, eu costumo dizer... se eu tive que passar pelas drogas para conhecer Jesus, é pá, foi bom! A ver se compreendes, se dá para depois o pessoal compreender, ham, essa passagem, para conhecer Jesus, é positivo, valeu a pena... porque se calhar se eu não tivesse passado pelas drogas eu nunca conhecia Jesus. Porque eu tinha tudo. Eu tinha tudo, não me faltava nada. Aos treze anos quis uma mota, o meu pai comprou-me uma mota, e assim sucessivamente... ia passar férias quando queria, saía do país quando queria, pegava na mochila, metia-me num inter-rail e ia por ali fora... basicamente, é essa parte aí para mim... que é, se eu passei pelas drogas para conhecer Jesus, amén por isso, senão não o tinha conhecido.

E – E frequentou outros programas antes de entrar para o Desafio Jovem?

JG – Estive no Patriache, ham... pouco tempo, estive no Patriache umas semanas... é um programa com uma terapia... esquisita, é “muda daqui para pôr ali”, é “descarrega o camião daqui e carrega o camião ali”... estive na Remar, ham, ao qual assaltei a dispensa deles, a dispensa dos medicamentos e dos alimentos e vim de Espinho por aí abaixo mais dois

companheiros. Estive também pouco tempo noutra sítio, mas nada, nada, nada conseguiu resolver o problema.

E - E porque é que não resultava?

JG – Não resultava porque o problema continuava lá... nós agora conseguimos perceber que isto pode, ou é um problema espiritual. É falta de princípios que o ser humano poderá ter... porque quer queira, quer não, não há ninguém que não precise de Jesus. Há sempre um vazio dentro de qualquer pessoa... não há dinheiro que preencha, não há... eu frequentei vários programas e passei por vários estados... por vários sítios... e nenhum deles resultou. Inclusive, dentro da marinha, estive internado numa clínica da marinha, ham, estive lá vinte dias a medicação, mais vinte a dormir, e nada disso resultou, porque eu quando acordava, o primeiro pensamento que vinha a mim era “apanha o autocarro e vai direito ao Casal Ventoso”... porque era mesmo assim... não havia... pá, tu acordavas e... “o que é que eu vou fazer? Oh! Vou comprar”.

E – Então e onde foi ganhar forças para ganhar esta luta contra as drogas?

JG – Isso é uma pergunta... muito boa... ham, a força pode ser um pouco fruto do estar farto também da vida que se leva, parte dela. Depois de entrar no programa a gente não sabe o que é que vai acontecer, a gente não sabe o que é que se vai passar, sabe que é Deus, mas, ham... “qual Deus?”, ham, a gente no Café Convívio aceita Jesus dez vezes ou trinta... sempre que se diz “quem é que quer aceitar Jesus”, aí vamos nós por aí fora, muita carochos, muita pedrados “ei... eu, aceitar Jesus”, “vá, vamos lá orar por ti, outra vez”. Ham, ainda é com a nossa força, com o facto de estar farto e se calhar também de alguma pressão familiar no sentido de, “ê pá, se não for agora, não apareças em casa porque não vale a pena, estás riscado da nossa lista”... isso passou-se comigo, os meus irmãos encostaram-me à parede e disseram-me “ê pá, se não for desta vez, escusas de contar connosco porque, nunca mais te queremos ver”. Pá, são pessoas que estão muito bem na vida, mas também eles precisam de Jesus! Meteram-me assim um bocado entre a espada e a parede, “ê pá, se calhar olha, vou ter que fazer a vontade a eles”... não era a mim, “eu vou ter que fazer a vontade a eles”. E fui-me nessa força, nessa força. Tanto que eu só consigo ter um encontro real com Deus, dentro do centro, passado... dois meses de estar lá é que eu consigo ver que realmente Deus existe, ham, “Ele é real, isto aqui não é charlatice nenhuma, vale a pena tentar”. Foi num culto de

manhã, um culto de baptismo no Espírito Santo, eu olhava para os lados e tal, falar línguas diferentes e o caneco, “quais línguas diferentes?”, entretanto o C. A. começa a orar pelo pessoal, então dentro de mim começa a sair uns sons esquisitos e naquele dia fomos todos baptizados no Espírito Santo... e eu “eh, isto é que é o baptismo no Espírito Santo? Então, realmente tive um encontro com Deus”... “até aqui tinha andado a apanhar bonés”. Pronto, a partir daí o programa do Desafio Jovem, aquilo que o Desafio Jovem nos propõe, começou a fazer sentido.

E – Então foi aí que foi buscar forças...?

JG – Foi aí que fui buscar forças, ou seja, a Bíblia diz “esforça-te e tem bom ânimo” e eu entrei um bocado com isso, porque foi... antes de entrar para o programa eu fui a um culto e a pregação foi “esforça-te e tem bom ânimo, porque eu venci o mundo”. Eu entrei nessa, “esforça-te e tem bom ânimo”, “esforça-te e tem bom ânimo”, e tal, “vamos embora para a frente”, e tal... até que tive um encontro com Deus, no centro foi-me dada uma... folha, onde eu li que “Deus é a cura total para o homem total”. A partir daí comecei, realmente comecei a ver que sem Deus, pá, não faz sentido. Ainda que nós possamos ter muitas dificuldades e passar por muitas situações difíceis, porque não é fácil a vida que uma pessoa leva cá fora... mas com Deus consegue-se dar a volta.

E – Acredito que dentro do programa possam ter vindo por vezes pensamentos de desistir, não sei se se passou isso consigo ou não, mas nesse sentido eu queria perguntar o que é que lhe ajudou mais para concluir o programa nessas situações, se é que ocorreram?

JG – É assim, dentro do programa, ham, nós passamos por várias etapas... cada um diferente... vem pessoal de todo o lado, pessoal de boas famílias, más famílias, vem pessoal da prisão, ê pá, vem... conhecemos carradas de gente... ham, e passa-nos muita coisa pela cabeça. Há uma altura no programa, que é a passagem de fase, que nós... eu falo por mim, digo assim “ê pá, já estou bom”... “já me posso ir embora”, “já me posso ir embora porque eu já estou bom”. E isso não é verdade, porque é a primeira fase do programa, há uma ilusão dentro de nós, e isso depois tem que ser ultrapassado com ajuda...

E – E o que é que o ajudou mais para conseguir continuar nessas alturas, mesmo apesar disso?

JG – O que é me ajudou mais...? Tive bastante ajuda do meu conselheiro, ê pá, as promessas de Deus, aquilo que está mesmo presente na Bíblia... que Deus tem um propósito, tem um plano para nós e isso deu-me bastante força para seguir em frente, porque eu já estava metido dentro disto, pá e uma pessoa que... que está com Deus dificilmente sai... não é a questão de sair, ham, volta para trás. Tendo noção daquilo que se está a passar, dificilmente volta para trás. Só se tiver assim uma cena muito, muito esquisita pá, mas... a grande ajuda foi sempre encostar-me àqueles que estavam firmes e procurar a sabedoria deles, a experiência deles e que eles me tentassem ajudar no sentido de eu conseguir ver na Bíblia, que foi aquilo que me deram, o manual, o que realmente era bom para mim e o que me dava força. Foi assim, dessa forma, que eu consegui ir até ao fim.

E – E que mais teve que acontecer para permanecer no programa até ao fim? Houve alguma situação, alguma conversa, alguma coisa específica que se lembre?

JG – Não... porque aquilo foi feito... eu, por acaso... há pessoal que tem muita dificuldade... o que me levou até ao fim foi encostar-me a Deus e as coisas encarrilaram porque eu não tinha outra alternativa também... até um certo ponto vivi naquela situação, pá, não tenho outra alternativa. A partir daquele momento que comecei realmente a ter noção daquilo que era Deus e do que Deus queria de mim, comecei a dizer “não, ê pá, já não é por causa deles, mas é por causa de Deus”, “Deus marca a minha vida”, e a partir daí levei o programa todo seguido. Pá, há aqueles percalços durante o programa, que é as chamadas “canas”, que é o pessoal fica sem beber cafés porque o programa não era fácil, na altura... não tem nada a ver com os programas de agora, eu costumo dizer “pá, cada um que entrasse eu fazia o programa com ele”, o nosso programa era daqueles tempos que ainda se tinha que orar à porta da dispensa porque não havia muitos alimentos, ainda se comia muito queijo americano, ham, com soja... e era difícil, era difícil. Portanto, era preciso muita força e a presença de Deus, a presença sobrenatural bem, bem, bem, ali naquele sítio para que se conseguisse dar a volta à situação.

E – Nesse sentido, diria que a fé e a espiritualidade que viveu no Desafio Jovem ajudaram-no de alguma forma?

JG – Sim, ajudaram-me de... toda. De forma total.

E – Quer desenvolver um pouco?

JG – Porque a fé é o firmamento daquilo que não se vê e a prova daquilo que não se tem, a fé, e eu vivo por fé! Agora consigo atingir esse ponto, que, pá, sem Deus nada faz sentido, e a parte espiritual é muito, muito importante, é o mais importante na nossa vida, para que nós possamos ter um equilíbrio, não é? Sinceramente acho que tenho tudo dito... embora às vezes venham aqueles pensamentos, “ê pá, e tal, sopa nisso, qual Deus e tal”, são os ataques que vêm, mas a gente pára e pensa e diz “Senhor, isto não... não é de ti”. Pá, não... sem a parte espiritual nós presentemente não conseguimos viver, porque não temos força para ultrapassar a selva que se vive aí fora.

E – Alguma vez recaiu desde que deixou o Desafio Jovem?

JG – Nunca recaí. Nunca recaí, porque não sei... porque o temor é muito grande, o temor a Deus. Acho que o milagre foi de tal forma que, pá, eu hoje posso... hoje vou a qualquer lado, estou com qualquer pessoa, podem estar a consumir, podem estar a fumar... digo-te que fiquei liberto, na totalidade, de qualquer pensamento e vontade. Embora te continue a dizer, se tu me perguntares se a droga é boa, que a droga é boa...

E – Então e porque conseguiu permanecer até ao fim no programa?

JG – Porque, é assim... permanecer no programa até ao fim depende muito da tua atitude, e do que é estabelecido, porque... foi-te proposto um tempo e tu sabes que dentro desse tempo, pá, não tens nada para fazer, só tens que te começar a enriquecer... lá está, os tais dois meses que andei ali a apanhar bonés, que a gente não sabe o que anda ali a fazer, e depois há aquele tempo que “ê pá, olha, se estou aqui, vou aproveitar e vou desfrutar do máximo que este pessoal me tem para dar, e então vou espremê-los ao máximo”, e o permanecer no programa tem a ver com o evoluir do crescimento espiritual e o começar a estabelecer alvos... pá, tu só consegues permanecer no programa, e isto é o meu ponto de vista, se tu tiveres uma progressão espiritual. Porque se chegares a um ponto e estagnares... ham, não faz sentido estares lá, porque estagnaste o que vem à tua cabeça é “pá, vai-te embora”, “se calhar estás aqui a ocupar o lugar de outro”. Como te dão um tempo limite para estares lá, tu vais aproveitar, porque o programa se dizem que é um ano, ou pelo menos no meu tempo era, é porque eles estudaram e viram que um ano é o tempo suficiente para uma pessoa ficar e

atingir um status espiritual, para depois conseguir fazer uma vida normal cá fora. Eu acho que foi muito isso que me fez permanecer no programa e terminar o programa com sucesso e ter a vida que tenho hoje... pá a vida que toda a gente tem, que tem problemas, tem altos e baixos, sempre, sempre controlados pela presença de Deus... porque eu tenho a convicção que Deus não nos leva para lá daquilo que não conseguíssemos suportar.

E – Que qualidades pessoais, suas, é que utilizou no seu tratamento para conseguir ganhar às drogas?

JG – Ah, vencer! Vencer, vamos falar na palavra vencer. Que qualidades pessoais...? Vou-te ser o mais sincero possível... foi dizer “não percebo nada disto, não há nada que eu possa dar para vencer as drogas”. Eu estava habituado a viver sem regras, sem horários, chamado um bom vivant, um sem-abrigo mas dentro de casa... tinha casa. Ham, mas a nível de qualidades para vencer as drogas, eu acho que cheguei lá do tipo, “ê pá, façam o que quiserem de mim porque eu não tenho nada para dar”. É que não tinha mesmo. Foi entrega, porque eu não tinha nada para dar. Não conseguia ver em mim nada que conseguisse vencer aquilo.

E – E que pessoas, situações ou coisas, portanto, o que é que lhe deu mais energia, coragem e força para conseguir esta transformação positiva na sua vida?

JG – Ham... pá, o que é que me deu mais energia? Se calhar foi uma saturação... uma saturação de vida, sabes porquê? Chega a um ponto, a gente estamos saturados, antes de chegar a um estado em que já estamos mais deploráveis e já a um estado que a gente costuma ver na rua, ham, foi uma questão de saturação e... e desconforto. Porque eu tinha consciência que aquilo não era vida para mim... foi em parte essa situação. Saturação e desconforto que me levou a ir mais à frente.

E – Numa escala de um a dez, quão satisfeito está com a maneira como lutou contra as drogas? Portanto, um seria “nada” e dez seria “não podia estar mais satisfeito”.

JG – É assim, na minha situação, acho que... eu vou para os dez, porque consegui atingir o objectivo a que me predispus, que foi acabar com as drogas na minha vida. Não sabia é o que vinha para além das drogas... se vinha alguma coisa de bom... e realmente veio Deus.

E – Porque não escolheu o número abaixo?

JG – Porque acho que ou havia um, ou dez. Ou ganhava ou não... isto é uma batalha, ou ganhas, ou perdes.

E – E o que teria que acontecer para subir mais um ponto, para além da escala ter de aumentar?

JG – O que tinha que acontecer? Ê pá, acho que a escala já vai nos vinte, porque já aconteceram tanta coisa! Já aconteceu tanta coisa!

E – Se lhe fossem concedidos três desejos, o que pedia para o futuro do Desafio Jovem e de todos os que lá estão ou irão passar?

JG – Ê pá, isso... não acho que... olha um dos desejos, que eu tenho conhecimento, seria o Desafio Jovem conseguir realizar o sonho que tem, porque era bom para os que estão e para os que vão passar... ham, é um projecto que custa oito milhões de euros, pá, e eu creio que Deus vai abençoar, porque Deus é um Deus fiel. O outro era que o Desafio Jovem tivesse sempre pessoas à frente... ham... à frente do Desafio Jovem, com o temor e com a integridade que têm tido até esta data. E o terceiro é que o Desafio Jovem pudesse fazer frente a todas as situações para que a Palavra de Deus pudesse ser expandida... e... pá, para infinitos lugares. Isto era ter centros com fartura, infra-estruturas ao mais alto nível, e ser acima de tudo, ham, mais reconhecido pelas identidades que competem, que não é o que se está a passar neste momento.

E – E atingiu o que pretendia atingir ao passar pelo programa?

JG – Ham... não. Não, pá porque... para atingir aquilo que se pretende atingir, porque depois lá dentro há muitos sonhos... há muitas coisas que nascem dentro de nós quando se passa por um programa do Desafio Jovem, há muita coisa que nasce, cresce... mas que só se faz adulto cá fora, quando a gente sai. Daí eu dizer que não consegui atingir todos os objectivos... ainda não os atingi.

E – Imaginava-se a manter contacto com a igreja enquanto estava no programa?

JG – É assim, o programa... nas regras do programa estabelece-se tu seres integrado na tua igreja local, ao qual vais ter a oportunidade de escolheres uma igreja, durante a fase do programa que estás a vir a casa e vais escolher uma igreja. Eu escolhi o Centro Cristão Vida Abundante, que na minha altura era em Lisboa, na avenida João XXI, há dezassete anos atrás, hoje é em Moscavide e em Alvalade, eu frequento o CCVA de Moscavide. Portanto, isso já faz parte das regras do programa, tu seres inserido numa igreja local, para que possa haver acompanhamento espiritual, porque não fazia sentido o programa ter um ênfase espiritual como tem e depois saíres cá para fora... é o que muito pessoal diz, “pá, eu estou no centro A ou na instituição B, ou na instituição C, mas saio cá para fora e vou direito outra vez ao lixo”, porque não há um acompanhamento daquilo que é feito no programa...

E – Mas, na altura imaginava-se a manter contacto com a igreja?

JG – Sim, claro, porque fazia parte... já tinha interiorizado isso, quando saísse do programa frequentar a minha igreja local, inserir-me na igreja local...

E – Até quando?

JG – Ham, até que Deus me diga para o ir servir a tempo inteiro.

E – O que lhe faz dar valor ao seu presente?

JG – A vida... (suspiro). Viver. E acima de tudo Deus. A presença de Deus.

E – O que é que lhe dá esperança num futuro?

JG – Deus... é assim, com Deus, não estou-te a ser o “bacalhau espiritual”, como a gente tinha este termo lá no centro, mas acho que ele é a base de tudo... é claro que tenho sonhos... e um dos sonhos que eu tenho é servir a Deus a tempo inteiro, dentro do Desafio Jovem ou num futuro projecto que a igreja possa ter. Ham... isso é um grande sonho que eu tenho. Depois, daí vêm muitas coisas. É o grande sonho que eu revelo, e é tudo.

Entrevista 7 – Director dos Cafés Convívio

F. C. – Pronto, eu trabalho no Desafio Jovem há vinte anos, mais coisa menos coisa, faz agora este ano em Setembro creio eu. Eu era quadro superior de uma empresa ali na Malveira, a minha esposa trabalhava no tribunal de instrução criminal em Lisboa e quando viemos, na altura, essas eram as nossas funções. Tenho quarenta e seis anos, sou casado, tenho três filhos. Dentro da instituição já fiz várias coisas, já fiz parte da equipa de evangelismo ou seja, voluntários que andavam com a tenda, depois, estive um ano aí, depois estive cerca de quatro anos, três anos e pouco como monitor e responsável de toda a área de trabalho aqui nesta comunidade em Fanhões, que é a sede, na altura recebia-se aqui toda a gente. Depois fui para Salvaterra de Magos de '92 a '98 para assumir a direcção do centro de recuperação feminino, depois em '98 fui para o Norte para começar a comunidade terapêutica lá [Cucujães]. Em 2000 vim para baixo de novo para assumir toda a área dos serviços e da angariação de recursos aqui na instituição, não é, as oficinas. Em 2002, que é a minha função actual, assumi o departamento de acção social que tem a ver com tudo o que é intervenção nas ruas, Cafés Convívio, prisões, hospitais, ham, as prevenções nas escolas, as equipas de rua. Ham, a minha formação, antes de vir eu tinha o secundário por acabar, recentemente terminei a minha licenciatura em Psicologia. Estou de novo aqui em Fanhões desde 2000.

E – Como tomou contacto com o Desafio Jovem e como entrou para este programa para colaborar?

FC – Eu já conhecia o Desafio Jovem por força de ser cristão evangélico, não é, tinha ouvido falar do Desafio Jovem em oitenta e... no princípio, no princípio... ham, creio que, eu casei em '86, talvez '84/'83 ouvi falar do Desafio Jovem, entretanto eu, talvez na igreja local onde eu estava em Benfica, depois mais tarde em '88 eu vim à conferência do Desafio Jovem, foi a primeira que eu vim e nessa altura decidi vir servir, um pouco também porquê? Porque, fruto de, eu sempre tive um desejo, foi crescendo um desejo de servir a Deus e de ajudar pessoas, identifico-me muito com a instituição, com a forma de cuidar pessoas, de ajudar pessoas, mais a mais enquanto depois têm os mesmos ideais cristãos, não é, espirituais que eu comungo também e então foi isso que me fez vir trabalhar para cá e ajudar gente.

E – No seu caso, o senhor anteriormente não consumia drogas?

FC – Não, não tive passado de drogas.

E – Então, na sua opinião o que é que faz com que os utentes do Desafio Jovem que completam os seus programas não desistam prematuramente?

FC- Hum-hum...as pessoas que fazem o programa, porque é que não desistem prematuramente. Bom isso tem muitos factores... na minha opinião, ao fim destes anos, algumas vezes tem a ver com, acima de tudo tem a ver com a reorganização que cada um faz à medida que está cá dentro, não é, as pessoas podem vir, tem a ver com a motivação. As pessoas podem vir para um programa apenas para ter um lugar onde possam pernoitar e sentir-se cuidados, onde dormir, onde comer, onde não têm a responsabilidade de ter que, de saber que vão ter que pagar renda, água, luz, por aí adiante e entre estar nas ruas, o estar cá é melhor que isso. Outros podem vir porque querem apenas parar com consumos. Se as pessoas têm apenas essa motivação a dada altura um programa terapêutico numa comunidade torna-se um bocado rotineiro e até limitativo, não é? As pessoas acabam por ir embora porque estão cansadas de ter uma estrutura que os está a ajudar a crescer e não é essa a motivação, a motivação é apenas parar com consumos e apenas, se calhar ter um lugar onde pernoitar, e aí há outras alternativas que permitem às pessoas fazer o que quer e apetece. Se as pessoas vêm e há, digo assim, um cansaço e há um desejo por mais do que apenas parar com consumos, de reorganizarem-se e encontrar um sentido para a vida, não é, uma coisa que lhes dê sentido para a vida pelo qual eles acham que valha a pena lutar, não é, e aí tem a ver com a vida em si, enquanto bem, enquanto essência... é isso que leva as pessoas a ficar por cá, não é? Também não é, esta é a minha perspectiva, até porque existem outros modelos que não têm a dimensão espiritual como nós temos e as pessoas também ficam no programa, não é, terminam, mas eu creio que o factor fé, a questão das pessoas encontrarem um elemento, não é, ou uma dimensão espiritual que não está sujeita às variações económicas, sociais e o que for... há ali um factor de estabilidade, de imutabilidade que leva as pessoas a perceber “eu tenho aqui valores que são imutáveis e que eu posso-me agarrar” e que o factor fé tem sido muito importante também nesse sentido, mas eu não queria só espiritualizar. Há esta dimensão da fé, mas há também tem muito a dimensão daquilo que é a motivação da pessoa para vir. Se a pessoa de facto pressente que este é um momento e é um elemento bom para ele se reorganizar, reaprender a viver a vida, restaurar valores, reorganizar-se em termos afectivos e emocionais, restaurar relações com a família, no fundo dá-lhe algum equilíbrio. Quando as pessoas não fazem esse investimento, é quase como... é a velha questão se “o rabo está na boca da pescadinha ou é a boca que está no rabo da pescadinha”, não se sabe

quem é que morde quem... se as pessoas não estão muito motivadas para processo de mudança, apenas querem paragem de consumos, a dada altura toda a dinâmica da comunidade, que visa trabalhar-se a autonomia de uma forma responsável, torna-se enfadonha, torna-se muito exigente, não é? Então é preferível eu ter, arranjar um sítio onde eu dormir, onde eu comer, e não é complicado em Lisboa, ham, sem que me chateiem e que eu tenho que fazer isto ou fazer aquilo ou, porque eu não é isso que eu quero... penso que passará por aí, não é?

E – Que sinais, se algum, considera indicar que um utente tem maior ou menor probabilidade de ter sucesso com o vosso programa?

FC – Que sinais...? Bom, no nosso programa, visto que é um programa que tem, digamos, o seu epicentro nas questões espirituais, embora nós não descuramos todas as dimensões do ser humano, à medida que vemos a pessoa com, os sinais são, à medida que vemos a pessoa com alguma abertura para os relacionamentos, uma boa disponibilidade também para as coisas de Deus, ham, para uma reflexão pessoal e uma abertura para perceber ou tentar perceber minimamente este momento que está a viver e a importância de Deus, ou não, na vida dele, ham... a iniciativa, a responsabilidade nas pequenas tarefas do trabalho, ham, isso são pequenos sinais que se percebe que as pessoas estão a fazer uma caminhada e que sentem crescer, não é? Ham... porque se percebe que há iniciativa, começa-se a ver alguma alegria nas coisas que se faz, há alguma responsabilidade em fazer, não é fazer por fazer, não é fazer com menor esforço ou ir fazendo. Quando percebemos que as pessoas estão... há sinais, percebe-se, há alguma alegria nas tarefas que fazem, o empenho, em querer fazer bem feito, não é, há abertura às coisas de Deus, isso são alguns sinais que se percebe que haverá algum processo... que depois pode ser interrompido ou não se as pessoas perdem o foco também, não é, isso serão momentos às vezes de desânimo e se não falam deles... não é? Também, na medida em que vemos que a pessoa é fraca, quanto mais aberto ele é se percebe que há ali uma predisposição para trabalhar sobre ele, não é, isso são alguns indicadores.

E – Quão satisfeito está na forma como ajuda os utentes a lutarem contra as drogas, numa escala de um a dez em que um seria nada satisfeito e dez extremamente?

FC – É assim, eu não posso estar... vamos lá ver... em termos existenciais estou, eu diria onze ou doze, extremamente satisfeito porque eu não me vejo a fazer outra coisa senão isto, ajudar pessoas. Agora, como por princípio eu sou uma pessoa feliz com o que faço mas

insatisfeito, acredito que nós podemos sempre, ham, aprimorar-nos e melhorar-nos, porque as pessoas não são um elemento estático, não é, cada pessoa é uma pessoa e eu tenho sempre o sentido crítico e de auto-crítica para perceber se tudo o que eu tenho feito tem sido da forma mais correcta, tem produzido o melhor efeito na vida das pessoas. Portanto, em termos, digamos, existenciais eu estou extremamente feliz com isso. Se calhar em termos práticos, ham, eu não daria um dez mas daria um oito, ou coisa que o valha, porque eu sei que nós não somos detentores, eu não sou detentor de toda a sabedoria nem de todas as capacidades, há certamente ainda habilidades e competências a desenvolver para ajudar melhor as pessoas, não é? Isto também é um fenómeno na rua e este tipo de problemática não é uma coisa estática, ham, está sempre em mutação fruto de várias coisas. Acho que esta é a minha maneira de ver.

E – OK, então e porque não escolheu o número abaixo?

FC – O número abaixo do quê?

E – Do oito.

FC – Sim, porque também acredito que aquilo que eu faço procuro fazê-lo com seriedade, ham... o melhor possível, ham, explico e examino a razão porque faço e como faço, as metodologias, e sempre que é necessário faço ajustes e mudo, mas eu acho que seria muito, não sei se era presunçoso, ou seria... estar pouco aberto à mudança ou a melhorar as coisas se dissesse que não, que era dez também. Portanto, abaixo também disso não, porque há uma seriedade, há um empenho e há um cuidado de não fazer por fazer ou de fazer experiências com as pessoas. Procuro ponderar, reflectir, ler vários sinais e estabelecer metas para caminhar. Ham, por isso não dei mais abaixo.

E – Como é que pessoalmente, a nível daquilo que faz e do programa, tenta fomentar a que os utentes concluem o tratamento?

FC – É assim, eu não estou directamente ligado com os utentes, não é, porque eu trabalho mais ao nível, digamos, das ruas, do alcance. Ao nível do tratamento eu não estou muito ligado, dir-se-ia, poder-se-ia dizer eu sou o, digamos, o braço armado da instituição, eu estou pouco na comunidade. Cruzo-me com os utentes aqui na fase de inserção, eu trabalho muito

mais na rua, ou seja, no antes do tratamento, não é? A minha experiência quando fui monitor e director da comunidade é acima de tudo valorizar muito as pessoas... é muito encorajando, ajudando as pessoas a estabelecer alvos, a sonhar com a vida, a valorizar a sua vida, porque nós só lutamos por aquilo que valorizamos, quer dizer, eu não luto por aquilo que não me é significativo. Então, digamos, o trabalho, é muito feito um trabalho de motivação para as pessoas não desistirem da vida, valorizarem, mais do que se calhar menosprezarem, ficarem presos àquilo que não têm nem sabem e ao sofrimento e ao seu passado neste percurso das drogas, é perceberem os recursos e o potencial que têm e valorizarem isso. Também muito a questão da relação com Deus e o factor fé, não é, é muito, também é uma coisa que fazemos ou que faço, no sentido deles perceberem que o que fazemos não é inócuo, não é casuístico, que há uma relação com a divindade e que Deus, nós não estamos sozinhos, mas isso... também meter Deus ao barulho, Deus não é tipo, hum... a panaceia para tudo quer dizer, Deus não é um comprimido que se toma para tudo. Há responsabilidades mútuas, sei que posso contar em Deus, mas também sei aquilo que tenho que fazer enquanto pessoa, Deus não vem cá baixo fazer por mim. Pode ser muito nu e cru, mas essa é a realidade. Ham... há muito um trabalho muito relacional, acima de tudo fazer as pessoas sentirem-se parte da família, essa é a nossa grande preocupação, para além daquilo que eu tenho procurado fazer, os meus colegas é muito que as pessoas sintam que nós somos uma grande família. Daí vivermos cá, porque mais do que sermos apenas pessoas que ensinam teorias ou conceitos, nós queremos ser modelos, que esta é a melhor maneira de influenciar valores nas pessoas, ham... nós procuramos acima de tudo influenciar valores, não é, a abundância de valores. É por isso que temos as comunidades como temos, arranjadinhas, que sejam lugares acolhedores, para as pessoas sentirem um contexto de família não é, ainda ontem nas ruas estava a falar... anteontem com alguém, uma pessoa que já fez o nosso programa, que trabalhou connosco, depois infelizmente teve que cumprir uma pena de prisão e já não trabalha connosco há algum tempo, mas está bem, e a falar com outro utente que perguntava como é que tinha sido e eu até estava a dizer, “por sinal até sou padrinho de casamento dele”, ele disse “ê pá vocês parece que ficam assim ligados”, e é de facto verdade, quer dizer, há gente que fica ligada, outros não, porque as pessoas têm o seu percurso, como qualquer filho não é, mas, acima de tudo é muito motivar, desafiar para sonhar com a vida, valorizar, potenciar as capacidades que eles têm, ham, manter viva a questão da fé, da relação com Deus, e acima de tudo fazê-los sentir pessoas, não é, e que eles tenham valores.

E – Trabalhando na parte da preparação dos Cafês Convívio, nesse nível, pensa que há alguma coisa que vocês façam que permita que o utente venha melhor preparado?

FC – Vamos ver, um utente, na prática, nunca vem preparado para uma comunidade, seja ela qual for. Por muito que se explique, mesmo outras instituições, eu ainda na outra sexta visitei uma, são muito rígidos, são mais rígidos que nós na admissão, por muito que se explique, por muito que se prepare, as pessoas vêm para um contexto novo que é uma comunidade terapêutica em que se vive 24 horas por dia junto com outros. Na rua também vivem, mas ali há relações diferentes. Portanto, quase que... psicologicamente há esta ideia de “eu estou num espaço limitado”, não é, “estou fechado”, embora as quintas são em regime aberto, as pessoas podem ir embora quando quiserem mas acho que, acima de tudo, aquilo que mais marca e que melhor prepara os utentes é o facto de estarmos com eles na rua... portanto, nós fazemos quase que, vamos buscá-los mesmo ao lugar mais degradante e há pequenos gestos que se fazem que os marca, mais do que a grande preparação em termos de explicar muito bem o programa, procuramos fazer isso, porque na altura eles estão... eles dizem que sim, que sim, que ouvem mas a maior parte deles, ham, não presta grande atenção, eles estão é desesperados, querem ver se saem dali... mas há pequenos gestos, o facto de não se ter vergonha de estar perto deles, o facto de às vezes se lhe dar um alimento, também levarmos roupa, o facto de irmos com eles fazer análises, ham, há um lugar, há um laboratório público e eles às vezes têm de facto um aspecto, um odor que ninguém quer estar próximo deles e nós vamos com eles, isso tudo valoriza-os muito, fá-los sentir que nós temos um interesse. Mais do que os preparar para o programa, predispõe-os para perceber que o programa é uma coisa que lhes fará muito sentido, não é? Depois também pelo facto de termos algumas pessoas que trabalham na equipa que são ex-utentes, pessoas que fizeram o programa há cinco, seis, dez anos, dois anos, isso estimula-os também, não é, contrapõe um bocado aquela ideia tipo... ham... toda a gente diz que uma pessoa viciada já não tem esperança, já não há solução para ele, mas ele de repente “estou próximo de gente que está a viver o contrário” e isso também... se quisermos encarar preparação nesse sentido, sim é isto que os prepara melhor, claro que depois nós procuramos, ham, explicar-lhes como é que funciona o programa, perceberem que este é um tempo também para eles olharem para eles próprios, conhecerem Deus, mas isso para eles na altura soa um bocado assim tipo a sermão, a discurso, acho que aquilo que os prepara, que tem mais impacto, se entendermos até como preparação para aumentar a resiliência a estar no programa ou ao desejo de desistir, é de facto o contacto humano, o valorizá-los mesmo na rua, não ter vergonha de estar com eles, nos lugares onde

eles estão mesmo... isso tem um impacto muito grande mesmo. Pequenos gestos às vezes, como dar um abraço, como ter uma palavra mesmo de estimo, dizer-lhe “pá aprecio muito a tua vida”, orarmos com eles, isso são coisas que... se entendermos isso, se a preparação for também trabalhar muito a motivação e a predisposição para o programa, esses são os factores que influenciam muito, não é, Café Convívio, não é?

E – O que põe de melhor de si na recuperação destas pessoas?

FC – O que ponho de melhor de mim...? É isso mesmo, é o melhor, é tudo... não é? As pessoas não têm de mim, ham, digamos, o refugio. A minha forma de estar na vida não é tanto tipo para Deus eu dou o melhor, ou primeira classe, para a minha família já é classe menos um. Não, aquilo que eu sou na casa, aliás, esses utentes e as pessoas que estão na rua se calhar têm mais de mim do que a minha família, não é... se calhar passo, essa é que é a verdade, mais tempo com alguns deles do que com a família, porque estou na rua mais tempo às vezes do que em casa. Mas procuro dar o melhor de mim que eu tenho mesmo, do tempo, da paciência, do amor, ham, daquilo que vou aprendendo... muito daquilo, ham, o meu desejo de voltar a estudar e a minha qualificação teve apenas em mente isso, poder ser uma pessoa melhor qualificada, para além de toda a experiência de vinte anos a trabalhar, é poder ser cada vez mais eficaz naquilo que eu faço, não é, e ter melhor conhecimento para ajudar pessoas, portanto eu procuro mesmo dar-lhes o melhor que eu tenho... dou-lhes o melhor do meu, do meu tempo eu posso dizer que se calhar não é do meu tempo, não é, o meu tempo é gasto de mil e uma maneiras, mas o melhor pode ser a atenção, o amor, o cuidado, ham, a paciência, o saber, não é, e acima de tudo é o não... se calhar pode-se sintetizar nesta expressão, o melhor se calhar que eu lhes posso dar e que procuro dar é não... é ver cada pessoa como única, não padronizar, não é, a intervenção nem... claro que os princípios que eu acredito e que partilho com eles são comuns, são iguais, mas acima de tudo é o escutar. É a relação, ao fim e ao cabo, o melhor que eu lhes dou, é a relação, considerá-los enquanto pessoas, independentemente de estarem na rua andrajosos ou estarem a acabar o programa, e é escutá-los e procurar de acordo com a sua realidade e a sua dimensão dar-lhes os valores que eu acredito, que eu penso que são indispensáveis para a pessoa viver uma vida livre de drogas, não é, basicamente é isso.

E – Hum-hum... onde vai buscar forças para ajudar na luta contra as drogas?

FC – É o meu sentido de vida, é o servir a Deus, é perceber o que me fez há vinte anos deixar interromper um projecto de vida, muito estruturado, com um filho com quatro meses, com uma boa condição profissional e financeira é precisamente isso, porque as pessoas são o meu foco, não é? O meu bem mais precioso, digamos assim, ham, o valor que eu mais prezo é a vida humana. Então, é muito por eles... claro que depois eu não sou o Super-Homem como nenhuma outra pessoa é e há muitas pessoas que trabalham em instituições, e aí é o factor Jesus, é perceber que aquilo que eu faço não é meramente um esforço meu ou uma ideia muito altruísta minha, é perceber que esta é uma impressão muito forte de Deus no meu coração. Então é mesmo em Jesus, na relação com Deus, na reflexão, na meditação... uma disciplina pessoal, espiritual, é mesmo aí. E claro, nos colegas e nas pessoas que estão ao meu redor, e nas pessoas que estão em liderança sobre mim, que dá para nós conversarmos, partilhar as dificuldades e as lutas que estamos a passar, não é?

E – Nesse sentido, qual é o papel que pensa que a espiritualidade desempenha, portanto, na conclusão do programa pelos vossos utentes...? Em fases em que estão com mais dificuldades e...

FC – É fundamental, ham, eu sei que esta pode ser uma expressão para algumas pessoas meio estranha, mas para mim é fundamental... por uma razão simples. Nós, seres humanos, temos tendência de estar centrados em nós mesmos. Centrados em nós mesmos somos uma, um ser insaciável, que tem o defeito de ter a memória curta, de nunca valorizar aquilo que tem e só dar valor às coisas quando as perde, não é? E somos umas pessoas que estamos num processo de transformação e de mudança e precisamos de referenciais. E aí a espiritualidade, a relação com Deus que é... bom, ham, isso está mais do que estudado e referenciado, não há quadros... os valores cristãos e o referencial divino ou espiritual não tem mudanças, não é? Podem mudar os sistemas ideológicos, políticos, sociais, mas, digamos, os valores e os princípios espirituais não mudam. Prevalecem. Então, daí a espiritualidade ser muito importante, porque de repente é como se eu, enquanto pessoa, eu readquirisse ou me reposicionasse face à vida, não apenas olhando a vida com os meus olhos, só com os meus olhos humanos, ham... na dimensão dos meus sentidos, e de vez em quando há mais do que razões para nós desesperarmos e darmos um tiro na cabeça ou mandarmo-nos ao rio, mas de repente eu olho para a vida com um olhar que está muito para além de apenas do actual, não é, e isso aumenta a minha esperança, a minha expectativa de vida, a minha fé face à vida, face às pessoas, face aos outros, à bondade das pessoas, e em momentos trágicos e em momentos

difíceis faz-me não desistir, faz-me prevalecer em vez de socorrer-me a substâncias ou a outros subterfúgios para eu gerir a minha pressão ou as dificuldades, eu sei que tenho Deus a quem posso invocar, e eu também sei que Deus não se vê, mas também sei que fruto dessa relação com Deus e da relação com outras pessoas que comungam as ideias que eu tenho com Deus, aquilo a que chamamos a igreja, eu encontro uma rede de suporte muito grande. Uma rede de suporte espiritual que não vejo, abstracta, que depois tem expressão numa rede de suporte física, não é, que são as pessoas que é a igreja, e aí eu de repente não estou sozinho a dois níveis, quer ao nível, vamos pôr assim, abstracto, quer ao nível concreto que são as pessoas que estão ao meu redor que comungam os meus ideais e aí a espiritualidade é fundamental. Não quer dizer que não haja pessoas, eu conheço uma série de gente que fez o programa noutras comunidades que não têm a espiritualidade desenvolvida desta forma ou que nem têm sequer a dimensão espiritual a ser observada, mas... e que as pessoas de facto estão autónomas e nunca mais consumiram drogas, mas há sempre o “quê”, ham, todo o ser humano tem fé, mesmo os toxicodependentes na rua. Têm fé quanto mais não seja quando vão consumir, que aquilo vai-lhes produzir o efeito que eles esperam, sem ter nenhum dado concreto científico que assim seja, não é, só que quanto mais não seja, mesmo aquelas pessoas que não ligam à espiritualidade e que terminam o programa com sucesso, no mínimo há uma coisa que eles realizam todos que é... é desenvolvida, seja com que modelos forem, com que terapias for, uma crença que resumam as atitudes e crenças face à vida e é desenvolvida uma fé nova, ou uma confiança nova na vida, que a vida é boa e que vale a pena viver de uma forma límpida, autónoma. Enquanto as pessoas mantêm isso prevalecem em limpo, ou abstinentes. Quando, de repente, fruto de algumas pressões da vida, variam da cabeça, eles escondem-se nas estruturas que mais lhes faziam sentido, não é, e é aqui que depois marca a diferença a espiritualidade. De repente, quando me apetece variar da cabeça, quando estou a sofrer um momento de pressão muito grande e eu digo “eu sei que não estou sozinho, sei que posso invocar Deus, sei que tenho amigos que eu posso falar e que podem ajudar a reflectir e a ponderar” e então eu acho que ela é indispensável mesmo... o papel é mesmo esse.

E – OK... ham, quais os factores que lhe parecem ser centrais para que uma pessoa conclua com sucesso o tratamento?

FC – As pessoas quererem ter uma vida abstinente, estarem motivadas de facto para viver, estarem dispostas a lutar pela sua própria vida, pronto, não serem dependentes seja do que

for, ter uma boa estrutura familiar também é importante, isso ajuda, não é, e conhecer Deus seriamente, fazer de Deus um elemento indispensável à vida.

E – Portanto, fala em estruturas familiares, há muitos utentes que...

FC – Sim, que não têm ninguém, esse é um factor, quem não tem, esse é um dos factores, quem não tem, os outros têm que estar... isto é como com os nossos sentidos, quando um dos nossos sentidos desaparece ou o perdemos, visão, audição, o que for, naturalmente, sem fazermos grande esforço, o nosso... a tendência para a homeostase ou para o equilíbrio do nosso organismo leva a que um dos nosso sentidos se sobrevalorize para compensar, não é, isso é a nossa tendência natural, e aí, quem não tem um suporte familiar, quase que, alguns desses factores têm que ser sobrevalorizados, não é, têm que ser mais experimentados, que é, de facto, ham, a questão deles estarem muito motivados para viver a vida, quererem estar na vida, a relação com Deus sobretudo é muito importante, não é, esses são factores fundamentais porque senão... as pessoas que cá temos connosco são cada vez mais pessoas sofredas, muito marcadas mesmo... e esses são factores que abandonando... é complicado. Essa é a razão que as pessoas que terminam o programa, mesmo já lá fora a trabalhar, com todos os factores presentes, às vezes com família, com o trabalho como deve ser, com dinheiro, a ir à igreja, com gentes amigos e mesmo assim decidem cair... porque, para mim, viola um dos factores, é aquilo que eles valorizam mais na vida, não é? Que é de facto a vida e a família e... o valor... são quadros de valores da pessoa ao fim e ao cabo.

E – O que é que ainda quer melhorar na forma como apoia os utentes para que cada vez haja mais a terem sucesso?

FC – Isso é muito complicado nesta altura, o que é que a gente pode melhorar mais... eu acho que nesta altura, costumo brincar às vezes “só se consumir por eles e eles tiverem prazer e eu a dor”. Eu acho que... eu hoje tive uma reunião no CAT de Setúbal, nós vivemos um contexto socioeconómico muito complicado em que as pessoas estão literalmente, ham, acomodadas e resignadas à sua condição de vida. Nesta altura nós fazemos, nós não sei que mais conseguimos fazer... nesta altura nós vamos à rua, vamos com eles fazer análises, às vezes damos roupa, tratamos de documentos, e houve casos em que fomos à rua recolher as análises... eles estavam num estado que nem... não saíam dali para nada, ham... eu não sei se haverá muito mais que fazer. Certamente haverá, eu para já não estou a descortinar. Talvez

o que pode haver, e esse é o processo que nós estamos a perceber, é tentar ir motivando as pessoas e responsabilizando, não é, à medida que caminhamos com elas, mas depois é sempre um dilema muito grande, porque se nós esticamos muito a corda, não é, a querer responsabilizar muito, as pessoas estão tão descomprometidas com elas, não é só toxicodependentes, mas estamos a falar destes agora... qualquer esforço que nós lhe pedimos, ou compromisso, ou responsabilização, implica sofrimento e dor e as pessoas não estão para aí viradas... porque nós vivemos nesta altura num paradigma que é “viva o momento agora, intensamente”... então não sei se haverá muito mais que se possa fazer, quer dizer... é verdade, nós poderíamos ter, se calhar, há utentes que não podemos alcançar que são duplos diagnósticos, há adolescentes, se calhar podíamos ter equipas que podiam intervir melhor num ou noutro contexto, mas isso depois implicava mudanças muito grandes ao nível da instituição, que punha em causa até outras áreas que seria um bocado complicado agora, ao nível pessoal da relação com eles... eu não sei muito mais o que é que possa fazer, honestamente. Em consciência, nesta altura, estou... ham, estou no limite, a tentar fazer, a perceber, a ler os sinais e a condição das pessoas e o contexto e a fazer o melhor. Certamente haverá, mas para já ainda não consigo perceber melhor.

E – Caso tivesse três desejos que fossem concedidos, o que pedia para o futuro do Desafio Jovem, de todos os que cá estão ou irão passar?

FC – O que eu pedia para o Desafio Jovem, olha pedia, para o Desafio Jovem que homens e mulheres, ham... dispostos a gastar-se por estas pessoas que têm problemas com drogas, não é? Esse descomprometimento também atinge as pessoas que não têm problemas com drogas, e muitos cristãos. Gente sensível e disponível para perceber que a nossa sociedade está a passar por momentos muito próprios de... o ser humano está entregue a si mesmo, há uma desresponsabilização total e quando começa a haver problemas de ordem moral muito fortes, de consciência, nós legalizamos que é para resolver o problema. Aconteceu assim com o consumo de drogas, aconteceu assim com o aborto e por aí adiante, e aqui não tem a ver mesmo com a minha perspectiva nem com os valores cristãos, é uma análise puramente seca e real da realidade. Portanto eu gostaria muito de ter gente que tem um desejo grande, forte de ajudar pessoas e que estaria disposto a gastar-se. Desejava também se calhar as políticas, algum olhar que o governo tem para esta problemática que é... quer ajudar pessoas e quer organizá-las, mas mais no âmbito social, que não apareça que há muitos problemas, mais do que ajudar pessoas em si, portanto estamos mais preocupados com estruturas e com

dinâmicas sociais e políticas sociais mais do que ajudar pessoas verdadeiramente. E essas políticas têm levado a que as pessoas na rua estejam muito acomodadas e resignadas e conformadas. Olhe e depois, se calhar até por uma questão de coerência gostava muito que estes homens e mulheres que estão nas ruas, ham... não se entregassem à condição em que estão. Que sonhassem e que estivessem dispostos a lutar pela vida... isso era... isso era uma maravilha... isso era, íamos ter problemas sérios, não iríamos ter hipótese de dar resposta a toda a gente, porque não teríamos se calhar mãos a medir, mas ainda assim eu preferia isso do que... nesta altura nós fazemos um esforço muito grande para alcançar pessoas. A iniciativa de vir pedir ajuda é capaz de ser nesta altura... eu não quero exagerar... 30% talvez, e, e... dos que vêm. Todo o resto das pessoas que vêm, 70% é um investimento muito forte do Desafio Jovem e das equipas dos Cafés Convívio, que estão ligadas a igrejas locais por todo o país, é um esforço muito grande de ir ao encontro das pessoas e motivar e trabalhar, e motivar e trabalhar... e eu estou a dizer 30 e estou a ser mesmo muito simpático, porque talvez nem... metade disso é capaz de ser a realidade, 15/20%, que as pessoas têm iniciativa de ir pedir ajuda, o resto... e isso revela o estado em que as coisas estão. Eram esses três desejos mais ou menos, porque o dinheiro mais, é claro que o dinheiro faz falta, claro que o apoio governamental faz falta, mas isso... a gente vai tendo, Deus tem sido fiel, nós vamos também sendo criativos, mas isso acho que é uma coisa que viria naturalmente.

Entrevista 8 – Psicóloga Clínica do Desafio Jovem

I. – Eu sou licenciada em psicologia e neste momento estou a fazer uma pós-graduação em relação de ajuda.

Entrevistadora – Antes de entrar para o Desafio Jovem não consumia, certo?

I – Não.

E – OK... Na sua opinião o que faz com que os utentes do Desafio Jovem que completam os programas não desistam prematuramente?

I – Ham... primeiro, o sentido de família. A possibilidade de encontrarem aqui novos relacionamentos, novos laços familiares, ham... o que permite que haja, digamos, uma rede de suporte para os ajudar a ultrapassar as dificuldades e a baixa auto-estima, e assim construir

um sentido, um sentido de utilidade, um sentido de que é importante para alguém, ham, o que ajuda obviamente a construir um novo projecto de vida. E por outro lado, ham, a fé, não é, a fé de que são capazes, de que podem conseguir, a fé de que não estão sozinhos, que para além de nós, não é, acreditam num Deus que lhes vai dar as forças necessárias para os ajudar a ultrapassar as dificuldades e, e assim iniciarem uma nova etapa na sua vida e... portanto já falei da família, já falei da fé, e... claro, obviamente o acompanhamento que aqui têm, não é, o facto de serem vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas, por outro lado um acompanhamento muito próximo, muito relacional, umas vivências muito, muito intensas, não é, ham, acaba por, lá está, por ajudar a reconstruírem-se a si próprios e a construírem novas maneiras de ser e de estar no mundo e na relação com as pessoas.

E – Falou-me, portanto, da fé deles, da parte espiritual... fale-me um pouco mais disso de uma forma um pouco mais concreta, o que acha que os ensinamentos que lhe são transmitidos a esse nível...

I – Nós somos cristãos evangélicos e a base, digamos, a base das nossas atitudes, dos nossos comportamentos, da forma como nós encaramos as pessoas, o mundo em si, a forma como organizamos a nossa própria vida fundamentam-se nos fundamentos, ham, cristãos da Bíblia... e... estes jovens, estes, são jovens que vêm da rua, a maior parte das vezes ou que vêm de famílias desestruturadas, ham, muitas vezes os seus valores estão tão deturpados que acabam por encontrar aqui novos valores, novos princípios de vida, uma nova... postura de ser e de estar, não é, fundamentada na Bíblia que os ajuda a reconstruírem-se a si próprios, não é, a reconstruírem o seu carácter, as suas atitudes, a reposicionarem-se no mundo em que estão e face às situações, face às pessoas, de uma outra forma, ham, o que os ajuda, claro, a corrigirem, digamos, atitudes e valores menos saudáveis que tinham no passado e em que agora podem encontrar uma nova forma de estar no mundo, mais saudável, mais ajustada... Hum, sempre com, lá está, com aquela ideia de que não estão sozinhos, há alguém que os vai ajudar diariamente, é uma fé relacional, diária e um estilo de vida.

E – A nível dos utentes do programa que sinais, se algum, considera indicar que um utente tem maior ou menor probabilidade de ter sucesso com o programa?

I – Ham... a motivação, é fundamental, não é, quando eles vêm motivados para efectuarem de facto um novo projecto de vida, um projecto de mudança, há mais probabilidade de eles permanecerem no programa. Quando estão cá por imposição ou da justiça, ou dos pais, ou

porque não têm outras alternativas é muito mais difícil, não é, normalmente dispersam-se mais e a primeira oportunidade quando se acham que já estão minimamente equilibrados fisicamente, emocionalmente, não é, saltam para fora...

E – E para além da motivação, mais algum sinal que indique que a pessoa irá ter, portanto, que irá completar o programa, que não irá terminar prematuramente?

I – Eu acho que a motivação é mesmo o principal, é o que faz toda a diferença, não é, porque os outros factores, ham, se têm família se não têm família, se têm duplos diagnósticos se não têm duplos diagnósticos, ham, digamos que as diferenças não são tão significativas como a questão da motivação, pelo menos daquilo que nós temos observado.

E – OK. Quão satisfeita está na forma como ajuda os utentes a lutar contra as drogas, numa escala de um a dez na qual dez seria extremamente satisfeita e um seria nada satisfeita?

I – OK, então eu poria um oito, não é, há coisas que, pelas faltas, por falta de condições e a própria estrutura da organização que não permite fazer certos, ou desenvolver certos projectos que seriam positivos, então digamos um oito, oito/nove... que eu acho que ainda é sempre possível fazer mais e melhor.

E – Porque não escolheu o número abaixo?

I – Porque eu estou satisfeita, gosto muito daquilo que faço, acredito que posso ajudar, posso fazer a diferença enquanto técnica e enquanto pessoa, ham, na vida das pessoas que vivem nesta comunidade, e só não pus um número maior porque acredito que é sempre possível fazer melhor.

E – Pessoalmente, como é que tenta fomentar que os utentes concluam o tratamento?

I – Enquanto técnica ou enquanto pessoa? Disse-me pessoalmente, portanto para além do...

E – Pessoalmente, mas enquanto técnica também...

I – Enquanto técnica, pronto, faço acompanhamento, não é, e dependendo das circunstâncias ou da situação do indivíduo, ham, estamos sempre a motivá-los, não é, digamos, a dar injeções, entre aspas, de motivação durante todo o programa, não só através do acompanhamento mas também nas aulas que damos a eles, aproveitamos sempre todas as oportunidades para reforçar o positivo, não é, que estão a viver nesta vida, ham, reforçar o quão bem estão, o quão equilibrado, o quão diferentes estão agora, de forma a motivá-los a querer mais e melhor de uma vida sem drogas, de uma vida mais ajustada, de uma vida mais saudável.

E – O que é que põe de melhor de si na recuperação destas pessoas? Onde vai buscar força para ajudar na luta contra as drogas?

I – Ham... primeiro, procuro acima de tudo eu própria estar em equilíbrio comigo mesma. Eu acho que, quando trabalhamos com uma população tão complicada é muito importante nós mantermos a nossa congruência e a nossa saúde mental, até porque somos, ham, digamos um grupo de risco, não é, a nível dos burn-outs e dos esgotamentos e, ham, por trabalharmos com uma população destas. Então acho que é muito importante nós mantermos a nossa saúde mental, a nossa congruência enquanto pessoas, enquanto profissionais, ham... porque só vai beneficiar os nossos utentes e as pessoas a quem acompanhamos. Por outro lado também é fundamental nós acreditarmos naquilo que fazemos, não é, se nós não acreditamos que é possível mudar, que é possível viver sem drogas, ham, fica difícil acreditar até porque há sempre desistências, há sempre recaídas, não é, então nós temos que balancear bastante esta questão, até que ponto é que nós acreditamos de facto naquilo que fazemos. Isso é fundamental para, lá está, para nos motivar no trabalho que fazemos e não desistir nas primeiras circunstâncias mais adversas. Outro factor que eu também considero importante, ham... na nossa saúde mental, acreditarmos, ham, e claro, na reciclagem, não é? Estarmos sempre informados, procurarmos sempre encontrar meios mais adequados, mais ajustados, ham, não ficarmos, digamos, conformados, não é, com aquilo que temos feito ao longo destes anos todos, em que, não, é preciso estar sempre a investigar, é preciso continuar a estudar, é preciso reciclar, é preciso procurar sempre outras formas de melhorar aquilo que já fazemos.

E – Que papel desempenha, na sua opinião, a espiritualidade na conclusão do vosso programa? Portanto, de que forma é que essas crenças ajudam ou desajudam?

I – Hum-hum. Ham, acho que a questão aqui da espiritualidade, ham, está muito intimamente relacionada com a questão da motivação e com a questão da adopção de um novo estilo de vida mais saudável. É fundamental que, independentemente daquilo que eles crêem, não é, haver um processo de mudança enquanto pessoas. Por um lado, ham, a nível dos valores, a nível dos princípios, porque é isso que vai permear uma vida mais saudável, a adopção de comportamentos e atitudes mais saudáveis, ham, e relacionamentos mais estruturados, ham... e por outro lado a questão da saúde mental, não é, estar minimamente equilibrados, acreditarem que são capazes, terem uma dose “q.b.” de confiança em si, não é, isso é fundamental. Acontece quando, juntamente com este processo natural de mudança que ocorre em cada ser humano quando estão, digamos, reunidas as condições favoráveis a isso, acrescentando o factor fé faz toda a diferença, porque, digamos, é o que dá razão, é o motor para que de facto haja uma mudança de vida, uma mudança nos comportamentos, uma mudança nas atitudes, haja uma mudança, ham, no estilo de vida. Uma mudança no seu carácter e, digamos, um aprimoramento da sua própria personalidade, não é, Deus faz toda a diferença na medida em que, quando eu fizer as coisas vou fazê-las em primeiro lugar porque vou pensar em Deus, não é, e não tanto no que é que as outras pessoas vão pensar ou no que é que eu posso tirar daí vantagem, ham, o que me ajuda, digamos, a controlar os meus impulsos, não é, os meus hábitos e os meus próprios comportamentos.

E – Estava a dizer que é um motor para a mudança...

I – Ah, em relação à questão de terminar o programa, nós damos, digamos, alta clínica quando estão reunidas algumas condições, desde a estabilidade emocional, a possibilidade da autonomia e independência, a possibilidade ou a capacidade de auto-sustento, em termos de trabalho e, obviamente, a questão da mudança dos comportamentos, dos hábitos... e daí o factor que eu há pouco mencionei, que é importante, o factor fé na mudança do estilo de vida, ham, quando as pessoas saem do programa saem com a perspectiva não só do trabalho ou uma casa, mas também sabendo que estão capazes para prevenir a recaída... e prevenir a recaída implica uma série de questões, como por exemplo não voltar a frequentar determinados locais, não relacionar-se com determinadas pessoas, ter um estilo de vida mais saudável, horários, sono, alimentação, enfim, uma série de critérios que com uma fé a regularizar tudo isso, acaba por ser mais fácil adoptar esse estilo de vida mais saudável.

E – Parece que já falámos nisto, mas quais os factores que lhe parecem ser centrais para que uma pessoa conclua com sucesso o tratamento aqui no Desafio Jovem? Portanto, para além da parte de fé, ou mesmo integrando isso...

I – Sim, nós temos vários critérios, não é, para dar a alta, que de alguma forma acho que responde a esta questão. Primeiro, estarem com uma perspectiva positiva face a si próprios, face à sua saúde e face à vida. Hábitos mais saudáveis, comportamentos mais saudáveis, atitudes mais ajustadas à realidade. Segundo lugar, a possibilidade de estarem integrados numa rede afectiva, seja a nível familiar ou a nível da igreja local. Normalmente durante o programa os rapazes e as moças acabam por se integrar numa determinada igreja que vai ser como que a sua rede de suporte quando terminar o programa para se continuar todo o acompanhamento e todo o alimento, não é, espiritual que nós acreditamos que é fundamental ter que existir dia-a-dia na vida das pessoas. Ham, e por outro lado a capacidade de auto-sustento, não é, de ser independente, de ser autónomo, de lutar pela sua própria vida... não só em termos de sustento financeiro e, digamos, das condições físicas, mas também a nível da prevenção da recaída, lá está, ser uma pessoa capaz de resistir a determinadas situações, de ter hábitos mais saudáveis em detrimento de outros hábitos que anteriormente tinha, a tal questão da auto-confiança e da auto-estima equilibrada, de forma a prevenir potenciais factores de recaída.

E – Uma última questão, o que ainda quer melhorar no futuro, na forma como apoia os utentes, para que cada vez haja mais a terem sucesso?

I – Eu acho que a nível técnico ainda precisamos de fazer muitos ajustes, nós somos só três psicólogas para seis comunidades e normalmente nós só damos resposta às situações mais emergentes, mais complicadas, ham, e muitos ficam de fora nesse processo. Obviamente damos sempre um acompanhamento a todos, mas a nível sistemático e regular, acabamos por deixar de fora uns quantos que também beneficiariam, mas ou porque não têm, digamos, situações emocionais mais problemáticas ou não são tão problemáticos a nível de comportamento, acabam por passar um bocadinho despercebidos... não... e então, acredito que há sempre questões, todos eles pela vida que tiveram, pelo estilo de vida que adoptaram, há sempre questões que precisam ser tratadas, não é, e acho que o ideal seria termos um técnico, um psicólogo para cada comunidade terapêutica e dar assim um acompanhamento mais sistemático, estar mais próximo e, e claro tornar mais eficaz o trabalho que fazemos...

Depois também são muitas solicitações, não é, e acabamos por não poder fazer tudo aquilo que gostaríamos de poder fazer.

E – Para além das perguntas que lhe fiz, tem mais alguma coisa que gostasse de acrescentar...?

I – Ham... pronto, só gostaria de dizer que deixar as drogas, não é, não é difícil... o mais complicado é viver longe delas e de facto fazer um programa é apenas o princípio para uma batalha muito grande que vai ser travada ao longo da vida da pessoa, não é, acredito que, com a fé, com a rede de suporte, com hábitos de vida saudáveis, a pessoa é capaz de vencer esta batalha, não é, mas precisa de ajuda de todos, e de todos implica família, implica técnicos, implica rede de saúde, ham, implica relacionamentos afectivos com significado e obviamente a igreja local, que pode dar todo o suporte espiritual e toda a rede de ajuda a estas pessoas.

Entrevista 9 – Conselheiro na Castanheira do Ribatejo

R. C. – Pronto, o meu nome é R. C., sou do Algarve e vivi muitos anos em Lagos. Trabalhei já em várias coisas, na construção civil, trabalhei em várias empresas de construção civil, mas isso não significa que não tenha tido estudos, tenho o décimo segundo ano de contabilidade e gestão, ainda que incompleto, falta uma disciplina, mas pronto, tenho o curso técnico-profissional de contabilidade, ham... ainda que nunca enveredei por esse ramo.

E – Quais é que são as suas funções no Desafio Jovem e há quanto tempo é que está cá?

RC – Eu já estou cá desde 2000, fiz o programa até 2001 e tenho estado a cooperar. Estive um ano e tal a cooperar sem ser conselheiro e agora já sou conselheiro em que acompanho assim o pessoal, a tempo inteiro.

Entrevistadora – E vivia com quem antes de entrar para o Desafio Jovem?

RC – Com a minha mãe. Quer dizer, antes de vir mesmo para cá estava a viver na rua, mas durante períodos de tempo vivi com a minha mãe. Os meus pais são separados e então vivia com a minha mãe, mas depois dava-me na cabeça, pegava na trouxa e ia-me embora lá do Algarve, ia para Lisboa, para Espanha, pronto...

E – Como é que tomou contacto com o Desafio Jovem?

RC – Pronto, foi numa altura mesmo crítica da minha vida, porque... foi uma altura em que... estava mesmo... como eu costumo dizer aqui, naquelas alturas que todos os homens têm que passar quando metem-se assim na vida que... que a gente trabalha, não é? Que é uma altura em que a gente vai perdendo tudo, tudo, tudo e na última... numa das últimas partes já estava mesmo a perder até era o amor à vida e então entrei numa de, pronto, tomava tudo e mais alguma coisa, entrei numa de overdoses e essas histórias todas, e então quando dei conta caí num hospital em coma, ham, fui apanhado em casa e mesmo assim caí para o lado então a minha mãe chamou os bombeiros... acabei por entrar em coma e depois comecei a ser reanimado, estive em coma ainda dois ou três dias e depois quando despertei tive ali uma fase assim complicada no hospital, em que... e depois quando saí falaram-me então do Desafio Jovem, foi um rapaz que eu já conhecia e... “ê pá, tu até não me conheces... já não me conheces, eu sou um homem novo” e tal, “estive no programa”... e foi aí que eu comecei a despertar para isto.

E – E então entrou para o programa para deixar de consumir?

RC – Em parte, em parte... em parte foi para parar o consumo, mas também já estava numa situação mesmo de desespero mesmo em relação à vida... ham... já tinha tentado fazer outras paragens, tinha estado noutro centro em que não funcionou, em que eu fui mesmo com o objectivo por causa da consequência das drogas e tudo o que envolvia isso, o facto de estar sozinho, etc. Nesta entrada no Desafio Jovem era isso, mas já era muito mais do que isso. Já havia um desespero em relação à vida, já nada fazia sentido, a própria droga, tudo, não... já nada fazia significado. Então ao ponto de eu entrar todo baralhado, porque... pronto, porque tinha mais a ver com o conceito de vida do que propriamente a morte da droga.

E – Frequentou os Cafés Convívio antes de...?

RC – Sim.

E – E como começou a frequentar o Café Convívio?

RC – Como? Estava a consumir, à mesma, consumia... estive um tempo lá a frequentar...

E – Mas foram eles que vieram ter consigo, foi o tal amigo que o encaminhou ou...?

RC – Não, esse amigo deu-me assim umas dicas mas pronto, passou assim uma conversa de rua em que ficou aqui um bichinho na... a testificar comigo. Mas no fundo o que fez a diferença foi um amigo que eu tinha, mesmo da velha vida, que estava no programa na altura que depois não sei bem como, mas a mãe dele falou com a minha mãe, disse “olha o A. perguntou por ti, disse que era fixe tu ires e tal, o que é que tu achas?”, “ele está bem...”. E o facto de eu ouvir falar alguém que eu conhecia... o outro rapaz foi importante, mas ele como estava no programa em si despertou em mim um interesse... “pá, se ele está bem, eu estou assim, deixa-me lá ir...”. Depois eu vou então ao Café Convívio. Ainda que depois houve uma paragem. Houve uma paragem porque eu andava a consumir, etc., e depois como comecei a ir ao Café Convívio a minha vida, naturalmente, a minha família começou-me a apoiar um bocadinho mais, arranjei um trabalhinho, recebi um dinheiro e tal, mas depois quando vi o dinheiro e vi algum apoio, durante um tempo esqueci-me das minhas verdadeiras necessidades, não é? Depois tive que dar outra cabeçada enorme, passado aí um mês e tal... depois quando voltei a frequentar o Café Convívio aí é que ia mesmo já... cheguei a ir a ressacar, mesmo à igreja e tudo, e até levantar a mão quando era para receber Jesus e... eu...

E – Quanto tempo frequentou o Café Convívio?

RC – Aí cerca de três meses, três meses e meio. Na altura era assim, agora a entrada está mais facilitada.

E – Isso foi há quanto tempo atrás, se não é indiscrição?

RC – Foi há oito anos.

E – E o que é que o ajudou mais para completar o programa?

RC – Oh pá, foi eu começar a sonhar, acima de tudo. Foi as pessoas começarem a acreditar e eu perceber que Deus ainda com... tinha eu mais ou menos uns seis meses de programa... cinco, seis meses... ham... a partir dos três meses e meio, quatro meses eu já começava, eu entreguei mesmo a minha vida a Deus. Tive mesmo um encontro com Deus, ao ponto de eu

começar, ham... quando o director ia eu ia sempre às igrejas começava a dar testemunho, etc., e aí por volta dos cinco meses, seis meses, começou a crescer um desejo, um sonho de servir a Deus, de ser uma bênção, de ter projectos, de ter família, de vir a ter... ham... construir família, ter um filho... pronto eu idealizava isso tudo e isso era mais forte do que tudo aquilo que estava a acontecer e levou-me a superar todas as outras coisas. Eu creio que foi por aí, o facto de ter caminho para olhar.

E – O que é que faz, na sua opinião, com que os utentes do Desafio Jovem não desistam prematuramente?

RC – Oh pá... eu sou uma pessoa espiritual, não é, e eu creio que a presença de Deus, a presença de alguém que serve a Deus é muito importante numa altura específica... mas ela deve promover acima de tudo um mover de Deus, ham... e aquilo que não a faz desistir acima de tudo tem tudo a ver com... em primeiro lugar uma aceitação a nível... assim físico, de alguém que lhe dá atenção, que promove, que acredita, que está perto, mas... isso vale o que vale, mas se isso não... em última análise não desbocar e não acabar num mover de Deus e promovermos a manifestação de Deus, será um... a primeira parte vale o que vale e não fará qualquer diferença. Porque... eu já trabalho aqui há algum tempo, tenho visto pessoal a abandonar o programa... e alguns Deus até encontraram e acreditam e amam-nos e percebem o valor que a gente lhes deu na vida e fizemos aquilo que mais ninguém fez... mas se ficar somente por aí, depois a outra parte de promover a presença e a manifestação de Deus será... um trabalho incompleto, não é? Mas acima de tudo eu creio que o pessoal... vence ou não vence, tem tudo a ver também com um trabalho de Deus na vida deles. Nós somos meros participantes do reino Dele.

E – Que sinais, se algum, considera indicar que um utente tem maior ou menor probabilidade de ter sucesso com o programa?

RC – Eu penso que há, ainda que isso é sempre um pouco relativo... ham, nem sempre... claro que há indicadores que revelam uma boa atitude, como a gente costuma dizer, mas no fundo, ham... muitas vezes, como a Palavra de Deus diz, Deus pega nas coisas loucas e nas coisas desprezíveis para confundir as sábias, e o nosso trabalho também é um pouco assim. Muitas das vezes parece que aparentemente o utente está a andar e as coisas estão a acontecer e depois de um momento para o outro percebe-se que afinal, não era bem assim. Para o outro

lado, aqueles que muitas vezes começam gradualmente e aparentemente também não dão muito valor, a verdade é que de repente as coisas mudam e acontecem. Mas acima de tudo, como eu dizia numa das perguntas anteriores, aquilo que eu tenho percebido que a Palavra de Deus ensina é que... e tem feito toda a diferença, é que quando nós somos transparentes e verdadeiros. Transparentes ao ponto de mostrarmos tudo aquilo que somos e verdadeiros ao ponto de... porque a Bíblia diz que é a verdade que nos liberta, não é, e o facto de quando a gente ditamos a verdade, a verdade é que as coisas acontecem. Quer estejam bem, quer estejam mal, quer aconteça, esteja alguma coisa ou não esteja, mas se eu não tenho e digo que não tenho, é o suficiente para a minha vida começar a andar para a frente, não é? E essa transparência e essa verdade, sempre que nós vemos, por exemplo, um rapaz aqui há pouco tempo diz-me assim “olha, pá eu não entendo, e preciso de algumas respostas para entender e para perceber e se...”. Eu a mim, particularmente, não me faz confusão quando uma pessoa diz que não compreende e não entende esta área espiritual e o programa e algumas coisas... eu fico feliz, porque eu vejo uma verdade que vem lá de dentro e que expressa um desejo de fazer uma coisa como deve ser... é esta verdade que revela um progresso, e as coisas já aconteceram, porque doutra maneira, se eu tenho coisas... eu posso fazer tipo uma capa, uma máscara e digo só aquilo que convém dizer e fazer, e também posso estar aqui um tempo... normalmente essa malta fica sempre pelo caminho. Aqueles que... que se expressam assim... às vezes até mesmo à bruta, assim sem sabedoria nenhuma, mas que são genuínos, verdadeiros, honestos, percebes? São aqueles que no fim... são difíceis de vencer, mas que depois quando acontece, acontece.

E – Quão satisfeito está na forma como ajuda os utentes a lutarem contra as drogas? Isto, portanto numa escala de um a dez em que um seria nada e dez seria mesmo o máximo possível?

RC – Oh pá, estaria, no meio, não é? Estaria no meio no sentido de... pá, tudo aquilo que eu faço, pela graça de Deus estou muito feliz e Deus deu-me capacidade e pouco a pouco tenho percebido que sou um homem melhor a nível pessoal e naquilo que eu exerço e faço... fico muito feliz por muitas vezes desafiar o pessoal e depois ver que de facto eles entendem e entregam-se a Deus e ficam até surpreendidos e dizem “ê pá, tu no outro dia disseste-me isso e depois vim a, e aconteceu, é...”, eu ver-me usado é muito fixe. Agora, para mim, pessoalmente, como homem e no meu carácter é quando vejo alguém ir embora... eu pergunto-me sempre o que é que não fiz que devia fazer ou o que é fiz que não devia ter

feito... eu sempre me questiono a mim e sempre tento, numa de me melhorar e de perceber o que é que eu posso fazer... e aí estou muito aquém, não é, e dou um exemplo... foi um exemplo que Jesus Cristo nos deixou, não é? Jamais virei a atingir, mas no fundo percebo claramente que ainda tenho muito para aprender e sempre que há um único homem que não consegue encontrar essa verdade que a mim me libertou, eu ponho em causa aquilo que... que estou a fazer no sentido de vir a melhorar isso.

E – Então e como é que pessoalmente tenta fomentar a que os utentes concluam o tratamento?

RC – Oh pá, acima de tudo, através de... usando os princípios da Palavra de Deus e levando-os a acreditar e a sonhar. Como? Acima de tudo por aquilo que, pelo meu testemunho pessoal. Penso que a maior riqueza que a gente pode ter e que estes homens andam à procura tem tudo a ver com... não com palavras, prontos, mas eles precisam de vida e a melhor vida que a gente pode dar é a experiência que a gente já teve. E é acima de tudo fazê-los acreditar através de uma coisa que eles podem, conseguem ver, não palavras vãs... percebes, nem vãs nem vagas, no sentido de dizer “ah, é possível”, eles olharem e dizerem assim, “espera aí mas onde é que isso está?”, “quem é que já viveu isso?”. Penso que isso é uma das mais valias que a gente pode ter no sentido de lhes dar, fazê-los acreditar e sonhar mas perceber que isso pode ser prático e verdadeiro.

E – O que põe de melhor de si mesmo na recuperação destas pessoas?

RC – Oh pá, eu tento... como estava-te a dizer antes, tento naquilo que lhes tento incutir e transmitir, eu ser a primeira pessoa a viver isso. Porque para lhes mostrar, na prática, aquilo que é o cristianismo. Não uma religião, não algo que é bonito, que faz sentido, que é diferente daquilo que eles viviam, mas acima de tudo uma prática, alguma coisa que eles podem viver apesar de tudo aquilo que aconteceu antes... que eles verem-se, através de mim, a fazer.

E – Então e onde vai buscar forças para ajudar nesta luta contra as drogas?

RC – Olha, nem sei muito bem onde é que eu vou buscar, mas eu acho que... houve uma altura no programa que Deus disse-me que Ele queria-me usar. Que aquilo que eu tinha experimentado era... eu seria egoísta se eu ficasse somente com tudo isto para mim. Que eu devia pôr a minha vida, expor a minha vida de forma a que os outros pudessem acreditar e

sonhar... e no fundo fazer na minha vida que ela tivesse sentido, não é? E entre eu ficar com tudo aquilo que aconteceu, e ir usufruir, e finalmente ter a minha vida e orientar-me e etc., eu optei por essa verdade que Deus me tocou no coração de, no fundo fazer com que outros que vão começar agora como eu comecei um dia, outros que estão a sofrer na rua como eu já sofri um dia, outros que estão a tentar como eu já tentei um dia, fazer todos esses grupos, fazê-los acreditar que é possível viver depois de tudo isso.

E – Na sua opinião que papel desempenha a espiritualidade na conclusão do vosso programa? Portanto, de que forma específica é que acha que a espiritualidade faça com que eles não desistam?

RC – Ham, eu creio que essa área espiritual, quando ela é colocada de parte ou em segundo plano, ham... como eu dizia numas perguntas anteriores, eu creio que se nós descurarmos essa área espiritual estaremos muito aquém como homens que somos. Somos um homem, somos um corpo, uma alma e um espírito e da mesma maneira que precisamos de alimentar o nosso corpo, precisamos alimentar a nossa alma e também precisamos alimentar o nosso espírito. E... e a parte espiritual, como seres completos que nós somos, se ela não for alimentada e se ela não for trabalhada, ela... nós como homens também ficaremos sempre aquém, não é? E, agora, esse papel faz toda a diferença no nosso programa, porque nós somos... e por mais bom que o nosso programa seja ou por mais empenhados que nós possamos ser a nível de cuidado, a nível de amizade, a nível de aconselhamentos, podemos fazer tudo mas estaremos sempre limitados, como homens que somos. E é por isso que promovemos a presença de Deus e essa área espiritual. No meu entender, quando eu falo disto e promovo isto na vida de um homem, é eu no fundo colocar os seus olhos em Deus e não em mim, porque se ele ficar somente em mim vai ficar tão limitado como eu sou, se colocar os olhos em Deus ele vai contar para Deus todos os dias da vida dele... e quando digo... na sua eternidade, porque nós também promovemos isso, que a vida é muito mais do que este espaço, mas... um dia a nossa vida aqui irá terminar e nós iremos continuar no céu ou no inferno, e assim sucessivamente. A presença de Deus, a área espiritual, ela faz toda a diferença porque leva-nos para um patamar acima de nós mesmos e nós como homens precisamos disso.

E – Quais são os factores que lhe parecem ser centrais para que uma pessoa conclua com sucesso o tratamento aqui no Desafio Jovem?

RC – Um encontro com Deus é fundamental. Ele também reconhecer e resolver o seu passado, nós também promovemos isso e na minha opinião acho que é muito importante, ham... curar e sarar tudo aquilo que aconteceu anteriormente a nível de sentimentos, falta de perdão, situações por resolver, é muito, muito, muito importante, é fundamental, depois têm esse tal encontro com Deus tem que acontecer. Depois também é muito importante a fase reinserção, não é? Porque a fase de reinserção também é fundamental porque será o sítio para onde o pessoal à partida irá, novamente, irá se expor, ganhar novas amizades... nós também, fundamental é também o trabalho da igreja local, como estávamos a falar há pouco, do pessoal que antes teve a cuidar e foi eles que tiveram o primeiro contacto. Em última análise o Desafio Jovem um dia sairá da vida deles e será a igreja local e esses amigos que um dia tiveram o primeiro contacto com eles e fizeram-nos acreditar, serão eles, eles serão novamente devolvidos à igreja local e o pastor local irá trabalhar com eles e eles irão ali, sim, fomentar o cristianismo e a reinserção deve ser feita juntamente com essa igreja local. Para nós é fundamental. Os resultados que a gente temos visto em pessoal que está bem foi pessoal que teve uma boa integração na igreja local, com o pessoal do Café Convívio e a se tornarem participantes de alguma coisa que faça sentido.

E – OK, e o que é que lhe faz dar valor ao seu presente?

RC – O que me faz é perceber acima de tudo que... donde vim e quem sou hoje, não é? Porque nunca me esqueço de onde estava antes de ter tido esta oportunidade para recomeçar e isso para mim é tudo, não é? É perceber que... é acima de tudo isso, saber de onde vim e que já estive mesmo muito mal e a gratidão que tenho por aquilo que... por esta oportunidade de Deus e de algumas pessoas.

E – O que é que lhe dá esperança num futuro bom?

RC – O que me dá esperança...?

E – Num futuro bom?

RC – O que me dá esperança é a certeza e a convicção que eu tenho que tive uma experiência para além de mim mesmo. A certeza de que... que não tinha antes. Antes eu estava por minha conta, agora percebi claramente que... aquilo que me dá a certeza de um amanhã é a presença

de Deus, é a certeza que... a presença de Deus e a presença de algumas pessoas muito especiais que me levam a acreditar num amanhã... inclusiva, ham... hoje tenho a minha família construída, tenho sonhos, tenho projectos e isso leva-me a acreditar que de facto o amanhã é possível.

E – Se lhe fosses concedidos três desejos o que pedia para o futuro do Desafio Jovem, de todos os que cá estão e de todos os que ainda cá irão passar?

RC – Do Desafio Jovem, dos que cá estão, mas a trabalhar ou no programa?

E – Todas as pessoas que fazem parte, portanto, que vêm cá e todas que ainda cá irão passar... portanto, tendo três desejos o que pedia?

RC – Oh pá, eu pedia que, acima de tudo, que aquilo que são as convicções desta casa, que é... é uma casa que promove a presença de Deus e a vida de Deus naqueles que passam por aqui... ham... eu pediria acima de tudo cada vez mais ousadia e unção de Deus para que isto pudesse ser uma realidade, não é? Uma realidade para todos aqueles que precisem, não é, e... o ideal seria que não precisassem, mas já que precisam, que eles encontrem aqui, de facto uma porta... a porta do céu, não é, a porta... quando digo a porta do céu é a porta que outrora na vida nunca conseguiram, ainda não conseguiram abrir... isto aqui, que essa porta se abra e os sonhos aconteçam e as coisas aconteçam... ham, no fundo aquilo que pediria é aquilo que eu tenho visto a acontecer na minha vida e que vejo acontecer na vida de alguns homens. Infelizmente não acontece na de todos, mas o coração da instituição, o coração das pessoas que aqui trabalham, o coração desta instituição e daquilo que a gente promove tem tudo a ver com isso, com aquilo que pessoas que venham à procura, que precisam de uma saída e que... e que a encontram. Basicamente seria isso que eu desejo, não é, porque... acima de tudo continue a fazer a diferença. Porque, como uma pessoa que entrou, já viveu... e hoje em dia oferece-se tanta coisa, mas eu acho que nem todas servem.

E – O que ainda quer melhorar no futuro na forma como apoia os utentes para que cada vez haja mais a terem sucesso?

RC – Eu creio que quanto mais perto a gente está de Deus... temos mesmo que falar de Deus porque isto é um programa espiritual e eu creio que qualquer servo de Deus quanto mais

perto está de Deus melhor faz o seu trabalho. É tudo uma questão de presença de Deus, ham... porque aquilo que faz toda a diferença, e eu sublinho isto outra vez, não tem nada a ver comigo, posso já ser um servo de Deus há algum tempo, isso não significa... aquilo que faz a diferença é uma presença de Deus na minha vida e o Espírito de Deus a trabalhar sobre aquilo que eu digo. O Espírito de Deus é que convence, é que coloca os níveis e as fases da vida, as crises, as situações... Deus é Deus. Nós somos meros servos, estamos aqui disponíveis e aquilo que me leva a responder a essa pergunta é somente isto, eu preciso de me chegar mais perto de Deus, mais perto da sua voz, mais disponível para saber o que dizer, como fazer, mas isso tem tudo a ver com... uma presença não é? Agora eu, a minha parte, o que eu posso fazer é somente isso, não é, estar disponível. Preciso de chegar mais perto para ficar mais esclarecido, porque de resto nós somos o quê? Somos... nós somos nada... somos o que Deus queira fazer de nós. Se não for Ele...

E – Então e para além das respostas que deu às questões que lhe coloquei, deseja acrescentar mais algumas coisa?

RC – Oh pá, posso dizer-te que acima de tudo, nesta questão de ganhar vidas e de sair da toxicodependência, pela experiência que eu tive, eu acredito que há um momento chave na nossa vida, por mais que haja investimento e haja todo o apoio, eu creio mesmo que há um tempo... nós temos que viver um tempo mesmo, ham... esse tempo, juntamente com a abordagem de uma pessoa, em conjunto, faz toda a diferença. Porque se não for o tempo certo ainda, por mais apoios que tu possas ter, podes dar tudo, dar até o que tens e o que não tens e não fará diferença nenhuma. Para o outro lado, se for o tempo certo e te faltar este apoio, também não resulta. Porque há um tempo certo e às vezes a pessoa tem que ir mesmo lá ao fundo, tem que ir mesmo à rua, tem que mesmo perder tudo, depois juntamente ao apoio e a pessoas de Deus, e etc. e à presença, isso fará toda a diferença. Percebes onde é que eu quero chegar? A junção entre o tempo e o apoio é fundamental. Muitas vezes a gente não quer deixar que a pessoa vá sofrer ou vá para a rua, mas ela vai ter mesmo que sofrer... ela vai ter mesmo que gastar as últimas energias, ham, chegar mesmo até ao fim... por mais que isto doa, a gente tem visto homens aí que... “então vais para onde? Vou para a rua”... “então mas porquê? Então como é que tu... ê pá anda para aqui”, mas é a nossa força, é o nosso empenho e ele é uma questão de tempo. Não vai agora, vai daqui a um mês, vai daqui a dois meses, porque ele tem que chegar... aquela noção... aquele trabalho da vida sobre a pessoa, que a vida tem que ensinar e tem que mostrar que de facto aquilo é uma porcaria. Tem

mesmo que ser a vida a mostrar, e a gente temos que estar disponíveis para perceber esses momentos da vida nas pessoas. Quando ela percebe que está no momento certo então a gente deve ir e apresentar Jesus Cristo e a vida, e a alternativa é dizer que é possível sair daí para fora. Mas há um momento chave. Nem sempre ele está sempre disponível, e nós temos que ter essa percepção. É por isso que eu desejo para o pessoal do Café Convívio... olha que acreditem sempre, porque há aí muitos homens que estão à espera do momento de Deus e a gente pode levar essa presença.

Glossário

A Palavra – Ver Palavra de Deus.

ABLA – Associação de Beneficência Luso-Alemã.

Ácidos – Substância sintética psicodisléptica.

Alucinogénicos – Ver ácidos.

Aluno – Referência a um utente do Desafio Jovem.

Alter – Referência à comunidade terapêutica do Desafio Jovem de Alter do Chão.

Batismo – Relativamente às drogas, a primeira vez que se consome determinada droga.

Batismo no Espírito Santo – Segundo as palavras de Jesus Cristo, quando ressuscitou e subiu ao céu Jesus enviou o Espírito Santo para habitar em todos os que Nele crêem e direccioná-los ao longo da sua vida, servindo de elo entre Deus/Jesus Cristo e os homens (ver Espírito de Deus). O batismo é reconhecido como o acto de receber essa dádiva de Deus, que se faz acompanhar de determinados dons como a variedade de línguas, a sabedoria, etc. (Sociedade Bíblica de Portugal, 1968, Actos 2:1-6, 16-18, 1 Coríntios 12:4-11).

Branca – Cocaína.

Café Convívio – Centros de atendimento a toxicodependentes e a famílias, que colaboram com o Desafio Jovem.

CAT – Centro de Atendimento a Toxicodependentes do SPTT.

CCVA – Centro Cristão Vida Abundante.

Charro – Cigarro de cannabis.

Cheirar – Forma de consumir determinadas drogas em pó, aspirando-as pelo nariz.

CRC – Centro de Renovação Cristã.

Dar na fruta – Consumir, injectar.

Dar sopa nalguma coisa – Não ligar/não dar importância a alguma coisa.

Dar testemunho – Partilhar a experiência vivida e pessoal com Deus, testemunhando perante uma assistência, incentivando os outros a confiar Nele e agradecendo-Lhe pelo seu amor e por ser um Deus presente mesmo no meio das adversidades e apesar das circunstâncias.

Dar uma chinesa – Fumar heroína.

Discipulado – Ministério do corpo de Cristo, onde todos os membros da igreja estão de alguma forma envolvidos com o objectivo de crescerem à semelhança de Cristo, com o propósito final de glorificar a Deus (Dias, s.d., Discipulado – o que é isso?)

Domus Fraternitas – Referência à comunidade terapêutica de S. Francisco, em Braga.

Ecstasy – Comprimido geralmente composto por MDMA (metileno-dioxi-metanfetamina), uma droga sintética com efeitos psicoanalépticos que também altera o estado sensorial, muito consumido por jovens em discotecas e ambientes de música de dança.

Escola Dominical – Ministério desenvolvido nas igrejas evangélicas dedicado ao culto das crianças.

Espírito de Deus – Espírito Santo, o que na Bíblia se descreve como o Consolador, que desde que Jesus ressuscitou serve de elo entre Deus/Jesus Cristo e os homens, até ao regresso de Jesus Cristo.

Espírito Santo – Ver Espírito de Deus.

Fanhões – Referência ao centro de Fanhões do Desafio Jovem, que até há pouco tempo funcionava como comunidade terapêutica e que inicialmente era a única comunidade terapêutica do Desafio Jovem em Portugal. Actualmente, esta Fanhões representa o centro de reinserção social e a sede da instituição.

Fazer um caldo – Preparar a droga (heroína, cocaína, etc.) para a injectar, desde a sua dissolução à sua introdução na seringa.

Flash – Sensação ou “viagem” provocada pelos efeitos psicoactivos do consumo de diversas drogas.

IDT – Instituto da Droga e da Toxicodependência.

Joaquim Urbano – Referência ao Hospital Joaquim Urbano, no Porto.

Mandar um caldo – Injectar-se.

Mandar um chuto – Ver Mandar um caldo.

Mandrax – Comprimidos que contêm Metaqualona, principalmente consumidos na África do Sul. Esta substância tem um efeito sedativo semelhante ao dos barbitúricos, podendo ser categorizada como psicoléptica ou depressora do SNC.

Marques da Silva – Referência a um Café Convívio em Lisboa, cuja morada é na rua Marques da Silva, perto dos Anjos.

Operação Josué – Grupo evangelístico do Desafio Jovem que trabalha em prisões, hospitais, bairros degradados e de risco, e na rua em geral.

Orar – Falar com Deus.

Padrinho – Um consumidor mais experiente que baptiza outro numa determinada droga.

Palavra de Deus – A Bíblia.

Patriache – Referência à Associação Le Patriache.

Pinto Coelho – Referência à clínica Dr. Manuel Pinto Coelho.

Pregar – Ensinar a Bíblia perante uma assistência.

Remar – Referência à Associação Remar Portuguesa.

Rohypnol – Comprimido que contém Flunitrazepam, uma benzodiazepina com efeitos hipnóticos e anestéticos. É de se destacar um trabalho português recente que foca esta substância e se encontra disponível através do URL “www.ff.up.pt/toxicologia/monografias/ano0708/g2rohypnol/index.html”.

Salvaterra – Referência à comunidade terapêutica do Desafio Jovem de Salvaterra de Magos.

Somnium – Comprimido que contém Lorazepam, uma benzodiazepina de duração de acção curta/média com efeitos essencialmente ansiolíticos, cujo potencial aditivo é elevado.

Speeds – Droga psicoanaléptica.

SPTT – Serviço de Prevenção e Tratamento da Toxicodependência, a cargo do IDT.

Subutex – Medicamento agonista/antagonista há base de buprenorfina utilizado para realizar a desabituação física de dependentes de heroína em programas de substituição opiácea.

Taipas – Referência à CAT das Taipas.

Anexo G - Análise de conteúdo

Nota: As análises de conteúdo das entrevistas foram realizadas através da leitura repetida das mesmas, grupo a grupo, e da elaboração de tabelas que resumem as informações contidas nas respostas dadas pelos entrevistados a cada questão colocada. Nem todas as tabelas que se apresentam de seguida correspondem a uma única questão, porque, por motivos de conveniência para a apresentação dos dados, algumas tabelas englobam informações referentes a mais do que uma pergunta. Também se salienta que, por vezes, no decorrer das entrevistas, os entrevistados mencionaram temas relacionados com as questões colocadas quando discorriam sobre outro assunto, uma vez que as questões colocadas eram abertas e que, de alguma forma, as respostas se sobrepõem umas às outras. Nestes casos, as informações foram recolhidas e são apresentadas nos quadros que se referem às questões que se colocaram.

Anexo G1 – Amostra de Actuais Utentes

Tabela 7
Apresentação geral (actuais utentes)

	F.	J. E.	A. M.
Idade	35	36	54
Sexo	Masc.	Masc.	Masc.
Habilitações Literárias	-	7º ano	9º ano
Onde e com quem vivia antes de ingressar no DJ	Só, sem-abrigo, Grande Porto	Só, casa própria, Grande Lisboa	Só, casa própria, Margem Sul
Situação Profissional antes de entrar para o DJ	Desempregado	Empresário/Jardineiro	Marinheiro, recentemente desempregado

Ao avaliar a demografia dos três participantes do grupo dos actuais utentes (Tabela 7) sobressai que têm uma média de idades de 42 anos, tendo passado uma média de 8 meses no programa do Desafio Jovem. Todos são do sexo masculino e habitavam sozinhos antes de entrarem para o programa. Depreende-se das entrevistas que, enquanto o nível de vida de um dos entrevistados era muito baixo (era sem-abrigo e encontrava-se desempregado), o dos outros dois participantes aparenta ter sido médio/alto (um era empresário e o outro até pouco tempo antes de ter dado entrada para o Desafio Jovem era marinheiro em cruzeiros turísticos, esperando-se que auferissem um salário elevado). Em média, os inquiridos completaram o 8º ano de escolaridade, mas é provável que este valor diminuísse caso se tivesse informação referente ao nível de escolaridade do primeiro participante.

Tabela 8
Passado de consumos (actuais utentes)

	F.	J. E.	A. M.
Heroína	X	-	X
Cocaína	-	X	-
Tempo que consumiu	± 14 anos	± 12 anos	-
Experimentou outras drogas?	Sim	Sim	Sim

A nível da história de consumos (ver Tabela 8), dois entrevistados indicaram que a droga principal, que motivou e precipitou o pedido de tratamento, foi a heroína, enquanto o outro indicou a cocaína. Estes resultados correspondem, de certa forma, aos dados apresentados pelo Instituto da Droga e da Toxicodependência (2007a), que indicam que a heroína surge como principal droga associada aos pedidos de tratamento, seguida pela cocaína. Em média, os participantes consumiram essas drogas durante 13 anos, apesar de que faltam dados para um dos inquiridos (para o qual o tempo de consumo seria, muito provavelmente, maior). Todos os inquiridos consumiram também outros tipos de drogas.

Tabela 9
Consequências positivas e negativas dos consumos (actuais utentes)

	Categorias	Frequência
Consequências	Contracção de doenças	n = 2
	Desemprego	n = 1
	Dívidas	n = 1
	Perda de valores	n = 1
	Praticar actos criminosos	n = 1
	Solidão	n = 3
Aprendizagem	Espiritual	n = 2
	Prazer momentâneo	n = 1

A Tabela 9 apresenta os dados relacionados com as respostas dos utentes às questões “Quais as maiores complicações na sua vida que pensa terem sido fruto dos seus consumos?” e “O que considera ter aprendido na sua experiência de consumo de drogas?”. Os três participantes indicaram a solidão como uma consequência negativa do consumo de drogas, e dois também indicaram a contracção de doenças. Para além destas consequências, um participante indicou a perda de valores e a prática de actos criminosos, e ainda outro falou do desemprego e de ter contraído dívidas. Em relação à aprendizagem que os indivíduos consideram ter extraído da experiência de consumo, dois dos três inquiridos consideram que

serviu para crescer espiritualmente, enquanto o outro refere somente o prazer momentâneo, referindo ainda que não considera haver nada de positivo no seu passado de drogas:

“Positivo... se calhar... estou a começar a ver o amor que Deus tem por nós, porque eu acho que é mesmo uma coisa sem palavras... é difícil de explicar, o amor que Deus tem mesmo por nós... depois de tudo o que eu fiz, dificilmente... só Deus mesmo para perdoar e para nos dar uma oportunidade desta maneira, porque, não sei, é difícil de perdoar e eu não sei se conseguiria. Por muito forte que estivesse espiritualmente, por muito que... eu não sei se conseguiria perdoar a alguém o mal que eu mesmo fiz... ou seja, tudo o que eu fiz, à família, às pessoas de fora, a todas as pessoas... ham... é complicado. Daí vê-se o amor de Deus por nós, por nós todos”.

Entrevista 1, p. 61, Anexo F;

“eu não vou dizer que na altura não fosse bom, eu tirei partido disso não é, (...) e na altura deu-me gozo e (...) situações que, não é que eu não vá esquecer, mas deu-me situações que eu sei que foram boas... (...) agora, revendo essa fase toda da minha vida (...) reconheço que (...) aquilo no fundo não passou tudo de uma ilusão, não é, foi um perder de tempo, possivelmente”.

Entrevista 3, pp 84-85, Anexo F.

Tabela 10
Experiências prévias de tratamento (actuais utentes)

	Categoria	Frequência
Outros programas frequentados	Desabituação física	n = 1
	Domus Fraternitas	n = 1
Razões para o fracasso	Coerção	n = 1

Como se pode ver através da Tabela 10, dois dos utentes estiveram em outro tratamento antes do Desafio Jovem, dos quais um indica que a coerção e a falta de motivação própria foram as razões deste falhar:

“é assim, conforme estava eu estava um grupo de jovens também, todos obrigatoriamente. Ninguém estava ali de livre vontade, (...) foi-nos imposto. “Ou vais para ali ou vais para a cadeia” (...) optei por lá ir, eu e mais um grupo (...) existia regras, mas praticamente a gente é que fazia as regras e andávamos com aquilo à nossa maneira. Aprendi algumas coisas, não vou dizer que não, mas (...) se não formos a fazer as coisas pela nossa iniciativa de querermos mudar... é complicado. Temos que cair na realidade e dizer ‘pá, estou farto disto, ainda quero ter uma vida nova’...”.

Entrevista 1, p. 62, Anexo F.

Tabela 11***Razões para adesão ao programa (actuais utentes)***

	Categoria	Frequência
Factores que influenciaram a adesão	Cansaço acumulado e desejo de ter uma vida diferente	n = 3
	Decisão do próprio	n = 1
	Espiritualidade	n = 1
	Incentivo familiar	n = 2
Preparação para a adesão	Frequência de Café Convívio	Sim n = 1
		Não n = 2

Os dados relacionados com as respostas dos utentes dadas às questões “Porque entrou para o Desafio Jovem?”; “Como começou a frequentar os Cafés Convívio?” e “Quanto tempo frequentou os Cafés Convívio?” são apresentados na Tabela 11.

Relativamente às razões apontadas para terem aderido ao programa todos indicaram ter sentido cansaço relativamente à vida que levavam e desejo de uma vida diferente, o que confirma a ideia de que uma das principais razões que leva os toxicodependentes a deixar de consumir é a acumulação de consequências negativas relacionadas com os consumos (Laudet et al., 2006; Laudet & White, 2008). Contudo, apenas um dos inquiridos indicou explicitamente este motivo, em resposta a esta questão, demonstrando uma motivação introjectada ou identificada para mudar. Nas palavras de F.:

“perdi muitos anos, uma vida que “se pudesse voltar atrás”, como se costuma dizer... o passado não se pode mudar, mas o futuro posso. Então é isso que tenho tentado desde que conheci o Desafio Jovem e Deus, e é isso que eu tenho estado a tentar fazer na minha vida, tentar mudar o meu presente e o meu futuro.”

Entrevista 1, pág. 56, Anexo F.

Para além disto, um entrevistado indica que aderiu por decisão própria, enquanto os outros dois mencionaram terem tido incentivo familiar para aderir. Destes, um indicou que desejou entrar para o Desafio Jovem por motivos espirituais, visto que já tinha crenças espirituais antes de ter aderido ao programa:

“antes de entrar para o Desafio Jovem, eu já conhecia Jesus até antes de entrar para o Desafio Jovem, eu fui criado na Escola Dominical (...). Ham... graças a Deus eu tenho uma família cristã, que muitas das vezes me dizia, ‘J., entrega a tua vida a Deus, entrega a tua vida’”.

Entrevista 2, pp. 69-70, Anexo F.

Este indivíduo já era crente, e apesar de que os outros demonstram terem tido dúvidas antes de entrar, todos demonstram terem aceite e incorporado a filosofia/crenças espirituais/religiosas da intuição.

Todos estes factores parecem relacionar-se com a motivação para a mudança ou para o tratamento. A Tabela 11 indica também que apenas um participante frequentou o Café Convívio antes de entrar, enquanto, dos outros dois, um nunca frequentou e o outro apenas frequentou um Café Convívio quatro anos antes de entrar.

Tabela 12

Factores relacionados com a permanência no programa (actuais utentes)

	Categorias	Frequência
Fontes de força	Apoio social/familiar	n = 2
	Espiritualidade	n = 3
	Modelagem/aprendizagem vicariante	n = 1
Factores que apoiam a permanência no programa	Apoio social/familiar	n = 1
	Espiritualidade	n = 3
	Não querer voltar a consumir	n = 2
	Ter o propósito de concluir	n = 2
	Ver progresso e querer mais	n = 1
Factores que dificultam a permanência no programa	Intensidade relacional	n = 1
	Rotina e regras do centro	n = 1

A Tabela 12 refere-se aos dados extraídos das respostas dos participantes às questões “Onde vai buscar forças para ganhar esta luta contra as drogas?” e “O que está a ajudar mais para conseguir seguir o programa?”. Os três inquiridos referiram a espiritualidade como uma fonte de força e, de forma relacionada, também foram referidos o apoio social e familiar, os relacionamentos e a aprendizagem (vicariante) que extraíram de testemunhos de outras pessoas com as quais se identificaram em condições semelhantes. Pode extrair-se que a espiritualidade e a sua relação com o apoio social são fortes fontes de força para lutar contra as drogas.

“eu encontro forças em Deus... e refugio-me aí...”

Entrevista 3, p. 86, Anexo F;

“o pessoal que aqui trabalha, esta família que tem sido mesmo qualquer coisa de extraordinário para mim. Tem sido mesmo, mesmo (...) tem sido mesmo qualquer coisa que me tem tocado muito, que me tem ajudado a eu abrir o meu coração e a renová-lo e restaurá-lo... era o que eu precisava”

Entrevista 1, p. 62, Anexo F;

“os testemunhos a mim dão-me uma força muita grande, para ser sincero, dão-me muita força os testemunhos. Quando eu vejo que as pessoas realmente aconteceu algo de diferente nas vidas deles e algo mudou, e é isso que me incentiva a continuar e é isso que me dá forças para continuar... é uma das razões que me dá, a mim pelo menos é, porque me dá grande força para continuar”

Entrevista 3, p. 87, Anexo F.

No que diz respeito ao que mais tem ajudado a que permaneçam no programa, todos os utentes referiram a espiritualidade e dois indicaram o desejo de não voltar a consumir (provavelmente devido às consequências do consumo; motivação introjectada ou identificada). Outros factores apontados foram o apoio social/familiar, ver progresso e desejar mais e, também, ter o propósito/vontade de concluir o programa. Como dificuldades a ultrapassar, um utente apontou a intensidade relacional e as regras e rotina do centro.

Tabela 13
Objectivos (actuais utentes)

	Categoria	Frequência
Objectivos prévios	Crescer espiritualmente	n = 1
	Somente deixar as drogas	n = 2
Objectivos actuais	Ajudar os outros	n = 1
	Continuar a acreditar em Deus	n = 1
	Melhorar o seu carácter	n = 1
	Servir a Deus	n = 1
	Ser músico	n = 1
	Trabalhar no Desafio Jovem	n = 1

A Tabela 13 resume as respostas dos utentes à questão “O que pretende atingir ao completar o programa?”. Como objectivos prévios, dois utentes indicaram que pretendiam somente deixar as drogas e outro referiu o desejo de crescer espiritualmente. Actualmente, dois indicam o desejo de servir a Deus (um através do trabalho no Desafio Jovem e outro possivelmente servindo como músico numa igreja). Outros desejos mencionados foram o de ajudar os outros, o de continuar a acreditar em Deus e o de melhorar continuamente o carácter. A referência ao desejo de continuar a acreditar em Deus poderá demonstrar confusão e/ou insegurança no que concerne às novas crenças, ou, por outro lado, maturidade e honestidade em relação à preocupação com circunstâncias futuras de vida.

Tabela 14
Previsão de necessidades futuras (actuais utentes)

	Categoria	Frequência
Para completar o programa	Continuar a lutar	n = 3
	Espiritualidade	n = 3
	Não ter pressa/ter objectivos apropriados	n = 3
Para atingir os seus objectivos	Através da espiritualidade	Aumentar o relacionamento com Deus n = 2
		Manter a mudança que já ocorreu n = 1
		Melhorar diariamente n = 1

No sentido de facilitar a exposição dos dados, reuniram-se as análises efectuadas acerca das respostas dos utentes às questões “O que tem que acontecer para que permaneça até ao fim do programa?” e “Como pensa atingir os seus objectivos?” na Tabela 14.

No que diz respeito à primeira questão, os três entrevistados responderam que teriam que continuar a lutar para permanecerem no programa até ao fim e todos indicaram, também, que a espiritualidade iria desempenhar um papel importante nesse acontecimento:

“é chegar-me cada vez mais a Deus”

Entrevista 2, p. 86, Anexo F;

“teremos que aceitar Deus, ou seja, temos que nascer de novo. Deixarmos as coisas velhas para trás... ‘eis que tudo se fez novo’. É assim, nascer de novo, temos que aceitar Jesus como nosso Salvador. Acreditar que ele realmente ressuscitou dos mortos para nos salvar. Isso eu acho que é importante”

Entrevista 1, p. 64, Anexo F.

Um dos participantes referiu explicitamente, em resposta a esta questão, que não ter pressa e ter objectivos apropriados seria importante nesse processo:

“acho que temos que dar tempo ao tempo (...), claro que eu tenho que dar o passo... devagar (...) por vezes queremos tudo, pensamos muito em valores materiais e queremos isto e aquilo e esquecemo-nos de (...) coisas mais importantes na nossa vida do que valores materiais (...) a questão de andarmos bem, sentirmo-nos bem, termos gozo no que fazemos, termos... sei lá. É difícil até, por vezes, explicar o que eu tenho sentido ultimamente, acho que nunca... a não ser em miúdo, quando tinha cinco ou seis anos... sentir-me leve por dentro, andar bem comigo mesmo, com as pessoas em meu redor...”

Entrevista 1, pp. 63-64, Anexo F.

De facto, em outros momentos das entrevistas, os outros dois participantes também indicam que consideram este aspecto fundamental para a conclusão do programa:

“é o querer fazer a minha vida, percebes? Que é isso muitas vezes que nos leva a meter o pé na argola. Nós temos tido aqui exemplos desses (...) amigos meus que (...) falharam no aspecto de não acabarem o programa e de se iludirem... ‘ê pá, não, eu vou lá para fora que já tenho trabalho, pá’, ‘já nem estou a ressacar, já estou bem pá’”

Entrevista 3, pp. 94-95, Anexo F;

“pronto, já me ocorreu ir-me embora, porque eu olho-me ao espelho e estou mais gordinho, estou mais bonito e mais coisa ‘ah, eu oriento-me lá fora agora, é trabalhar e com isto e com aquilo, já não consumo, estou fixe’ e tal, mas tenho-me auto-controlado estás a ver, para permanecer aqui”

Entrevista 2, p. 77, Anexo F.

Relativamente à forma como pretendem atingir os seus objectivos, dois utentes indicaram que para os atingir teriam que aumentar o seu relacionamento com Deus. Nas palavras de J. E.:

“pá eu vou buscando cada vez mais a Deus para que esteja sensível à sua voz, ao seu querer, percebes? Pá e... vou buscá-Lo cada vez mais para também ser obediente e confiar Nele, porque Ele como nosso melhor amigo, nós temos que fortalecer a nossa amizade com Ele, não é, é isso que eu quero fazer, e o que é que Ele quer de mim. Percebes? Portanto é buscá-Lo cada vez mais, não é, para ter direcção da parte Dele”

Entrevista 2, p. 80, Anexo F.

Foram também individualmente mencionadas a necessidade de melhorar diariamente e de manter a mudança já concretizada:

“Melhorando dia após dia, sentir-me capacitado... Deus me dará forças para isso, como tem dado, e me ajudará a ultrapassar tudo... Ele sabe qual é o meu desejo, a minha vontade...”

Entrevista 1, p. 68, Anexo F;

“é manter, é continuar a manter aquilo que eu aprendi aqui e aquilo que eu tenho em mim, aquilo que nasceu em mim, novo, não é? Eu nasci de novo... apesar de ter cinquenta e quatro anos, não é, eu nasci de novo, e então tenho é que manter isso.”

Entrevista 3, p. 90, Anexo F.

Tabela 15***A espiritualidade do programa ajudou-o? (actuais utentes)***

	Frequência	Exemplo
Sim	n = 3	“é qualquer coisa extraordinária para quem experimenta (...) até esquecemos a culpa. Já não pomos em causa, se vamos consumir ou se não vamos, agora ponho em causa o meu caminhar (...) se acho que isto não está bem feito, vou tentar melhorar nesta área, tentar ser mais perfeito (...) ninguém é perfeito, mas tentarmos sermos homens dignos, honestos, é pá... acho que se o mundo fosse um pouco assim não se passavam metade das coisas que se passam (...) porquê? Porque nós homens (...) pensamos muito em nós, em valores materiais. Esquecemo-nos um pouco de Deus, do que Jesus fez por nós, (...) daquilo que nos tentou ensinar... o que nos leva por vezes a cairmos num mundo complicado onde é difícil se viver, a não ser que estejam mesmo firmes na Palavra e com alguns objectivos, ou seja, vivermos num corpo, como Deus diz, a igreja, onde nos possamos fortalecer para vencermos as adversidades que vêm à nossa vida, e eu estou convencido disso.” Entrevista 1, pp. 64-65.

Na Tabela 15 é possível verificar-se que todos os utentes sentem que a fé e a espiritualidade que viveram no programa do Desafio Jovem os ajudaram de alguma forma. O exemplo retirado da Entrevista 1 demonstra claramente o potencial da espiritualidade como uma fonte de renovação de vida, através da qual o utente encontrou um novo sentido e significado para a sua vida, que, para além de não ser destrutivo (como o era o consumo de drogas), aparenta ser altamente construtivo e benéfico. O utente reconhece que “ninguém é perfeito”, mas afirma o seu desejo de “tentar ser mais perfeito” e a importância de “tentarmos ser homens dignos [e] honestos”.

Tabela 16***Qualidades pessoais empregues no tratamento (actuais utentes)***

Categoria	Frequência
Amor	n = 1
Auto-controlo	n = 1
Determinação	n = 1
Força de vontade	n = 1
Humildade	n = 1
Maturidade	n = 1
Responsabilidade	n = 1
Sinceridade	n = 1

A nível das qualidades pessoais que colocam no seu tratamento para ganhar às drogas, e como se pode ver na Tabela 16, todos os participantes indicaram qualidades pessoais diferentes (e.g., auto-controlo, humildade, maturidade). De facto, o objectivo que reiterou a inclusão desta questão prendia-se principalmente com fazer os inquiridos ponderar acerca das suas forças pessoais, esperando-se que a tomada de consciência dessas qualidades lhes permita potenciá-las ao longo do tratamento e escudarem-se nelas em alturas difíceis.

Tabela 17
Fontes de energia, coragem e força (actuais utentes)

Categoria	Frequência
Apoio social/familiar	n = 1
Espiritualidade	n = 3
Leitura	n = 1
Modelagem/aprendizagem vicariante	n = 2
Ver progresso e querer mais	n = 1

A Tabela 17 resume as respostas dadas pelos utentes à questão “O que lhe dá mais energia, coragem e força para conseguir esta transformação positiva na sua vida”, nas quais, novamente, todos os inquiridos referiram a espiritualidade. Talvez a utilização do instrumento RCOPE (Pargament, Koenig & Perez, 2000) pudesse permitir discernir de que forma isto ocorre.

Dois participantes mencionaram ainda a modelagem, enquanto o outro indicou o apoio familiar e a leitura e, por fim, somente um participante atribuiu importância a ver progresso e querer mais.

Tabela 18
Satisfação na forma como tem lutado (actuais utentes)

	Categoria	Frequência
Classificação	9	n = 2
	8	n = 1
Porque valoriza a forma como tem lutado?	A mudança já alcançada	n = 2
	Ambiente de protecção (no centro)	n = 1
	Desejo de não voltar atrás	n = 1
O que ainda pode melhorar?	Continuar assim	n = 1
	Fortalecer a mudança	n = 2

A Tabela 18 demonstra que os três utentes entrevistados se encontram bastante satisfeitos com a forma como têm lutado contra as drogas. Enquadrando-se na metodologia proposta para aplicação da TBOS (de Shazer & Berg, 1997), esta questão (“pergunta escala”) permite aos utentes ponderarem acerca da sua luta contra as drogas, e é importante porque os ensina a valorizar o que já atingiram, ao mesmo tempo que reconhecem o que ainda têm que fazer ou mudar.

Foi surpreendente o efeito positivo que esta questão teve. Recordo o sorriso pacífico de um dos inquiridos enquanto respondia, (A. M. na transcrição que se seguirá referente a continuar assim) e a confiança cautelosa dos outros dois. De facto, pareceu um reafirmar de intenções e, acima de tudo, um reconhecimento próprio de tudo o que alcançaram até ao momento!

No que diz respeito às razões pelas quais valorizam a forma como têm lutado, dois dos inquiridos referiram a mudança que já alcançaram, como se nota através das palavras de F.:

“ainda penso muitas vezes e acho que isso me faz bem, da maneira como eu estava... da maneira como eu entrei aqui para o centro e da maneira como estou. Dá para eu ver os degraus que subi”

Entrevista 1, p. 67, Anexo F;

enquanto o outro inquirido respondeu de forma um pouco mais cautelosa, indicando a facilidade em responder à questão no contexto protegido que é o centro e, também, o desejo de não voltar a viver o que já tinha vivido:

“é uma pergunta muito fácil de responder (...) não há aqui drogas dentro, percebes? A minha maior luta vai ser quando eu sair daqui (...) desde o momento que começámos a consumir até aqui... com episódios tão negativos e tão maus na nossa vida que nós não queremos mesmo voltar às drogas”

Entrevista 2, pp. 78-79, Anexo F.

No que concerne às melhorias que os utentes pensam ainda poderem/necessitarem de efectuar na forma como têm lutado contra as drogas, todos indicam a necessidade de fortalecer a mudança que já iniciaram, apesar de um ter respondido com uma grande confiança na mudança que já alcançou (reflectindo, porventura, o facto desse utente se encontrar já no final do seu programa):

“há um versículo que diz ‘todo aquele que está em pé, que se previna para não cair’”

Entrevista 1, p. 68, Anexo F;

“continuar como estou, possivelmente, não?”

Entrevista 3, p. 89, Anexo F.

Tabela 19
Desejos para a instituição (actuais utentes)

	Categoria	Frequência
Desejos para o Desafio Jovem	Crescimento/ continuar	n = 2
	Espirituais	n = 1
	Suprimento das necessidades	n = 1
Desejos para os actuais ou futuros utentes	Inserção social adequada	n = 1
	Que conheçam e se entreguem a Deus	n = 3
	Ter força	n = 1
Desejos para o pessoal do Desafio Jovem	Sabedoria	n = 1
	Suprimento das necessidades	n = 1

A Tabela 19 resume a análise das respostas dos utentes à questão “Se lhe fossem concedidos três desejos, que pedia para o futuro do Desafio Jovem e de todos os que cá estão ou irão passar?”. Indagando acerca dos desejos dos entrevistados para toda a instituição e para a vida dos indivíduos que lá estão ou que irão por lá passar, esta questão reflecte a focalização dos “sonhos individuais e colectivos” (Marujo et al., 2007, p. 119), característica do Inquérito Apreciativo, por estes serem vistos como “mobilizadores (...) eficazes e poderosos para a transformação” (Marujo et al., 2007, p. 119). Todos os utentes desejam que os futuros utentes do Desafio Jovem (e os que já se encontram lá) entreguem as suas vidas a Deus, indicando novamente a sua identificação com os valores/crenças da instituição. Nas palavras de J. E.:

“Ora, em primeiro lugar, não era que acabassem com sucesso, mas que... quando eu digo acabar com sucesso era que entregassem todos a vida a Deus, não é? Acima de tudo que pudessem entregar as suas vidas a Deus, que deixassem Deus liderá-las que iriam ser as pessoas mais felizes do mundo...”

Entrevista 2, p. 79, Anexo F.

De facto, este trecho demonstra a concordância de J. E. com o que se poderá considerar o “slogan do Desafio Jovem”, que enuncia que “Jesus é a cura total para o homem total” (Fidalgo, 2000). Para além disto, os desejos expressos incluíram o suprimento das necessidades da instituição e do seu pessoal, o crescimento mundial e a longevidade da instituição, e que os futuros utentes tenham força para deixar as drogas e que se consigam reinserir de forma adequada na sociedade.

Foi de notar a facilidade e (pelo menos aparente) sinceridade com que os entrevistados desejaram tudo de melhor para a instituição, para outros utentes (futuros e actuais) e também para os técnicos da instituição. De facto, dois dos utentes indicaram mais do que três desejos, e a sua capacidade de articular rapidamente esses desejos é notável, especialmente se tivermos em conta o egoísmo que costuma ser associado à toxicodependência e que estes homens foram toxicodependente até há menos de um ano antes de terem respondido a esta questão. Exemplos:

“que seja suprimido todas as necessidades, tanto físicas como em todos os aspectos (...) o Desafio Jovem é uma família para mim, eu pediria tudo do melhor que há mesmo. Que Deus dê tudo do melhor para que, e que possa abençoar dia após dia todos os Desafios Jovens em geral (...) que o Desafio Jovem cresça mundialmente”

Entrevista 1, pp. 67-68, Anexo F;

“que esta instituição tenha anos e anos e anos de vida e que continue a fazer o que tem feito até agora (...) que [os utentes] consigam fazer uma vida boa na sociedade, inseridos na sociedade sem problemas, é pá, seja lá do que for, de álcool, de drogas, seja lá do que for... sexo, o caneco... tudo o que é... pronto, o que é mau, digamos assim.”

Entrevista 3, p. 89, Anexo F;

“Muita força, a todos os alunos, não é, para esta jornada (...) o meu terceiro desejo é que Deus lhes dê muita sabedoria a eles [aos técnicos], não é, para... para que continuem este grande trabalho é... que eu estou muito grato a eles (...) minha gratidão é toda para eles porque não há dúvida que fazem um excelente trabalho e o meu desejo é esse, é para que Deus supra todas as suas necessidades”

Entrevista 2, p. 79, Anexo F.

No que diz respeito à intenção de manter contacto com a igreja, dois dos utentes responderam que sim e o outro respondeu que, por motivos profissionais, pretendia manter um contacto esporádico, sempre que lhe fosse possível. Ambos os utentes que mencionaram pretender manter contacto com uma igreja deram a entender que a duração desse contacto seria vitalícia.

Tabela 20

Fontes de esperança para o futuro (actuais utentes)

Categoria	Frequência
Espiritualidade	n = 2
Mudança já concretizada	n = 1

Por último, a Tabela 20 sumaria as categorias de respostas dadas pelos utentes à questão “O que lhe dá esperança num futuro bom?”, que foi colocada com o objectivo de realçar novamente o positivo e de manter os utentes focalizados nos seus alvos, focalizando-se, numa perspectiva tipicamente positiva, “no melhor da condição humana e naquilo que faz a vida ser vivida” (Marujo et al., 2007, p. 116). Dois utentes indicaram que a espiritualidade representa a sua fonte de esperança, um dos quais referiu também a mudança que já efectivou na sua vida. O outro utente parece não ter compreendido completamente a questão ou não ter respondido por ter divagado ao responder. Exemplos:

“às vezes não é fácil, também não é fácil ser cristão, mas Ele já me deu provas que posso confiar Nele... que viver com Ele é uma vida muito mais próspera, muito mais feliz, muito mais alegre e descansada e tranquila, estás a ver, e então toda a minha esperança é depositada Nele”

Entrevista 2, p. 81, Anexo F;

“Eu já estou a obter algumas coisas de que me tenho agradado, estou a sentir algo na minha vida que nunca senti e isso tem-me incentivado.”

Entrevista 1, p. 69, Anexo F.

Anexo G2 – Amostra de Utentes Graduados

Tabela 21

Apresentação geral (utentes graduados)

	J. A. (Entrevista 4)	R. L. (Entrevista 5)	J. G. (Entrevista 6)
Idade	48	47	38
Sexo	Masc.	Masc.	Masc.
Habilitações Literárias	12º ano	6º ano	9º ano
Onde e com quem vivia antes de ingressar no DJ	Em casa dos pais, Lisboa	Em casa do pai, Lisboa	Em casa da mãe, Lisboa
Onde e com quem vive agora	Com a mulher	Sozinho	Com a mulher e duas filhas

Apresentam-se os dados demográficos, correspondentes aos graduados do Desafio Jovem (i.e., ex-utentes que completaram o programa com sucesso) entrevistados, na Tabela 21. A média de idades destes três participantes perfaz um total de 44 anos de idade, e o tempo médio que decorreu desde que graduaram no programa foi de 13 anos. A nível de habilitações literárias, em média os graduados tinham concluído o 9º ano de escolaridade. Antes de terem aderido ao programa do Desafio Jovem, todos os graduados moravam em casa dos pais (no caso de dois entrevistados viviam somente com um dos pais, não se determinou o motivo da ausência do outro progenitor), em Lisboa. De forma a compreender um pouco melhor o apoio social de que estes indivíduos usufruem, questionou-se com quem vivem actualmente. Um dos participantes vive com a esposa e duas filhas, outro reside somente com a esposa e, por fim, o outro participante relatou viver sozinho.

Tabela 22

Passado de consumos (utentes graduados)

	J. A.	R. L.	J. G.
Heroína	X	X	X
Tempo que a consumiu	± 16 anos de consumos (no geral)	± 18 anos	± 6 anos
Experimentou outras drogas?	Sim	Sim	Sim

O passado de consumos dos participantes encontra-se resumido na Tabela 22. Pode verificar-se que a principal droga consumida pelos três graduados era a heroína. A média de consumo desta droga foi de 12 anos, visto que não sabemos ao certo o tempo de consumo de heroína de J. A. (muito provavelmente a média iria aumentar caso fosse calculada com base

também nesse valor). Todos os graduados experimentaram outras drogas para além da heroína.

Tabela 23

Consequências positivas e negativas dos consumos (utentes graduados)

	Categoria	Frequência
Consequências	Degradação dos relacionamentos familiares	n = 1
	Dependência	n = 1
	Desemprego	n = 1
	Divórcio	n = 1
	Estigmatização social	n = 1
	Prisão	n = 1
Aprendizagem	Espiritual	n = 1
	Experiências únicas	n = 1

A Tabela 23 sumaria as respostas dos graduados às questões “Quais as maiores complicações na sua vida que pensa terem sido fruto dos seus consumos?” e “O que considera ter aprendido na sua experiência de consumo de drogas?”. Todos os indivíduos apontaram factores distintos entre eles. A nível das “complicações”, um dos participantes, J. A., mencionou a estigmatização social e a degradação dos relacionamentos familiares:

“o ambiente em casa tornou-se frio, insuportável (...). Nós tornamo-nos aquele tipo de pessoas que se vamos num lado do passeio a família, os vizinhos e... passam todos para o outro lado porque não se querem cruzar connosco... isso talvez foi o que mais me marcou. Tornamo-nos um bicho no meio de uma sociedade, talvez tenha sido isso...”;

Entrevista 4, p. 99, Anexo F.

Por sua vez, o segundo graduado entrevistado, R. L., mencionou o seu divórcio como a principal consequência negativa dos seus consumos:

“O meu casamento... foi por água abaixo, ficou desfeito (...) acho que foi o ponto mais... que me mandou mais abaixo, foi esse, porque eu construí a minha vida, tinha uma família formada, tinha uma casa, um carro e perdi tudo isso, perder a minha família foi mau, não é? Pá, só que nunca consegui largar aquilo... aquilo que construí em sete anos ficou destruído.”

Entrevista 5, p. 115, Anexo F.

Finalmente, o outro participante, J. G., referiu uma experiência de encarceração, o desemprego e a própria dependência como tendo sido as consequências mais severas que advieram dos seus consumos:

“é o desleixe de largares trabalho (...) consegui fazer o curso de fuzileiros (...) tinha acabado o curso para aí há três meses, começam os meus problemas com droga. Tenho três deserções seguidas (...) a última das quais com polícia naval, ham, vieram-me buscar a casa, fui presente a tribunal, estive preso em prisão militar, não tem nada a ver com prisão cá fora... (...) [É] dependeres da heroína para te levatares... qualquer coisa, a heroína tem que estar presente. Antes de... antes de eu me levantar, antes de eu me deitar, antes de eu dar um passo para ir tomar um café com os amigos (...) o estado normal de um heroinómano é consumir e depois fazer”

Entrevista 6, pp. 125-126, Anexo F.

Em relação às aprendizagens que resultaram do seu passado de consumos o primeiro entrevistado, J. A., referiu-se somente às experiências pelas quais passou sob o efeito de substâncias psicoactivas:

“cheguei à conclusão que as drogas alteram o estado psíquico, visual, auditivo, de memória (...) são experiências que elas nos dão, a nível de experiências, em que... não as arranjas noutra coisa qualquer (...) altera a percepção de uma maneira incrível, não é, uma coisa impressionante”

Entrevista 4, p. 100, Anexo F.

Outro participante não conseguiu referir qualquer factor que considerasse positivo acerca da sua experiência de consumos:

“Eu só me meti na droga porque aquilo de facto é bom... mas aquilo não me ensinou praticamente nada. Aquilo não traz nada... não me trouxe nenhum discernimento. Desculpa lá, mas algo de positivo não consigo ver.”

Entrevista 5, p. 115, Anexo F.

O outro graduado mencionou que possivelmente serviu como uma fonte de aprendizagem espiritual:

“se eu tive que passar pelas drogas para conhecer Jesus, é pá, foi bom!”

Entrevista 6, p. 126, Anexo F.

Tabela 24

Experiências prévias de tratamento (utentes graduados)

	Categoria	Frequência
Outros programas frequentados	Centro das Taipas	n = 1
	Patriache	n = 1
	Remar	n = 1
Razões para o fracasso	Não-espiritualidade	n = 2
	Tipo de terapia	n = 1

O resumo dos dados relativos às experiências prévias de tratamento dos graduados encontra-se exposto na Tabela 24. Um dos ex-utentes nunca tinha estado em tratamento para a toxicodependência antes de ter aderido ao programa do Desafio Jovem. Dos outros dois participantes, um tinha estado uma vez no Centro das Taipas, enquanto o outro tinha estado na Associação Remar Portuguesa e no programa da Associação Le Patriache. Este graduado indica que tinha também frequentado outro tratamento, apesar de não ter indicado qual. Relativamente às razões apontadas pelos dois graduados para o facto dos tratamentos anteriores ao do Desafio Jovem não terem resultado, ambos apontam o tipo de terapia realizado. Nas palavras de J. A.:

“pronto, mas a coisa não deu porque aquilo era assim muito... sei lá, muita consulta, muito medicamento, e não funcionou...”

Entrevista 4, p. 100, Anexo F.

O graduado que tinha estado em vários tratamentos anteriores também indicou que o facto dos programas pelos quais passou não abordarem a área espiritual foi determinante para que não resultassem:

“nós agora conseguimos perceber que isto pode, ou é um problema espiritual. É falta de princípios que o ser humano poderá ter... porque quer queira, quer não, não há ninguém que não precise de Jesus. Há sempre um vazio dentro de qualquer pessoa...”

Entrevista 6, p. 127, Anexo F.

Tabela 25

Razões para adesão ao programa (utentes graduados)

	Categoria	Frequência
Factores que influenciam a adesão	Cansaço acumulado e desejo de ter uma vida diferente	n = 2
	Decisão do próprio	n = 1
	Incentivo familiar	n = 3
	Mais uma tentativa	n = 1
	Pressão familiar	n = 1
Preparação para a adesão	Frequência de Café Convívio	n = 3, sim

A análise das respostas referentes às questões “Porque entrou para o programa do Desafio Jovem?” e “Como começou a frequentar o Café Convívio?” encontra-se resumida na Tabela 25. Todos os graduados indicaram que o apoio familiar foi um factor importante para a sua adesão ao programa, como as palavras de J. A. comprovam:

“O factor determinante e decisivo (...) foi a minha mãe nunca me ter abandonado no Café Convívio... se era à Terça ela ia comigo, se era ao Sábado ela ia comigo, se eu não aparecia para ir ela ia à minha procura para ir e depois lá me encontrava e lá íamos (...) lembro claramente que se houve algum dia em que eu faltei foi precisamente porque ela também não foi”

Entrevista 4, p. 101, Anexo F.

Em conjunto com os resultados obtidos para os actuais utentes, dos quais dois também indicaram o apoio familiar como importante (o outro actual utente não tem família, nas palavras do próprio, “não tem ninguém”), estes dados parecem indicar que um aspecto fundamental para a adesão ao programa é o apoio familiar nesse sentido (apesar da análise da entrevista com J. G. indicar que este também mencionou a pressão familiar como um factor determinante para a adesão).

Dois participantes indicaram o cansaço acumulado e o desejo de ter uma vida diferente (possivelmente, indicando motivação introjectada ou identificada) como um factor importante para a sua adesão ao programa. Nas palavras de J. A.:

“eu acreditava que tinha que viver um outro estilo de vida... não... eu não podia andar a viver com os braços completamente picados, não podia andar a viver com dois dias do mês com o salário, depois os outros vinte e nove ou trinta dias do mês a vender e a tráficar e a roubar e... quer dizer não tem nexo de vida, não é, não fazia sentido. Ham, até porque eu estudei, tenho praticamente o décimo segundo ano e sabia que as pessoas quando nascem não têm que forçosamente andar a viver mal, as pessoas têm que ter alguns objectivos na vida e têm que ter alguma vontade de querer evoluir como ser humano e então... busquei um processo de recuperação e entrei num centro...”

Entrevista 4, p. 96, Anexo F.

Novamente, comprova-se a noção já apresentada de que uma das duas formas como o desejo de mudar comportamentos relacionados com o consumo surge é devido ao cansaço relacionado com as consequências deste (Laudet et al., 2006; Laudet & White, 2008).

Um inquirido indicou explicitamente que a adesão resultou de uma decisão própria:

“a minha atitude era mesmo de pedir ajuda, eu estava mesmo convicto daquilo que queria, mesmo... era mesmo aquilo que eu queria.”

Entrevista 5, p. 114, Anexo F,

e, ainda, outro mencionou que era mais uma tentativa:

“no meio de tanta coisa que eu já tinha tentado, disse que era mais uma (...) não havia razão para não tentar outra vez, e então avancei para o Desafio Jovem”

Entrevista 6, p. 124, Anexo F.

Tabela 26

Factores relacionados com a permanência no programa (utentes graduados)

	Categoria	Frequência
Fontes de força	Cansaço da vida como era	n = 1
	Coerção familiar	n = 1
	Determinação	n = 1
	Espiritualidade	n = 3
Factores que ajudaram a concluir o programa	Apoio social/familiar	n = 1
	Espiritualidade	n = 2
	Querer reconquistar o que perdera	n = 1
	Ter o propósito de concluir	n = 1
Coisas que tiveram que acontecer para permanecer no programa até ao fim	Aconselhamento	n = 1
	Crescimento espiritual	n = 3
	Não querer voltar à vida de consumos	n = 1
	Não ter alternativa (coerção familiar)	n = 1
	Ter tido determinação	n = 2
Factores que dificultam que se conclua o programa	Pensar prematuramente que já se está curado	n = 1

A Tabela 26 resume as respostas dos ex-utentes às questões “Onde foi buscar forças para ganhar esta luta contra as drogas?”, “O que o ajudou mais para conseguir concluir o programa?” e “O que teve que acontecer para que permanecesse nele até ao fim?”. Como fonte de força, os três graduados mencionam a espiritualidade, como atesta J. A.:

“Lembro-me de estar a chorar, de estar com dores nos rins, de estar a pingar do nariz, de estar com um sistema nervoso muito alterado (...) de estar deitado até no chão da capela de Fanhões, à noite, sozinho e pedia para que Deus me ajudasse, não só numa noite mas várias noites seguidas. Isso lembro-me claramente (...) e creio que toda a força de vontade que houve aí foi Deus que pegou em mim e me foi levantando a pouco e pouco.”

Entrevista 4, p. 101, Anexo F.

Um dos participantes também indicou a coerção familiar (motivação extínseca) e o cansaço da vida de dependência como factores que deram força para ganhar a luta contra as drogas:

“a força pode ser um pouco fruto do estar farto também da vida que se leva (...) se calhar também [o facto] de alguma pressão familiar (...) os meus irmãos encostaram-me à parede e disseram-me ‘ê pá, se não for desta vez, escusas de contar connosco porque, nunca mais te queremos ver’ (...) ‘eu vou ter que fazer a vontade a eles’. E fui-me nessa força, nessa força”

Entrevista 6, pp. 127-128, Anexo F.

Outro inquirido mencionou a determinação em resposta a esta questão:

“no Café Convívio falava-se muito, e ainda hoje se fala, em dar o passo certo, ‘Deus faz mas nós também temos que fazer a nossa parte’, e eu acho que isso encaixou... era mesmo aquilo que eu queria e hoje acho que o fruto está à vista. Não quer dizer que não tenho que continuar a lutar, não por ter vontade de consumir ou o que seja, mas a Palavra de Deus avisa quem está de pé para se cuidar para não cair e eu acredito nisso.”

Entrevista 5, p. 116, Anexo F.

Relativamente aos factores que ajudaram a que os graduados conseguissem concluir o programa, dois ex-utentes indicaram explicitamente a espiritualidade. Exemplo:

“as drogas foi alguma coisa que nos levou até ali mas depois, de um momento para o outro, tudo se transformou. Há uma série de, a necessidade de aprender quem somos, porque estamos, porque fazemos, o que queremos fazer, o que devemos fazer, o que devemos aprender, em que já não tem muito a ver com drogas, tem a ver com uma mudança e um novo nascimento, se é que a gente pode falar assim e ir buscar alguma coisa à Bíblia, em que tudo mudou”

Entrevista 4, p. 102, Anexo F.

O apoio social recebido no centro foi indicado, por um graduado, como importante nesse processo:

“a grande ajuda foi sempre encostar-me àqueles que estavam firmes e procurar a sabedoria deles, a experiência deles e que eles me tentassem ajudar no sentido de eu conseguir ver na Bíblia, que foi aquilo que me deram, o manual, o que realmente era bom para mim e o que me dava força. Foi assim, dessa forma, que eu consegui ir até ao fim.”

Entrevista 6, p. 129, Anexo F.

Um dos entrevistados indicou ainda que ter o propósito de concluir e querer reconquistar o que perdeu devido aos consumos (mais uma forma de motivação) foi fundamental para permanecer no programa até ao fim:

“tinha um objectivo que era a conquista da minha filha, não é, e eu fui traçando, porque eu acho que eu para ter a minha filha bem, eu para fazer a minha filha feliz e estar com ela,

‘tenho que ficar bem primeiro’, não é, se não, não valia a pena (...) e depois o objectivo de acabar o programa. De acabar alguma coisa na vida, que eu até ali (risos), nunca tinha acabado nada. Aprendi que tinha que de facto ter objectivos na vida e que tinha que os concluir e este do programa eu tracei-o assim, ‘vamos lá acabar isto’”

Entrevista 5, pp. 116-117, Anexo F.

Também foi mencionado por um dos graduados que o facto de se ter a noção prematura de que se está curado representa um factor que dificultou a conclusão do tratamento:

“Há uma altura no programa, que é a passagem de fase, que nós... eu falo por mim, digo assim ‘ê pá, já estou bom’... ‘já me posso ir embora’, ‘já me posso ir embora porque eu já estou bom’. E isso não é verdade, porque é a primeira fase do programa, há uma ilusão dentro de nós, e isso depois tem que ser ultrapassado”

Entrevista 6, p. 129, Anexo F.

No que diz respeito à terceira questão cujas respostas se encontram resumidas na Tabela 26, novamente, todos os inquiridos indicaram o crescimento espiritual como algo que teve de acontecer para que permanecessem no programa até ao fim. Nas palavras de J. G.:

“o que me levou até ao fim foi encostar-me a Deus e as coisas encarrilaram porque eu não tinha outra alternativa também... até um certo ponto vivi naquela situação, pá, não tenho outra alternativa. A partir daquele momento que comecei realmente a ter noção daquilo que era Deus e do que Deus queria de mim, comecei a dizer ‘não, ê pá, já não é por causa deles, mas é por causa de Deus’, ‘Deus marca a minha vida’, e a partir daí levei o programa todo seguido”

Entrevista 6, p. 129, Anexo F.

Este exemplo também demonstra a indicação deste graduado acerca da coerção familiar (“não ter alternativa”) foi importante para a sua retenção até um determinado ponto do seu tratamento. Os dois outros participantes relataram, novamente, que tiveram de ter determinação para permanecer no programa. Exemplo:

“sou uma pessoa que quando ponho uma coisa gosto de terminar, não é, pá, em várias áreas da minha vida, não gosto de deixar as coisas a meio, e decidi que, quando entrasse, iria permanecer até ao fim”

Entrevista 4, p. 103, Anexo F.

Um destes ex-utentes indicou ainda o papel desempenhado pelo aconselhamento:

“penso que foi isso, talvez nalgumas conversas assim com o conselheiro que ele tenha mostrado por A mais B que era mais positivo ficar do que abandonar”

Entrevista 4, p. 103, Anexo F;

enquanto o outro mencionou também o facto de não querer regressar aos consumos:

“eu já naquela altura sabia o que eu não queria... e o que eu não queria mesmo era voltar às drogas”

Entrevista 5, p. 117, Anexo F.

Tabela 27

Objectivos durante o programa (utentes graduados)

	Categoria	Frequência
Atingidos	Completar o programa	n = 2
	Deixar as drogas	n = 1
Não atingidos	Espirituais	n = 3

A Tabela 27 resume as respostas dos ex-utentes à questão “Atingiu o que pretendia atingir ao completar o programa?”. Dois participantes indicaram que conseguiram completar o programa e um destes também referiu ter conseguido deixar as drogas. Todos os graduados mencionaram o facto de não terem atingido os objectivos espirituais que surgiram ao longo do programa. Exemplo:

“Nós como homens de Deus, estou em crer que nunca vamos atingir, não é, a Bíblia diz que ‘aquele que em vós começou a boa obra...’, não é, e eu entendo que Deus começou uma boa obra no momento em que eu entrei no centro do Desafio Jovem, e isto conectando uma coisa com a outra, ham, ‘... a aperfeiçoará até ao dia da vinda de Jesus Cristo’, ou seja, por mais oitenta anos que eu viva, ou mais cento e oitenta anos ou mais duzentos e oitenta anos, possivelmente nunca vou atingir aquilo que queria”

Entrevista 4, p. 109, Anexo F.

Tabela 28

A espiritualidade do programa ajudou-o? (utentes graduados)

	Categoria	Frequência
Como?	Sim	n = 3
	Implica ter fé	n = 2
	Fomenta que se recomece a ter sonhos/objectivos	n = 1
	Permite enfrentar a vida	n = 1

Na Tabela 28 é possível verificar-se que todos os graduados sentem que a fé e a espiritualidade que viveram no programa do Desafio Jovem os ajudaram de alguma forma. Dois ex-utentes indicaram que a forma como os ajudou relaciona-se com implicar ter fé:

“tive que ter fé para acreditar em Jesus Cristo e ser baptizado no Espírito Santo. Prontos, depois Deus foi-me ajudando, não é. Para além disso, eu para alcançar aqueles objectivos eu tive que ter fé... eu tinha que ter fé para alcançar aqueles objectivos e isso fez-me andar muito, muito para a frente”;

Entrevista 5, p. 118, Anexo F;

“Porque a fé é o firmamento daquilo que não se vê e a prova daquilo que não se tem, a fé, e eu vivo por fé!”

Entrevista 6, p. 130, Anexo F.

Um destes participantes indicou também que a espiritualidade e a fé permitem enfrentar a vida:

“Agora consigo atingir esse ponto, que, pá, sem Deus nada faz sentido, e a parte espiritual é muito, muito importante, é o mais importante na nossa vida, para que nós possamos ter um equilíbrio, não é? Sinceramente acho que tenho tudo dito... embora às vezes venham aqueles pensamentos, “ê pá, e tal, sopa nisto, qual Deus e tal”, são os ataques que vêm, mas a gente pára e pensa e diz “Senhor, isto não... não é de ti”. Pá, não... sem a parte espiritual nós presentemente não conseguimos viver, porque não temos força para ultrapassar a selva que se vive aí fora.”

Entrevista 6, p. 130, Anexo F.

O outro inquirido indicou somente o facto de que esses elementos fomentam que se recomecem a ter sonhos e objectivos:

“toda a doutrina do Desafio Jovem tem a ver com ‘tu ainda podes ser um homem valente’, ‘tu ainda podes ter a tua casa’, ‘tu podes ter o teu emprego’, ‘tu podes ter a tua mulher’, ‘tu podes ter os teus filhos’, e isto, parecendo que não, são coisas que o diabo roubou durante o tempo de droga, não é, o tempo da toxicodependência, e agora aquilo começa tudo a aparecer devagarinho como uma semente e vai tudo nascendo devagarinho, não é? Pá, não é fácil alguém que entra debilitado fisicamente e emocionalmente e com a vida sem emprego e todo roto e sujo, começar outra vez a sonhar naquelas coisas... o que é certo é que eles começam a injectar isso, a injectar quer dizer, começam a semear esses novos valores ‘ê pá tu podes ser um homem de família’, ‘tu ainda podes ter os teus pais de volta’, ‘tu podes ter os teus grandes amigos’”

Entrevista 4, p. 104, Anexo F.

Tabela 29***Qualidades pessoais empregues no tratamento (utentes graduados)***

Categoria	Frequência
Confiar em Deus	n = 1
Determinação	n = 1
Entrega	n = 1
Gostar de ajudar	n = 1
Humildade	n = 2
Maturidade	n = 1
Perseverança	n = 1
Respeito	n = 1
Simpatia	n = 1

A nível das qualidades pessoais que colocaram no seu tratamento para ganhar as drogas, e como se pode ver na Tabela 29, todos os participantes indicaram qualidades pessoais diferentes (e.g., entrega, gostar de ajudar, perseverança), exceptuando o facto de que dois graduados mencionaram a humildade como uma dessas qualidades. Esta questão foi incluída também para os graduados de forma a poder comparar as suas respostas com as dos actuais utentes. É de se notar que, apesar da grande heterogeneidade das respostas, algumas categorias se repetiram: Determinação, Maturidade e Humildade foram termos referidos tanto pelos actuais como pelos ex-utentes do programa.

De facto o programa não cria “clones”, cada um utiliza as suas próprias potencialidades para vencer esta batalha, mas poderá haver algumas características temperamentais chave no que diz respeito aos que conseguem completar o programa (Zocalli, Muscatello, Bruno, Bilardi, De Stefano, Felletti, Isgrò, Micalizzi, Micò, Romeo & Meduri, 2007).

Tabela 30***Fontes de energia, coragem e força (utentes graduados)***

Categoria	Frequência
Aconselhamento	n = 1
Desconforto	n = 1
Modelagem/aprendizagem vicariante	n = 1
Saturação	n = 1

A Tabela 30 resume as respostas dadas pelos ex-utentes à questão “O que lhe deu mais energia, coragem e força para conseguir esta transformação positiva na sua vida”. Referidas individualmente, as categorias incluem o aconselhamento, a saturação e o desconforto com o estilo de vida vivido, e a modelagem.

Tabela 31***Razões para ter concluído o programa (utentes graduados)***

Categoria	Frequência
Determinação em mudar	n = 3
Espiritualidade	n = 3
Identificação com os objectivos do programa	n = 3
Ver/ter havido uma mudança interior	n = 3

A Tabela 31 resume as respostas dos ex-utentes às questões “Onde foi buscar forças para conseguir completar o programa?” e “Porque conseguiu permanecer até ao fim no programa”. Estas questões foram colocadas para dar novamente oportunidade aos ex-utentes de falarem acerca dos factores por eles considerados importantes para a sua conclusão do programa do Desafio Jovem, reforçando as questões anteriores que também abordavam esta questão explicitamente. É de notar que todos os ex-utentes referiram factores relacionados com a espiritualidade, com ter ocorrido uma mudança interior, com a determinação em mudar e com a identificação com os objectivos do programa.

Tabela 32***Satisfação na forma como lutou contra as drogas (utentes graduados)***

	Categoria	Frequência
Classificação	10	n = 3
Porque valoriza a forma como tem lutado?	A mudança já alcançada	n = 2
	Inexistência do desejo de consumir em situações nas quais a substância está disponível	n = 1
	Porque luta	n = 1
	Não sabe/não pode melhorar	n = 3
O que ainda pode melhorar?		

A Tabela 32 demonstra que os três graduados entrevistados se encontram extremamente satisfeitos com a forma como lutaram contra as drogas. De facto, nenhum deles recaiu desde que saiu do programa do Desafio Jovem.

No que diz respeito às razões pelas quais valorizam a forma como lutaram, dois, em três dos inquiridos, referiram a mudança que já alcançaram. Outros factores mencionados foram a inexistência do desejo de consumir mesmo em situações nas quais a substância está disponível e o facto de lutar ainda. Nenhum graduado conseguiu indicar algo que ainda tivesse que melhorar nessa luta.

Tabela 33
Desejos para a instituição (utentes graduados)

	Categoria	Frequência
Desejos para o Desafio Jovem	Crescimento/continuar	n = 2
	Espirituais	n = 2
	Que o Governo se sensibilize pelo seu trabalho	n = 1
	Que os futuros directores sejam como os actuais	n = 1
Desejos para os actuais ou futuros utentes	Que conheçam e se entreguem a Deus	n = 1
	Que permaneçam	n = 1
Desejos para o pessoal do Desafio Jovem	Sabedoria	n = 1
	Suprimento das necessidades	n = 2

A Tabela 33 resume a análise das respostas dos ex-utentes à questão “Se lhe fossem concedidos três desejos, que pedia para o futuro do Desafio Jovem e de todos os que cá estão ou irão passar?”. Tal como todos os utentes, também um dos graduados indicou desejar que os actuais ou futuros utentes do Desafio Jovem entreguem as suas vidas a Deus. Ainda em relação aos actuais ou futuros utentes da instituição, um dos três graduados desejou que consigam permanecer até ao final do programa.

Para além disto, dois participantes expressaram o desejo de que as necessidades da instituição e do seu pessoal fossem supridas, e um dos três inquiridos desejou que o pessoal do Desafio Jovem tivesse discernimento/sabedoria. No que concerne aos desejos dos graduados para a instituição, dois expressaram o desejo de que o Desafio Jovem crescesse e continuasse a fazer o que tem vindo a fazer. Igual número de graduados referiu desejos espirituais para o Desafio Jovem. Outros desejos mencionados relacionavam-se com que os futuros directores da instituição fossem semelhantes aos que a dirigem actualmente, e também que o Governo prestasse atenção ao trabalho que a instituição tem vindo a realizar.

No que diz respeito à intenção de frequentarem uma igreja no futuro (enquanto ainda se encontravam em tratamento), os três graduados referiram que tencionavam manter contacto com a igreja quando terminassem o programa. Exemplos:

“se quisesse ter sucesso com o programa tinha que estar muito ligado a uma vertente espiritual, não é, percebia isso. Eu percebi que quando saísse do programa (...) se não frequentasse uma igreja ou um Café Convívio possivelmente tinha oitenta por cento de possibilidades talvez de cair outra vez”

Entrevista 4, p. 109, Anexo F, Anexo F;

“isso já faz parte das regras do programa, tu seres inserido numa igreja local, para que possa haver acompanhamento espiritual, porque não fazia sentido o programa ter um ênfase espiritual como tem e depois saíres cá para fora... é o que muito pessoal diz, ‘pá, eu estou no centro A ou na instituição B, ou na instituição C, mas saio cá para fora e vou direito outra vez ao lixo’, porque não há um acompanhamento daquilo que é feito no programa...”

Entrevista 6, p. 133, Anexo F.

Tabela 34
Valorização do presente (utentes graduados)

Categoria	Frequência
Desenvolver relacionamentos familiares e sociais significativos	n = 2
Espiritualidade	n = 3
Os valores que agora tem	n = 1
Poder ajudar outros	n = 1
Viver	n = 1

Uma das questões efectuadas aos ex-utentes relacionava-se com o que estes indivíduos consideram que lhes faz dar valor ao seu presente, que, ao trazer a sua atenção para as coisas que mais valorizam na vida, permite também ter uma noção mais concreta do significado que estes indivíduos atribuem às suas vidas. As respostas a esta questão encontram-se resumidas na Tabela 34. Os três participantes responderam que a espiritualidade lhes faz dar valor ao seu presente. Exemplo:

“saber que no fundo não tendo muito na minha vida, ham, pela graça de Deus agora posso contribuir para vida de alguém, ou seja, isso para mim é muito valioso”

Entrevista 4, p. 110, Anexo F.

Neste exemplo, J. A. também demonstra que poder ajudar outras pessoas é algo que lhe faz dar valor ao seu presente. Outro factor indicado por este graduado foi o facto de agora ter valores diferentes dos que tinha anteriormente:

“tudo o que foi colocado na minha vida, tudo o que foi colocado no meu coração, isso dá-me valor para o meu presente”

Entrevistado 4, p. 110, Anexo F.

Dois dos três entrevistados indicaram também o desenvolvimento de relacionamentos familiares e sociais significativos:

“na velha vida se tu tivesses eram todos teus amigos, se não tivesses as pessoas escorraçavam-te. Tu não davas valor à amizade... e hoje não. Hoje tu dás muito valor à amizade. E eu dou.”

Entrevista 5, p. 123, Anexo F;

“Como marido, pá, dá-me um gozo incrível saber que sou fiel à minha mulher, não é, não me canso de dizer que ela é bonita (...) não me canso de dizer que a amo, não me canso de tentar dar-lhe o melhor. Como filho não me canso de andar com os meus pais “ao colo”, no bom sentido da palavra, de lhes telefonar, de chegar a casa, meter algum dinheiro, de levá-los às compras, de levá-los a passear”

Entrevista 4, p. 110, Anexo F.

O outro valor indicado foi simplesmente o facto de viver:

“A vida... (suspiro). Viver”

Entrevista 6, p. 133, Anexo F.

Tabela 35

Fontes de esperança para o futuro (utentes graduados)

Categoria	Frequência
Constituir família	n = 1
Espiritualidade	n = 2
Servir a Deus/ajudar os outros	n = 1

Por último, a Tabela 35 sumaria as categorias de respostas dadas pelos ex-utentes à questão “O que lhe dá esperança num futuro bom?”, que foi colocada com o objectivo de realçar novamente o positivo e de manter os indivíduos focalizados nos seus alvos positivos. Dois utentes graduados indicaram que a espiritualidade representa a sua fonte de esperança, um dos quais referiu também a possibilidade de servir a Deus, ajudando os outros:

“Deus... é assim, com Deus, não estou-te a ser o ‘bacalhau espiritual’, como a gente tinha este termo lá no centro, mas acho que ele é a base de tudo... é claro que tenho sonhos... e um dos sonhos que eu tenho é servir a Deus a tempo inteiro, dentro do Desafio Jovem ou num futuro projecto que a igreja possa ter”

Entrevista 6, p. 134, Anexo F;

O outro inquirido indicou o desejo de constituir família:

“Eu tenho em mente constituir uma família, ter a minha mulher e um filho... constituir família! (...) mas também sei (...) que tenho que ter a pessoa certa ao meu lado. Eu acho que para sermos dois em um, nós temos que... aliás, o homem e a mulher têm que se completar e eu acho que eu tenho que ter a pessoa certa”

Entrevista 1, p. 123, Anexo F.

Anexo G3 – Amostra de Técnicos

Tabela 36
Apresentação geral (técnicos)

	F. C. (Entrevista 7)	I. (Entrevista 8)	R. C. (Entrevista 9)
Idade	46	-	-
Sexo	Masc.	Fem.	Masc.
Habilitações Literárias	Licenciatura em Psicologia	Licenciatura em Psicologia	12º ano
Ex-toxicodependente?	Não	Não	Sim
Posição na instituição	Coordenador dos Cafés Convívio	Psicóloga	Conselheiro
Tempo na instituição	±20 anos	-	±7 anos

A Tabela 36 resume a apresentação dos técnicos que foram entrevistados para este trabalho. Dois dos entrevistados possuem cursos superiores, enquanto o terceiro concluiu o 12º ano. Não se recolheram as idades dos participantes, apesar da média dever estar próxima dos 35 anos. Somente um dos entrevistados foi toxicodependente, e a sua recuperação decorreu no Desafio Jovem. Relativamente às responsabilidades dos entrevistados na instituição, um dos participantes é o actual coordenador dos Cafés Convívio, outro é conselheiro numa das comunidades terapêuticas da instituição e a outra participante enquadra a equipa de psicólogos profissionais.

Tabela 37
Porque trabalha com o Desafio Jovem (técnicos)

	Categoria	Frequência
Como tomou conhecimento	Através da igreja	n = 1
	Foi utente do programa	n = 1
Porque decidiu colaborar	Desejo de ajudar pessoas	n = 1
	Identificação com a instituição	n = 1
	Sonho que surgiu durante o programa	n = 1

A Tabela 37 resume as razões apontadas pelos técnicos entrevistados para terem decidido trabalhar no Desafio Jovem, para além da forma como contactaram com a instituição. Pode observar-se que um dos técnicos contactou com a instituição tendo sido utente no programa, enquanto outro dos técnicos indicou ter tomado conhecimento do Desafio Jovem através da igreja que frequentava. As razões apontadas pelos técnicos para

terem decidido trabalhar na instituição incluem o desejo de ajudar pessoas, a identificação com a instituição e o surgimento desse sonho enquanto frequentava o programa. Exemplos:

“vim à conferência do Desafio Jovem, foi a primeira que eu vim e nessa altura decidi vir servir, um pouco também porquê? Porque, fruto de, eu sempre tive um desejo, foi crescendo um desejo de servir a Deus e de ajudar pessoas, identifico-me muito com a instituição, com a forma de cuidar pessoas, de ajudar pessoas, mais a mais enquanto depois têm os mesmos ideais cristãos, não é, espirituais que eu comungo também e então foi isso que me fez vir trabalhar para cá e ajudar gente.”

Entrevista 7, p. 196, Anexo F;

Tabela 38

Desejos para a instituição (técnicos)

	Categoria	Frequência
Desejos para o Desafio Jovem	Espirituais	n = 1
	Mais cooperadores	n = 1
	Que o Governo se sensibilize pelo seu trabalho	n = 1
Desejos para os actuais ou futuros utentes	Que encontrem uma saída e recomecem a sonhar	n = 1
	Que não se conformem com a sua situação	n = 1

A Tabela 38 resume a análise das respostas dos técnicos à questão “Se lhe fossem concedidos três desejos, que pedia para o futuro do Desafio Jovem e de todos os que cá estão ou irão passar?”. É importante referir que a questão não foi colocada a um dos técnicos, por lapso da entrevistadora. Um dos técnicos, F. C. indicou o desejo de que mais pessoas se disponibilizem para trabalhar no Desafio Jovem, que o Governo se sensibilize pelo trabalho do Desafio Jovem e, também, que os futuros utentes do programa não se conformem com a sua situação actual:

“eu gostaria muito de ter gente que tem um desejo grande, forte de ajudar pessoas e que estaria disposto a gastar-se. Desejava também se calhar as políticas, algum olhar que o governo tem para esta problemática que é... quer ajudar pessoas e quer organizá-las, mas mais no âmbito social, que não apareça que há muitos problemas, mais do que ajudar pessoas em si, portanto estamos mais preocupados com estruturas e com dinâmicas sociais e políticas sociais mais do que ajudar pessoas verdadeiramente. E essas políticas têm levado a que as pessoas na rua estejam muito acomodadas e resignadas e conformadas. Olhe e depois, se calhar até por uma questão de coerência gostava muito que estes homens e mulheres que estão nas ruas, ham... não se entregassem à condição em que estão. Que sonhassem e que

estivessem dispostos a lutar pela vida... isso era... isso era uma maravilha... isso era, íamos ter problemas sérios, não iríamos ter hipótese de dar resposta a toda a gente, porque não teríamos se calhar mãos a medir, mas ainda assim eu preferia isso”

Entrevista 7, p. 145, Anexo F.

O outro técnico que respondeu a esta questão, R. C., indicou um desejo de carácter espiritual para a instituição e, para os seus actuais ou futuros utentes, desejou que encontrassem uma saída para os seus problemas e que recomeçassem a sonhar:

“que aquilo que são as convicções desta casa, que é... é uma casa que promove a presença de Deus e a vida de Deus naqueles que passam por aqui... ham... eu pediria acima de tudo cada vez mais ousadia e unção de Deus para que isto pudesse ser uma realidade (...) para todos aqueles que precisem (...) [conseguirem abrir] a porta que outrora na vida nunca conseguiram, ainda não conseguiram abrir... isto aqui, que essa porta se abra e os sonhos aconteçam e as coisas aconteçam... ham, no fundo aquilo que pediria é aquilo que eu tenho visto a acontecer na minha vida e que vejo acontecer na vida de alguns homens. Infelizmente não acontece na de todos, mas o coração da instituição, o coração das pessoas que aqui trabalham, o coração desta instituição e daquilo que a gente promove tem tudo a ver com isso, com aquilo que pessoas que venham à procura, que precisam de uma saída e que... e que a encontram”

Entrevista 1, p. 159, Anexo F;

Tabela 39
Factores que influenciam a conclusão do programa (técnicos)

Categoria	Frequência
Ambiente dos centros	n = 2
Espiritualidade	n = 3
Motivação	n = 1

A Tabela 39 resume as respostas dos técnicos à questão “O que faz com que os utentes do Desafio Jovem que completam o seu programa não desistam prematuramente?”. Todos os inquiridos referiram o factor espiritual nas suas respostas. Exemplo:

“creio que o factor fé, a questão das pessoas encontrarem um elemento, não é, ou uma dimensão espiritual que não está sujeita às variações económicas, sociais e o que for... há ali um factor de estabilidade, de imutabilidade que leva as pessoas a perceber ‘eu tenho aqui

valores que são imutáveis e que eu posso-me agarrar’ e que o factor fé tem sido muito importante também nesse sentido”

Entrevista 7, pp. 135-136, Anexo F;

“o pessoal... vence ou não vence, tem tudo a ver também com um trabalho de Deus na vida deles”

Entrevista 9, p. 154, Anexo F.

Dois dos técnicos indicaram que o ambiente dos centros terapêuticos é um dos factores importantes para a conclusão do programa. Nas palavras da psicóloga entrevistada:

“primeiro, o sentido de família. A possibilidade de encontrarem aqui novos relacionamentos, novos laços familiares, (...) uma rede de suporte para os ajudar a ultrapassar as dificuldades e a baixa auto-estima, e assim construir um sentido, não é, um sentido de utilidade, um sentido de que é importante para alguém, ham, o que ajuda obviamente a construir um novo projecto de vida”

Entrevista 8, p. 146, Anexo F.

Por fim, um dos participantes indicou também o factor da motivação em resposta a esta questão:

“Se a pessoa de facto pressente que este é um momento e é um elemento bom para ele se reorganizar, reaprender a viver a vida, restaurar valores, reorganizar-se em termos afectivos e emocionais, restaurar relações com a família, no fundo dá-lhe algum equilíbrio. Quando as pessoas não fazem esse investimento, (...) se as pessoas não estão muito motivadas para processo de mudança, apenas querem paragem de consumos, a dada altura toda a dinâmica da comunidade, que visa trabalhar-se a autonomia de uma forma responsável, torna-se enfadonha, torna-se muito exigente”;

Entrevista 7, p. 136, Anexo F.

Questionaram-se os técnicos acerca da existência de sinais que, na sua opinião, indicassem maior ou menor probabilidade dos utentes do programa irem ter sucesso com o mesmo, e as suas respostas a esta questão encontram-se resumidas na Tabela 40. Os técnicos referiram diversos factores e somente um destes foi mencionado por mais do que um dos entrevistados.

Tabela 40
Sinais de sucesso potencial (técnicos)

Categoria	Frequência
Crescimento pessoal	n = 1
Espiritualidade	n = 1
Honestidade/sinceridade	n = 2
Iniciativa/empenho	n = 1
Melhorias a nível relacional	n = 1
Motivação	n = 1
Responsabilidade	n = 1

De acordo com dois dos técnicos entrevistados, os utentes começarem a demonstrar maior honestidade/sinceridade é um dos sinais que indica probabilidades de sucesso mais elevadas. As outras categorias mencionadas incluem o crescimento pessoal, a responsabilidade e melhorias a nível relacional, entre outros.

Tabela 41
Satisfação com a ajuda que presta (técnicos)

	Categoria	Frequência
Classificação	8	n = 2
	5	n = 1
Porque valoriza o apoio que tem prestado	Empenho/seriedade	n = 1
	Procurar melhorar-se	n = 2
	Satisfação espiritual	n = 1
O que ainda pode melhorar	Condições da organização	n = 1
	Desenvolver competências	n = 1
	Não haver desistências	n = 1

A Tabela 41 demonstra que dois dos técnicos entrevistados se encontram bastante satisfeitos com a forma como têm ajudado os utentes a lutar contra as drogas, enquanto o outro técnico demonstrou sentir que ainda pode melhorar bastante. No que diz respeito às razões pelas quais valorizam o apoio que têm prestado, os técnicos mencionaram o empenho/seriedade, e a tentativa consciente de melhorar o que já se faz. Exemplos:

“acredito que aquilo que eu faço procuro fazê-lo com seriedade, (...) o melhor possível, (...) explico e examino a razão porque faço e como faço, as metodologias, e sempre que é necessário faço ajustes e mudo”

Entrevista 7, p. 137, Anexo F.

Um dos técnicos também referiu que se encontra espiritualmente satisfeito com a forma como tem apoiado os utentes nesta luta:

“fico muito feliz por muitas vezes desafiar o pessoal e depois ver que de facto eles entendem e entregam-se a Deus e ficam até surpreendidos e dizem ‘ê pá, tu no outro dia disseste-me isso e depois vim a, e aconteceu, é...’, eu ver-me usado é muito fixe. Agora, para mim, pessoalmente, como homem e no meu carácter é quando vejo alguém ir embora... eu pergunto-me sempre o que é que não fiz que devia fazer ou o que é fiz que não devia ter feito...”

Entrevista 9, p. 156, Anexo F.

R. C. mostra, nesta resposta, no que concerne às melhorias que pensa ainda poder/necessitar de efectuar na forma como tem ajudado na luta contra as drogas, que considera importante que haja menos desistências. Outros factores referidos relacionam-se com o desenvolvimento de competências e habilidades, e com a melhoria das condições da instituição:

“há certamente ainda habilidades e competências a desenvolver para ajudar melhor as pessoas”

Entrevista 7, p. 137, Anexo F;

“por falta de condições e a própria estrutura da organização que não permite fazer certos, ou desenvolver certos projectos que seriam positivos”

Entrevista 8, p. 147, Anexo F.

Tabela 42

Como tenta fomentar a conclusão do programa (técnicos)

	Categoria	Frequência
Como tenta fomentar a conclusão (durante o programa)	Acompanhamento psicológico	n = 1
	Criar um ambiente familiar	n = 1
	Fomentar a fé/espiritualidade	n = 2
	Fomentar que estabeleçam objectivos/sonhem	n = 2
	Motivação	n = 2
	Ser modelo do que ensinam/de esperança	n = 2
	Valorização/encorajamento	n = 2
Preparação para o programa antes de aderirem	Desenvolver a esperança	n = 1
	Explicar o programa e o modelo terapêutico	n = 1
	Valorização/demonstração de interesse	n = 1

A Tabela 42 resume as respostas dos técnicos à questão “Como é que, pessoalmente, tenta fomentar que os utentes concluem o tratamento?”. Nas suas respostas, os técnicos mencionaram que tentam fomentar a conclusão do tratamento valorizando, encorajando e motivando os utentes, fornecendo acompanhamento psicológico e criando um ambiente familiar no centro:

“aproveitamos sempre todas as oportunidades para reforçar o positivo, não é, que estão a viver nesta vida, ham, reforçar o quão bem estão, o quão equilibrado, o quão diferentes estão agora, de forma a motivá-los a querer mais e melhor de uma vida sem drogas, de uma vida mais ajustada, de uma vida mais saudável”

Entrevista 8, p. 148, Anexo F;

“há muito um trabalho muito relacional, acima de tudo fazer as pessoas sentirem-se parte da família, essa é a nossa grande preocupação, para além daquilo que eu tenho procurado fazer, os meus colegas é muito que as pessoas sintam que nós somos uma grande família. Daí vivermos cá”

Entrevista 8, p. 138, Anexo F.

Outras formas de fomentar a conclusão referidas pelos técnicos incluíram fomentar que os utentes estabeleçam objectivos/recomecem a sonhar, fomentar o desenvolvimento da sua fé/espiritualidade e viver o que ensinam/ser modelos de esperança:

“acima de tudo, através de... usando os princípios da Palavra de Deus e levando-os a acreditar e a sonhar. Como? Acima de tudo por aquilo que, pelo meu testemunho pessoal. Penso que a maior riqueza que a gente pode ter e que estes homens andam à procura tem tudo a ver com... não com palavras, prontos, mas eles precisam de vida e a melhor vida que a gente pode dar é a experiência que a gente já teve. E é acima de tudo fazê-los acreditar através de uma coisa que eles podem, conseguem ver, não palavras vãs... percebes, nem vãs nem vagas, no sentido de dizer ‘ah, é possível’, eles olharem e dizerem assim, ‘espera aí mas onde é que isso está?’, ‘quem é que já viveu isso?’. Penso que isso é uma das mais valias que a gente pode ter no sentido de lhes dar, fazê-los acreditar e sonhar mas perceber que isso pode ser prático e verdadeiro.”

Entrevista 9, p. 156, Anexo F.

Dado o facto de se ter entrevistado o actual coordenador dos Cafés Convívio, a entrevistadora aproveitou o contexto da entrevista para também compreender um pouco melhor os esforços que se realizam ao nível de preparação dos utentes para a experiência de tratamento. F. C. indicou que a preparação se baseia em desenvolver a esperança dos futuros utentes, na valorização e demonstração de interesse pelas suas vidas e numa tentativa de

explicação do programa e do modelo terapêutico, que engloba a preparação para, e apresentação de, a vertente espiritual característica do programa do Desafio Jovem:

“há pequenos gestos, o facto de não se ter vergonha de estar perto deles, o facto de às vezes se lhe dar um alimento, também levarmos roupa, o facto de irmos com eles fazer análises, (...) há um laboratório público e eles às vezes têm de facto um aspecto, um odor que ninguém quer estar próximo deles e nós vamos com eles, isso tudo valoriza-os muito (...) predispõe-os para perceber que o programa é uma coisa que lhes fará muito sentido, não é? Depois também pelo facto de termos algumas pessoas que trabalham na equipa que são ex-utentes, não é, pessoas que fizeram o programa (...) isso estimula-os também, não é, contrapõe um bocado aquela ideia (...) que uma pessoa viciada já não tem esperança, já não há solução para ele, mas ele de repente ‘estou próximo de gente que está a viver o contrário’ (...) isto que os prepara melhor, claro que depois nós procuramos, ham, explicar-lhes como é que funciona o programa, perceberem que este é um tempo também para eles olharem para eles próprios, conhecerem Deus (...) acho que aquilo que os prepara, que tem mais impacto, se entendermos até como preparação para aumentar a resiliência a estar no programa ou ao desejo de desistir, é de facto o contacto humano, o valorizá-los mesmo na rua, não ter vergonha de estar com eles, nos lugares onde eles estão mesmo... isso tem um impacto muito grande mesmo. Pequenos gestos às vezes, como dar um abraço, como ter uma palavra mesmo de estimo (...) orarmos com eles, isso são coisas que... se entendermos isso, se a preparação for também trabalhar muito a motivação e a predisposição para o programa, esses são os factores que influenciam muito”

Entrevista 7, pp. 139-140, Anexo F.

A Tabela 43 resume as respostas dos técnicos às questões “O que põe de melhor de si na recuperação destas pessoas?” e “Onde vai buscar forças para ajudar na luta contra as drogas?”. Numa das entrevistas ambas as questões foram colocadas em simultâneo, por lapso da entrevistadora (Entrevista 8, p. 143, Anexo F), pelo que respostas de I. encontram-se repetidas na tabela e assinaladas com um asterisco, e perfazem as categorias “Melhoramento contínuo”, “Equilíbrio próprio” e “Acreditar no que faz”. Nas palavras de I.:

“é fundamental nós acreditarmos naquilo que fazemos, não é, se nós não acreditamos que é possível mudar, que é possível viver sem drogas, ham, fica difícil acreditar até porque há sempre desistências (...) Estarmos sempre informados (...) não ficarmos, digamos, conformados, não é, com aquilo que temos feito ao longo destes anos todos, em que, não, é preciso estar sempre a investigar, é preciso continuar a estudar, é preciso reciclar, é preciso procurar sempre outras formas de melhorar aquilo que já fazemos”

Entrevista 8, pp. 148-149, Anexo F.

Tabela 43
Características pessoais e fontes de força para ajudar (técnicos)

	Categoria	Frequência
Que põe de si mesmo na recuperação dos utentes	A relação individual	n = 1
	Aceitação	n = 1
	Acreditar no que faz*	n = 1
	Amor	n = 1
	Equilíbrio próprio*	n = 1
	Espiritualidade	n = 1
	Estudos/saber	n = 1
	Melhoramento contínuo*	n = 1
	Paciência	n = 1
	Ser um exemplo	n = 1
	Tempo/atenção	n = 1
Fontes de força	Acreditar no que faz*	n = 1
	Apoio social	n = 1
	Melhoramento contínuo*	n = 1
	Equilíbrio próprio*	n = 1
	Espiritualidade	n = 2

*Respostas na Entrevista 8, dadas em simultâneo a ambas as questões.

No que concerne ao que os outros dois técnicos consideram pôr de melhor de si mesmos na recuperação dos toxicodependentes com quem entram em contacto, as suas respostas englobaram, entre outros, o tempo/atenção, a espiritualidade, ser um exemplo, os estudos/o saber, a aceitação e a relação individual com cada um:

“as pessoas que estão na rua se calhar têm mais de mim do que a minha família (...) o meu desejo de voltar a estudar e a minha qualificação teve apenas em mente isso, poder ser uma pessoa melhor qualificada, para além de toda a experiência de vinte anos a trabalhar (...) o melhor se calhar que eu lhes posso dar e que procuro dar é não... é ver cada pessoa como única, não padronizar, não é, a intervenção nem... claro que os princípios que eu acredito e que partilho com eles são comuns, são iguais, mas acima de tudo é o escutar. É a relação, ao fim e ao cabo, o melhor que eu lhes dou, é a relação, considerá-los enquanto pessoas, independentemente de estarem na rua andrajosos ou estarem a acabar o programa, e é escutá-los e procurar de acordo com a sua realidade e a sua dimensão dar-lhes os valores que eu acredito, que eu penso que são indispensáveis para a pessoa viver uma vida livre de drogas”

Entrevista 7, pp. 140-141, Anexo F;

“tento naquilo que lhes tento inculcar e transmitir, eu ser a primeira pessoa a viver isso. Porque para lhes mostrar, na prática, aquilo que é o cristianismo. Não uma religião, não algo que é bonito, que faz sentido, que é diferente daquilo que eles viviam, mas acima de tudo uma prática, alguma coisa que eles podem viver apesar de tudo aquilo que aconteceu antes”

Entrevista 9, p. 156, Anexo F.

Em relação às fontes das quais esses técnicos obtêm força, ambos mencionaram a espiritualidade e um dos dois referiu também o apoio social. Exemplos:

“houve uma altura no programa que Deus disse-me que Ele queria-me usar. Que aquilo que eu tinha experimentado era... eu seria egoísta se eu ficasse somente com tudo isto para mim. Que eu devia pôr a minha vida, expor a minha vida de forma a que os outros pudessem acreditar e sonhar... e no fundo fazer na minha vida que ela tivesse sentido, não é? E entre eu ficar com tudo aquilo que aconteceu, e ir usufruir, e finalmente ter a minha vida e orientar-me e etc., eu optei por essa verdade que Deus me tocou no coração de, no fundo fazer com que outros que vão começar agora como eu comecei um dia, outros que estão a sofrer na rua como eu já sofri um dia, outros que estão a tentar como eu já tentei um dia, fazer todos esses grupos, fazê-los acreditar que é possível viver depois de tudo isso”

Entrevista 9, p. 157, Anexo F;

“aí é o factor Jesus, é perceber que aquilo que eu faço não é meramente um esforço meu ou uma ideia muito altruísta minha, é perceber que esta é uma impressão muito forte de Deus no meu coração. Então é mesmo em Jesus, na relação com Deus, na reflexão, na meditação”

Entrevista 7, p. 141, Anexo F.

Tabela 44

Papel desempenhado pela espiritualidade (técnicos)

Categoria	Frequência
Fornecer uma rede de apoio “socioespiritual”	n = 2
Representar um referencial imutável	n = 1
Valorizar a vida/fomentar um estilo de vida mais saudável	n = 2

As respostas dos técnicos à questão “Que papel desempenha a espiritualidade na conclusão pelos utentes do vosso programa?” encontram-se sumariadas na Tabela 44. Dois dos três técnicos indicaram que fornece uma rede de apoio “socioespiritual”, e igual número referiu que dá valor às vidas dos utentes e fomenta neles um estilo de vida mais saudável. Exemplos:

“sei que Deus não se vê, mas também sei que fruto dessa relação com Deus e da relação com outras pessoas que comungam as ideias que eu tenho com Deus, aquilo a que chamamos a

igreja, eu encontro uma rede de suporte muito grande (...) é desenvolvida uma fé nova, ou uma confiança nova na vida, que a vida é boa e que vale a pena viver”

Entrevista 7, p. 142, Anexo F.

Um dos técnicos indicou ainda que a espiritualidade representa uma referência imutável:

“Podem mudar os sistemas ideológicos, políticos, sociais, mas, digamos, os valores e os princípios espirituais não mudam. Prevalecem.”

Entrevista 7, p. 142, Anexo F.

Tabela 45

Factores centrais para a conclusão do programa (técnicos)

Categoria	Frequência
Apoio familiar	n = 1
Desejo de uma vida abstinente	n = 1
Espiritualidade	n = 2
Motivação para a vida	n = 2

A realização da pergunta “Quais os factores que lhe parecem ser centrais para que uma pessoa conclua com sucesso o tratamento aqui no Desafio Jovem?” somente no final da entrevista, teve o objectivo de permitir aos técnicos entrevistados resumir os factores que tinham mencionado ao longo de toda a entrevista, possivelmente indicando quaisquer factores que não tivessem ainda referido. A Tabela 45 resume as respostas dadas pelos técnicos, que incluíram a motivação para a vida, a espiritualidade, o desejo de uma vida abstinente e o apoio familiar. Exemplos:

“estarem com uma perspectiva positiva face a si próprios, face á sua saúde e face à vida. Hábitos mais saudáveis, comportamentos mais saudáveis, atitudes mais ajustadas à realidade”

Entrevista 8, p. 150, Anexo F;

“Um encontro com Deus é fundamental”

Entrevista 9, p. 158, Anexo F.

Tabela 46

A melhorar no futuro (técnicos)

Categoria	Frequência
Existir um psicólogo por comunidade	n = 1
Fortalecer-se espiritualmente	n = 1
Neste momento não sabe	n = 1

Por último, as respostas dos técnicos à questão “O que ainda quer melhorar no futuro na forma como apoia os utentes, para que cada vez haja mais a terem sucesso?” encontram-se resumidas na Tabela 46. Um dos técnicos indicou a existência de um psicólogo por comunidade, enquanto outro referiu fortalecer-se espiritualmente:

“eu preciso de me chegar mais perto de Deus, mais perto da sua voz, mais disponível para saber o que dizer, como fazer, mas isso tem tudo a ver com... uma presença não é? Agora eu, a minha parte, o que eu posso fazer é somente isso, não é, estar disponível”

Entrevista 9, p. 160, Anexo F.

O outro técnico indicou não saber de momento o que poderá fazer de outra forma ou que mais poderá fazer:

“é muito complicado nesta altura, o que é que a gente pode melhorar mais... eu acho que nesta altura, costumo brincar às vezes ‘só se consumir por eles e eles terem prazer e eu a dor’ (...) Certamente haverá, eu para já não estou a descortinar.”

Entrevista 7, p. 144, Anexo F.

Anexo H - Referências Bibliográficas

- Alcoholics Anonymous* (s.d.). The Twelve Steps of Alcoholics Anonymous. Acedido 15 de Março de 2008 através do URL “[http:// www.aa.org/lang/en/en_pdfs/smf-121_en.pdf](http://www.aa.org/lang/en/en_pdfs/smf-121_en.pdf)”.
- American Psychiatric Association*. (1996). *Mini DSM-IV* (A. Baptista, A. P. Vieira, L. C. Pestana, P. Casquinha, P. Levy, P. Varandas & V. Ramos, trad.). Lisboa: Climepsi Editores (Obra original publicada em 1994).
- Atkins Jr., R. G., & Hawdon, J. E. (2007). Religiosity and participation in mutual-aid support groups for addiction. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 33, 321-331.
- Bandura, A. (2003). On the psychosocial impact and mechanisms of spiritual modeling. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 13(3), 167-173.
- Ball, S. A., Carroll, K. M., Canning-Ball, M., & Rounsaville, B. J. (2006). Reasons for dropout from drug abuse treatment: Symptoms, personality, and motivation. *Addictive Behaviors*, 31(2), 320-330.
- Batty, D. (1978/1988). *Deus terá planos para o meu mundo? Lição 101* (Desafio Jovem do Brazil, trad.). São Paulo: Desafio Jovem do Brazil.
- Batty, D. (1978/1997). *A expressão do amor de Deus* (Desafio Jovem, trad.). Loures: Desafio Jovem.
- Bell, D. C., Atkinson, J. S., Williams, M. L., Nelson, R., & Spence, R. T. (1996). The trajectory of client progress. A longitudinal pilot study. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 13(3), 211-218.
- Bergin, A. E. (1991). Values and religious issues in psychotherapy and mental health. *American Psychologist*, 46(4), 394-403.
- Boyatzis, C. J. (2005). Religious and spiritual development in childhood. In R. F. Paloutzian & C. L. Park (Eds.), *Handbook of the psychology of religion and spirituality* (pp. 123-143). New York: The Guilford Press.
- Brown, B. S., O’Grady, K. E., Battjes, R. J., & Katz, E. C. (2004). The Community Assessment Inventory – Client views of supports to drug abuse treatment. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 27(3), 241-251.
- Cook, C. C. (1988). The Minnesota Model in the management of drug and alcohol dependency: Miracle, method or myth? Part II. Evidence and conclusions. *British Journal of Addiction*, 83, 735-748.
- Cook, C. C. (2004). Addiction and spirituality. *Addiction*, 99, 539-551.

- Cormier, S., & Cormier, W. H. (1997). Knowing yourself as a counsellor. In S. Cormier & W. H. Cormier, *Interviewing strategies for helpers: Fundamental skills and cognitive behavioral interventions* (4ª Ed., pp. 11-34). Pacific Grove, USA: Thomson Brooks/Cole.
- Cornish, J. W., & O'Brien, C. P. (1996). Crack cocaine abuse: An epidemic with many public health consequences. *Annual Review of Public Health*, 17, 259-273.
- Cury, A. J. (2000). *A pior prisão do mundo*. São Paulo: Editora Academia de Inteligência.
- de Shazer, S., & Berg, I. K. (1997). 'What works?' Remarks on research aspects of Solution-Focused Brief Therapy. *Journal of Family Therapy*, 19, 121-124.
- Desafio Jovem (s.d.). A Origem do Desafio Jovem. Acedido a 20 de Janeiro de 2008 através do URL "<http://www.desafiojovem.pt/artigo.php?tipo=mostrar&idartigo=1>".
- Desafio Jovem (s.d.). Cafés-Convívio. Acedido a 20 de Janeiro de 2008 através do URL "<http://www.desafiojovem.pt/local.php?tipo=tipolocal&idtipolocal=2>".
- Desafio Jovem (s.d.). Comunidade Terapêutica. Acedido a 20 de Janeiro de 2008 através do URL "<http://www.desafiojovem.pt/local.php?tipo=tipolocal&idtipolocal=1>".
- Desafio Jovem (s.d.). Fanhões – Comunidade de Inserção. Acedido a 20 de Janeiro de 2008 através do URL "<http://www.desafiojovem.pt/artigo.php?tipo=mostrar&idartigo=105>".
- Desafio Jovem (s.d.). Grau de Sucesso do Programa do Desafio Jovem entre 1978 e 2002. Acedido a 20 de Janeiro de 2008 através do URL "<http://www.desafiojovem.pt/artigo.php?tipo=mostrar&idartigo=22>".
- Desafio Jovem (s.d.). O Desafio Jovem em Portugal. Acedido a 20 de Janeiro de 2008 através do URL "<http://www.desafiojovem.pt/artigo.php?tipo=mostrar&idartigo=2>".
- Dias, C. A. (s.d.). *Discipulado – o que é Isso?* Acedido a 02 de Julho de 2008 através do URL "http://paginas.terra.com.br/religiao/bibliotecaevangelica/Artigo_Discipulado.html".
- DiClemente, C. C. (2003). *Addiction and change: How addictions develop and addicted people recover*. New York: The Guilford Press.
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125(2), 276-302.
- Feijão, F. (2004). Aspectos epidemiológicos do uso de drogas. In C. Ferreira-Borges & H. C. Filho, *Alcoolismo e toxicodependência: Manual técnico 2* (pp. 55-82). Projecto Álcool, tabaco, drogas, saúde: Usos, abusos e dependências. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ferreira-Borges, C., & Filho, H. C. (2004). *Aconselhamento: Manual técnico 1*. Projecto Álcool, tabaco, drogas, saúde: Usos, abusos e dependências. Lisboa: Climepsi Editores.

- Ferreira-Borges, C., & Filho, H. C. (2004a). *Alcoolismo e toxicodependência: Manual Técnico 2*. Projecto Álcool, tabaco, drogas, saúde: Usos, abusos e dependências. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ferreira-Borges, C., & Filho, H. C. (2004b). Caracterização e perspectivas históricas. In Ferreira-Borges, C., & Filho, H. C., *Alcoolismo e toxicodependência: Manual técnico 2* (pp. 3-27). Projecto Álcool, tabaco, drogas, saúde: Usos, abusos e dependências. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fidalgo, A. F. (2000). *Toxicodependência: Composição e confronto de dois discursos dissonantes. O Estado e o Desafio Jovem*. (Seminário de investigação) Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Departamento de Sociologia.
- Flynn, P. M., Joe, G. W., Broome, K. M., Simpson, D. D., & Brown, B. S. (2003). Looking back on cocaine dependence: Reasons for recovery. *The American Journal on Addictions*, 12, 398-411.
- Galanter, M. (2006). Spirituality and addiction: A research and clinical perspective. *The American Journal on Addictions*, 15, 286-292.
- Galanter, M. (2007). Spirituality and recovery in 12-step programs: An empirical model. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 33, 265-272.
- Galanter, M., Dermatis, H., Bunt, G., Williams, C., Trujillo, M., & Steinke, P. (2007). Assessment of spirituality and its relevance to addiction treatment. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 33, 257-264.
- Hood Jr., R. W., & Belzen, J. A. (2005). Research methods in the psychology of religion. In R. F. Paloutzian & C. L. Park (Eds.), *Handbook of the psychology of religion and spirituality* (pp. 62-79). New York: The Guilford Press.
- Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P. – Departamento de Monitorização, Formação e Relações Internacionais – Núcleo de Estatística / Núcleo de Publicações e Documentação. (2007a). *Relatório Anual 2006 – A situação do país em matéria de drogas e toxicodependências*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P.
- Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P. – Departamento de Monitorização, Formação e Relações Internacionais – Núcleo de Estatística / Núcleo de Publicações e Documentação. (2007b). *Relatório Anual 2006 – A situação do país em matéria de drogas e toxicodependências. Anexo: Parte A – Caracterização e evolução da situação; Parte B – Respostas e intervenções*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P.

- Joe, G. W., Broome, K. M., Rowan-Szal, G. A., & Simpson, D. D. (2002). Measuring patient attributes and engagement in treatment. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 22, 183-196.
- Joe, G. W., Simpson, D. D., & Broome, K. M. (1998). Effects of readiness for drug abuse treatment on client retention and assessment of process. *Addiction*, 93(8), 1177-1190.
- Joseph, S., Linley, P. A., & Maltby, J. (2006). Positive psychology, religion, and spirituality. *Mental Health, Religion & Culture*, 9(3), 209-212.
- Laudet, A. B. (2003). Attitudes and beliefs about 12-step groups among addiction treatment clients and clinicians: Toward identifying obstacles to participation. *Substance Use & Misuse*, 38(14), 2017-2047.
- Laudet, A. B. (2007). What does recovery mean to you? Lessons from the recovery experience for research and practice. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 33, 243-256.
- Laudet, A. B., Magura, S., Cleland, C. M., Vogel, H. S., & Knight, E. L. (2003). Predictors of retention in dual-focus self-help groups. *Community Mental Health Journal*, 39(4), 281-297.
- Laudet, A., Morgen, K., & White, W. L. (2006). The role of social supports, spirituality, religiousness, life meaning and affiliation with 12-step fellowships in quality of life satisfaction among individuals in recovery from alcohol and drug problems. *Alcoholism Treatment Quarterly*, 24(1-2), 33-73.
- Laudet, A. B., & White, W. L. (2008). Recovery capital as prospective predictor of sustained recovery, life satisfaction and stress among former poly-substance users. *Substance Use & Misuse*, 43(1), 27-54.
- Longshore, D., & Teruya, C. (2006). Treatment motivation in drug users: A theory-based analysis. *Drug and Alcohol Dependence*, 81, 179-188.
- Marujo, H. A., Neto, L. M., Caetano, A., & Rivero, C. (2007). Revolução positiva: Psicologia positiva e práticas apreciativas em contextos organizacionais. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 13(1), 115-136.
- McKenzie, J. F., Neiger, B. L., & Smeltzer, J. L. (2005). *Planning, implementing, and evaluating health promotion programs. A primer* (4ª edição). San Francisco: Benjamin Cummings.
- Melo, I., & Marques, L. R. (2006). *Gestão da ira*. Coleção Saber Viver. Loures: Desafio Jovem.
- Melo, I., & Marques, L. R. (2007). *Amor e auto-aceitação*. Coleção Saber Viver. Loures: Desafio Jovem.

- Miguel, N. (2006). Da escuta activa e interessada à elaboração de um olhar diferente. *Revista Toxicodependências*, 12(1), 79-84.
- Miller, W. R. (1998). Researching the spiritual dimensions of alcohol and other drug problems. *Addiction*, 93(7), 979-990.
- O'Brien, C. P. (1994). Overview: The treatment of drug dependence. *Addiction*, 89, 1565-1569.
- Ozorak, E. W. (2005). Cognitive approaches to religion. In R. F. Paloutzian & C. L. Park (Eds.), *Handbook of the psychology of religion and spirituality* (pp. 216-234). New York: The Guilford Press.
- Paloutzian, R. F., & Park, C. L. (Eds.) (2005). *Handbook of the psychology of religion and spirituality*. New York: The Guilford Press.
- Paloutzian, R. F., & Park, C. L. (2005a). Integrative themes in the current science of the psychology of religion. In Paloutzian, R. F. & Park, C. L. (Eds.), *Handbook of the psychology of religion and spirituality* (pp. 3-20). New York: The Guilford Press.
- Pardini, D. A., Plante, T. G., Sherman, A., & Stump, J. E. (2000). Religious faith and spirituality in substance abuse recovery. Determining the mental health benefits. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 19, 347-354.
- Pargament, K. I., Koenig, H. G., & Perez, L. M. (2000). The many methods of religious coping: Development and initial validation of the RCOPE. *Journal of Clinical Psychology*, 56(4), 519-543.
- Pargament, K. I., & Mahoney, A. (2002). Spirituality: Discovering and conserving the sacred. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 646-659). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Patrício, L. D. (1997). *Face à droga como (re)agir?* Lisboa: Antunes & Amílcar, Lda.
- Patrício, L. D. (2006). *Droga: Aprender para prevenir*. Abrantes, Portugal: Abrangráfica.
- Piedmont, R. L. (2004). Spiritual transcendence as a predictor of psychosocial outcome from an outpatient substance abuse program. *Psychology of Addictive Behaviors*, 18(3), 213-222.
- Piedmont, R. L. (2005). The role of personality in understanding religious and spiritual constructs. In R. F. Paloutzian & C. L. Park (Eds.), *Handbook of the psychology of religion and spirituality* (pp. 253-273). New York: The Guilford Press.
- Poage, E. D., Ketzenberger, K. E., & Olson, J. (2004). Spirituality, contentment, and stress in recovering alcoholics. *Addictive Behaviours*, 29, 1857-1862.

- Poiares, C. A. (2004). Evolução da legislação sobre substâncias ilícitas. In C. Ferreira-Borges & H. C. Filho, *Alcoolismo e toxicodependência: Manual Técnico 2* (pp. 199-208). Projecto Álcool, tabaco, drogas, saúde: Usos, abusos e dependências. Lisboa: Climepsi Editores.
- Polcin, D. L., & Zemore, S. (2004). Psychiatric severity and spirituality, helping, and participation in Alcoholics Anonymous during recovery. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 30(3), 577-592.
- Prochaska, J. O., DiClemente, C. C., & Norcross, J. C. (1992). In search of how people change: Applications to addictive behaviors. *American Psychologist*, 47(9), 1102-1114.
- Ravenna, M., Hölzl, E., Costarelli, S., Kirchler, E., & Palmonari, A. (2001). Diary reports on emotional experiences in the onset of a psychosocial transition: Becoming drug-free. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 11, 19-35.
- Ribeiro, J. S. (2004). Políticas públicas sobre substâncias ilícitas. In C. Ferreira-Borges & H. C. Filho, *Alcoolismo e toxicodependência: Manual técnico 2* (pp. 189-198). Projecto Álcool, tabaco, drogas, saúde: Usos abusos e dependências: Lisboa: Climepsi Editores.
- Scheier, M. F., Wrosch, C., Baum, A., Cohen, S., Martire, L. M., Matthews, K. A., Schulz, R., & Zdaniuk, B. (2006). The Life Engagement Test: Assessing purpose in life. *Journal of Behavioral Medicine*, 29(3), 291-298.
- Schuckit, M. A. (1995). *Drug and alcohol abuse – a clinical guide to diagnosis and treatment* (4th ed.). New York: Plenum Press.
- Shearer, J. (2007). Psychosocial approaches to psychostimulant dependence: A systematic review. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 32, 41-52.
- Siegel, S. (2005). Drug tolerance, drug addiction, and drug anticipation. *Current Directions in Psychological Science*, 14(6), 296-300.
- Simoneau, H., & Bergeron, J. (2003). Factors affecting motivation during the first six weeks of treatment. *Addictive Behaviours*, 28, 1219-1241.
- Simpson, D. D. (2004). A conceptual framework for drug treatment process and outcomes. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 27, 99-121.
- Simpson, D. D., & Joe, G. W. (1993). Motivation as a predictor of early dropout from drug abuse treatment. *Psychotherapy*, 30(2), 357-368.
- Simpson, D. D., Joe, G. W., & Rowan-Szal, G. A. (1997). Drug abuse treatment retention and process effects on follow-up outcomes. *Drug and Alcohol Dependence*, 47, 227-235.
- Simpson, D. D., Joe, G. W., Rowan-Szal, G. A., & Greener, J. M. (1997). Drug abuse treatment process components that improve retention. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 14(6), 565-572.

- Sindelar, J. L., & Fiellin, D. A. (2001). Innovations in treatment for drug abuse: Solutions to a public health problem. *Annual Review Public Health, 22*, 249-272.
- Sociedade Bíblica de Portugal (1968). *A Bíblia sagrada contendo o velho e o novo testamento, traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida*. Lisboa: Sociedade Bíblica de Portugal.
- Stotts, A. L., Mooney, M. E., Sayre, S. L., Novy, M., Schmitz, J. M., & Grabowski, J. (2007). Illusory predictors: Generalizability of findings in cocaine treatment retention research. *Addictive Behaviours, 32*, 2819-2836.
- Substance Abuse & Mental Health Services Administration. (2001). Substance Abuse Prevention and Treatment, Recovery, Mental Health Services and Spirituality: Partnerships That Work. "A Life in the Community For Everyone". Acedido em Janeiro 2008 através do URL "<http://www.samhsa.gov/FBCI/background.aspx>".
- The Betty Ford Institute Consensus Panel. (2007). What is recovery? A working definition from the Betty Ford Institute. *Journal of Substance Abuse Treatment, 33*, 221-228.
- White, W. (2004). Transformational change: A historical review. *Journal of Clinical Psychology/In Session, 60*, 461-470.
- White, W. L. (2007). Addiction recovery: Its definition and conceptual boundaries. *Journal of Substance Abuse Treatment, 33*, 229-241.
- White, W., & Kurtz, E. (2006). The varieties of recovery experience. *International Journal of Self Help and Self Care, 3*(1-2), 21-61.
- White, W., Laudet, A., & Becker, J. (2006). Life meaning and purpose in addiction recovery. *Addiction Professional, 7*, 56-59.
- White, W., & Whithers, D. (2005). Faith-based recovery: Its historical roots. *Counselor, 6*, 58-62.
- Woody, G. E. (2003). Research findings on psychotherapy of addictive disorders. *The American Journal on Addictions, 12*(Supplement 2), S19-S26.
- Yancey, P. (1983). The Midnight Church. *Christianity Today, 27*, 96-97.
- Zinnbauer, B. J., & Pargament, K. I. (2005). Religiousness and spirituality. In R. F. Paloutzian & C. L. Park (Eds.), *Handbook of the psychology of religion and spirituality* (pp. 21-42). New York: The Guilford Press.
- Zocalli, R., Muscatello, M. R., Bruno, A., Bilardi, F., De Stefano, C., Felletti, E., Isgrò, S., Micalizzi, V., Micò, U., Romeo, A., & Meduri, M. (2007). Temperament and character dimensions in opiate addicts: Comparing subjects who completed inpatient treatment in

therapeutic communities vs. incompleters. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 33(5), 707-715.